

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

JULIENE LOBATO DA SILVA

**LEITURAS QUE PERSISTEM E CONSTROEM: O INTERESSE DE LEITORES POR
NOVELS BOYS' LOVE E AS CONSEQUENTES CONSTRUÇÕES DE SABERES**

Belo Horizonte

2024

JULIENE LOBATO DA SILVA

**LEITURAS QUE PERSISTEM E CONSTROEM: O INTERESSE DE LEITORES POR
NOVELS BOYS' LOVE E AS SUAS CONSEQUENTES CONSTRUÇÕES DE SABERES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da informação.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont

Belo Horizonte

2024

S586s

Silva, Juliene Lobato da.

Leituras que persistem e constroem [recurso eletrônico] : o interesse de leitores por novels boys' love e as consequentes construções de saberes / Juliene Lobato da Silva. – 2024.

1 recurso online (216 f. : il., col.) : pdf.

Orientador(a) : Ligia Maria Moreira Dumont.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 153-161.

Apêndice: f. 172-216.

Anexo: f. 162-171.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação Ciência da Informação – Teses. 2. Apropriação da Informação – Teses. 3. Leitura de romances asiáticos – Teses. I. Dumont, Ligia Maria Moreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU 028.5:82-3(5)(81)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ECI - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO

JULIENE LOBATO DA SILVA

Realizou-se, no dia 25 de setembro de 2024, às 14:00 horas, na Escola de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *LEITURAS QUE PERSISTEM E CONSTROEM: O INTERESSE DE LEITORES POR NOVELS BOYS' LOVE E AS CONSEQUENTES CONSTRUÇÕES DE SABERES*, apresentada por JULIENE LOBATO DA SILVA, número de registro 2022658870, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof^a Lígia Maria Moreira Dumont (Orientadora ECI/UFMG), Prof^a Leoneide Maria Brito Martins (Universidade Federal do Maranhão - UFMA), Prof. Claudio Paixão Anastácio de Paula (ECI/UFMG) e Dr^a Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação **aprovada** e sugeriu a inserção da palavra "brasileiros" no título da dissertação, que ficou desta forma: *LEITURAS QUE PERSISTEM E CONSTROEM: O INTERESSE DE LEITORES BRASILEIROS POR NOVELS BOYS' LOVE E AS CONSEQUENTES CONSTRUÇÕES DE SABERES*.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 25 de setembro de 2024.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Lígia Maria Moreira Dumont, Professora do Magistério Superior**, em 26/09/2024, às 18:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Paixão Anastácio de Paula, Professor(a)**, em 30/09/2024, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo, Usuário**



Externo, em 29/10/2024, às 20:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rene Lommez Gomes, Coordenador(a)**, em 09/05/2025, às 12:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3586116** e o código CRC **5E66DFEB**.

Referência: Processo nº 23072.254035/2024-02

SEI nº 3586116

DEDICATÓRIA

À minha mãe.

Quando eu disse que sairia de casa e moraria em uma cidade distante, em que não conhecíamos ninguém, foi ela que me ofereceu apoio e incentivo para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Os caminhos percorridos no período de um mestrado normalmente são tortuosos e cheios de obstáculos. É nesse momento que surgem pessoas que nos ajudam e nos apoiam para concluir a jornada e produzir mais uma pesquisa que formará parte do desenvolvimento intelectual do nosso país.

Em primeiro lugar, no meu caso, não haveria como agradecer a ninguém além de Deus. Nos momentos mais difíceis, aqueles em que choramos por acreditar que não conseguiremos dar o próximo passo ou ainda por causa daquela vozinha provocativa e desumana que nos garante que não somos bons ou competentes o suficiente, foi Deus que me deu forças para levantar o rosto e escrever a próxima frase, pesquisar no próximo banco de dados o documento. Ele me ofereceu conforto espiritual, e diante disso não teria como colocá-Lo em outro lugar nessa seção de agradecimentos.

Outra pessoa importante nesse momento da minha vida, e a qual está dedicada esta pesquisa, é minha queridíssima mãe. Nordestinos de sangue e natureza, deixar nossa cidade, nossas raízes, nossa cultura, e ir em busca dos estudos em um lugar tão longe e diferente foi, com certeza, uma das decisões mais delicadas que já tomei. E minha mãe sempre esteve ao meu lado, apoiando-me. Mesmo que não entendesse muito bem a minha área ou a minha pesquisa, ela ainda me perguntava sobre, ainda se interessava em saber como poderia me ajudar. Ela ofereceu o apoio emocional e financeiro, quando necessário; sem ela não haveria como eu estar escrevendo essas palavras.

Agradeço também à minha orientadora, a Dra. Lígia Moreira Dumont, sempre tão paciente e atenciosa; nunca me deixou esmorecer ou acreditar que meus esforços eram menores ou insuficientes. Sempre acreditou em meu potencial, quando eu mesmo duvidei. Seus conselhos e seu conhecimento foram que me guiaram e adicionaram maior qualidade em minha escrita, a isso sou extremamente grata também; e orgulhosa em dizer que fui orientada por esse grande nome da Ciência da Informação e Biblioteconomia brasileira.

Queria agradecer aos meus queridos amigos que hora ou outra eu incomodava com ligações e mensagens, seja por alguma dúvida que eu sabia que poderiam me ajudar, seja apenas para desabafar, e muito companheiros, me ajudaram, me ofereceram consolo, uma palavra amiga que esquentou meu coração e me ajudou com a ansiedade, a vocês, meus agradecimentos: Ian Kauê, Igor Danilo, Thamyres Pontes, Roger Pereira e Silvia Maria.

Queria dedicar um lugar especial aos meus agradecimentos aqueles que também contribuíram para finalização dessa pesquisa. Em um certo momento, tive dificuldades em

encontrar sujeitos dispostos a participar das entrevistas e foram vocês que me auxiliaram e ajudaram a divulgar esta pesquisa, muito obrigada a Gabrielle Aguiar, Gabriela Sá, as páginas no Instagram Panteras do BL e Univers BL e todos os seus envolvidos, as páginas no Facebook, que não podem ser citadas, mas que também ofereceram ajuda, e, claro, meus mais sinceros agradecimentos a todos os meus entrevistados, sem eles não teria como entender o fenômeno de leitura *boys' love* ou as apropriações possíveis a partir dele.

Em último lugar, mas não menos importante, meus agradecimentos à CAPES, por sua bolsa, que me ajudou a conseguir um lugar para morar, deslocamento e alimentação em uma cidade tão longe da minha. Não haveria como eu conseguir vir de tão longe sem sua ajuda.

*A compreensão só se instala no instante em que começa a brilhar em
nós o que o texto não diz, mas quer dizer em tudo que nos diz.*

— Amanuel Carneiro Leão

RESUMO

A Ciência da Informação tem como um de seus focos de estudo a compreensão da forma que o sujeito busca, encontra, consome e transforma a informação com a qual interage. No campo da leitura literária, utilizou-se das teorias da Estética da Recepção, concedida por Jauss e Iser, para entender como esses estudiosos da literatura revolucionaram seu campo na década de 1970, com a ideia de que o sucesso de obra literária consiste na produção de significados em seu leitor. Teoria essa que também pode servir de esclarecimento para a ideia de que uma obra literária que produz conhecimento, é uma obra que impulsiona a apropriação informacional em seu leitor. Com base nessas ideias sobre a interação sujeito-texto, a produção de sentidos e a formação de novos saberes por meio da leitura, o presente trabalho buscou entender os fatores que circundam o fenômeno de *novels boys' love* no Brasil enquanto ficção de interesse e mecanismo facilitador de produção de conhecimento. Para nortear essa pesquisa, utilizou-se do método fenomenológico aplicado às Ciências Sociais Aplicadas, por seu caráter descritivo e observável embasado no fenômeno enquanto experiência de percepção consciente do sujeito. Um método científico que busca entender os fenômenos conforme eles se apresentam na consciência de um indivíduo. Para isso, foram escolhidas 9 entrevistas, em um grupo de 49 participantes, para tentar responder como o sujeito tem o primeiro contato com as *novels boys' love*, por que gosta de lê-las e o que tem aprendido com elas. As seleções reuniram 8 mulheres e 1 homem, cujas histórias foram separadas em perfis que contam seu percurso de consumo com o gênero. Os resultados foram separados de acordo com o que se considera os pilares para a compreensão da efetivação da leitura: o contexto de produção e consumo, a construção de sentidos e as motivações para a leitura. Como resultado, percebeu-se que embora não haja muitas publicações oficiais de *novels boys' love* no Brasil, é na clandestinidade das traduções não-oficiais promovidas por fãs na internet que os números de leitura se sustentam; e que os leitores ficam à mercê. Por ser uma movimentação ilegal, muitas traduções publicadas em sites e blogs ficam indisponíveis por infringir a lei de direitos autorais. Quando não encontram traduções em português, os leitores se aventuram em pesquisas em outras línguas, uns se esforçando para aprendê-las, outros utilizando de tradutores para ajudar na leitura. De uma forma ou de outra os fãs dessas *novels* não parecem desistir facilmente e quanto mais lêem, mais descrevem um mundo fantástico, cheio de referências a diversas culturas asiáticas e cuja capacidade de encantamento fazem os leitores buscarem mais textos do gênero.

Palavras-chave: leitura literária – *boys' love*; apropriação da informação; estética da recepção.

ABSTRACT

One of the focuses of Information Science is understanding how individuals search for, find, consume and transform the information they interact with. In the field of literary reading, the theories of Aesthetics of Reception, proposed by authors Jauss and Iser, were used to understand how these literary scholars revolutionized their field in the 1970s with the idea that the success of a literary work consists of the production of meanings in its reader. This theory can also serve as an explanation for the theory that a literary work that produces knowledge is a work that has driven the appropriation of information by its reader. Based on these ideas about the interaction between subject and text, the production of meanings and the formation of new knowledge through reading, this study sought to understand the factors surrounding the phenomenon of boys' love novels in Brazil as a type of fiction of interest and a mechanism that facilitates the production of knowledge. To guide this research, the phenomenological method applied to Applied Social Sciences was used, due to its descriptive and observable nature based on the phenomenon as an experience of the subject's conscious perception. In other words, a scientific method that seeks to understand phenomena as they present themselves in an individual's consciousness. To this end, 9 interviews were selected from a group of 49 participants to try to answer how the subject became acquainted with boys' love novels, why they like to read them and what they have learned from them. The selections brought together 8 women and 1 man whose stories were separated into profiles that tell their consumption journey with the genre. The results were separated according to what are considered the pillars for understanding the effectiveness of reading: the context of production and consumption, the construction of meanings and the motivations for reading. As a result, it was noted that although there are not many official publications of boys' love novels in Brazil, it is in the clandestinity of unofficial translations promoted by fans on the internet that the reading numbers are sustained; and that readers are left at their mercy. Because it is an illegal activity, many translations published on websites and blogs are unavailable because they violate copyright law. When they cannot find translations in Portuguese, readers venture into research in other languages, some making an effort to learn them, others using translators to help them read. One way or another, fans of these novels do not seem to give up easily and the more they read, the more they describe a fantastic world full of references to various Asian cultures.

Keywords: literary reading – boys' love; appropriation of information; aesthetics of reception.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Porcentagem de gênero dos respondentes da pesquisa	116
Gráfico 2 — Porcentagem sobre a orientação sexual dos respondentes da pesquisa	117
Gráfico 3 — Porcentagem sobre a idade dos respondentes da pesquisa	117
Gráfico 4 — Como os respondentes disseram ter conhecido as <i>novels</i>	118
Gráfico 5 — Assuntos e/ou gêneros de maior interesse dos respondentes da pesquisa	123
Gráfico 6 — Níveis de interesse de gêneros que remetem a violências e/ou <i>tabus</i>	124

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Cena romântica entre os protagonistas de “Como agarrar esse alfa”	53
Imagem 2 – Filme <i>Thomas, summer of 1999</i> (1988), adaptação do mangá de <i>Thomas no shinzo</i> (1975)	56
Imagem 3 – Personagem Jaekyung do <i>yaoi Jinx</i>	58
Imagem 4 – Capa do <i>shounen-ai</i> Dias de Juventude	58
Imagem 5 – Jaekyung e Dan em suas versões <i>chibi</i>	59
Imagem 6 – Capa do volume 4 da <i>novel Mo Dao Zu Shi</i>	60
Imagem 7 – Narração da aparência de um dos protagonistas da <i>novel Sugar Rain</i>	60
Imagem 8 – Interação entre personagem <i>seme</i> e <i>uke</i> no <i>yaoi</i> “Mecanismo de defesa”	61
Imagem 9 – Trecho traduzido por fã da <i>novel Love By Chance</i>	62
Imagem 10 – Trecho da <i>novel Love Syndrome</i> , livro 1	63
Imagem 11 – Reação de feromônios entre ômega e um vilão alfa	65
Imagem 12 – Reação de feromônios entre ômega e seu parceiro alfa	66
Imagem 13 – Cena de violência sexual na <i>novel Pedido de Divórcio</i>	67
Imagem 14 – Nota de retradução em <i>Pedido de Divórcio</i>	71
Imagem 15 – Adaptação em <i>Punch, Drunk, Love</i>	72
Imagem 16 – Versão em inglês de <i>Punch, Drunk, Love</i>	72
Imagem 17 – Cena de adaptação tradutória em <i>Shellboy</i>	73
Imagem 18 – Trecho traduzido por fã da <i>novel VegasPete</i>	74
Imagem 19 – Orientação sexual de leitores de <i>yaoi</i> no Brasil	77
Imagem 20 – Ilustração sobre uma fã de <i>boys' love</i>	78
Imagem 21 – <i>Novel Semantic Error</i> na lista de mais vendidos da Amazon	95
Imagem 22 – Comentários de leitores em cena de violência entre os personagens Day e Itt	133
Imagem 23 – Cena de violência na <i>novel Gear & Night</i>	134
Imagem 24 – Comentários de leitores sobre cena que remete à violência ocorrida na história	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A relação dos estudos sobre sujeitos informacionais e os paradigmas da Ciência da Informação	23
Quadro 2 – Lista dos 10 mangás <i>yaoi</i> mais lidos no site Mangatoon	78
Quadro 3 – As quinze <i>novels boys' love</i> mais lidas e traduzidas por fãs no “BL Novels”	79
Quadro 4 – Exemplos de <i>novels boys' love</i> com grande número de visualizações e traduzidas por fãs no Wattpad	81

LISTA DE ABREVIATURAS

BL	<i>Boys' Love</i>
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CI	Ciência da Informação
SRI	Sistema(s) de Recuperação da Informação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Problema de pesquisa	22
1.2	Objetivos	22
2	O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS VOLTADOS AOS SUJEITOS INFORMACIONAIS E LEITURA DENTRO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	24
2.1	Breve histórico da concepção e prática de leitura literária	28
2.2	A Estética da Recepção e o leitor	36
2.3	Quanto à apropriação da informação por meio da literatura de ficção	44
2.3.1	Contexto	47
2.3.2	Sentido	49
2.3.3	Motivação.....	50
3	A LITERATURA DE <i>BOYS' LOVE</i>	52
3.1	As características narrativas nos quadrinhos e nas <i>novels</i>	58
3.2	Perspectivas de leitura de BL no Brasil: uma análise do perfil de leitores, dos quadrinhos e das <i>novels</i> e o consumo de mídias sociais como intermediadores de leitura do gênero	70
4	PERCURSOS METODOLÓGICOS	81
5	LEVANTAMENTO E ANÁLISE INICIAL DOS DADOS	91
5.1	Dados de leitura de <i>boys' love</i> no Brasil	91
5.2	Processo de divulgação da pesquisa e descrição das entrevistas realizadas	99
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	118
6.1	Quanto ao contexto	121
6.2	Quanto aos sentidos	133
6.3	Quanto às motivações	144
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
	REFERÊNCIAS	153
	ANEXO A — Texto divulgado na internet convidando para as entrevistas	162
	ANEXO B — Formulário divulgado sobre a pesquisa	163
	APÊNDICE A — Roteiro da entrevista semiestruturada	172
	APÊNDICE B — Entrevista com Joana.....	174
	APÊNDICE C — Entrevista com Laura.....	179

APÊNDICE D — Entrevista com Maria	184
APÊNDICE E — Entrevista com Penelope	189
APÊNDICE F — Entrevista com Laila	193
APÊNDICE G — Entrevista com Tiago	197
APÊNDICE H — Entrevista com Fernanda.....	203
APÊNDICE I — Entrevista com Paula	209
APÊNDICE J — Entrevista com Joice	213

1 INTRODUÇÃO

Estudar os sujeitos mediante sua interação com a informação é atualmente uma busca constante para compreender de que maneira eles buscam, reproduzem, entendem e criam novas informações dentro de um sistema intrincado de fatores cognoscitivos, psicológicos, sociais, culturais e históricos. Se for observar, em retrospecto, os sujeitos, inicialmente, dentro da Ciência da Informação — CI, eram estudados como estatísticas dos usos de documentos e textos recuperados por um sistema de informação de uma instituição, a fim de melhorar a performance de recuperação da informação desses sistemas e, assim, contribuir no desenvolvimento e evolução de novas teorias e conhecimentos que estavam sendo desenvolvidos, principalmente nas áreas de engenharia e computação, ou ainda, como dito por Figueiredo (1994, p. 09, grifo nosso),

Estes estudos [voltados para os usos dos cientistas no acervo da unidade informacional] utilizaram, principalmente, os métodos de questionários e entrevistas, com propósitos exploratórios, para obtenção de **dados quantitativos sobre os hábitos de obter informação** por parte da comunidade científica. A ideia era, através desses estudos, poder-se chegar a planejar serviços adequados de informação para atender às necessidades da maioria dos usuários.

Foi no final dos anos de 1990, segundo Araújo (2012), que os usuários tiveram mais protagonismo nas pesquisas dentro da CI, observando-os agora como produtores de significados e conhecimentos a partir de ideias que incluíam perspectivas socioculturais, cognitivas, psicológicas, entre outros. Um exemplo desse movimento, são os estudos realizados por Dumont (1998, 2001, 2002) a partir da ideia de motivação, sentido e contexto como pilares fundamentais no processo de leitura e possíveis produtores de novas ideias. Sento a motivação a razão que leva o leitor a um texto — em busca de prazer, por *status* intelectual, entre outros —; o sentido enquanto processo que culmina nas interpretações e produção de significados e o contexto enquanto ambiente que fornece e influencia a criação e o consumo da obra. Segundo a autora, uma leitura só acontece em meio a esses três mecanismos que estão intrinsecamente ligados e agem um sobre o outro a todo momento. Quando se trata de uma leitura literária, então, espera-se uma relação ainda mais próxima entre o sujeito e a obra, uma produção de sentidos rica e que gere conhecimento, conforme o leitor se apropria da arte escrita.

Almeida Júnior (2007), por sua vez, discute o caráter social, cultural e político da leitura e o seu consequente processo de apropriação da informação como dimensões que se relacionam continuamente durante a construção do perfil cidadão do leitor e, por isso, as leituras diárias,

sejam elas mais técnicas e científicas, ou mais informacionais, informais ou até mesmo poéticas, servem de pilar fundamental para o desenvolvimento da sociedade.

Destaca-se ainda que a apropriação não é um ato espontâneo, **envolve mobilização de diferentes capacidades, demanda esforço** e não acontece **de forma passiva**, mas sim em uma **relação dialética (sujeito e objeto)**. Vale destacar que **é o usuário que define como a informação será apropriada** e se a ela foi apropriada, isto por meio da leitura. Deve-se destacar também que há nos discursos dos autores [pesquisadores da área] a crença de que a apropriação pode propiciar o desenvolvimento de **habilidades para construir representações do mundo**. (Santos Neto; Bortolin; Almeida Júnior, 2017, p. 13).

Enquanto essas ideias se efervesciam dentro da CI no final do século XX, os estudos que focavam na literatura nesse mesmo período passaram a trazer o leitor para o centro de suas investigações. As ideias de Wolfgang Iser e Jauss sobre a Estética da Recepção em textos literários, observou-se que a análise da qualidade de uma história, de um enredo ou até mesmo o objetivo de um texto só se concretiza com a participação do leitor. Em outras palavras, é a partir do modo como o leitor vai reagir àquela leitura que vai garantir o sucesso dela em concretizar a construção de sentidos para o sujeito.

Estudar a leitura, então, é compreender como as pessoas e suas ideias interagem com o texto, seja ele verbal ou não-verbal, entendendo que as informações que ele apresenta têm grande influência nos novos significados que o sujeito traz para si e ao mundo que o cerca. É no processo de apropriação da informação que se observa como essa leitura foi incorporada, assimilada e até mesmo disseminada por esses mesmos sujeitos, dentro da ideia que a leitura é uma “dispersão de fragmentos exteriores, que constituem o interior e produzem sentido(s) como consequências das múltiplas e sucessivas identificações [...]” (Coracini, 2005, p.25).

É justamente a partir dessas possibilidades fornecidas pela atividade de ler, e ainda mais pela leitura que garante prazer ao leitor, que se decidiu levar o enfoque desta pesquisa para o âmbito de leituras literárias de entretenimento, também conhecidas como literatura de massa. Em simplicidade no que tange à linguagem e ao desenvolvimento de enredo, ela conversa mais facilmente com boa parte dos sujeitos (Eco, 2000), alcançando altos índices de leitura. Por consequência, é em seu alcance que essa literatura se apresenta como uma das principais ferramentas de movimentação da leitura no país.

No que tange a incorporação de significados por meio desse movimento, entende-se que o sujeito, quanto maior prazer, entretenimento ele obtém da leitura, maior será seu envolvimento com ela e mais rico será seu processo de construção de sentidos e saberes envolto da história lida.

No entanto, ainda é possível observar grandes opositores à literatura de entretenimento, principalmente dentro da área da crítica literária, por ainda considerarem esse movimento de produção de textos muito mercadológico, sem originalidade e alienante. Ainda consideram que eles não provocam no leitor grandes reflexões sobre questões sociais e mazelas que o rodeiam, quando, na verdade, por serem obras que conversam com tantas pessoas e trazem enredos com temas de fácil compreensão, histórias mais próximas de suas realidades, produzem maior identificação, capazes de evocar esperança e curiosidade, o que também facilita uma relação mais íntima entre sujeito e texto. (Dumont, 2000; Leffa, 1996). E isso também confere como medida de avaliação de qualidade, a capacidade de um texto de se envolver com um sujeito, de despertar a imaginação, de produzir satisfação.

Dizer que as grandes proezas de qualidade literária se reúnem apenas em grandes clássicos é esquecer a importância do leitor na construção da experiência de leitura. Um mesmo sujeito que lê o clássico *Dom Casmurro*, do escritor tão aclamado pela crítica, Machado de Assis, mas não consegue se conectar com a história ou não alcança nenhum prazer durante essa leitura, acarreta em uma dificuldade de produzir significados; não por se tratar de um livro bem ou mal escrito — a discussão não é sobre as estratégias de construção narrativa, discursiva ou textual do autor —, mas o processo de apropriação da informação desses textos e como — a partir da ideia recente — quanto mais interessante uma informação estiver para o sujeito, mais ele se conectará com a leitura, por meio de sentimentos de conexão, prazer e afins.

Além disso, dizer que um texto mais simples e curto não produz questionamentos no leitor é mais uma vez reduzir as capacidades do sujeito em produção de múltiplos significados diante das plurais informações que ele entra em contato com qualquer que seja a leitura que ele se propõe a realizar.

É diante desse panorama de discussões e possibilidades oferecidas pela literatura de entretenimento que ela foi escolhida como um dos pilares de observação dessa pesquisa. Sendo ainda mais específico, levou-se em consideração o fenômeno literário de romances asiáticos conhecido como *boys' love* — BL, suas características históricas de formação e desenvolvimento, as discussões de gênero e sexualidade que carregam seus enredos, as formas de apresentação das histórias no Brasil — mais especificamente as questões referentes a tradução amadora e suportes disponíveis para leitura —, a própria leitura pelos brasileiros, levando em consideração o que dentro desse movimento mais chama atenção, atrai os leitores, e, por último, possíveis conhecimentos que esse fenômeno literário pode vir a oferecer.

Dentro do campo da literatura, o BL é relativamente novo; surgido ainda na segunda metade do século XX, a literatura de *boys' love*, segundo Zsila e Demetrovics (2017), foi uma

resposta natural da sociedade japonesa que, a partir dos resquícios do contexto pós-guerra, estava mergulhada em discussões que (re)viam e discutiam a posição feminina no seio familiar e no mercado de trabalho. Como forma de se expressar, rebelar-se ao sistema patriarcal ou até mesmo uma maneira de alcançar a liberdade sexual, que o período e a sociedade do Japão da época não permitia (Thorn, 2003), foi por meio de histórias homoafetivas e/ou homoeróticas entre personagens masculinos reproduzidas em histórias em quadrinho japonesas (mangás) que autoras amadoras e profissionais conseguiram fazer um grande número de jovens leitoras — que também passavam pelo mesmo processo de transformação social — se identificassem com suas histórias.

Embora, como dito por Thorn (2003), no início, o intuito desses mangás não era incitar grandes debates sociais ou desenvolver profundamente o enredo, mas trazer entretenimento em uma leitura que proporciona apenas as “boas coisas” de um romance, dando maior destaque às cenas românticas e sexuais com personagens masculinos idealizados. Ainda assim, autores afirmam que por meio dessa literatura muitos leitores puderam entender melhor a própria sexualidade e os papéis de gênero da sociedade. Ou, como nas palavras de Welker (2006, p. 842, tradução própria),

[...] considera-se amplamente que o gênero [*boys' love*] oferece uma esfera libertadora dentro do qual leitores supostamente heteronormativos podem experimentar o romance e a sexualidade por meio da identificação com belos personagens masculinos.

Outras manifestações, todas de cunho romântico e/ou sexual, são recorrentes nessa literatura. Dentre eles temos os enredos em vida escolar — normalmente nos últimos anos da escola — ou em ambiente de trabalho, escritório; personagens descobrindo sua sexualidade, em seu primeiro relacionamento homossexual, mas também, em alguns casos, rejeitando esse aspecto, reproduzindo, inclusive, posturas homofóbicas; descrições de cenas violentas — o pode incluir violência sexual, psicológica, afetiva, entre outros —, além de personagens com traços de objeções, sociopatia, psicopatia — e por isso surgem outras formas de violência e crimes, como agressão física, homicídio, ameaça, sequestro, cárcere privado, entre outros —; reprodução de estereótipos sobre relações homoafetivas e relações de gênero; cenas explícitas de sexo — com adendo às cenas fetichizadas, como relações entre tios e sobrinhos, padrastos e enteados, professor e aluno, sequestrador e sequestrado; tem uma relação hierárquica muito parecido ao conhecido dentro do mundo do sadomasoquismo como “dominador” e “submisso”. Seguindo essa linha, também é muito comum as práticas sexuais serem descritas de forma que um dos personagens sempre parece sentir dor em meio ao prazer.

Como as primeiras histórias eram criadas de mulheres heterossexuais para outras mulheres heterossexuais, em muitas histórias reproduziam estereótipos e sexualização de corpos masculinos, logo as leitoras desse movimento começaram a ser chamadas de *fujoshis*, que significa “mulher podre”, em japonês.

Obviamente, o intuito não é discutir ou avaliar os discursos progressistas, estereotipados ou preconceituosos que essas ficções possam carregar — apesar de que a visão a favor ou contra características narrativas das obras ser necessária para estudo e apreensão da imagem dessas histórias com o público leitor e não-leitor —, mas as experiências de leitura e a construção de possíveis conhecimentos pelos brasileiros.

Entende-se que tal literatura chegou em território nacional por meio dos mangás e, então, expandiu-se com histórias de outros países e em outros formatos (*novels*¹, filmes, séries de tv e internet, animações, peças teatrais, etc.). Para o desenvolvimento desta pesquisa, no entanto, foi escolhido dar mais enfoque para leitura dos romances, ou *novels*. Diferentemente dos mangás ou demais histórias em quadrinhos (HQs) asiáticas, as chamadas “*novels BL*” se apresentam como uma expressão literária recente, em formato de prosa — que acarreta em um desenvolvimento maior e mais profundo das cenas e dos personagens através da narração — e não ilustrada² (SILVA, 2020), cujo conteúdo se foca no romance entre rapazes.

Embora tenha estudos expressivos sobre a leitura e os leitores de BL em literatura nacional e internacional — destacando-se Thorn (2003), Welker (2006), Martin (2012), Pereira (2018), Mustofa (2022) —, a maioria está centrada na literatura de histórias em quadrinhos (*mangás, manhwas, manhuas, graphic novels e webtoons*³), não ampliando seus olhares para a presença de romances literários dentro do gênero. Isso se deve, muito provavelmente, pelo fato de que o advento, desenvolvimento e fortalecimento das ditas *novels* ser mais recente, se comparar aos mangás, onde as primeiras histórias BL foram veiculadas. Além disso, a escassez de publicações nacionais e oficiais de títulos de romances *boys' love* também parece ser um empecilho para a leitura dessas histórias.

¹ Classificação para romances de ficção dentro do gênero *boys' love*, utilizada nesta dissertação.

² Existe também uma manifestação literária “intermediária” chamada *light novel*, em que há também o desenvolvimento da história através de uma narração em prosa, contudo existe ilustrações de cenas com os personagens principais (SILVA, 2020), ilustrações essas que remetem ao traço de desenho comum nas HQs asiáticas.

³ Classificações das histórias em quadrinhos (HQs), respectivamente: mangás são HQs japonesas; manhwas, HQs sul-coreanas; manhuas, chinesas; *graphic novel* são Hqs de conteúdo exclusivamente romântico; e *webtoons* são Hqs em veiculação exclusiva na internet.

Zsila e Demetrovise (2017) concebem o fenômeno BL a partir de três componentes fundamentais: os criadores profissionais e amadores, os consumidores e todos os materiais produzidos dentro do gênero.

É notável que existe uma demanda brasileira crescente quando se trata de romance *boys' love*, assim como também é possível, a partir de autores que já pesquisam o gênero, teorizar alguns “porquês” do consumo crescente desta literatura. No entanto, em uma visão nacional ainda é possível notar poucos trabalhos que tenham como objetivo a análise das motivações desses leitores, muito menos a produção de sentidos e significados que eles possam construir durante a leitura. Se for levar essa mesma perspectiva de análise para o campo das *novels*, o número se torna ainda menor. Felizmente, isso não significa que esse fenômeno seja pouco interessante, mas que há ainda muitas áreas ainda pouco exploradas, justamente por conta de sua história recente.

Kaneda (2007 *apud* Aoyama, 2012) ainda cita duas vertentes de estudos sobre BL comuns no final da década de 2010, sendo a primeira os estudos de gênero a partir da criação e leitura/consumo dessas histórias, e a segunda vertente, em caráter um pouco mais psicológico, quando busca entender as características que despertam interesses nos leitores acerca dessa literatura.

No Brasil, no início das pesquisas para elaboração desta dissertação, foram encontradas apenas três publicações em livrarias online e em catálogos de editoras nacionais. Os livros eram *Mo Dao Zu Shi: O Fundador da Cultivação Demoníaca* (o livro 1, publicado no segundo semestre de 2022, e o livro 2, lançado em março de 2023), de origem chinesa, a história teve uma adaptação para websérie em 2019 sob o título *The Untamed*. A terceira publicação foi da *novel Um Conto das Mil Estrelas*⁴, lançada em julho de 2023. Trata-se de um romance tailandês que também teve uma adaptação para uma série de tv em 2021. Até a redação final da redação deste trabalho, novos livros foram publicados, mas ainda em um número escasso de opções de histórias para serem lidas. E, mesmo diante dessa falta de títulos, os leitores encontram caminhos diversos até novos títulos que não são encontrados de forma legalizada.

Atualmente, é através de sites e blogs gratuitos com publicidade que ocorrem todas as publicações não-oficiais em língua portuguesa dos romances que chegam em terras tupiniquins.

⁴ A pesquisa por essas publicações se concentrou nas *novels*, mas é importante mencionar que alguns — poucos — títulos de *light novels* BL também foram encontrados. Em relação às histórias mencionadas, elas podem ser encontradas nos seguintes links: <https://www.lojanewpop.com.br/mo-dao-zu-shi-17321725> (Mo Dao Zu Shi, livros 1 e 2); <https://www.lojanewpop.com.br/um-conto-de-mil-estrelas-01> (Um conto de mil estrelas, livro 1 em pré-venda).

Em um levantamento simples em alguns sites que disponibilizam o número de leituras desse gênero literário, é possível ver um número expressivo de visualizações.

Os brasileiros estão lendo esses romances, não há como negar. Apesar da falta de publicações oficiais, apesar dos possíveis erros nas traduções informais na internet, eles estão lendo.

Parece até um pouco incoerente, em comparação a ideias que defendem a imagem do brasileiro como um leitor pouco assíduo, observar um fenômeno em que esses mesmos sujeitos encontram os mais variados caminhos para conseguir ler uma literatura que ainda possui pouca oferta de publicações nas editoras nacionais.

O fato desses leitores existirem e vencerem todos os percalços com o intuito de alcançar as histórias que tanto desejam já ser suficiente justificativa para o engajamento na pesquisa em torno desse evento, parece ainda mais enriquecedor buscar compreender os motivos que levam esse sujeitos a se interessar por um gênero tão recente e que possui uma representação cultural tão diferente da ocidental. Além disso, observar e entender os sujeitos em meio ao seu processo de construção de significados diante do texto também facilita a compreensão das possíveis apropriações informacionais que ocorrem com esses brasileiros.

Para base da fundamentação teórica, firmou-se principalmente em Iser (1979, 1996, 1999, 2013), Chartier (1995, 1998, 2001), Dumont (1998, 2000, 2002), Eco (1979) e Jauss (1979, 1994, 1995, 2004), cujas ideias, teorias e pesquisas contribuíram para o entendimento dos conceitos de leitura, literatura de entretenimento, processo de construção de significados e produção de saberes, Estética da Recepção e a apropriação da informação

Para levantar hipóteses e ajudar a formular o roteiro da entrevista que foi realizada, levou-se em consideração os resultados anteriores de Thorn (2003) que, em seu estudo com jovens leitoras japonesas entre o final dos anos 1990 e início dos 2000, dividiu as motivações para leitura do gênero em três: 1) leem por prazer, simplesmente, porque gostam do gênero; 2) leem pois é uma forma de experimentar um romance com um homem, tendo a leitora uma experiência de identificação com um dos personagens masculinos, ou seja, a experiência de ter uma relação homoafetiva, sendo ela um homem também; e 3) leem pois sentem prazer na violência sofrida pelos personagens, passando assim para posição de violentadoras, enquanto, na sociedade patriarcal em que se encontram, já foram violentadas de maneiras diversas por outros homens.

É claro que o contexto histórico-sociocultural do estudo realizado por Thorn é bem diferente daquele observado com os leitores brasileiros, entres os anos de 2023 e 2024, mas

ainda assim, o estudo de Thorn apresenta uma ideia dos primeiros possíveis interesses de leitores diante do fenômeno.

Para compreender melhor todo esse processo, a pesquisa se valeu do método fenomenológico nas Ciências Sociais para se classificar como uma pesquisa qualitativa, com base na orientação de Husserl (2006), Heidegger (2005, 2012) e autores da corrente fenomenológica para determinar os percursos a serem tomados para a realização deste trabalho; como por exemplo, seu cunho exploratório, com resultados provenientes de entrevistas semiestruturadas com leitores de *novels boys' love* encontrados em grupos, sites e fóruns na internet. O foco da pesquisa se deu na intenção de perceber o que há nessa manifestação literária que tanto atrai o público brasileiro e o que eles, diante dessas histórias, têm construído de novos saberes de mundo e sobre si mesmos.

1.1 Problema de pesquisa

Para fazer qualquer pesquisa, é necessário ter em mente uma questão a qual se quer responder; uma indagação, um questionamento acerca de um fenômeno ou um conjunto de fenômenos capazes de produzir determinados acontecimentos. Dentro desta pesquisa, o fenômeno principal observado foi o de leitura de *novels* BL por leitores brasileiros — o que incluía vários outros fenômenos, como o de leitura digital, o de traduções, o de traduções amadoras, o de consumo de histórias asiáticas — audiovisuais, inclusive — e, de forma mais efêmera, a relação de comunidades de fãs. Tudo isso dentro da leitura de *boys' love* para, então, saber não só por que gostam dessas histórias, mas o que têm apreendido com elas — em uma perspectiva dentro da Ciência da Informação. Sendo assim, de forma mais clara, para construir o cenário de desenvolvimento desta pesquisa, foi levantada a seguinte questão-problema: “de que maneira os fenômenos que contribuem para o interesse em leitura de *novels boys' love* também podem se relacionar com a apropriação informacional dos seus leitores?”.

1.2 Objetivos

E para responder a grande questão da subseção anterior, foi preciso construir certos “caminhos”, “trilhas” de pesquisa que ajudaram a não desviar do verdadeiro foco da pesquisa, ou seja, o processo que realmente daria as respostas para a pergunta. Com isso, foi construído um objetivo geral que, como o próprio nome já diz, é o foco principal das demandas inspiradas pela questão-problema; enquanto os objetivos específicos são aqueles necessários para alcançar o objetivo geral.

- Objetivo geral: investigar os fatores que influenciam no interesse pela leitura de *novels* BL e a possibilidade de seus leitores construírem novos repertórios de aprendizagens a partir destas leituras.
- Objetivos específicos:
 1. Relacionar a Teoria da Estética da Recepção, formulada por Jauss e Iser, com a ideia de apropriação da informação e demais concepções que discutem a interiorização de novos significados e concepções de mundo, a partir da literatura de entretenimento e como elas se aplicam na observação do fenômeno da leitura de BL;
 2. Identificar os fatores que circundam o fenômeno de consumo de conteúdos *boys' love* no Brasil, levando em consideração a tríade de efetivação da leitura: contexto, motivação e sentido, para entender melhor o advento das leituras de *novels*; ou seja, perceber os fatores contextuais geográficos, linguísticos e histórico-socioculturais pertinentes; as principais motivações que levam o leitor até esses textos; e os significados que esses sujeitos constroem, levando em consideração não apenas as interpretações, mas as emoções sentidas durante a leitura;
 3. Observar algumas possíveis consequências da leitura de *novels* BL na (trans)formação de aprendizagens e conhecimentos dos leitores.

2 O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS VOLTADOS AOS SUJEITOS INFORMACIONAIS E LEITURA DENTRO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Com raízes no desenvolvimento da Bibliografia, na relação entre a Documentação e a Biblioteconomia através dos séculos XIX e XX, e o “boom” do desenvolvimento científico-tecnológico durante o pós-guerra, que resultou em um crescimento substancial de produções científicas, a Ciência da Informação (CI) foi se institucionalizando na década de 1960 como uma ciência voltada para pesquisadores e seus estudos. Araújo (2018) explica o fenômeno como resultado da competitividade entre os países durante a Guerra Fria. No período, cientistas do mundo todo — com certo destaque para os Estados Unidos da América, Inglaterra e União Soviética — perceberam a indispensabilidade de ter informação de forma rápida, exata e com qualidade, afinal, o resultado de buscas com informações irrelevantes contribuía muito para o atraso da produção científica do país. Ou seja, métodos ineficientes de recuperação informacional rendiam improdutividade em um período que o crescimento estatal em todos os níveis, mas principalmente no campo do conhecimento, era indispensável para publicitar o meio de produção⁵ defendido pelo país. Aliada a essa necessidade e aos avanços no campo da computação no mesmo período, os considerados primeiros cientistas da informação dedicaram anos para criar e melhorar os sistemas de recuperação da informação (SRI) já existentes.

Embora, por certo tempo, a CI tenha se focado apenas nos sistemas de informação para alavancar a qualidade de recuperação das produções técnicas nacionais, o desenvolvimento da área, justamente por esta questão fundamental — recuperação de informações —, resultou em estudos que iriam além da concepção, tida até então, da informação como um objeto puramente físico. Saracevic (1996, p. 44-45) relembra que

O trabalho determinado pela necessidade de recuperar informações suscitou questões e promoveu pesquisas exploratórias de fenômenos, processos e variáveis, bem como suas causas, efeitos, comportamentos e manifestações relacionados. Historicamente, este fato conduziu a estudos teóricos e experimentais sobre a natureza da informação, a estrutura do conhecimento e seus registros (incluindo bibliometria), o uso e usuários da informação, levando a estudos do comportamento humano frente à informação [...].

Era através desses sistemas — observando seus usos, as informações recuperadas — que se percebiam as necessidades dos usuários, a tendência de consumo informacional em uma determinada unidade. Assim, a CI ampliou suas perspectivas de estudo, compreendendo os

⁵ É importante lembrar que o período da Guerra Fria ficou marcado pela “luta” dos sistemas capitalismo *versus* comunismo, e a prosperidade e desenvolvimento do país funcionavam como fonte argumentativa para o sucesso do sistema de produção presente nesse país.

sujeitos como uma nova e necessária tendência de pesquisa para, em primeiro lugar, o aperfeiçoamento dos sistemas e, em seguida, para o desenvolvimento de novas teorias dentro da área.

Na tradição francesa, por exemplo, entre as décadas de 1980 e 1990, a Ciência da Informação estava fortemente ligada à Comunicação, foi por isso que o país desenvolveu o chamado “fenômeno info-comunicacional” como objeto de estudo, em que unia as áreas da informação e comunicação em um panorama voltado para: a) articulação entre tecnologias e a produção de mensagens e sentidos; b) a inserção social e a atividade dos usuários; c) os procedimentos de escrita das mensagens; d) as dinâmicas sociais, políticas e econômicas relacionadas, e as mudanças nos processos de mediação (Miège, 2000 *apud* Araújo, 2018). Isso prova como a CI se fortalecia sob ideias e concepções de áreas além da Biblioteconomia ou Computação, estabelecendo, assim, uma de suas características mais marcantes: a interdisciplinaridade.

Essa transformação da forma como enxergava o usuário caminhou de mãos dadas como a área que percebia a própria informação com que trabalhava. No mesmo período em que os primeiros cientistas da informação dedicavam todos os seus esforços no aprimoramento de SRI, a informação era entendida puramente como um objeto, o resultado de um conjunto de unidades capazes de serem armazenadas e transmitidas por canais, a fim de comunicar o conhecimento (Buckland, 1991; Smith, 2012). O sujeito não tinha “lugar” nessa visão inicial, sendo encarado apenas como fonte de demandas documentais, ou seja, indivíduos que precisavam de informação específica em um curto período de tempo.

No entanto, esse cenário se alterou profundamente quando o sujeito e seu cognoscente passaram a ser entendidos como produtores de conhecimento e, portanto, fundamentais nos estudos voltados para a informação; a relação entre sujeito e texto passou a ser destaque e, o processo cognitivo para compreensão dos dados registrados em um suporte, definiu-se como informação (Borges *et al*, 2013; Araújo, 2018). É importante mencionar como nesse ponto de desdobramento de estudos dentro da área da CI as Ciências Cognitivas contribuíram fundamentalmente para os estudos dos usos e dos usuários da informação.

Outro autor que também trouxe importantes conceitos para a Ciência da Informação foi Morin. Para ele, “o sujeito aparece na reflexão sobre si mesmo e conforme um modo de conhecimento intersubjetivo” [...]” (Morin, 2014, p.118), caracterizando o “sujeito”, antes de tudo, como um ser egocêntrico. O autor traduz seu argumento através da frase “*je suis moi*” (eu sou eu), em que “*je*” se manifesta como o ser subjetivo e “*moi*” como sujeito objetificado; um ser dentro de si mesmo, percebendo a si mesmo, em uma identidade indissolúvel. Assim, a

relação entre eles — subjetivo e objetivo/eu e eu —, através do princípio da distinção, diferenciação e reunificação, é o que produz o sujeito (Morin, 2014).

Na perspectiva biológica relatada pelo autor, o “ser” está inteiramente ligado à sua consciência identitária, a mesma que impulsiona o indivíduo a “computar” suas ações, ou seja, resolver problemas no seu dia a dia para se manter em sociedade. Essa “computação” é o resultado do “programa genético/DNA único”, que dirige as atividades do indivíduo através de domínios informacionais, programáticos, simbólicos e memoriais que estão ao seu redor (Morin, 1999); entendendo, assim, que é por meio dessa computação que se permeia a atividade cognitiva do ser humano.

A necessidade de informações dentro da perspectiva de comportamento informacional, funciona com essa mesma lógica descrita. De forma geral, a abordagem alternativa de estudos voltados para o uso e usuários da informação promove uma série de reflexões e pesquisas a partir da percepção do estado cognitivo anômalo⁶ do sujeito até o suprimento de sua carência informacional, através de ações que possibilitem a formação de um conhecimento — antes — faltoso.

Qualquer conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de noções chave); essas operações que se utilizam da lógica, são de fato comandadas por princípios “supralógicos” de organização do pensamento ou paradigmas, princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e de mundo sem que tenhamos consciência disso. (Morin, 2015, p.10).

A partir desse entendimento descrito por Morin que é possível compreender como os modelos de Belkin, Oddy e Brooks (1982); Taylor (1986); Ellis (1989); Kuhlthau (1991); Dervin (1998); e Wilson (1999) foram construídos, dentro da Ciência da Informação, tentando entender e demonstrar como funciona todo o processo de busca pela informação e como isso afeta o cognoscente do usuário — o reconhecimento de uma lacuna, as ações realizadas para supri-la e o entendimento desse sujeito perante as informações recuperadas, sua percepção de sociedade ou não da necessidade informacional e o conhecimento alcançado no final do processo. Mesmo que ainda os sistemas de recuperação estejam muito envolvidos nesses modelos, é no final do século XX que o ser humano teve um proeminente protagonismo nos estudos dentro da CI.

⁶ Lacunas de informação, incertezas, incoerências, vazios cognitivos.

No entanto, observar o aspecto introspectivo, cognitivo do ser humano não era o suficiente quando se compreendeu que a ideia de construção do sujeito também passa pela sua construção histórica, social e cultural do ambiente em que ele vive. Em outras palavras, a sociedade que o rodeia também interfere na sua produção de conhecimento; ela influencia seus desejos, escolhas e, obviamente, necessidades informacionais. Capurro (2003) e Araújo (2012), ao discutirem as diferentes perspectivas de estudos da informação e seus usuários, entendem esse terceiro período dominado pela abordagem social ou interacionista, em que se busca relacionar as visões anteriores e somá-las com os aspectos sociais que cercam o indivíduo, para entender toda a estrutura que o coloca como sujeito informacional. Quando se trata dos estudos voltados para esses indivíduos dentro da Ciência da Informação, Araújo (2018) elaborou um quadro em que separa os paradigmas criados por Capurro (2003) e as abordagens de estudo de cada período, como mostrado no Quadro 1:

Quadro 1 – A relação dos estudos sobre sujeitos informacionais e os paradigmas da Ciência da Informação

	PARADIGMA FÍSICO	PARADIGMA COGNITIVO	PARADIGMA SOCIAL
ESTUDOS SOBRE OS SUJEITOS	Uso da informação Perfil dos usuários	Comportamento informacional	Práticas informacionais Mediação Apropriação Competência crítica

Fonte: adaptado de Araújo (2018).

Embora seja um tanto óbvio que a CI, ao estudar o sujeito informacional, estudasse também o leitor, é dentro do paradigma social que estudos acerca da Leitura toma espaço. O objetivo é relacionar as construções cognitivas perante o texto e todos os fatores externos (culturais, sociais, políticos, emocionais, familiares etc.) que também influenciam na construção de significados. Dumont (2020, p. 22, grifo próprio) reitera isso ao dizer que

Os estudos e pesquisas sobre a leitura, vista pela perspectiva da Ciência da Informação, demonstram que tal experiência encontra-se submetida a diversas variáveis que não podem deixar de ser verificadas ao se tentar teorizá-la. Entender e determiná-la como ação geradora de conhecimento significa, forçosamente, prospectar diversas áreas do conhecimento. A circulação da informação acontece na sociedade, portanto, os estudos devem centrar o **sujeito produtor de conhecimento e seu meio**, seguindo pelo processo de **mediação** da informação, pelas variáveis, pelas interferências de ordem pessoal, social, cultural, e, ao final, fechar todo o espectro: a leitura como forma de **apropriação** da informação por esse mesmo sujeito.

Então, para entender melhor como ocorreu esse desenvolvimento, assim como também entender o processo de apropriação como consequência nata da leitura, a seção seguinte vai fazer um pequeno recorte histórico, enquanto reflete algumas concepções que são fundamentais para a construção desta pesquisa.

2.1 Breve histórico da concepção e prática de leitura literária

Milhares de anos antes da Ciência da Informação buscar entender o conceito de informação e o sujeito que interage com ela, a leitura já havia surgido como uma resposta natural da necessidade humana de se comunicar — juntamente com a escrita. Desde pinturas rupestres nas paredes das cavernas como um rito religioso ou apenas para representar atos cotidianos das pequenas comunidades pré-históricas, os desenhos se desenvolveram até a escrita cuneiforme na Suméria e o hieróglifos egípcios — nesse momento com um objetivo mais administrativo e jurídico. Escrever poemas, crônicas e canções sobre os deuses que adoravam, os reis que serviam e as pessoas e o mundo que os rodeava, a escrita logo deu vazão ao espírito artístico do ser humano, e, com ele, a literatura também dava seus primeiros passos na história.

Infelizmente — e isso perdurou por muito tempo — nem a escrita, muito menos a leitura, era para todos. Apenas membros da nobreza tinham o privilégio de aprender a ler e escrever. Ainda assim, estudos apontam que grande parte dos escritos eram considerados um bem público; na Roma e Grécia Antiga, por exemplo, não era incomum a leitura em voz alta para os demais cidadãos (Knuppel, 2002). Durante a Idade Média, com o surgimento do códex⁷ e dos primeiros livros, as práticas de leitura e escrita mudaram ainda mais. Foi nesse período que surgiram as primeiras cartilhas de alfabetização e nenhuma leitura fora do cunho religioso era encorajada, considerada até mesmo pecaminosa. É nesse período que a chamada “leitura silenciosa” deu início, oferecendo ao leitor uma relação mais próxima com o texto. No entanto, essa prática também afastou a maior parte da população — pobre e analfabeta — dos conteúdos dos textos produzidos no período.

Muito embora, aqueles que liam silenciosamente encontraram uma liberdade interpretativa que antes não era possível. Na privacidade de seus pensamentos, em uma relação quase que solitária entre leitor e texto, ele encontrou mais autonomia e um ambiente propício para desenvolver sua criticidade (Chartier, 2001).

⁷ Manuscrito cujas folhas são dobradas e costuradas ao longo de uma aresta.

Com a imprensa de Gutenberg e o aumento na produção de livros que se deu por meio dela, ficava mais difícil para a Igreja Católica controlar o que era produzido e muito menos o interesse da população pelas novas ideias e conhecimentos que vinham por meio da leitura. Foi a rapidez, a uniformidade dos textos e o preço baixo que contribuíram para conquistar o interesse dos plebeus mais ricos e ajudar na mediação de informações para os mais pobres que ainda não sabiam ler (Chartier, 1998; Knuppel, 2002). Movimentos como Renascimento, Iluminismo, Revoluções Industriais e Francesa trouxeram a perspectiva da leitura para todos. A população mais pobre estava revoltada com as condições de vida imposta pela nobreza, eles exigiram mais direitos, e entre eles mais escolas, o privilégio de poder aprender a ler e escrever.

Muito embora, é importante mencionar como a busca pelo direito de alfabetização e as práticas de leitura ainda eram pouco encorajadas às mulheres. Enquanto na Idade Antiga elas não eram vistas como cidadãs, na Idade Média era ainda mais imprescindível que as mulheres se mantivessem longe do mundo perigoso da leitura. Chartier (1998, p. 109) fala como “a leitura das mulheres foi submetida [durante muito tempo] a um controle que justificava a mediação necessária do clero, por temor das interpretações selvagens” que poderiam surgir através da leitura. Mesmo as mulheres da nobreza não eram encorajadas a se instruir, também não podiam acessar as universidades. De acordo com Dumont e Espírito Santo (2007, p. 32) o pensamento da época era que “se a menina se entusiasmasse pelo estudo, sobraria pouca energia em seu corpo para ser investida no amadurecimento de seus órgãos reprodutores, colocando em risco sua futura função maternal”.

A elas era suficiente a decodificação do alfabeto, o ato de associar signos à fonemas, juntar sílabas e formar palavras. Já aos homens em camadas mais altas, a leitura de clássicos da literatura e da filosofia solidificava a imagem do intelectual da sociedade.

Para as mulheres, era incentivado a leitura de romances, poesias, tudo que se referisse ao sentimentalismo, ao cuidado, ao amor era dirigido a elas. Dumont e Espírito Santo (2007, p. 31) explicam que “[...] o romance do século XIX acabou associando a leitura feminina às características tidas como naturais da mulher como sensibilidade, irracionalidade e emoção, impondo o amor como ingrediente constitutivo, e essencial, da identidade feminina”. Knuppel (2002, p.12) ainda associa o surgimento do romance com a Revolução Francesa, aquele como um meio de propagação de perspectivas de reforma social e cultural esperadas:

Inspirado nos ideais liberais, ele [o Romance] deveria significar a liberdade de expressão artística, libertação da imaginação criadora que até então tinha sido voltada às normas clássicas, mas foi associado às características femininas de irracionalidade e vulnerabilidade emocional. Estas supostas características impregnadas nos textos estavam ligadas à necessidade de

democratizar os bens culturais e a literatura em particular, tornando-a acessível à nova classe social, a burguesia. (Knuppel, 2002, p.12)

Desde a efervescência da Revolução Francesa, no século XVIII, o acaloramento das discussões das lutas de classe, proveniente do marxismo do século XIX, juntamente com a popularização dos jornais e aumento da circulação de livros, refletiu no Ocidente a exigência social que o poder público fornecesse alfabetização igualitária para as camadas mais pobres da população. A maior presença das mulheres no mercado de trabalho e sua consequente independência financeira, a conquista do direito de entrar no ensino superior — o aumento das universidades também está incluído nesse processo —, todas essas mudanças foram dando mais espaço para o entendimento que a cultura letrada era um bem público coletivo.

Com esse entendimento e a capacidade de produção de novos textos aumentada e a baixo custo, um novo fenômeno surge: a mercantilização de livros para as massas, trabalhadores, agora também leitores, ávidos por uma leitura espetacular, de efeitos imediatos, capaz de produzir entretenimento e conhecimento em um símbolo de intelectualidade e erudição, antes restrito apenas a camadas mais altas da sociedade (Bosi, 2002).

Nesse período, já não era mais possível reduzir a leitura a uma simples decodificação, um juntar de sílabas; percebe-se a leitura como uma prática social que cria, desenvolve, modela e reconstrói sentidos e significados a partir de símbolos, a partir de uma relação com outros textos, experiências e conhecimentos de mundo.

A leitura é essencialmente uma avaliação, uma interpretação de um texto em relação a outro: uma transação. Pelo exposto, pode-se constatar a estreita relação existente entre sentido / contexto / ato de leitura, tendo o sujeito – o leitor – como produtor de sentido. (Dumont; Espírito Santo, 2007, p. 32)

Ou, como dito por Leffa (1996, p. 14), a leitura é:

[...] atribuir significado, põe a origem do significado não no texto, mas no leitor. O mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade. A visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo.

E quando se trata de leitura de textos literários, essa produção de sentidos e construção de significados se torna ainda mais rica e plural, pois o autor, ao usar de sua imaginação para desenvolver estruturas textuais e semânticas para criar ambientes ficcionais variados, dá a possibilidade de um grande conjunto de interpretações que foge, inclusive, do controle do próprio autor.

Apesar de o texto literário apresentar características próprias em sua estruturação, capazes de orientar a leitura até certo ponto, as diferenças históricas entre os contextos de produção e recepção abrem espaços para a participação do leitor no processo de construção dos significados. No final das contas é o leitor o responsável pela atribuição de valores às palavras, muitas vezes por meio de uma desconstrução, de uma desordem da ordem estabelecida pelo texto em si. É assim que a nova construção acontece. É pela desordem que acontece a ordem, é pela desconstrução que surge a nova construção de significados. (Borges, 2016, p. 16).

O interessante é que por muito tempo os estudiosos da literatura não se preocuparam com a percepção do leitor perante as obras. O cuidado era, antes de tudo, com o processo de criação do autor e as estratégias textuais e semânticas utilizadas. Isso se dava pelo entendimento, durante muito tempo, da literatura ser o ato imaginativo, criativo e, acima de tudo, artístico de trabalho com a linguagem. Mas não uma linguagem comum — um simples “bom dia, dr. Aurélio”, não podia ser considerada literatura se não estivesse em meio a um intrincado de construções linguísticas que fogem da linguagem usada no dia a dia. Eagleton (2006) utiliza um exemplo bem simples de como era percebido o caráter literário de um texto:

Se alguém se aproximar de mim em um ponto de ônibus e disser: “Tu, noiva ainda imaculada da quietude”, tenho consciência imediata de que estou em presença do literário. Sei disso porque a tessitura, o ritmo e a ressonância das palavras superam o seu significado abstrato [...]. Trata-se de um tipo de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material [...] (Eagleton, 2006, p. 03).

Esse entendimento de literatura ganhou grande força entre os formalistas russos do início do século XX, que desassociavam a literatura a qualquer aspecto social, psicológico ou cognitivo, tratava-se da criação artística por meio de uma estrutura linguística particular.

Como resposta a esse movimento, também influenciado pelas mudanças sociais e desenvolvimento de estudos acarretados por ela, principalmente o aumento da discussão dos critérios histórico-culturais influenciadores na construção do sujeito, presentes no mesmo período, Hans Robert Jaus em uma aula inaugural na Escola de Constança, onde era professor, no ano de 1967, intitulada “A História da Literatura como provocação à Ciência da Literatura” com grande crítica aos ideais formalistas sobre o “ser literário” (Figurelli, 1988). Esse foi o primeiro passo do professor, juntamente com Wolfgang Iser, para criar a chamada Estética de Recepção — que será melhor tratada na subseção 2.2.

O entendimento aqui, então, é como a literatura só se “concretizaria”, só exerceria sua real função através do leitor (Eagleton, 2006), a leitura não era mais a tradução de uma construção linguística pura, mas uma relação entre texto-leitor em um processo dialético e dialógico constante com as informações registradas (Dumont, 2017). O próprio Iser (1999)

explica que, apesar das estruturas linguísticas em textos estimularem atividade de leitura, é dentro e por meio da consciência humana que o texto se traduz, ganha forma e significados próprios, pois também são influenciados pelos repertórios de conhecimentos anteriores de cada indivíduo.

Entendida essa ideia inicial levantada por Iser e Jauss, é preciso retomar a linha histórica de desenvolvimento da leitura e observar como e o quê os sujeitos estavam consumindo nesse mesmo período.

Ainda no século XIX, em Paris surgem os chamados romances de folhetim. No início, a estratégia era publicar em jornais trechos adaptados de romances já publicados, com um gancho para o número de edição seguinte. A aceitação do público foi tamanha que contribuiu para o aumento no consumo de jornais que dedicavam algumas páginas aos romances de folhetim, o que também ajudou a barateá-los (Aranha; Batista, 2009). Com a percepção do poder de consumo que essas histórias possuíam, não demorou para o fenômeno surgir em outros países, destacando-se o mundo ocidental, inclusive no Brasil. Primeiro traduzindo folhetins de sucesso, depois com as próprias produções locais como *O Guarani*, de José de Alencar, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Com o tempo, percebeu-se que quanto mais dramática a história, mais apelo popular ela alcançava.

Tratavam-se de textos mais sensacionalistas, com pouca elaboração no desenvolvimento de personagens e enredo (*plot*), tratando de assuntos que se relacionam intimamente com o público como amor, traição, religião, relações familiares, com resoluções simples e finais, normalmente, felizes (Dumont, 1998); todos esses fatores também contribuíram para que muitos teóricos classificassem a literatura de massa como uma “baixa literatura” ou “literatura inferior”, pois acreditavam que elas pouco exigiam da criticidade e não produziam nenhum conhecimento útil para o leitor.

Mas Umberto Eco, trouxe uma visão diferente sobre cultura de massa, que também inclui a literatura de entretenimento; ele afirma:

À objeção, porém, de que a cultura de massa também difunde produtos de entretenimento que ninguém ousaria julgar positivos (estórias em quadrinhos de fundo erótico, cenas de pugilato, programas de TV de perguntas e respostas que representam um apelo aos instintos sádicos do grande público), replica-se que, desde que o mundo é mundo, as multidões amaram os *circenses*; e parece natural que, em mudadas condições de produção e difusão, os duelos de gladiadores, as lutas de ursos *et similia* tenham sido substituídos por outras formas de entretenimento ‘menores’, que todos vituperam mas que não deveriam ser consideradas como um sinal particular da decadência dos costumes (Eco, 1979, p. 46-47).

O autor defende que, embora a cultura de massa seja produzida por grupos de poder econômico, visando o lucro, ou seja, submetida a regras de produção e veiculação específicos, é natural que os seres humanos busquem em qualquer tempo ou lugar modos de entretenimento, e a forma como encontram e se beneficiam disso não pode ser considerado menor, só por não ser tido como grande cânone de produção intelectual. Também não é possível dizer, apesar de poder ocorrer, que toda cultura de massa produza alienação, é subestimar muito a criticidade do sujeito contemporâneo, defronte de tantas informações e conhecimentos anteriores de mundo, ao ponto de considerá-lo incapaz de produzir criticidade e conhecimento, inclusive, nos textos considerados mais simples. A tese de Dumont (1998) comprova isso. Em seus estudos sobre romances de folhetim, a autora comprova como esses romances cujo objetivo é oferecer entretenimento às mulheres, são capazes de proporcionar ao seu público-alvo um conjunto de informações que, em união ao conhecimento anterior de mundo de cada leitor, produz novos aprendizados. Quando a literatura de massa se mostra mais acessível e possui mais meios de acesso disponíveis, com uma linguagem que se aproxima de boa parte da população, é comum que um grande público tenha contato inicial — e até mesmo mantenha seu gosto literário nesse “gênero de literatura”, digamos assim — e, conseqüentemente, desenvolva seu imaginário de mundo, seu repertório de conhecimentos também através dessas leituras.

As técnicas utilizadas pelos autores e autoras da literatura de massa era se comunicar com o seu público, utilizando textos de fácil entendimento e com assuntos os quais os leitores pudessem se identificar, oferecendo, quase sempre, finais felizes, quase como contos de fadas modernos, nos quais os personagens, apesar de todas as adversidades, conseguiam superar os obstáculos e vencer. A partir dessa estratégia, os criadores dessas histórias conseguem oferecer lazer na leitura para seu público-alvo. É claro que o sentido de lazer vai depender da subjetividade de cada sujeito e, dentro da perspectiva de literatura, do seu perfil de leitura. Segundo Dumont (1998), o lazer tem um caráter pessoal muito importante: seu viés libertário. O lazer pela literatura busca conceder descanso para uma mente cansada das obrigações diárias, oferece saída para o tédio ou ainda uma possibilidade de adentrar em um mundo fictício parecido, mas ainda distante da vida real, que é repleta de estereótipos e rotinas cansativas.

O lazer impulsiona a diversão nos leitores, é através desse laço entre leitor e texto que os sujeitos são capazes de construir novos significados com grande poder de ficarem marcados nas memórias desse leitor pelo caráter afetivo gerado durante a leitura.

No final da década de 1990 e início dos anos 2000, o acesso à internet se tornou realidade para milhões de pessoas no mundo, se estendendo a cada ano e transformando muitos aspectos da cultura de produção e consumo de conteúdos de praticamente todo o mundo. Não seria

diferente quanto ao aspecto da leitura literária. Mesmo antes dessas datas, Eco (1979, p. 45) descreve que o leitor moderno estava mais interessado nos “particulares anedóticos do que nos complexos valores formais” de uma obra, ou seja, ele já discutia como o sujeito estava mais interessado em aspectos feitos para chamar atenção do que aspectos que levam a grandes reflexões críticas sobre as mazelas sociais. Esse efeito da cultura de massa também proporciona a elevação da passividade do leitor diante do texto; com a explosão de informações geradas e consumidas na internet, esse aspecto se eleva ainda mais, uma das características do leitor pós-moderno.

No mundo digital, o texto se apresenta em suporte (computador, *smartphone*, *tablet*, *e-reader*, entre outros) e manifestação distintos daqueles vistos em livros, jornais ou revistas em quadrinhos. Com as redes sociais, a leitura ficou mais dinâmica, rápida, e os usuários cada vez mais sedentos pelo entretenimento que esses novos meios de comunicação em massa oferecem. No entanto, “[...] sabe-se que o acesso à informação via internet significa mais um ganho extensivo, abrangente, em detrimento de uma informação direcionada, aprofundada” (Dumont, 2017, local. 2). Em vídeos de poucos segundos e postagens com um número limitado de caracteres, impulsiona a produção de comunicações cada vez menores, que ainda sejam atraentes aos consumidores e não os façam “perder muito tempo” naquilo, ou seja, o divertimento precisa ser logrado o mais depressa possível. E essa tendência no mundo atual pode atrapalhar indivíduos a conseguirem se envolver em textos maiores, que carecem de maior concentração e entendimento, típicos de romances de ficção.

E não é possível declarar que a internet é um marco que só trouxe malefícios para a literatura. Já é possível citar muitos casos de influenciadores digitais e postagens virais que divulgam muitos romances literários. Mas é fato que a leitura não vai ocorrer da mesma maneira de vinte ou trinta anos atrás, principalmente quando a vida *online* está tão presente no dia-a-dia do ser humano.

Chartier (2001, 2022) entende o fenômeno de leitura no mundo digital como mais um desdobramento do texto que, até certo ponto, chega a imitar os livros impressos, imitar a experiência da leitura — um ótimo exemplo disso é o caso de alguns leitores de livros digitais terem a função de “virar página”, como em um livro físico. Embora não seja de fato a mesma coisa, a proposta é o encontro desses dois mundos: o digital com uma leitura mais rápida, suave e flexível; a herança da leitura de livros impressos, com textos mais longos, que demandam concentração, ou seja, uma leitura mais lenta e atenta, enquanto contribui para formação de pensamentos mais críticos e conscientes.

De fato, com o avanço da internet, a leitura de livros se tornou mais facilitada, pelo menos até certo nível. Com os *e-books* (livros digitais), com suas funções de ampliação, e *audiobooks* (livros convertidos em áudios), foi possível incluir pessoas com certas necessidades especiais no mundo da leitura de maneira mais abrangente; a venda de livros digitais a um preço menor, aumentando a possibilidade de mais leitores terem acesso aos textos; e a própria facilidade de produção e publicação de conteúdo oferecido pela internet, com grande destaque nas autopublicações nesse caso.

A autopublicação é quando o autor do texto se responsabiliza por publicar sua obra, sendo ele, muitas vezes, independente, ou seja, livre de vínculos com editoras e livrarias. Sem as mediações da editoração e publicação tradicional, os autores ficam mais próximos de seus leitores (Chartier, 2001) e também não ficam à mercê das escolhas editoriais que, na maioria das vezes, respondem primeiro a uma lógica mercadológica de demanda e lucro. Com a autopublicação, não, o autor escreve seu texto, revisa-o, edita-o e publica-o na plataforma que melhor lhe convier, de forma gratuita ou não.

Quando o mundo enfrentou a pandemia do covid-19, em que boa parte da população mundial precisou fazer quarentena, a internet foi um refúgio e fonte de entretenimento quase sem fim para muitos, oferecendo conteúdos quase que infinitos. Só no Brasil, em 2021, mais de 9 milhões de livros digitais foram vendidos (Caputo, 2022) — isso sem contar as formas gratuitas de leituras que também estão disponíveis na internet, de forma legalizada ou pirateada. Dentro desse consumo, é claro que se destaca a literatura. E enquanto autores como Chartier (2022) defendem que um livro digital nunca vai proporcionar a mesma imersão que um livro físico, outros veem na internet uma forma de ir à contramão de sua cultura da velocidade para atrair a nova geração de volta ao mundo da leitura de longos textos.

Mesmo que haja uma certa passividade em leitores do século XXI por conta da internet, é impossível negar como um livro, mesmo que digital ou de literatura de massa, é capaz de despertar o leitor e o fazer reagir e criar novos conhecimentos a cada nova “lida” daquilo que tanto o diverte.

A seção a seguir vai discutir uma teoria muito conhecida dentro dos estudiosos de literatura e leitura, a Estética da Recepção, por ser um marco de teoria e entendimento sobre a posição do leitor diante do texto. Embora ideias provenientes dos anos de 1970, antes do advento da internet, ainda é possível traçar importantes paralelos de entendimento sobre como o texto encontra o leitor e, mais importante, como o leitor encontra esse texto. Os processos de construção de sentidos, os sentimentos e entendimentos despertados por meio das palavras escolhidas pelo autor, adicionado aos conhecimentos anteriores do sujeito vão criar uma fonte

quase infinita de possibilidades; compreender esses processos é fundamental para também entender o processo de apropriação da informação, que também será discutido posteriormente.

2.2 A Estética da Recepção e o leitor

Como citado na subseção anterior, a Estética da Recepção de Jauss e Iser surge como nova abordagem no campo dos estudos literários, criticando a tradição ainda vigente no período, a qual se focava nos estudos dos aspectos linguísticos da obra e a história de seu criador. A ideia dos dois autores é dar lugar ao leitor no processo de leitura dessas obras, seu lugar ativo no processo de interação com o texto, sua experiência com a leitura e sua capacidade de criar múltiplos significados por meio e a partir dela.

Na aula inaugural da Universidade de Constança, em 1967, Hans Robert Jauss palestrou o que seriam suas primeiras ideias para Estética da Recepção; publicada posteriormente, em 1969, sob o título “História da Literatura como Provocação para os Estudos Literários”. O autor formulou uma crítica aos métodos tradicionalistas de estudos literários, os quais tendiam a concentrar suas análises na estrutura física do texto e no contexto de criação do autor, enfocando sua biografia; negligenciando o papel do sujeito no ato de leitura. Para Jauss (1994, p. 23) essas abordagens tradicionais, formalistas e estruturalistas

[...] ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária é vista. [...] A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética.

Jauss não foi o primeiro autor a falar da condição estética de uma obra. Os conceitos e reflexões sobre beleza são discutidos desde Platão e Aristóteles, enquanto um garante que apenas o pensamento é capaz de reconhecer o belo e o associa com verdade e bondade, elevando-o a um conceito de perfeição; o outro autor entendia a arte como uma habilidade intelectual-técnica, que busca imitar aspectos da natureza — podendo, por meio da criação artística, modificá-la, criar novas ideias sobre ela — e assim alcançar o prazer, emoção, comoção no seu observador. Para Aristóteles, pela imitação das nuances harmônicas encontradas na natureza, uma obra artística alcança a beleza (Kirchof, 2003).

Kant foi outro grande filósofo preocupado com o discernimento da estética; em sua obra *Crítica da Faculdade do Juízo*, publicada originalmente em 1790, na Alemanha, ele divide os

juízos em determinantes — aqueles baseados em conceitos universais, como a matemática — e os reflexionantes — que são variáveis —, os quais podem ser teleológicos ou estéticos. Este, Kant (1995) defende que está subordinado aos sentidos, de beleza apreciada sem interesse fundamentada na sensação de prazer que oferece. Em suas próprias palavras, ele fala que

Para distinguir se algo é belo ou não, referimos a representação, não pelo entendimento ao objeto em vista do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação (talvez ligada ao entendimento) ao sujeito e ao seu sentimento de prazer ou desprazer. O juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação *não* pode ser *senão subjetivo* (Kant, 1995, p. 47-48).

Kant acreditava que o belo não era algo que pudesse ser explicado pela razão, pois são baseados em experiências individuais. Embora defendesse o caráter de universalidade da beleza, ele não pretendia dizer que, para que algo fosse considerado belo, todos teriam que assim percebê-lo, mas na capacidade de uma obra de provocar sensações de satisfação, a capacidade de algum sujeito perceber beleza.

Goethe (2013, p. 35) fala que

O homem só é levado ao desejo de conhecer se fenômenos notáveis lhe chamam a atenção. Para que esta perdure, é preciso haver um interesse mais profundo, que nos aproxime cada vez mais dos objetos. Observamos então uma grande diversidade diante de nós. Somos obrigados a separá-la, distingui-la e recompô-la, daí resultando uma ordenação que pode ser apreciada com maior ou menor satisfação.

Para o autor, em seu livro Teoria das Cores, as cores são fundamentais no processo que oferece mais ou menos prazer em uma obra de arte, pois são elas capazes de incitar reações do sujeito. Enquanto o amarelo é capaz de despertar sentimentos de alegria e exultação, o azul remete a sombras e melancolia (Goethe, 2013); assim, quando representados na arte, também atividade capaz de revelar a realidade, é por meio dessas obras que a natureza é revelada e recriada, demonstrando sua harmonia e despertando os sentidos por meio de expressão artística que o mundo real também é capaz de inspirar.

Diferente de seus antecessores, Hegel, um dos maiores pensadores sobre estética no século XIX, não acreditava na superioridade da natureza em relação à arte que a representava. Para Hegel (2001, p. 28), “a beleza artística é a beleza *nascida e renascida do espírito* e, quanto mais o espírito e suas produções estão colocadas acima da natureza e seus fenômenos, tanto mais o belo artístico está acima da beleza da natureza”. A expressão artística para o autor era fundamental para o espírito humano, pois é uma manifestação natural das experiências do

sujeito, uma maneira de comunicar-se e, por isso, de se estabelecer como animal pensante e distinto no mundo. Tudo que se manifesta e é percebido, em Hegel (2001), é o espírito, e o ser humano, em sua superioridade — o ápice da manifestação espiritual no mundo —, único capaz de produzir arte, é também por meio dela que desenvolve sua consciência e autoconhecimento. Assim, para Hegel (2001, p. 66) a arte tem por finalidade

[...] despertar e avivar as impressões (*Gefühlen*), as inclinações e as paixões adormecidas de *todo tipo*; preencher o coração; permitir que os homens possam sentir — desenvolvido ou não — tudo o que o ânimo humano possa ter, experimentar e produzir em seu ser mais íntimo e secreto; permitir que os homens possam sentir o que pode mover e excitar o peito humano em sua profundidade e em suas múltiplas possibilidades e aspectos; oferecer o prazer dos sentimentos (*Gefühle*) e da intuição o que o espírito possui de essencial e de superior em seu pensamento e na ideia.

Essa “ideia” para Hegel é o Espírito Absoluto — Deus, que se manifesta no mundo, tornando todos os seus aspectos sensíveis como também partes dEle; assim, as criações artísticas como expressões do espírito humano também fazem parte do espírito absoluto e uma maneira de conhecê-lo e conhecer a si mesmo (Hegel, 2001). Assim, as manifestações artísticas distintas em vários contextos históricos, também vão refletir manifestações particulares desse espírito absoluto, o que torna a análise da história da arte como pilar para sua própria definição.

Segundo Jauss (1979), essa ideia levantada por Hegel vai ser a responsável pelo foco dos estudos da arte se voltarem para a história das obras e de seus autores, o que também se refletiu nos estudos literários. “Das funções vitais da arte, passou-se a considerar apenas o lado produtivo da experiência estética, raramente o receptivo e quase nunca o comunicativo” (Jauss, 1979, p. 68), e é partindo dessa crítica que o autor inicia suas colocações para formular uma nova visão para história da literatura e a forma como os estudiosos deveriam perceber as obras literárias e o ato de leitura. Uma de suas principais ideias é que

[...] a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade [...] (Jauss, 1994, p. 7-8).

Jauss não rejeita a história como processo construtor de uma obra, pelo contrário, ele garante que o estudo das histórias de leitura de uma obra literária é fundamental para compreendê-la e interpretá-la no presente, mas esse contexto histórico levantado sempre primazia o autor, a obra (em sua comunicação) e o leitor (em sua recepção) (Nitrini, 2015). Ou seja, todo o processo de leitura, como defendia Jauss (1994) tem um caráter dialético, dinâmico,

em que os significados e sentidos recebidos por esses leitores vão estar em constante alteração, de acordo com o contexto em que ele está inserido e com suas próprias individualidades. Por esse motivo também não é possível defender a ideia do texto único, como um ser de caráter inalterável, “[...] na recepção, nós falamos em ‘textos’, no plural, porque, a cada vez que um texto é lido, ele está sendo recebido e interpretado de uma nova maneira” (Bakogianni, 2016, p. 115).

Nitrini (2015, p. 171), em uma reflexão sobre as ideias de Jauss, diz que

Recepção como noção estética abrange um duplo sentido: passivo e ativo ao mesmo tempo. Define-se como um ato de face dupla que compreende, simultaneamente, o efeito produzido pela obra e a maneira como esta é recebida pelo público. Este ou o destinatário podem reagir de vários modos: consumir simplesmente a obra ou criticá-la, admirá-la ou recusá-la, deleitar-se com sua forma, interpretar seu conteúdo, assumir uma interpretação reconhecida ou tentar apresentar uma nova. Finalmente, o destinatário pode responder a uma obra produzindo ele próprio uma outra. E assim se realiza o circuito comunicativo literário: o produtor é também um receptor quando começa a escrever. Por meio dessas diversas atividades, o sentido de uma obra está sempre se renovando como resultado do horizonte de expectativas.

Ainda segunda essa autora, é por esse caráter dinâmico que a recepção sempre vai provocar uma apropriação e intercâmbio, seja entre o texto e leitor, seja através do resultado de significação por meio de um conjunto de leituras anteriores.

Enquanto a recepção é focada nas decisões interpretativas tomadas pelo leitor em meio a leitura para formulação do sentido final, o efeito é direcionado ao texto e como e até onde o texto condiciona esse leitor em sua compreensão.

Para a análise da experiência do leitor ou da ‘sociedade de leitores’ de um pequeno tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o *efeito*, como o momento condicionado pelo texto, e a *recepção*, como condicionado pelo destinatário, para concretização do sentido como duplo horizonte — o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial (*lebensweltlich*), trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. Isso é necessário a fim de se discernir como a expectativa e a experiência se encadeiam e para saber se, nisso, se produz um momento de nova significação (Jauss, 1979, p. 49-50).

Essa percepção do “efeito” no leitor, ideia melhor defendida por Wolfgang Iser em seus dois volumes do livro “Ato de Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético” publicados originalmente no final da década de 1970, vai ajudar a desenvolver e ampliar a perspectiva da Estética da Recepção.

Dentro da influência fenomenológica que se encontra a estética do efeito, entende-se a obra literária como detentora de dois pólos: o artístico — o texto criado pelo autor — e o

estético, a realização textual na consciência receptora — o leitor, como dito por Iser (1996). Assim, Iser garante a leitura é um sistema perspectivístico de interação entre leitor e elementos textuais, no qual o sujeito “recebe” o sentido no momento que constrói o texto, através de estruturas verbais e efetivas provocadas; por isso, diferente da visão de Jauss sobre a recepção passiva-ativa, para Iser, o leitor sempre precisará ser um participante ativo na leitura. Rocha (2017, p. 132), estudiosa que também dedicou tempo para entender as ideias defendidas pela estética do efeito, menciona isso ao falar que

O leitor dá vida ao texto e, assim, [ele] reage a estímulos e participa da leitura, razão pela qual Iser não concebe a ideia de passividade. Essa participação depende, portanto, não só da abnegação dos contornos da previsibilidade pelo texto, mas também de propriedades formais — como os espaços vazios — capazes de engendrar indeterminações textuais.

Ao mesmo tempo que o leitor toma decisões interpretativas sobre a obra, para que “[...] a comunicação entre texto e leitor seja bem-sucedida, é preciso que a atividade do leitor seja de alguma maneira controlada pelo texto” (Iser, 1999, p. 104), assim o texto continuamente modifica o leitor ao mesmo tempo que o leitor continuamente modifica o texto; a esse processo recíproco Iser denominou interação. Em sua obra “O Fictício e O Imaginário”, publicado originalmente em 1991, compara essa interação a jogo, onde o autor cria suas regras no ato de criação da obra, essas regras são postas em evidência na estrutura do texto e no ato de leitura, o sujeito realiza ações que vão modificar o próprio jogo (Iser, 2004), em reações que podem até fugir do esperado ou preparado pelo autor anteriormente.

Já Umberto Eco faz uma metáfora diferente, associando a leitura como a entrada em um bosque. Ao abrir a página de um livro de ficção, o leitor está dando o primeiro passo em um bosque desconhecido. Conforme as páginas passam e esse bosque é melhor apresentado — o mundo ficcional começa a se formar —, contudo, conforme o autor deixa pistas no texto sobre quais trilhas tomar dentro do bosque para alcançar o outro lado — ou seja, o sentido final do enredo —, o leitor ainda tem liberdade para escolher quais caminhos quer tomar (Eco, 1994).

Na literatura o leitor precisa tomar decisões o tempo todo, às vezes por causa do próprio autor que permite que o leitor ande pelo bosque, explore-o conforme achar melhor antes de ser direcionado ao próximo lugar de descoberta.

O texto está, pois, entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões. Antes de tudo porque um texto é um mecanismo preguiçosos (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu; e somente em casos de extremo formalismo, de extrema preocupação didática ou de extrema repressividade

o texto de complica com redundâncias e especificações ulteriores [...]. Em segundo lugar, porque à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar (Eco, 2004, p. 38).

É nesses espaços em brancos, nessas indeterminações textuais, o “não-dito” que a presença interpretativa subjetiva do leitor se faz mais presente, e por causa dela que o significado final do texto — seja ele o resultado do jogo ou achar uma clareira no fim do bosque — se torna individualizado.

Para Iser (1999, p. 106),

O não-dito de cenas aparentemente triviais e os lugares vazios do diálogo incentivam o leitor a ocupar lacunas com suas projeções. Ele é levado para dentro dos acontecimentos e estimulado a imaginar o não-dito como o que é significado. Daí resulta um processo dinâmico, pois o parece ganhar sua significância só no momento em que remete ao que oculta [...]. Portanto, o processo de comunicação se põe em movimento e se regula não por causa de um código mas mediante a dialética de mostrar e ocultar. O não dito o estimula os atos de constituição, mas ao mesmo tempo essa produtividade é controlada pelo dito e este por sua vez deve se modificar quando por fim vem à luz aquilo a que se referia.

Acontece que esses vazios textuais são mais frequentes na literatura do que em outros tipos de texto, de acordo com Eco (1994), por ser uma narrativa de ficção ela precisa ser dinâmica, rápida, pois são tantos acontecimentos e personagens sendo apresentados e desenvolvidos, que não é possível escrever tudo sobre o mundo ficcional descrito. Fora isso, as estratégias textuais escolhidas pelo autor para gerar apreensão, suspense, mistério ou qualquer outro motivo de decisão narrativa que o fez ocultar um ou outro elemento na sua história, força o leitor a preencher essas lacunas até que novas pistas textuais — quando surgem — o ajudem a encontrar a intenção de significado colocada pelo autor. Em uma metáfora própria, é como o soltar e afrouxar de uma corda no pulso do leitor. Quando acha mais propício, o autor solta a corda e permite ao leitor permear nas possibilidades de significados que seu texto fornece, quando não, ele puxa o leitor de volta ao caminho que deseja; quando o leitor toma caminhos inesperados pelo próprio autor, seria o sujeito em sua liberdade puxando a corda do outro lado, trazendo o texto e o modelando conforme achar mais satisfatório.

“Muito embora o leitor precise realizar a estrutura previamente dada com o fito de construir o sentido do texto, não devemos esquecer que ele está sempre aquém do texto, ou seja, fora dele” (Iser, 1999, p. 82), assim sendo, o sujeito que ler o texto sempre carrega consigo uma gama de conhecimentos, experiências e significados do mundo externo, de textos anteriores, que se comunicam dinamicamente com o texto atual, de maneira a ajudar-lhe a tomar as

decisões de interpretações textuais e construir um sentido final subjetivo, capaz de produzir uma nova referência de mundo; em outras palavras o sucesso comunicativo entre texto e leitor “[...] é indicado pela constituição de um sentido; tal sentido dificilmente poderá ser equiparado com referências já existentes, sendo no entanto capaz de questionar o significado de estruturas existentes de sentido e modificar experiências anteriormente feitas” (Iser, 1999, p. 104). É nessa perspectiva que Nitrini (2015) falou — como já mencionado aqui — que o viés da recepção vai ter sentido de intercâmbio e apropriação, ou seja, formação de novos conhecimentos.

Conforme o sujeito percebe a intencionalidade do autor e as estratégias textuais, Iser e Eco nomearam tipos de leitores, que também refletem nas competências de leitura e expectativas do autor sobre o leitor de sua obra. É possível fazer um paralelo com as ideias de três principais tipos de leitores dentro desses dois autores — principalmente porque Eco constantemente é influenciado pelas ideias de Iser, para construir suas próprias concepções —, que são:

- a) *O leitor fictício, narratário ou ideal* para Iser (1996), *leitor-modelo*, para Eco (1994, 2004, 2005)

Para Iser, o esperado pelo autor, capaz de perceber todas as nuances de sentido sugeridas pelo texto; mesmo nos vazios textuais esse leitor seria capaz de perceber exatamente o que o autor não disse e preencher esses vazios conforme o emissor gostaria. Obviamente o leitor ideal é praticamente impossível de se alcançar, já que a construção final de sentido é um aspecto individual de cada sujeito, reflexo também de conhecimentos anteriores formados por ele. Sendo assim, segundo Iser, o único leitor capaz de alcançar essa idealização de leitura é o próprio criador do texto.

Eco não foge muito dessa perspectiva, mas amplia a ideia de leitor-modelo como construtor de um, também, *autor-modelo*. Para o autor ambos são criados simultaneamente, conforme o texto é formado e entendido na consciência do sujeito o autor que se faz entender, claro e fluido também aparece.

Para organizar a própria estratégia textual, o autor deve referir-se a uma série de competências (expressão mais vasta do que ‘conhecimento de códigos’) que confirmam conteúdo às expressões que usa. Ele deve aceitar que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo a que se refere o próprio leitor. Por conseguinte, preverá um leitor-modelo capaz de cooperar para a atualização textual como ele, o autor, pensava, e de movimentar-se interpretativamente conforme ele se movimentou gerativamente” (Eco, 2004, p. 40).

Assim, o leitor-modelo, não é algo que o autor espera, deseja que exista, mas que ajuda a construir. É como uma via de mão dupla, enquanto o leitor dotado de todas as competências

de leitura necessárias se debruça sobre o texto, lendo-o mais de uma vez para melhor compreendê-lo e refleti-lo, o autor também se expressa por meio do texto de maneira que não deixa dúvidas no sujeito. Para Eco (2005), portanto, o leitor-modelo mesmo que também seja um ápice interpretativo que o leitor possa alcançar, não é um nível impossível, pois é alcançável conforme o leitor consegue captar tudo que o autor gostaria que fosse captado em seu texto e o demonstrou de maneira eficiente de maneira que também dá vazão à concepção de múltiplas interpretações, quando assim desejar. Por essa nova perspectiva, o leitor-modelo estaria mais próximo do conceito de “leitor implícito” de Wolfgang Iser.

b) *O leitor implícito* (Iser, 1996; Eco 2005, 1994)

Para Iser, é a estrutura textual que antecipa a participação do leitor diante da obra. É o aspecto de maior controle do autor sobre seu receptor, pois a partir das pistas deixadas no texto, ele impossibilita que o leitor tenha um ponto de vista diferente do instruído pela obra, até mesmo nos espaços vazios. A concepção de leitor implícito entende a multiplicidade de significações que o não-dito concebe, no entanto, ele espera que o sujeito seja atraído para as interpretações já esperadas pelo texto, mesmo que ele não possa defini-lo exatamente.

Já para Eco, o objetivo de todo texto é construir esse tipo de leitor. Mas como sua concepção está mais associada à sua ideia de “leitor-modelo”, quando este é “um conjunto de instruções textuais, apresentadas pela manifestação linear do texto precisamente como um conjunto de sinais e frases” (Eco, 1994, p. 22), então sua defesa se baseia na ideia de que um texto nunca revela sua intenção na superfície do texto, mas através dos indícios que o autor coloca e que só podem ser captados através de uma leitura profunda e através de um sujeito capaz de entender todas essas pistas. É nítido como a estrutura textual nessa visão de Eco é fundamental, mas ele também defende que é a partir dessa relação entre autor-modelo e leitor-modelo que vai constituir a possibilidade das múltiplas conjecturas de sentido final para o leitor, o que, por sua vez, parece conversar muito com o “leitor real” de Iser.

c) *O leitor real ou empírico* (Iser, 1999; Eco, 1994, 2005)

Para Iser, o leitor real ou empírico é aquele que interage com o texto; como na metáfora utilizada anteriormente, é aquele que puxa a corda e é puxado por ela. Ele segue os caminhos indicados pelo texto, mas constrói seu sentido final a partir de decisões tomadas com influência de referências e cargas de conhecimentos anteriores. Em suas próprias palavras:

Para que o ponto de vista do leitor entre em cena, o texto precisa exercer sua influência sobre a posição que aquele ocupa. Pois a constituição de um sentido não representa uma exigência unilateral por parte do texto ao leitor; ao contrário, o sentido só vem à tona se algo sucede ao leitor [...]. Os aspectos textuais implicam, portanto, não só um horizonte de sentido, mas ao mesmo

tempo o ponto de vista do leitor a ser ocupado pelo leitor real para que o horizonte de sentido desenvolvido possa agir sobre o sujeito (Iser, 1999, p. 83).

Para Eco, no entanto, o que ele chama de “leitor empírico” é o leitor que ainda não alcançou todas as competências interpretativas para o texto, normalmente associado ao leitor que aparece nas primeiras leituras, ou ainda em leituras mais superficiais. No livro “Seis Passeios Pelo Bosque”, Eco também fala do leitor empírico como sendo

[...] você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto (Eco, 1994, p.14).

Aqui a presença da subjetividade do leitor está muito mais presente do que no conceito de leitor na letra *b*), ainda assim se for fazer um comparativo das ideias de Iser e colocá-las em paralelo com os conceitos de Eco sobre a formação desses leitores, o leitor-modelo seria um ponto de equilíbrio entre as alterações provocadas pelo texto no sujeito e o sujeito no texto mais parecido com o conceito de Iser de leitor real do que de leitor implícito.

Seja visto de uma maneira ou de outra, todos os autores inseridos na corrente da Estética da Recepção concordam que o leitor é fundamental na constituição do sentido da obra; o que não significa um abrir mão da história do autor ou da dimensão linguística, apenas entendem o ato da leitura como um intrincado de processos cujo objetivo é formar um sentido em torno da obra na consciência do sujeito leitor, através de um intercâmbio de comunicações e influências capazes de produzir novos conhecimentos.

2.3 Quanto à apropriação da informação por meio da literatura de ficção

Visto como “leitor” pelas Letras e pela CI — ou ainda como “usuário da informação” por esta última — é inquestionável que ambas as áreas estudam o mesmo: o sujeito. E um pouco além: o sujeito que, ao interagir com uma informação, seja ela por meio de texto, som ou iconografias, introjeta e se apropria dela de modo que o resultado é a transformação dos conhecimentos já possuídos, ou até mesmo a construção de novas ideias. Dumont (2020, p. 22) explica que os estudos atuais se preocupam

Não somente entender o quê se lê, o porquê das leituras escolhidas, ou o porquê do gosto por alguma leitura em particular, mas, principalmente, identificar e compreender os fatores que circunscrevem tal fenômeno e proporcionam a apropriação da informação.

No mesmo período em que Iser e Jauss formavam suas primeiras ideias para construção da Estética da Recepção, Foucault também oferecia uma contribuição muito interessante em sua obra “O que é um autor?”, publicada originalmente em 1969. De forma geral, Foucault encara a ideia de “autor” como aquele que dá origem a um texto, é um *status*, uma classificação oferecida aqueles sujeitos ou grupos que, por meio do seu poder de publicação de textos, exercem certa influência na interpretação dos leitores, pois também são os controladores dos discursos que são ou não entregues ao público; em outras palavras, “a função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 2006, p. 46). Rememorando a trajetória de leitura na Idade Média, como já foi citado, o momento de leitura em voz alta, tinha-se a Igreja Católica controlando não só que era publicado, mas, por meio dos sermões dos clérigos, também tinha autoridade sobre os textos que os sujeitos ouviam, é dentro desse poder exercido pelo catolicismo na época que a oferecia a classificação de autoria dos discursos que circulavam na Europa ocidental. Então, a partir desse entendimento, existe uma distinção forte de um “escritor”, ou seja, aquele que escreve alguma coisa, do “autor”, aquele que dá autoridade e identidade a uma obra (Chartier, 1998).

No entanto, Foucault também compreende um texto literário, uma fonte de discursos, como um resultado histórico e social, o que faz o texto adquirir novos sentidos, novas formas de recepção ao longo do tempo e de acordo com a cultura do povo que o lê. A esse aspecto, ele nominou “morte do autor”, em que é possível perceber como a autonomia do sujeito ultrapassa a ideia de que o sentido de um texto é único, estático, pelo contrário, segundo Foucault (2006), o texto tem tamanha multiplicidade de significados, que estes mesmos ultrapassam a expectativa inicial do autor, daí a ideia de “morte”, no sentido figurado, do autor originário. A ideia não era afirmar que a autoria deixou de exercer influência, até porque seria o mesmo que dizer que o texto lido não tem mais papel na construção interpretativa, mas dizer que o contexto externo ao texto, assim como a construção interdiscursiva, também vai participar do processo, e assim afetar na maneira como um sujeito vai receber o texto. Foucault foi o primeiro, dentro dessa perspectiva de literatura e leitura, a falar sobre apropriação como uma prática resultado de relações de poderes, no qual aquele que mais o detém poder afeta, manipula e exerce controle na produção de significados aqueles que não possuem poder ou o possuem em uma quantidade inferior. Ricoeur (1989, p. 123), em uma ideia que parece ir ao encontro dos argumentos de Foucault, fala que

Para começar, a apropriação está dialecticamente ligada à distanciação característica da escrita. Esta não é abolida pela apropriação; pelo contrário,

ela é a sua contrapartida. Graças à distanciação pela escrita, a apropriação já não tem nenhuma das características da afinidade afectiva com a intenção de um autor. A apropriação é exactamente o contrário da contemporaneidade e da congenialidade; ela é compreensão pela distância, compreensão à distância. Em seguida, a apropriação está dialecticamente ligada à objectivação característica da obra; ela passa por todas as objectivações estruturais do texto; exactamente na medida em que não responde ao autor, ela responde ao sentido; é talvez a este nível que a mediação operada pelo texto se deixa compreender melhor.

Ou seja, a apropriação, como pertencente ao campo de produção de sentidos, está ligada primordialmente ao sujeito e sua subjetividade, o que afasta as pretensões interpretativas do autor dentro do texto. Dentro da CI, “apropriar-se” de uma informação pode ser entendida como adaptação, assimilação, incorporação, interiorização e, ainda, transmissão dos significados presentes em um texto (Batista, 2018), uma maneira entender o texto lido e criar sua própria impressão pessoal acerca dele.

Sá e Paula (2020) denominam apropriação como um processo de entender o mundo, através da prática social do ato de ler, ao imergir nos símbolos e signos apresentados no suporte informacional, sendo, então, possível, a partir daí, criar novas aprendizagens, desfrutar de novas experiências e reformular ideias sobre si mesmo e o mundo que o circunda. Em uma perspectiva parecida, Batista (2018) relaciona a apropriação com a subjetivação do sujeito, ou seja, quando o leitor lê gera um processo que culmina em “[...] uma percepção de si que o permite estruturar o meio social em que vive e ser estruturado por ele, num processo que pode resultar em alienação, em resistência ou em adequação” (Batista, 2018, p. 215). Em outras palavras, é dizer que o leitor, ao compreender o texto lido, pode concordar com ele e por isso vai ocorrer um ajuste, uma adaptação, ou seja, o leitor vai fazer relações do texto com experiências anteriores e assim criar uma espécie de “conceito” próprio sobre o texto apropriado; em relação a resistência, vai em um caminho contrário, o leitor compreende o que foi lido, mas não concorda ou não acredita nele, não se adequa a sua personalidade, posição política ou religiosa, enfim, não se adequa aos gostos e crenças pessoais do sujeito; já a alienação está mais ligada a uma compreensão que deixou de perceber a intencionalidade real do autor, que se distancia do caminho de sentidos oferecido pelo texto.

Embora a autonomia do sujeito seja fundamental no processo de produção de significados, estes também são, em parte, o desvendar do que a obra se propões a ser, do que ela está disposta a revelar, a partir disso, compreensão é

[...] compreender-se diante do texto. Não impor ao texto a sua própria capacidade finita de compreender, mas expor-se ao texto e receber dele um si mais vasto que seria a proposta da existência, respondendo da maneira mais apropriada à proposta do mundo. A compreensão é, então, exactamente o

contrário de uma constituição de que o sujeito teria a chave. Seria, nesta perspectiva, mais justo dizer que o si é constituído pela «coisa» do texto (Ricoeur, 1989, p. 124)

Como dito por Iser (1996), sempre vai haver uma relação de equilíbrio entre a influência do texto sobre o sujeito, e do sujeito sobre o texto. Então, quando se trata da apropriação voltada para a literatura, por meio da proximidade maior o leitor costuma ter por causa do vínculo afetivo que a arte estimula nele, Borges (2016) menciona como essa relação texto-leitor contribui para um processo interpretativo mais profundo, o que também ajuda a informação a ser apropriada com mais qualidade. A autora continua sua linha argumentativa, observando a necessidade de outros elementos que contribuem para que a assimilação seja mais efetiva; e os principais fatores levantados estão no “mundo extratextual”, no ambiente que circunda a produção do texto e do consumo feito pelo leitor. Além do contexto social, político, cultural e histórico, os conhecimentos de mundo anteriores que o leitor possui também vai influenciar na profundidade de sua apropriação e no resultado de transformações ocorridas no interior desse sujeito depois da leitura. Em outras palavras, a subjetividade, a vivência de cada leitor, que constrói um perfil único psicológico e cognitivo, vai influenciar em seu nível de interesse por diferentes leituras, e também como elas serão interpretadas e significadas por cada indivíduo. Como não há outra saída, se há leitura, há “apropriação, invenção, produção de significados” (Chartier, 1998, p. 77), Dumont e Espírito Santo (2007) explicam que sua efetivação depende de três fatores fundamentais: contexto, sentido e motivação. Quando perceber como estão se comportando esses fatores em torno de um determinado fenômeno de leitura, também será possível compreender o processo de apropriação de informação dele. Então, antes de tudo, é preciso explicar do que se trata cada um deles, para também saber o que precisa ser observado.

2.3.1 Contexto

Saber o ambiente social, histórico, econômico e cultural que o sujeito se encontra é fundamental para entender como ele vai encarar os textos os quais tem contato. Foi com a percepção da influência do contexto na produção de significados que os estudos de usuários e a leitura da Ciência da Informação perceberam a necessidade de observar também o meio em que o texto foi criado. Isso implica no meio do produtor daquele conteúdo, os meios que interagem com as mediações e formatos da informação, e o meio no qual o sujeito recebe o texto. Assim como dito por Dumont (2001, p. 44):

As implicações do contexto onde se produz uma ação e onde se produz um texto, ou mesmo uma obra de arte, um discurso, uma teoria, enfim, onde e quando qualquer produção ou ação humana se efetiva, devem constituir o

primeiro acesso para interpretar e entender qualquer manifestação de um sujeito, ou de uma coletividade. Na ação da leitura e na formação do autor e de um leitor, existe sempre uma dimensão comunitária que, em princípio, imprime esses valores decorrentes da comunidade.

Ao analisar, por exemplo, o caso do clássico *Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Bronte, que conta a história de amor entre uma senhorita da sociedade e seu irmão de criação cigano, em meio a traições, vingança, adultério e cenas de tortura, é notável que para o século XIX, quando a obra foi publicada, era um grande escândalo tais assuntos serem tratados em um livro de romance; enquanto que no século XXI, para a cultura ocidental, tais termos não sejam mais escandalosos nem dignos de censura, é provável que países do oriente mais rigorosos ainda sejam esses assuntos tabus.

É com o auxílio do contexto que também é possível entender as pretensões do autor e assim facilitar a construção de sentidos diante do texto. Diante disso, outro contexto precisa ser levado em consideração: o do autor da obra. É dentro do entendimento sobre quais fatores contribuíram para o autor durante o ato de criação da história que também influenciará em como o texto é escrito e até mesmo na intencionalidade do autor. O contexto social, econômico, histórico; se está influenciado por alguma escola literária, as características de narração do autor, como o modo que ele descreve as cenas, como desenvolve o aspecto psicológico dos personagens. É importante salientar, diante disso, que o contexto de produção, como o próprio advento da internet e do sucesso de algumas narrativas também vão influenciar autores em formas de veiculação dessas histórias e até mesmo como os enredos serão desenvolvidos.

Quando um leitor também tem essas informações previamente, antes da leitura, isso afetará a maneira como ele absorverá o texto, pois já terá uma ideia, uma perspectiva sobre como a história será desenvolvida, as características narrativas esperadas, até mesmo como a história terminará. Quando o contexto do leitor se afasta do contexto de produção da obra, isso também afetará o modo que ele irá construir os sentidos em torno do texto. Enquanto *Romeu e Julieta* pode parecer uma grande história de amor para um leitor do século XIX, entendendo a forma como a história termina como um grande ato de amor e devoção entre os personagens principais; um leitor do século XXI pode ler essa obra com interpretações diferentes, talvez achando *Romeu e Julieta* jovens demais para amar tão intensamente como diziam, cometendo atos que podem ser vistos como irresponsáveis e dramáticos, entre outras possibilidades que condizem melhor com os anos 2000 em diante. Além do tempo, a cultura de um povo também vai influenciar em como o texto será recebido; se uma cultura mais patriarcal ou matriarcal, se ocidental ou oriental, perspectivas religiosas, éticas e morais, entres outros contextos vão surtir efeito em outro fator da leitura: o sentido.

2.3.2 Sentido

O sentido é a carga de significados que o sujeito construirá em torno da informação imersa em um cruzamento de contextos. Mais comumente associado às interpretações, o sentido também está envolvido com as emoções e os imaginários construídos a partir de uma leitura. Além disso, por ser altamente subjetivo, os sentidos dos textos tendem a ser os mais plurais de todos e sofrem constantes alterações quando o contexto e a motivação da leitura são observados.

O *Poeminho do Contra*, de Mário Quintana, com as frases “Todos esses que aí estão/Atravancando meu caminho,/Eles passarão.../Eu passarinho”, se destaca pela multiplicidade de sentidos que um sujeito pode alcançar. Um dos sentidos pode ser a posição do eu-lírico diante de forças superiores a ele e sua percepção de pequenez. No entanto, ao entender o contexto da época, quando o poeta tinha grande vontade de entrar para Academia Brasileira de Letras, mas foi diversas vezes recusado, é possível ampliar o sentido desse poema, e percebê-lo também como um ato de revolta do autor, enquanto também como um ato de resiliência, ao notar a palavra “passarinho” não como pequeno diante do mundo, mas como um ser livre, que vai buscar novos horizontes.

Diante desse exemplo, é importante salientar que o sentido possui um caráter muito mais individual, pois se trata do modo singular que o leitor entende a leitura, baseando-se também, e mais importante, em sua experiência pessoal (Dumont, 2002). E por ser um ato subjetivo, o sentido que o leitor levanta de um texto pode estar independente da intencionalidade do autor. Então, voltando ao poema de Mário Quintana: caso um leitor, sabendo ou não o contexto da produção desse texto, queira entendê-lo como um eu-lírico diante de obstáculos que não é capaz de passar enquanto outras pessoas, sim, também será uma interpretação válida, pois tem sua carga de sentido individual.

No clássico da literatura brasileira *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, apresenta-se um protagonista que em boa parte da narrativa está seguro que sua esposa Capitu o traiu com Escobar; mesmo que em nenhum momento há uma prova real do adultério, o protagonista sucumbe ao ciúme, deixando o leitor em dúvida se, diante dos argumentos do personagem, Capitu traiu ou não traiu o seu marido. Embora pareça que a ideia de Assis tenha sido deixar o seu público em eterna dúvida, muitos leitores afirmam ter certeza que Capitu traiu, enquanto outros garantem o contrário. O sentido, a compreensão que esses sujeitos trouxeram para o texto, é resultado das associações feitas entre leitor-texto, com base em suas, também, personalidades, experiências amorosas anteriores, leituras anteriores que tratam de relacionamentos conjugais, entre outros.

Dentro desta pesquisa, esses aspectos terão um maior destaque em comparação com as interpretações textuais que o fenômeno aqui tratado estimule. O intuito é observar como os sujeitos, diante das narrativas, criam sentidos e significados sobre si e sobre o mundo.

2.3.3 Motivação

Em último lugar, mas não menos importante, existe a motivação. Não há leitura sem um "porquê" de ler. Buscar informações, obter um conhecimento específico, cumprir uma atividade didática, por causa do trabalho, para fugir da realidade, para se entreter, para buscar inspirações. Muitas são as razões que podem levar um sujeito à sua leitura. Dumont (2002) nomeia "necessidades primárias" os impulsos mais simples que levam o sujeito ao ato de ler, são eles: fome, sede, desejo sexual, calor, frio, medo, curiosidade, afeição, necessidade de fazer atividades. No entanto, ainda segundo a autora, existem outros fatores de cunho mais social que influenciam no desejo e necessidade de ler: para fazer parte de um grupo, por *status*, para sentir segurança, para ter aprovação de alguém. É certo que a motivação também vai influenciar muito no prazer nessa leitura e, conseqüentemente, na forma de apropriação provenientes dela.

Embora em uma literatura de massa a motivação primordial seja a busca pelo entretenimento, relaxamento, prazer, as características narrativas de cada manifestação literária dentro desse fenômeno vão provocar uma reação mais específica e esperada pelos leitores. Senão, qualquer história de literatura de massa interessaria a todos os leitores desse movimento, igualmente — o que não é o caso. A forma que se conta uma história, o enredo, a maneira de veiculação do texto, a publicidade dessa obra, os testemunhos de experiência de leitura de outras pessoas. Esses fatores e outros também vão exercer influência sobre as motivações específicas dos leitores.

Então, por exemplo, se um sujeito busca um romance mais simples, de vida cotidiana, ele não se interessará por um livro de fantasia, pois este não provocará o entretenimento específico que o sujeito deseja realizar. Outros aspectos físicos, até mesmo o contexto, vão impulsionar motivações específicas. Ou seja, é possível encontrar sujeitos que, depois de longas jornadas de trabalho, prefiram não ler nada que envolva uma história ambientada em um escritório, por exemplo. Ou, em caso de sujeitos sem muito poder de compra, encontre na clandestinidade da internet as leituras que mais lhe interessam, e essa forma de veiculação da história seja uma grande motivação para ele ler o dito texto.

É inviável considerar a efetivação da leitura sem levar esses três aspectos em consideração. Eles se complementam, inter-relacionam-se e influenciam-se constantemente;

sendo, só por meio da observação dos três, um melhor entendimento de todo o fenômeno do leitor diante do texto.

3 A LITERATURA *BOYS' LOVE*

O advento do *boys' love* (“amor de meninos”) — ou BL — surge no início da década de 1970 no Japão a partir de mangás⁸ de gênero *shoujo*⁹. Em um período histórico em que as mulheres estavam cada vez mais presentes no mercado de trabalho, muitas escritoras e artistas também estavam mais presentes nas publicações de quadrinhos japoneses, principalmente aqueles que tinham outras mulheres como público-alvo (Welker, 2006; Kimie; Yukari, 2020). Segundo Martin (2012), essas novas autoras possuem um forte desejo de transformar e até mesmo romper com os enredos heterossexuais clichês e convencionais da época — ambos movimentos eram uma resposta que ia de encontro com perspectiva social de posição de gênero e sexualidade, ou seja, era uma forma de se rebelar diante das exigências sociais sobre o comportamento feminino e masculino da época.

Eram comuns personagens retratadas como a personificação do ideal feminino japonês: moças de pele clara; cílios longos e olhos com um ponto de luz, às vezes em forma de estrela, para demonstrar um olhar brilhante; heroínas frágeis e sofredoras, envolvidas em dramas novelísticos em busca do amor nos braços da representação de um príncipe encantado (Yanaguiya, 2022). Como resposta a esses elementos que ficavam cada vez mais cansativos, novas artistas de *shoujo* começaram a criar personagens femininas diferentes, algumas “travestidas”, com roupas e atitudes mais “masculinizadas”, em aventuras de ação, esporte, ficção-científica — mais comuns no gênero *shounen*, voltado ao público masculino. Em paralelo a esse movimento, ou até mesmo por conta dele, também começaram a surgir dentro do *shoujo* personagens masculinos, alguns andrógenos, que se envolviam em amizade próxima a outros personagens masculinos, em um teor que chegava a remeter um romance (Mustofa, 2022) — o que mais tarde chamariam de *bromance*, um romance implícito, platônico entre amigos.

Welker (2006, p. 847, tradução própria) também cita esse movimento como a fagulha que ajudaria no surgimento posterior do gênero BL:

⁸ O *mangá* moderno, o qual se enquadra nas primeiras manifestações *boys' love* na literatura, surge no contexto pós-Segunda Guerra Mundial com Osamu Tezuka. Trata-se de uma narrativa verbal e ilustrada japonesa, lida da direita para a esquerda cujas cenas são feitas em sequência, lembrando muito cenas cinematográficas, com adaptações de *close-ups*, *long-shots* e *slow-motion*, com representações das cenas mais importantes, em sua maioria em preto e branco e com representações gráficas de sons, também conhecidas como *onomatopeias*. Com personagens de olhos grandes e brilhantes, Osamu se inspirou nas obras de Walt Disney para fazer cenas dramáticas e, com essas técnicas, ele conseguiu provocar mais impacto e envolvimento emocional com os leitores (Corrêa, Gomes, 2012; Chiconelli, 2022).

⁹ Classificação de mangás voltados para o público feminino, de grande publicação e procura por leitores.

Os esguios e belos personagens de mangá *shoujo* com seus grandes olhos brilhantes evoluíram de uma tradição de travestismo e desempenho transgênero, tanto como os personagens são desenhados quanto como representam na página grande parte da ambiguidade sexual que representam. A semente que gerou misticamente o amplo gênero *shoujo*, bem como o subgênero *boys' love*.

Assim, a primeira centelha do BL surgiu com histórias ficcionais românticas heterossexuais que iniciaram, aos poucos, a apresentar personagens do sexo masculino em relacionamentos mais próximos até alcançar as narrativas abertamente homoafetivas. Ainda que os enredos, a partir disso, tenham se conservado com personagens principais masculinos, o caráter ambíguo permaneceu nos enredos, como mostra a imagem seguinte:

Imagem 1 – Cena romântica entre os protagonistas de “Como agarrar esse alfa”



Fonte: Portal Yaoi (2024).

É possível notar como um dos personagens tem características andróginas, como o cabelo, a sua vestimenta — se comparada com a do seu parceiro de cena —, os olhos, as expressões ilustradas, características essas que sofreram influência da tradição de ilustrações femininas, como dito por Yanaguiya (2022), mantendo-se mesmo nesse quadrinho BL sul-coreano mais recente.

Conforme essas histórias começaram a ganhar mais forma e espaço, parecia que a classificação “shoujo” não era suficiente para designá-los. Durante esses movimentos iniciais, criou-se o subgênero que buscava classificar esses enredos românticos entre homens chamado de *shonen-ai*, que significa literalmente “amor de menino” (Martin, 2015; Zsila, Demetrovisc, 2017). O aparecimento desse gênero é comumente associado às artistas Takemiya Keiko e Hagio Moto, conhecidas por suas “ilustrações luxuosas e narrativas complexas [...], seus novos trabalhos foram apreciados por suas qualidades literárias por um público muito além da massa” (Yanaguiya, 2022, p. 140). Os enredos no período costumavam se focar em jovens rapazes no período colegial, em enredos dramáticos que envolviam aspectos psicológicos e tabus, com finais quase sempre trágicos — o único possível para um amor proibido, como era visto o homoafetivo para aquela sociedade. Conforme essas autoras conquistavam a confiança das editoras e conseguiam não apenas publicar suas histórias, mas receber resultados positivos com eles, outras artistas começaram a criar mais histórias dentro desse gênero, rompendo cada vez mais o tradicionalismo do *shoujo* e publicando mais histórias com histórias em panoramas que raramente eram vistas anteriormente.

Quase uma década depois, outro subgênero com foco em romances entre rapazes ganharia bastante notoriedade: o *yaoi*. Enquanto o *shounen-ai* desenvolvia o relacionamento amoroso entre os personagens em um viés mais emocional e dramático, com poucas cenas com toques ou beijos; o segundo ganhou rapidamente destaque por seu aspecto erótico explícito (Olsen, 2022) e a criação de um mundo ficcional mais positivo, em que a homossexualidade é muito melhor recebida.

[...] os *shōnen ai*, como vimos, tendem a enfatizar romances elaborados que contêm imagens mais sugestivas do que sexualmente explícitas, um fio palpável de tensão presente e mantido predominantemente por meio de ferramentas visuais e painéis súbitos carregados de erotismo, que fazem contraste com a explicitude do novo *yaoi*, que por vezes renuncia à coerência do desenvolvimento da trama em favor de usar todas as oportunidades disponíveis para unir os belos personagens masculinos na cama (Yanaguiya, 2022, p. 154).

Proveniente do anacrônico *yama nashi* (sem clímax), *ochi nashi* (sem graça), *imi nashi* (sem sentido), “yaoi”, segundo Prasannam (2019), também era uma gíria japonesa para sexo

anal. Histórias sem muito interesse em desenvolver profundamente seus enredos, esse gênero surgiu de artistas femininas amadoras que começaram a produzir histórias, *spin-offs* com personagens já conhecidos em obras originalmente heterossexuais. Normalmente surgiam do desejo dessas artistas de ver esses personagens se envolvendo romântica e sexualmente. Por isso, às vezes eram apenas ilustrações ou histórias curtas só com as cenas que essas mulheres gostariam de ver (Thorn, 2003). Mas a maioria eram quadrinhos *doujinshi*¹⁰ ou *fanzines*¹¹, que circulavam entre os fãs por meio de autopublicação e convenções de quadrinhos no Japão. Como dito por Yanaguiya (2022, p. 148-149), o *yaoi* ocorria

Através da releitura de personagens já conhecidos pelo público não apenas dos *manga* e *anime*, mas jogos ou até mesmo personas famosas, essas publicações amadoras os colocam em situações novas, sejam elas coerentes ou não com suas histórias de origem ou até mesmo com a personalidade primordial, no intuito de satisfazerem um gosto pessoal e/ ou de um grupo específico [...]. Algumas dessas artistas alcançam altos níveis de popularidade a ponto de colocá-las no mercado profissional [...], que iniciou seus trabalhos com publicações paródicas da obra *Saint Seiya* (*Seinto Seiya*, 『聖闘士星矢』, conhecida no Brasil como Os cavaleiros do zodíaco). Em mão dupla, alguns artistas consagrados optaram por fazer o caminho inverso, devido à maior liberdade de expressão que muitas vezes não é encontrada no setor comercial.

Com grande número de vendas, os mangás *shonen-ai* e *doujinshis yaoi* ganharam cada vez mais espaço do cenário internacional, alcançando primeiramente os países mais próximos graças ao movimento de fãs, à pirataria, a venda amadora de materiais e o advento da internet. Países como Coreia do Sul, China, Taiwan e Tailândia foram os primeiros a ter contato com o gênero japonês, mas por causa de seu conteúdo sexual e homoafetivo, não demorou muito para que fosse considerado obsceno e “desviante moral”, sofrendo severas censuras nesses países (Kwon, 2021; Prasannam, 2019; Torres, 2023), mas por meio de movimentações de fãs e até das artistas desses países conseguiam vincular suas histórias de maneira ilegal, pelo menos até as censuras diminuíssem ou serem retiradas completamente. A partir de então outros países do leste asiático também conheceram o fenômeno que se expandiu de tal maneira até alcançar território europeu e norte-americano, no final da década de 1980 e início da década de 1990.

¹⁰ Histórias em quadrinhos asiáticas feitas por fãs sobre personagens já conhecidos. “Os doujinshi, diferentemente dos mangás, são publicados de maneira independente, em tiragem limitada, e são elaborados por círculos de autores, compostos por aspirantes à carreira profissional em editoras de grande porte. Alguns dos atuais mangakás (autores de mangás) de sucesso começaram sua carreira parodiando outras séries e outros ainda fazem questão de enveredar pelo doujinshi mesmo com o nome consolidado” (Hirata, Gushiken, 2011, p. 09). Mesmo sendo um termo que surge no Japão, ele pode vir associado a obras asiáticas, como um todo, e independentes.

¹¹ As *fanzines* são revistas amadoras produzidas por fãs de um determinado gênero ou história; também podem ser utilizadas como sinônimos de *doujinshi*.

Com esse aumento de consumidores, também não demorou muito para que os mangás fossem adaptados para anime, cinema e peças teatrais, como é o caso de *Thomas no shinzo*, da escritora Moto Hagio.

Imagem 2 – Filme *Thomas, summer of 1999* (1988), adaptação do mangá *Thomas no shinzo* (1975)



Fonte: Welker (2006).

Essa foi a primeira vez que o gênero conquistava espaço fora do mundo dos quadrinhos, e não parou por aí. Cada vez mais era possível ver novos materiais, novas maneiras de representar essas obras ficcionais. Mas foi só na década de 1990, no Japão, que o termo “*boys’ love*” apareceu de fato em comerciais de divulgação de mangás e *light novels* com foco em relacionamentos masculinos (Olsen, 2022), como forma de classificação para toda obra de consumo (histórias em quadrinho, animes¹², romances de ficção séries para tv, entre outros) que retratam o desenvolvimento romântico, explicitamente sexual ou não, entre dois personagens masculinos. A necessidade de englobar todos os formatos de contação dessas histórias específicas também foi uma resposta ao número de novos formatos de textos que surgiam para o consumo. Como classificado pela pesquisadora especialista em mangás e sua cultura em solo japonês, Fujimoto Yukari, e sua colaboradora Kimie:

O boys’ love é um gênero de ficção voltado para o público feminino que trata de relações amorosas entre homens. Originalmente reservado à literatura — mangá e *novels* —, hoje em dia está presente também em conteúdos audiovisuais como séries de televisão, anime e videogames. (Yukari; Kimie, 2020, local. 1, tradução própria).

Além disso, foi pelo fato de ter surgido em ambiente publicitário que facilitou a expansão rápida da nova nomenclatura, fazendo com que até hoje todo o leste asiático

¹² Animação japoneses, normalmente adaptações de mangás.

reconheça o gênero *boys' love* como a nomenclatura guarda-chuva que abrange os outros subgêneros, enquanto no ocidente esse papel ainda é representado pelo “yaoi”, mesmo em histórias que não possuem sexo explícito (Olsen, 2022).

Em termos de números de leituras no Japão, Chiconelli (2022, p. 13-14) traz as seguintes informações:

Em 1998 histórias da categoria BL já estavam presentes em nove 14 revistas literárias, vinte revistas focadas em *comics* e tinha aproximadamente trinta novos títulos em grandes livrarias. Nessa época (1998), o gênero teve uma média de 500.000 leitores e uma década depois (2008), esse número dobrou e foi ajustado para 1 milhão de leitores. Em 2003 foi estimado que 3,8% das revistas de mangás semanais do Japão tinham por base histórias contidas no gênero BL e o rendimento anual deste mercado foi estimado em 120 milhões de dólares, naquele ano.

É claro que o grande sucesso desses quadrinhos japoneses influenciou autores de países da mesma região, que logo tiveram inspiração para criar suas próprias histórias BL. Tem-se como grande destaque com os *manhuas*, *manhwas* e *graphic novels*. Também cabe destaque às *webnovels*¹³ e *novels* que iniciaram sua jornada no final dos anos de 1990 (Welker, 2006) e obtendo maior notoriedade no final da primeira década dos anos 2000. Mustofa (2022) associa várias características narrativas entre HQs e *novels* do gênero, sustentando a única diferença entre ambas as estratégias comunicativas. Enquanto a primeira se vale dos desenhos em quadros, atraindo a atenção visual dos leitores para os detalhes ilustrativos, com falas mais curtas e pouca descrição de ambiente; a segunda se vale de uma apresentação profunda através da narração em prosa, sem ilustração, que tem como característica o aprofundamento em descrições de cenas, sentimentos e histórias dos personagens, exigindo uma atenção e um tempo maior de leitura.

Se for olhar por uma perspectiva geral de gêneros literários, o BL pode se encaixar em romance contemporâneo, fantasia, suspense, terror etc., conforme o desenvolvimento de seus personagens, tendo a única “exigência” de desenvolver a relação afetiva entre dois personagens masculinos. O livro brasileiro *O Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, por exemplo, considerado o primeiro romance gay da literatura nacional, poderia ser classificado atualmente como BL, no entanto, por toda história de desenvolvimento do gênero *boys' love* em território asiático, é comum associar o termo (sua história, seus principais marcos, suas grandes realizações) a conteúdos feitos por países como Japão, Coreia do Sul, China, Tailândia, Filipinas e demais países do leste asiático.

¹³ Romances independentes publicados na internet.

Ainda que pareçam distantes, não só geograficamente, mas culturalmente, é interessante como a procura por essa literatura cresceu exponencialmente no Brasil e no mundo nas últimas décadas. Enquanto tradição de histórias em quadrinho BL em solo nacional, observou-se em torno de 25 histórias publicadas até o ano de 2022 (Blyme yaoi, 2022), é na clandestinidade da internet que há o maior número de edições — e também o maior número de leituras — traduzidas informalmente por fãs e disponibilizadas em sites gratuitos com publicidade.

3.1 As características narrativas nos quadrinhos e nas *novels*

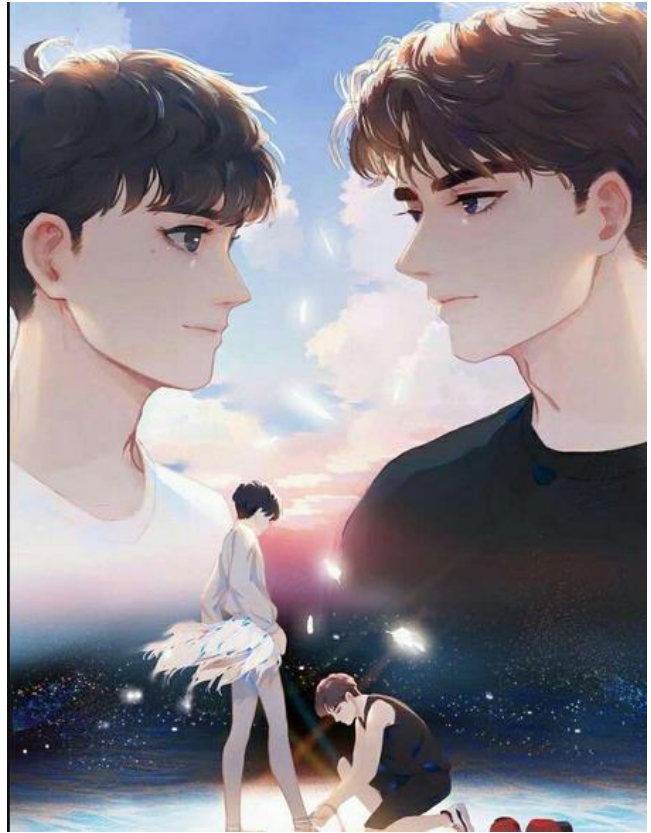
As primeiras histórias BL foram feitas por mulheres heterossexuais para outras mulheres heterossexuais, seja para romper com o tradicionalismo da época ou para dar vida aos seus desejos mais íntimos. Mas por ter um perfil de criação e consumo — pelo menos no início do movimento — tão específico, algumas características narrativas começaram a se desenvolver e representar o gênero. O primeiro, como já citado, é o androginismo nos personagens principais, muitos com influência de traços femininos ou dentro de uma tradição de *bishounen*, ou seja, rapazes bonitos (Welker, 2006; Zsila, Demetrovisc, 2017). O intuito é ilustrar ou descrever o ideal físico dos personagens, conforme seus objetivos narrativos.

Imagem 3 – Personagem Jaekyung
do *yaoi Jinx*



Fonte: Portal Yaoi (2024)

Imagem 4 – Capa do *shounen-ai*
Dias de Juventude



Fonte: Portal Yaoi (2024)

Em *Jinx*, Jaekyung é um lutador profissional que acaba se envolvendo com o seu fisioterapeuta, Dan; na história, ele é colocado como um suprasumo do que seria a representação de um homem: musculoso, rico, poderoso, forte — e com o traço de personalidade violenta que o faz se tornar bastante controverso, principalmente quando trata com violência o seu par amoroso em cenas eróticas. Já em *Dias de Juventude*, a história de um jovem apaixonado por balé, Jian Sheng, e outro, lutador de boxe, Bai Jinyi, amigos desde crianças. O enredo vai trazer o desenvolvimento da amizade desses dois personagens até ambos perceberem o amor romântico que nutrem um pelo outro, enquanto enfrentam os obstáculos para alcançar os seus sonhos. Os personagens são apresentados no *manhua* possuem traços mais suaves, em que os seus rostos são mais evidentes do que seus corpos. Passam uma impressão de delicadeza e passividade, comuns em histórias como esse *shounen-ai*, quando o desenvolvimento mais demorado e a forma como é abordado o amor entre os personagens explora outros elementos, além do toque físico.

Se for possível comparar os lutadores Jaekyung, de *Jinx*, e Bai Jinyi, de *Dias de Juventude*, desde os traços é possível fazer uma projeção da maneira que as duas histórias vão

trazer esses personagens. Enquanto em *Jinx* o lutador é um homem musculoso, bruto e violento, em *Dias de Juventude* Bai Jinyi, apesar de ser retratado como um rapaz sério e frio, a forma como ele lida com seu par romântico é protetora, carinhosa, e a sua força não é tão representada pela forma de seu corpo.

Outro aspecto comum em quadrinhos asiáticos são cenas com *chibi*. Vindo da tradição de mangás do Japão, é um recurso visual em que os traços são deformados para gerar um efeito cômico e/ou emocional; aliada a tradição *bishounen*, os *chibis* em quadrinhos BL favorecem com que os leitores achem os personagens mais fofos e bonitos, e isso também facilita a aproximação do leitor com o personagem. Na imagem a seguir temos novamente *Jinx*, agora em uma cena com *chibi* em que vemos o antes temido Jaekyung em sua versão mais divertida e nada amedrontadora. Essas versões mais fofas “fofas” também favorecem que os leitores criem vínculos com os personagens.

Imagem 5 – Jaekyung e Dan em suas versões *chibi*



Fonte: Portal Yaoi (2024)

Quando se trata das *novels* esses recursos visuais são mais difíceis de conseguir. Normalmente, as publicações se valem de capas com ilustrações ou descrições físicas dos personagens, como é o caso das imagens abaixo:

Imagem 6 – Capa do volume 4 da *novel Mo Dao Zu Shi*

Fonte: New Pop (2024)

Imagem 7 – Narração da aparência de um dos protagonistas da *novel Sugar Rain*

Depois de chamar a sua atenção, o homem se virou com uma cara de surpresa, Johann também ficou um pouco surpreso. Era porque o homem era tão alto e bonito. Mesmo em cima de um cavalo, dá pra ver o quão alto ele era, com cabelos platinados brilhantes e um rosto escultural brilhando como um príncipe que estava indo salvar a princesa. Será que é assim que parece com um príncipe no mundo de hoje? Se ao menos ele estivesse em um cavalo branco, Johann poderia tê-lo encarado de uma forma que não poderia ser real.

Johann estava se perguntando. Com uma aparência tão brilhante, ele poderia virar uma estrela de cinema em qualquer lugar, mas o homem rapidamente mudou sua expressão de surpresa e depois franziu a testa com olhos arrogantes. A expressão de desgosto em seu rosto esculpido lhe cai tão bem, embora tenha sido tratado com desgosto.

Fonte: BL Novels (2024)

Mesmo que o *chibi* não seja possível — a não ser em *fanarts* ou imagens publicadas posteriormente pelos autores —, ainda é possível notar como a beleza “perfeita”, seja em uma versão mais forte e musculosa ou mais delicada e gentil, mostra-se constante nas narrativas BL; segundo Mustofa (2022), não apenas a aparência física, mas a idade e a maturidade, pois as autoras heterossexuais acreditam que essas características pesam mais quando se trata de uma relação homossexual. As narrativas *boys’ love* em sua maioria vão seguir essa mesma lógica: o

a perspectiva hétero de uma mulher sobre como ela acredita que seja ou deva ser uma relação entre dois homens. A partir daí, vão surgir alguns estereótipos.

Welker (2006) afirma que o gênero sempre apresenta os protagonistas principais divididos em duas posições bem definidas: *seme* e *uke*. “O *seme* tende a ser mais velho, mais alto e mais masculino (ou menos andrógino)” (Prasannam, 2019, p. 65, tradução própria), e, em caráter sexual, sempre possui um pênis maior — em muitos casos, proporções enormes — e em posição ativa; enquanto o *uke* tende a ser mais baixo, mais fraco e com traços mais delicados (Kwon, 2021), ele sempre se comporta como o passivo da relação. A imagem a seguir vai representar visualmente como essa diferença pode ser encontrada nos quadrinhos BL:

Imagem 8 – Interação entre personagem *seme* e *uke* no yaoi “Mecanismo de defesa”



Fonte: Site Ler Yaoi (2023).

Nas *novels* isso pode ser mais sutil. Normalmente a única característica física que prevalece é a diferença de altura entre os dois personagens. Em algumas histórias é possível ver o *seme* e outros personagens tratando o *uke* como uma mulher. A seguir, é possível ver um trecho em que o namorado se refere a outro como esposa:

Imagem 9 – Trecho traduzido por fã da *novel Love By Chance*

_Provavelmente ... -Ae acena com a cabeça. Estava além de suas expectativas acabar dormindo na casa do namorado ...

Não

Correção ... É mais como a casa de sua esposa.

E de todas as pessoas, a mesma pessoa que pediu para ele ficar é a sogra!

Você pode acreditar nisso?

Se ele tivesse vindo como um amigo em comum, Ae não hesitaria em dormir no mesmo quarto com Pete, mas não quando sua mente estava tão contaminada pela luxúria, desejo e maldade ...

Então, quando a mãe de Pete fez o convite, ele se assustou não por timidez, mas por culpa. Isso é completamente diferente de ficar no apartamento do seu namorado.

Fonte: Wattpad (2024)

No entanto, outras características e comportamentos diferenciados pela posição *seme* e *uke* nas histórias prevalece. Como personagem mais andrógeno e passivo, o *uke* costuma se comportar como o lado “feminino” da relação, e como tal, assim como no mundo real, ele se apresenta em uma posição de inferioridade e submissão em relação ao *seme*. É a parte mais fragilizada da relação, aquele que comumente sofre com a violência. Segundo Zsila, Demetrovisc (2017) e Mustofa (2022), é comum em narrativas BL cenas de estupro, nas quais o *uke* sempre é o vitimizado, seja pelo seu par romântico ou por outro personagem. Essas cenas de violência buscam remeter a um amor obcecado, excessivo, muitas vezes em uma reformulação positiva de tal ação.

O *seme* estupra o *uke* em sua primeira relação sexual, que se inicia com a resistência do personagem submisso. No entanto, o *seme* não pode suprimir as emoções avassaladoras que ele tem por seu parceiro, que foram ocultadas até aquele momento. O *uke* finalmente aceita sua devoção e expressa sua aprovação, o que leva à satisfação de ambos os parceiros. A partir daí um profundo vínculo afetivo começa a se formar entre os protagonistas, o que pode ser contraditório tendo em vista que o *uke* foi estupro pelo *seme* anteriormente, mas esse estupro é positivamente ressignificado nas histórias BL, e indica o início de uma um relacionamento apaixonado (Zsila, Demetrovisc, 2017, p. 4, tradução própria).

É importante mencionar que essas características mais controversas surgiram sobre violência surgiram dentro do *yaoi*, onde relações sexuais explícitas são retratadas. Thorn (2003) menciona como o caráter independente das primeiras artistas desse subgênero influenciou no

surgimento dessas características, muitas vezes fetichizadas. A autopublicação é um meio barato e livre de restrições editoriais para as mulheres se expressarem, principalmente no viés sexual, quando sociedades patriarcais — como é o caso do Japão — as inibem constantemente. Assim, é comum nessas histórias enredos considerados *tabus*, como incesto, sadomasoquismo, violência psicológica, prostituição, doenças terminais etc.; também se fazendo valer da criação de um mundo ficcional utópico é possível ler algumas irrealidades e mentiras sobre os aspectos sexuais homossexuais como a presença de lubrificação anal, personagens tendo relações diversas vezes seguidas tranquilamente.

A seguir, um trecho da *novel Love Syndrome*, em que muitas cenas de violência são retratadas. Na história, Day busca vingança por uma violência sexual sofrida por seu irmão mais novo, Night; para isso, ele se aproxima de Itt, quem deu a ideia ao agressor de Night. Como castigo, Day sequestra Itt e abusa dele, em um desenrolar que fará com que Itt acabe se apaixonando por seu sequestrador, namorando e até se casando com ele posteriormente. A cena abaixo acontece dois capítulos de pois da primeira agressão sexual¹⁴:

Imagem 10 – Trecho da *novel Love Syndrome*, livro 1

— Ah... Achou que estava prestes a ser estuprado, é isso? Talvez até gostasse disso, não é verdade? — Day comentou. Itt virou-se para encarar Day, seus olhos exalando raiva. — Mas saiba que, desde que seja meu... não compartilharei com ninguém — acrescentou, fazendo Itt hesitar por um momento.

Itt refletiu sobre as palavras de Day. "*O que isso significa?*" Itt não queria assumir que era propriedade dele, embora soubesse que, enquanto estivessem *juntos*, Day não permitiria que ninguém o tocasse. Mas, ao ouvir suas palavras, Itt virou a cabeça na direção oposta, sentindo um desconforto repentino em seu coração, que começou a bater mais rápido.

— Vire-se — ordenou Day, mas Itt permaneceu sentado, absorto em seus pensamentos sobre o que ele havia dito e não conseguia escutar. — Eu disse para você se virar, por que é tão teimoso?! — exclamou, agarrando o pescoço de Itt e virando-o em sua direção.

Fonte: Wattpad (2024)

¹⁴ Enquanto pesquisadora, pelo teor de algumas cenas presentes em *novels* e em *yaois*, optei por trazer cenas que o teor da violência não seja tão forte e explícito possíveis, mas que ainda representassem as características narrativas descritas.

A história desses dois carrega nas redes sociais algumas centenas de milhares de leituras, o que remete a algumas perguntas. Thorn (2003) já havia perguntado em sua pesquisa no final dos anos 1990 por que mulheres japonesas gostavam tanto de ler BLs com esse tipo de conotação violenta, e uma de suas conclusões mais polêmicas foi dizer que as mulheres — em específico as japonesas, é claro — gostam de ver os homens sendo violentados¹⁵. Em um mundo patriarcal, onde mulheres sofrem todo tipo de violência, seria gratificante para essas leitoras verem um mundo em que os homens também sofrem das mesmas opressões. No entanto, essa conclusão se torna ainda mais interessante e curiosa quando é possível facilmente notar como os únicos violentados são os que ocupam a posição feminina na história e, conseqüentemente, os personagens em que essas leitoras mais facilmente se identificariam e se veriam em suas posições. Seria um pouco como se ver sofrendo a violência, mas em uma subversão que exclui o corpo feminino.

Uma outra manifestação interessante e com características próprias, embora não tão bem definidas, nascida no mundo das *fanfics* de lobisomens é o chamado *omegaverse*, ou omegaverso, em português, baseado na divisão entre ômegas, alfas e betas. As histórias se baseiam na premissa de uma

[...] sociedade biologicamente marcada, em que homens e mulheres desempenham papéis biológicos definidos e esses papéis configuram grande parte (muitas vezes o principal aspecto) de suas vidas. Esses papéis são de alpha, omega e beta. Alphas são dominantes e instintivamente atraídos por omegas, que por sua vez são submissos e atraídos por alphas, enquanto os betas ficam no meio termo disso ou simplesmente são seres humanos comuns. Instinto, hormônios e a própria biologia dos corpos são determinados por esses gêneros/papéis e eles independem do sexo de nascimento, que se metamorfoseia para se adequar ao papel/gênero designado a partir da puberdade. Por essa razão, podem, por exemplo, existir homens e mulheres omega, assim como homens e mulheres alpha ou beta, e todos os arranjos possíveis de combinação de casais sexuais e/ou românticos (Santos, 2023, p. 149).

Esse subgênero se tornou bastante utilizado dentro do *boys' love* justamente por essas características — e tamanho foi seu sucesso que rapidamente não comportou só ambientes independentes e amadores, como também alcançou o mercado editorial, como foi o *OmegaverseProject*, do grupo editorial Poe Backs, responsável por levar ampliar o subgênero ocidental para o mercado japonês, e conseqüentemente para o resto da Ásia (Yanaguiya, 2022).

¹⁵ Thorn (2003) chegou a outras duas motivações de leitura: a primeira pelo simples prazer de ler um romance e a segunda pela possibilidade que as histórias ofereciam para as leitoras sentirem como seria amar um homem, sendo um homem também (pelo menos momentaneamente, durante a leitura), em um mundo em os papéis de gênero são constantemente subvertidos.

Ukes agora são os ômegas e os *sems* incorporam as características dos alfas, e todas as atividades sexuais mais violentas e não consentidas tem uma nova justificativa: a presença de hormônios incontrolláveis que provoca ambos personagens a praticar atos fora de seu controle, normalmente em períodos conhecidos como cio, no caso dos ômegas, e rut, no caso dos alfas. São eventos em que os personagens entram em período fértil e por isso, na maioria das histórias, liberam feromônios capazes de colocar o parceiro fora de si.

Já os ômegas, mesmo mulheres ou homens, são aqueles capazes de engravidar dos alfas; os mais fracos e fragilizados pelos seus hormônios, eles costumam ser acometidos com ciclos de cios, em que possuem um desejo sexual extraordinário, chegando inclusive a provocar os alfas e fazer com que eles também entrem em cio — ou rut, no caso dos alfas — e contribuindo para cenas de sexo delirantes em que normalmente nenhum dos dois personagens está plenamente lúcido; como mostra a cena do *yaoi* “Butler”, em que é possível ver o ômega interagindo com dois alfas distintos; o primeiro, usa de seus feromônios para tentar submeter o ômega, já o segundo sofre com os feromônios do ômega:

Imagem 11 – Reação de feromônios entre ômega e um vilão alfa



Fonte: Portal Yaoi (2024).

Imagem 12 – Reação de feromônios entre ômega e seu parceiro alfa



Fonte: Portal Yaoi (2024).

E quando períodos férteis entre ôegas e alfas se sincronizam e eles têm relações sexuais, o homem ômega pode vir a engravidar. Mas não é só no *omegaverse* que isso acontece, quando as autoras não querem usar esse contexto, basta criar um mundo ficcional em que os homens podem engravidar, sob a classificação “mpreg”, que vem do inglês, *men pregnant*. É possível notar uma representação heteronormativa muito mais forte nesse subgênero no BL, pois os ôegas costumam ser tratados como esposas e mães abertamente, não apenas na tradução como na língua original também. Da mesma forma, enquanto representações femininas nesse universo, os ôegas também são os que mais sofrem de violência doméstica

nessas histórias. Sempre pagando dívidas, vendendo seus corpos, sendo violados, perseguidos, sequestrados e enganados.

Imagem 13 – Cena de violência sexual na novel *Pedido de Divórcio*

"Você me drogou e agora quer me estuprar, sabe que isso vai contra a lei? Há pessoas do Departamento de Direito Penal que vêm ao banquete hoje, seu terceiro irmão também é advogado, se descobrirem, você será expulso mesmo que seja nativo, e poderá até ser enviado para Hellstar."

Yan Qi não estava nada assustado com suas ameaças, e pegou os lábios de Cheng Xu e os chupou suavemente, como se estivesse comendo uma deliciosa sobremesa. Cheng Xu não suportou e tentou guardar a cabeça, mas ainda estava perseguido e continuou a apoiá-la. Yan Qi parecia ter tido o suficiente antes de dizer: "Não tenho medo de tudo isso, não importa para onde você me envie, tudo o que sei é que desejo tanto a você que estou enlouquecendo". Ele olhou para Cheng Xu, sob seus olhos não havia mais um sorriso, mas um sorriso sombrio: "Eu pensei nisso muitas vezes no meu coração, quando você voltar, eu vou te pegar, não vou parar por um momento!" Enquanto ele disse isso, ele se aproximou da parte inferior do corpo de Cheng Xu para tirá-lo da única cueca que cobria seu corpo.

Fonte: Wattpad (2024)

A *novel* chinesa *Pedido de Divórcio* apresenta um casal principal e um secundário, respectivamente Cheng Ji, casado com Lu Tao, e Cheng Xu, em uma relação conturbada com Yan Qi. No primeiro caso, temos a premissa que dá nome à *novel*. Podendo ser classificada como mpreg, fantasia e ficção científica, apresenta-se a história de mundo fictício em que homens e mulheres não só podem engravidar, mas vivem em planetas diferentes conforme seus desejos ou posições sociais — dependendo do planeta em questão —, assim se acompanha a história de Cheng Ji, um *uke* que, com sua fortuna e poder, obriga o almirante Lu Tao a se casar com ele, o que resulta em um casamento infeliz. Cansado do desprezo do marido, ele decide pedir o divórcio, no entanto, quando estava prestes a concluir o pedido, descobre que o marido sofreu um acidente em uma de suas missões interestelares, onde perde a memória. Com uma nova personalidade, Lu Tao se apaixona instantaneamente por Cheng Ji, e assim começa o desenrolar da história de amor dos dois. Mas quando a memória do marido está prestes a retornar, Cheng Ji decide ir embora, com medo que a antiga personalidade de Lu Tao continue o ignorando como fazia anteriormente, quando, nesse meio tempo, o *uke* descobre sua gravidez.

Já a história secundária é um pouco mais sombria. O irmão mais velho de Chen Ji, chama-se Cheng Xu. Um *seme* que sempre despertou o interesse do filho de um amigo da família, outro *seme*, chamado Yan Qi. A cena da imagem anterior é quando Yan Qi decide violentar Cheng Xu, depois de perceber que ele nunca responderia aos seus sentimentos. Quando nem isso funciona para convencer Xu a ficar com ele, Qi decide arquitetar um plano para acabar com a fortuna e poder da família Cheng e, assim, colocar Xu sob dependência financeira. Sentindo-se culpado pela falência da família e não sabendo das armações de Qi, Xu aceita ser escravo sexual em troca de dinheiro, e, agora sodomizado e submetido, não volta à perspectiva inicial de *seme*. É quando mais cenas de violência sexual, psicológica e financeira acontecem e ele sela, narrativamente, sua posição permanente de *uke*. Um enredo bem diferente do *plot* principal em que amor e sexo consensual e romântico são os principais moldes da história. Também é comum na literatura BL que uma vez que personagens em posição ativa, uma vez sexualmente passivos não retornem à posição ativa, pois a passividade e atividade vão moldar seus papéis e apresentações dentro do enredo (Mustofa, 2022).

Todas essas características que, ora rompem com estigmas de gênero, ora os reforçam e o objetificam corpos de homens homossexuais para responder a expectativas sexuais dos leitores — presumidamente, em sua maioria, mulheres heterossexuais —, faz com que muitos movimentos LGBTs dentro e fora da Ásia critiquem essa manifestação literária veementemente (Kwon, 2021).

[...] embora o gênero mostre casais não heterossexuais, ainda apoiaria a heterocultura na forma da dicotomia do feminino/ masculino. Ademais, esses personagens raramente enfrentam discriminação ou agressão por serem gays, falhando assim em tocar nos problemas sociais reais que esse grupo enfrenta, mostrando uma mera sombra da representação homossexual real. Essa suposição alimenta uma parte importante do discurso de ‘fujoshi como homofóbicas’. O yaoi, ao mostrar relações homoafetivas por si é considerado um ‘espaço queer’, o qual os heterossexuais não deveriam ocupar, sendo, em certo sentido, invasores de fora (Yanaguiya, 2022, p. 191).

Mas a autora segue explicando como esses aspectos no Japão tem suas contradições, visto que o movimento LGBT e o BL sempre estiveram relacionados, tratados como sinônimos, nesse país. A primeira revista gay masculina no Japão, por exemplo, foi o que influenciou as escritoras da década de 1970 a iniciarem o movimento de *shounen-ai*.

Também é possível defender que através do *boys' love* as mulheres podem falar e ler sobre violência, estereótipos, reprodução e demais problemas enfrentados pelo gênero feminino sem de fato utilizar seu corpo para representar todos os obstáculos enfrentados por elas (Santos, 2022); ao mesmo tempo muitas dessas história estigmatizam, estereotipam outros corpos e os

violam também, reformulando uma lógica heterossexual em uma subversão ambígua, que pode ter diferentes apropriações de acordo com a história e o sujeito leitor em questão. Ainda assim, uma história como *Pedido de Divórcio*, por exemplo, onde é possível encontrar tanto o lado mais romântico e consensual, quanto a perspectiva de violência explícita que pode contar uma história BL, só no Wattpad, já conta com mais de 120 mil leituras.

Isso também abre margem para o interesse em saber quais meios os brasileiros, principalmente, estão sendo encontrados para ler essas histórias em língua portuguesa e quais seus principais interesses desde os *yaoi* (quadrinhos BL), mas principalmente as *novels* do gênero.

3.2 Perspectivas de leitura de BL no Brasil: uma análise do perfil de leitores, dos quadrinhos e das *novels* e o consumo de mídias sociais como intermediadores de leitura do gênero

O consumo de cultura asiática no Brasil, segundo Corrêa e Gomes (2012), começa com a chegada dos imigrantes japoneses na primeira década do século XX, e a partir dos seus descendentes — é preciso lembrar que o Brasil é a maior colônia nipônica fora do Japão — a circulação de literatura dessa cultura se tornou cada vez maior, principalmente no que se refere a leitura de *mangás*. Desde a década de 1960, com novas formas de mídia, esse consumo só cresceu, assim como sua visibilidade fora da comunidade de descendentes japoneses. Carlos (2010) cita que o primeiro *live-action* a ser exibido em terras tupiniquins foi o *National Kids*, em 1967; no mesmo período também eram exibidos animes e filmes japoneses em TV aberta. Menos de 30 anos depois, já haviam revistas exclusivas para publicação de mangás no país. A partir dos anos 2000, tem-se uma nova forma de comunicação em massa que revolucionou tudo à sua volta: a internet. Com as novas possibilidades proporcionadas por ela, o consumo de produções provenientes da cultura asiática cresceu ainda mais.

Com o acesso crescente da internet, muitos brasileiros puderam ter contato a materiais que não eram lançados no país ao baixarem ou verem *online* filmes, seriados e mangás. Surgem práticas como o *fansubbing*, tradução e legendagem de audiovisuais, e *scanlation*, tradução e edição de mangás. O próprio fã começa a buscar os títulos que deseja, na quantidade que quiser (Aragão, p. 3, 2016).

As histórias ficcionais *boys' love* também foram afetadas por isso. Yanaguiya (2022, p. 155) fala algo muito parecido com a citação anterior:



[...] o crescimento da internet proporcionou a expansão da comunidade [BL], bem como a criação de um novo mercado através do qual eventos e projetos online passaram a ser comissionados e, mesmo quando traduções eram (e ainda o são) distribuídas sem o conhecimento do autor original, essa ação

acaba por retornar a ele devido ao interesse que as *scanlation* despertam em novos leitores que antes não tinham outro meio de ter conhecimento da obra.

Assim, percebe-se como o mundo digital proporcionou um acesso que antes as fronteiras geográficas e o mercado editorial não facilitavam. Atualmente, por exemplo, é possível acessar um site turco e, a partir da ferramenta de tradução automática do Google, ter acesso a todas as informações contidas ali no idioma selecionado pelo sujeito. No caso de *yaoi* e algumas *novels* essas traduções automáticas não são possíveis, é quando mais uma vez o movimento de fãs contribui para que o gênero não apenas resista, mas chegue a novas pessoas. Esses fãs promovem traduções amadoras e não licenciadas de histórias, as chamadas *scans* (ou *scanlations*), como já foram citadas, e as publicam na internet. É claro que o trabalho de tradução não é uma tarefa simples e quando se trata de tradução de quadrinhos, não são apenas as falas dentro dos balões que precisam de tratamento. Aragão (2016, p. 79) menciona que “na maioria das vezes, as *scanlations* são feitas por um grupo de pessoas que se divide em funções como em uma editora: tradutores, revisores e editores, com direito a créditos e reconhecimento por parte dos leitores”, tudo bem dividido e trabalhado, de forma voluntária, para ser publicado para outros fãs.

As escolhas pelas histórias a serem traduzidas podem ser em decorrência de muitos fatores: obras que fazem sucesso em território asiático ou em língua inglesa; obras que possuem outro tipo de adaptação que tenha alcançado algum nível de visibilidade, como animes, filmes, séries de TV; ou ainda alguma história que tenha agradado por alguma razão totalmente individual e um fã ou um grupo resolveu traduzi-la. De qualquer forma, traduzir obras, em especial *novels*, de países cuja língua tem um sistema muito diferente da língua portuguesa é um processo trabalhoso e que poucos estão realmente preparados para realizar. Por isso, quando não se conhece a língua original ou sua gramática, nem se tem experiência com traduções de textos, é possível que o resultado não seja muito agradável. É por isso que vários *scanlators* (fãs tradutores) preferem traduzir obras que já passaram por tradução anterior, normalmente vindo do inglês ou espanhol. Novamente citando Pedido de Divórcio, tem-se a seguinte nota de tradução na página inicial da obra no Wattpad:

Imagem 14 – Nota de retradução em Pedido de Divórcio

wattpad  Explorar ▾ Comunidade ▾  Pesquisar Escreve ▾

Autor: Yunjian
 Tradução do original para o espanhol pela Yiuns3 ate o capitulo 40
 Tradução do original para o espanhol pela L-KISS do 41 em diante
 Tradução para o portugues por Ingredy Carolyne

Há sete anos, Cheng Jin forçou Lu Tao a casar-se com ele.
 Depois de ser deixada ao frio e enojado após o casamento, e arruinado, ela finalmente decidiu deixá-lo ir.
 No entanto, o marido perdeu subitamente a memória e caiu sobre ele.
 Embora estivesse contente, Cheng Jin foi extremamente doloroso, porque sabia que tinha um "Período Limitado".
 Capítulos: 104.
 Extras: 17.
 Todos os direitos reservados

© (CC) Atrib. NonComm. a obras não derivadas

18 adulto bl boyslove conteudo pedidodedivorcio

Fonte: Wattpad (2024).

É importante mencionar que a língua e a linguagem de um determinado grupo também são um reflexo genuíno da cultura daquele local. Sendo assim, estruturas gramaticais, lexicais e semânticas vão variar de região para região, o que também vai influenciar na tradução. Adicionado a isso, Britto (2012) explica a necessidade que o leitor possui em, ao ler a obra traduzida, obter uma experiência igual àquela dos leitores da obra em língua original. No entanto, termos intraduzíveis, gírias e jargões também são obstáculos que impedem a tradução literal e ainda podem pedir notas explicativas que ajudem o leitor a compreender o sentido original do texto. Em casos de manuais, revistas técnicas, jornais, entre outros textos mais diretos e científicos, as estratégias de metafrase e paráfrase (tradução literal e tradução voltada para o sentido e não as palavras originais usadas, respectivamente) são as mais acertadas para que o leitor tenha uma experiência satisfatória. No entanto, quando se trata de textos literários, cuja característica principal é a forma que os autores constroem cadeias de textos com múltiplos sentidos, de forma a produzir arte por meio da escrita, a tradução literal pode ser mais um empecilho do que um facilitador — e quando essas cadeias construtivas de sentido são provenientes de línguas como mandarim, coreano, japonês, tudo se torna mais complexo. Provavelmente por isso, preferiam retraduições de textos que estejam mais próximos à lógica gramatical da língua portuguesa.

Como já foi aclarado, o leitor do texto traduzido busca em sua leitura uma experiência que gere o máximo de aproximação com as experiências dos leitores da obra original, então, se o texto original é um poema, o leitor do texto traduzido também espera receber um poema —

com a mesma musicalidade, as rimas, as brincadeiras com as palavras, caso haja alguma (Britto 2012). Mas são as metáforas, essas mesmas brincadeiras com palavras, as referências culturais e outros aspectos semelhantes que servem como alicerces da construção artística dos textos, que oferecem resultados nada satisfatórios em uma tradução literal; é então que o tradutor observa a necessidade de certas adaptações.

Imagem 15 – Adaptação em *Punch, Drunk, Love*
Love



Fonte: Portal Yaoi (2024).

Imagem 16 – Versão em inglês de *Punch, Drunk,*



Fonte: Manga Buddy (2024).

No exemplo da imagem anterior, reflete bem como certas adaptações, com intuito de manter a experiência original, são importantes. Na versão original de *Punch, Drunk, Love* o personagem principal começa a cantar uma música infantil em inglês, mas como para leitores brasileiros isso não teria o mesmo efeito, a escolha de tradução foi trocar essa música por uma música da novela infantil *Chiquititas* que fez bastante sucesso com crianças de várias gerações, provocando um vínculo maior com os leitores a partir da lembrança dessa música como algo que realmente pertencia a sua infância. Tentando se aproximar cada vez mais do leitor por meio de uma linguagem que ele não só conheça, mas se identifique, outras escolhas tradutórias podem ocorrer, como é o caso da imagem 17:

Imagem 17 – Cena de adaptação tradutória em *Shellboy*

Fonte: Portal Yaoi (2024).

A tradução de “poc pão com ovo” com certeza não é literal, mas uma tentativa dos *scanlators* de se aproximar tanto do público gay quanto dos jovens, já que é uma expressão empregada tanto na comunidade LGBT quanto nas redes sociais. No entanto, escolhas tradutórias, adaptações de sentido e imitações não são os únicos cuidados necessários para uma tradução satisfatória. É preciso tomar cuidado com a própria gramática da língua nativa desses leitores, afinal a leitura é uma decodificação de códigos gramaticais também. Qualquer falha pode levar a uma leitura com obstáculos e, conseqüentemente, atrapalhar o jogo interpretativo de um texto literário, como citado por Iser (2013), o que também gera um afastamento da intencionalidade do autor original e do sentido final que ele gostaria de alcançar nos leitores.

Imagem 18 – Trecho traduzido por fã da *novel* VegasPete

“Porquê! Se eu quiser jogar agora!!!” ele respondeu pelo microfone.

“Khun, pare de falar no microfone. Se Porsche acordar, ele vai amaldiçoar você.”

3

“Apenas acorde. Deixe cair, droga, hein! Como se funcionasse!!! Ontem à noite, eu ouvi Mmm-ah... Então havia a voz de Kinn suspirando uh... um... ahh. .., estou magoado ao ouvi-los!!!”

10

Engoli minha garganta com dificuldade. Eu não esperava que Khun ouvisse o que Porsche e Khun Kinn estavam fazendo. E Khun disse que os viu em uma série de cenas para ver a foto.

E minha voz ontem à noite, Phol e Arm ouviram ao lado da sala? Droga!

“Já acordado?” Braço que estava de avental e levantando uma panela de arroz saiu da cozinha.

“Mm...” Eu balancei a cabeça por um momento. Sentindo-se paranóico. O que devo fazer se eles ouvirem, onde colocarei meu rosto?

2

“Coma este mingau de arroz para ter força.” Arm gesticulou para mim e terminou de pegar o mingau. Que poder? Para que tenho poder?

“Um.” Fui até a mesa para comer com Khun.

Fonte: Wattpad (2024).

Quando um texto está escrito de forma errada — aqui incluem-se tanto falhas gramaticais quanto falhas tradutórias —, é como se existissem “furos” na leitura. Mesmo que momentaneamente, o leitor é obrigado a parar e tentar fazer a correção do erro encontrado para poder conseguir continuar com sua construção de sentidos. Quando ele não percebe esse erro, a construção tem uma falha.

O intuito desse trabalho, no entanto, não foi estudar a fundo quais falhas, em quais *novels* ou quadrinhos ocorreram e como essas mesmas falhas atrapalharam o processo de formulação de significado pelos sujeitos, mas é importante citá-los para entender como algumas histórias se comportam e como, mesmo com a presença dessas falhas, as apropriações informacionais ocorrem e como elas foram experienciadas durante o processo de leitura.

Não é possível falar da popularização do fenômeno *boys' love* sem mencionar a participação das mídias nesse processo.

Meios como a TV, o cinema e a internet põem em destaque uma diversidade de conteúdos, que podem servir de parâmetros para o público como, por exemplo, o conceito de beleza, o que é bom/mau e assim por diante. Colocando em contato diferentes culturas, ou ainda, locais geograficamente afastados, os meios de comunicação colaboram para, principalmente através do ciberespaço, o conhecimento, trocas e apropriações de indivíduos de nacionalidades diversas (Carlos, 2010, p. 4-5).

Segundo Prasannam (2019) e Yunita (2022), mesmo que os países vizinhos do Japão tenham sido os primeiros a ter contato com o fenômeno e construir um número significativo de fãs, foi através do audiovisual que esse gênero alcançou a verdadeira popularidade. Yunita (2022, p. 48, tradução própria) descreve um exemplo notório disso:

O gênero Boys' Love na Tailândia existe desde 1970, mas não se tornou muito popular até a década de 1990. O gênero começou a crescer quando Love Sick The Series foi ao ar em 2014, que conta a história de um namorado falso que se transforma em amante do mesmo sexo. O grande sucesso de Love Sick The Series é medido pelo número de visualizações no YouTube (3.753.178) e pelo número de seguidores (300.176) na página oficial do Facebook em 9 de outubro de 2019. Com esse sucesso, o cinema tailandês está produzindo cada vez mais séries em o gênero Boys' Love. Além disso, 2gether: a série, que virou tendência no início da pandemia de Covid-19, atraiu cada vez mais a atenção do público por sua história interessante e belos atores.

Essas duas histórias também são adaptações de *novels* de mesmo nome, e com a popularidade da série, é possível prever diversos espectadores descobrindo os romances de ficção correspondentes e iniciando a leitura e a descoberta dessa forma de apresentação das histórias BL.

A pandemia vivida nos anos 2020 e 2021 não afetou somente os países asiáticos, todo o mundo enfrentou mudanças relevantes no cotidiano e no consumo de produtos e serviços. Segundo o jornal O Povo (Marques, 2021), durante a pandemia o Brasil era o terceiro do mundo a assistir doramas — nome dado às séries sul-coreanas, mas algumas vezes também é utilizado como sinônimo para qualquer série do leste asiático. Segundo o jornal, os principais fatores que levaram o brasileiro a consumir tanto essas séries são o amplo acesso à internet; o aumento e disponibilidade de séries do gênero em *streamings* disponíveis no Brasil; a diferença cultural presente entre Brasil e Coreia do Sul, o que gera curiosidade em espectadores nacionais; e a natureza clichê e romântica das histórias.

Embora, quando se fala de dorama, normalmente se refira a séries heterossexuais, a KoreaIn (Ávila, 2022) e a Revista Quem (2023) atestam que o consumo de séries BL, especificamente, cresceram 125% no Brasil durante a pandemia de covid-19. O *streaming* de séries asiáticas Rakuten Viki apresenta várias opções de dramas *boys' love*, entre filmes e séries, com significativas visualizações; no Brasil, os mais assistidos são *TharnType* (2019) e

TharnType 2: 7 anos de amor (2021), *Love By Chance* (2018), todos baseados em *novels* da escritora e produtora MAME; *Why R U?* (2020), série tailandesa também baseada em um romance de ficção da autora conhecida como CandyOn; *Until We Meet Again* (2021), série adaptada da *novel* de mesmo nome da escritora LazySheep; *Erro Semântico* (2022), drama sul-coreano baseado nos quadrinhos e na *novel* da escritora Jeo Soo Ri; *Lábios Irresistíveis* (2022), websérie original sul-coreana; *Cherry Blossoms After Winter* (2022), baseado em uma série de quadrinhos sul-coreanos de mesmo nome da criadora Bamwoo; *Kieta Hatsukoi* (2021), baseado em uma série de mangás da escritora Wataru Hinekure e da ilustradora Aruko; e *Oxygen* (2020), baseado na também *novel* tailandesa, da escritora Chesshire.

Antes das redes sociais e *streamings*, o acesso na internet de *boys' love* era mais restrito e difícil, com *links* dos conteúdos sendo divulgados somente em grupos e fóruns da comunidade de fãs (Yunita, 2022); contudo, com o surgimento do Facebook, Instagram e TikTok — mais o tempo oferecido pela quarentena de covid-19 —, a divulgação de conteúdo BL em formato de vídeos, imagens e comentários ajudou o gênero a ganhar mais notoriedade e os chamados “blzeiros”, como também são conhecidos os fãs, aumentaram em número e participação na rede.

Assim, seu perfil de consumo — e mais especificamente, como é de maior interesse para essa dissertação, o perfil de leitura — vai ganhar maior variedade; ainda que o *boys' love* tenha surgido para agradar leitoras heterossexuais, será essa característica de leitura continua a mesma? Em um estudo recente feito por Pereira (2018) sobre os leitores brasileiros de *yaoi* (mangás, fanfics, fanzines e visualizações de animes e fanarts¹⁶ do gênero), conseguiu descrever um pouco sobre o perfil de leitura nacional. Com um questionário realizado com mais de 300 sujeitos, foi possível perceber que a maioria dos leitores (76%) ainda é do gênero feminino, embora, diferente do que se esperava, apenas 26% dos respondentes eram heterossexuais — como demonstra a imagem a seguir —, diferente dos resultados de uma pesquisa realizada por Pagliassotti (2008), com um número parecido de respondentes, sobre a leitura de BL no Ocidente, quando estudou leitores dos Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Canadá, Reino Unido e Itália.

¹⁶ Ilustrações feitas por fãs.

Imagem 19 – Orientação sexual de leitores de *yaoi* no Brasil

Fonte: Pereira (2018)

O estudo de Pagliassotti revelou que, enquanto 47% dos cidadãos de países de língua inglesa declararam ser heterossexuais, na Itália esse número subiu para 62%, em relação às mulheres, eram mais de 80% dos leitores da época; demonstrando que, pelo menos no final da década de 2000, boa parte dos leitores ocidentais de países desenvolvidos ainda era, sim, mulher e hétero. Mas é possível afirmar que, novamente, com o aumento do acesso às redes sociais, aliado ao crescimento das discussões sobre os direitos de pessoas LGBTs, que também contribuiu para que muitos declarassem sua verdadeira sexualidade sem medo de represálias, pode ter influenciado na diferença encontrada por Pereira dez anos depois de Pagliassotti.

Ambas as pesquisas também revelam que os leitores do gênero são jovens — em sua maioria entre 13 e 20 anos —, e segundo Pagliassotti (2008), pelo menos 15% dos leitores vindos de países de língua inglesa tiveram o primeiro contato com a leitura do gênero entre 10 e 14 anos, e 46% entre os 15 e 19, em meio a adolescência e despertar sexual. Esses resultados podem justificar o motivo de leitores de BL serem normalmente associados a meninas jovens, “com tesão”. A imagem a seguir é uma das trazidas por Pereira (2018) para demonstrar com as fujoshis são representadas: pessoas que só pensam em sexo entre homens, que se excitam com isso.

Imagem 20: Ilustração sobre uma fã de *boys' love*



Fonte: Pereira (2018)

E por conta desses estereótipos, muitos também têm receios, até vergonha, de revelar que leem histórias do gênero, além do fato de ler conteúdos homoafetivos ainda ser tabu ou considerado moralmente inadequado por muitas pessoas, leva muitos leitores a se censurar mesmo quando falam em público sobre o assunto com um grupo de amigos (Pereira, 2018; Yunita, 2022).

Embora o estudo de Pereira não se estenda a leitores de *novels* BL, é possível fazer paralelos entre as duas formas de conteúdo e a ideia de que muitos leitores de *yaois* também leem ou já leram algum romance de ficção do gênero, endossam a percepção de que muitos dos resultados obtidos no estudo também podem representar o público das *novels*.

Não é possível, no entanto, afirmar que o mesmo perfil se enquadra nos leitores brasileiros de *novels*, já que nenhum estudo sobre isso foi publicado no Brasil até então — abril de 2024 —, mas é possível levantar a hipótese de que, como se tratam de histórias com características narrativas semelhantes, os leitores de *novels* BL e *yaoi* (histórias em quadrinhos do gênero) não possuem um perfil tão diferente. Mas é justamente essa falta de estudos voltado para o público das *novels* que mais uma vez a relevância deste estudo parece florescer; para

tanto, na seção subsequente apresentam-se os caminhos metodológicos pretendidos por esta pesquisadora, para alcançar as respostas às perguntas levantadas neste projeto de pesquisa.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

É notável a importância da pesquisa para o desenvolvimento da ciência. A partir dela, é possível desenvolver novas teorias, refutar e modificar pensamentos anteriores, amadurecer a forma como o ser humano observa e entende o mundo e a si mesmo. Dentro das Ciências Sociais, é por meio da pesquisa científica que surge a possibilidade de observar, aprender e compreender melhor o **comportamento humano** em meio à **sociedade** (Gil, 2012, grifo nosso).

Partindo das perspectivas de estudos voltados para os sujeitos informacionais — ou leitores, como são mais comumente nomeados neste trabalho —, esta pesquisa se encaixa na abordagem interacionista de pesquisa sobre os sujeitos, característica do paradigma social de estudos da Ciência da Informação (Capurro, 2003; Araújo, 2012), mais especificamente do ponto de vista da leitura e da apropriação consequente dela.

Sendo assim, tendo em vista o objetivo geral desta pesquisa ser desvendar os interesses dos leitores pela literatura *boys' love* e sua associação com o processo que culmina na produção de novos conhecimentos, levou-se em consideração as orientações de observação e técnicas de pesquisa oferecidas pelo método fenomenológico.

A Fenomenologia é uma corrente filosófica que busca estudar os fenômenos conforme eles se manifestam na consciência humana para, assim, compreender aspectos da realidade conforme ela é experimentada. A história dessa corrente começa com Edmund Husserl, um matemático alemão, nascido em Prossnitz — atualmente República Tcheca. Em 1884, após obter seu doutorado em matemática, Husserl formou-se em Filosofia, na Universidade de Viena, onde teve aulas com o psicólogo e filósofo Brentano, que exerceu grande influência no desenvolvimento intelectual de Husserl nesse período. Foi a partir das ideias do psicólogo sobre mente e consciência como “fenômenos mentais”, diferenciados pela “*in*-existência intencional” dos objetos relacionados a elas (Cerbone, 2012), que Husserl criou as primeiras ideias para embasar a sua própria teoria: uma disciplina pura, não empírica e neutra, livre de “pressuposições”, então capaz perceber a verdade, a essência das coisas; a isso, chamou de Fenomenologia.

O êxito do método científico está em que ele pode estabelecer uma “verdade provisória” útil, que será verdade até que um fato novo mostre uma outra realidade. Para evitar que a verdade filosófica também fosse provisória, a solução, para Husserl, é que ela deveria referir-se às coisas como se apresentam na experiência de consciência, estudadas em suas essências, em seus verdadeiros significados, de um modo livre de teorias e pressuposições, despidas de seus acidentes próprios do mundo real, do mundo empírico objeto da ciência (Cobra, 2005, local. 1)

Em seu livro “Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica”, publicado originalmente em 1913, Husserl afirma que “[...] o mundo é um conjunto completo dos objetos da experiência possível e do conhecimento possível da experiência [...]” (Husserl, 2006, p. 34), ou seja, o conhecimento sensível sempre está acompanhado do conhecimento inteligível. Embora a experiência seja um importante pilar para o entendimento dos fenômenos — aquilo que se manifesta na consciência —, o autor foi um grande crítico do empirismo do século XX, pois este se firma na experimentação sensorial, na experiência imediata. Isso gera singularidades, mas é incapaz de trazer à ciência generalidades, um conceito universal capaz de demonstrar a verdadeira realidade (Husserl, 2006; Lyotard, 1954). Uma situação simplista que pode explicar isso seria pedir a um sujeito que imagine um objeto circular. Ele pode vir a imaginar um anel, uma moeda, um desenho no formato o qual ele já tenha feito ou visto anteriormente — experiências sensoriais e singulares de sua vivência anterior —; a Fenomenologia, por sua vez, acredita que esses pressupostos precisam ser momentaneamente ignorados para se encontrar a verdadeira essência do objeto manifestado na consciência. Nesse caso, a essência desse objeto seria uma forma bi ou tridimensional de curva contínua, sem lados ou vértices.

Para Husserl (2006), quando um sujeito “se dar conta” (*noesis*) de um objeto (*noema*), ele tem duas intuições: a empírica, própria do indivíduo e de sua percepção sensorial; e a eidética, pela qual a essência do objeto é dada. Ainda é importante mencionar que o autor diferencia percepção de intuição; um sujeito pode perceber um objeto e mesmo assim não intuir o seu significado.

Voltando ao exemplo feito acima, quando o sujeito percebe o objeto circular, ele precisa primeiramente retirar todas as informações, julgamentos anteriormente experimentados de forma sensorial por ele com esse objeto em um processo conhecido como redução fenomenológica, ou *epoché* — suspensão da atitude natural —, para que esses sentidos sejam transformados em experiência de consciência, ou seja, “estar consciente de algo”. Uma vez livre desses pressupostos, seria finalmente possível reduzir esse objeto ao seu *eidós*, a sua essência (Cobra, 2005). Para isso, seria necessária uma descrição precisa, elencando as variações possíveis do objeto dado à consciência, atentando-se nas características universais, invariantes; quando for possível compreender o cerne imutável desse fenômeno, então alcançou-se a essência dele. Todos esses processos que culminam no entendimento da realidade existente, Husserl nomeou de método fenomenológico. Ou seja, só a partir desse método minucioso de descrição de fenômenos reais ou imaginários — sentimentos, fantasias,

memórias, tudo que gera experiência de consciência — é possível alcançar o conceito universal das coisas (Ribeiro Júnior, 2003).

Outro grande nome da Fenomenologia estudado para o desenvolvimento desta pesquisa, foi o aluno de Husserl, Martin Heidegger. Esse estudioso dedicou-se a um entendimento do ser e o seu existir, e o modo em que o cotidiano, a temporalidade, sempre o afeta. Diferente do que defendia seu professor, Heidegger não acreditava ser possível alcançar uma consciência pura, separada do mundo real, pois ele sempre vai exercer influência sobre a consciência. No prefácio feito pelo filósofo Emmanuel Carneiro Leão na edição brasileira do livro *Ser e Tempo*, de Heidegger, tem-se o seguinte exemplo:

Quando, de manhã, um físico sai de casa para ir pesquisar no laboratório o efeito de Compton e sente brilhar nos olhos os raios de sol, a luz não lhe fala, em primeiro lugar, como fenômeno de uma mecânica quântica ondulatória. Fala como fenômeno de um mundo carregado de sentido para o homem, como integrante de um cosmos [...], de um universo cheio de coisas a perceber [...]. Sem esse mundo originário, o físico não poderia compreender suas pesquisas, pois não lhe seria possível nem mesmo existir (Heidegger, 2005, p. 19).

Essa é uma clara demonstração do que Heidegger chamou de *ser-no-mundo*, o entendimento de que a existência humana sempre estará influenciada pelo mundo que a rodeia, em sua interação cotidiana com *entes*, qualquer coisa que existe e é percebido (Almeida, 2010). Em busca do sentido do Ser, Heidegger traz o termo *Dasein* (“ser-aí”, “ser-o-aí” ou “presença”), é esse ser lançado na existência, diferente de outros seres, pois em sua racionalidade é capaz de questionar o próprio existir (Heidegger, 2005), ou seja, de natureza ôntico-ontológica; ôntico porque a existência depende de características concretas, propriedades e relações; ontológico pela capacidade de reflexão, de investigação da natureza do ser e alcançar respostas sobre as condições universais dos *entes* (Braga, Farinha, 2017) — à luz de Husserl, seria uma eidética do próprio ser sem desconectar-se do mundo natural.

Heidegger acreditava que a investigação do ser (ontologia) era a própria fenomenologia cujo objetivo se converge na explicação e demonstração do Ser. Segundo Heidegger (2012, p.103), “[...] os ‘fenômenos’ são então o conjunto do que está à luz do dia ou que pode ser posto em claro, aquilo que os gregos às vezes identificaram simplesmente com $\tau\alpha\ \acute{\omicron}\nu\tau\alpha$ (o ente)”, fazendo da Fenomenologia como o modo de explicar e mostrar a constituição do ser, o “modo-de-acesso” da ontologia.

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas diversas que, ao lado de outras, pertencem à filosofia. Ambos os termos caracterizam a filosofia ela mesma, segundo o objeto e segundo o modo-do-tratamento. Filosofia e ontologia fenomenológica universal cujo ponto de partida é a hermenêutica

do *Dasein*, a qual, como analítica da *existência* fixou a ponta do fio-condutor de todo perguntar filosófico lá de onde ele *surge* e para onde ele *retorna* (Heidegger, 2012, p. 129).

A hermenêutica do ser-aí dita pelo autor é a tarefa de interpretação na investigação ontológica dos *entes*. Em uma hermenêutica fenomenológica, então, é possível colocar sob análise a dimensão física da existência e a complexa rede de relações e experiências do ser no mundo.

Heidegger caracteriza a hermenêutica como interpretação da facticidade, a partir da concreção fática do próprio *Dasein*. O *Dasein* não é um ente qualquer, mas o ente para o qual a questão do sentido se apresenta onticamente e que, respondendo à questão do ser em seu cuidado cotidiano, desdobra suas compreensões em interpretações. Além disso, a própria facticidade é de caráter interpretativo, já que dela faz parte um horizonte permeado pelas significações sedimentadas no mundo. Tal condição simultaneamente aponta para a precedência da hermenêutica e para sua precariedade, já que sendo permeada pelas significações sedimentadas, toda análise é também provisória (Braga, Farinha, 2017, p. 70).

Ou seja, dentro da perspectiva do fenômeno de leitura de *boys' love*, por exemplo, não apenas o texto precisará ser entendido e descrito, mas seu contexto de escrita e leitura pelos sujeitos, pois os sentidos emanados por ele e experienciados pelos leitores se modificarão conforme esse ser estiver em um tempo e espaço determinados, então o que uma pesquisa sobre os leitores de *boys' love* no Japão na década de 1990, não terá os mesmos resultados de uma pesquisa sobre leitores de *boys' love* no Brasil na década de 2020. E as conclusões de ambas as pesquisas não gera “inverdades” sobre o conceito apreendido, apenas revela que a essência, diferente da defendida por Husserl, pode aqui sofrer variações do mundo exterior.

Assim, a verdade em Heidegger é temporal e hermenêutica cuja manifestação é influenciada pela cultura, história e sociedade que dela surge o ser (Braga, Farinha, 2017). De qualquer forma, Heidegger, (2005, p. 46) defende que o ser só pode ser “apreendido a partir do tempo, e os diversos modos e derivados do ser só são, de fato, compreensíveis em suas modificações e derivações na perspectiva do tempo e com referência a ele”.

Outro ambiente de compreensão do ser, segundo o autor, é a linguagem; ela enquanto meio de comunicação do ser-no-mundo, o “ser-expresso do discurso”. Ou seja, é por meio da linguagem que as ideias, os posicionamentos do *Dasein* são manifestados. Heidegger (2005) defende que se o homem não for capaz de se comunicar, então ele deixa de *ser*, pois é nesse processo que se manifesta o ser, seus questionamentos e angústias, suas vivências, a maneira como dar forma e sentido à vida. Assim, o autor definiu que o melhor processo de investigação da existência do ser seria o método fenomenológico hermenêutico, o qual busca entender as

formas que o ser humano interage com o mundo ao seu redor e entende a si mesmo, a partir de interpretações das experiências vividas por ele e do contexto em que vive.

Apesar de alguns estudiosos utilizarem o método fenomenológico com estratégias de pesquisas diferentes, essa metodologia sempre vai prezar pelo seu caráter descritivo e sua busca pela verdade daquilo que se mostra, que é percebido e experienciado pelo sujeito. Moreira (2002, p. 108) defende que o método fenomenológico estuda “[...] fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. É importante a experiência tal como se apresenta [...]” e como ela é comunicada pelos sujeitos que as percebem.

Como o objetivo deste trabalho foi entender o interesse pela leitura de *novels* BL pelos brasileiros e quais conhecimentos estão sendo formados a partir dela, não haveria melhor maneira de esclarecer esse fenômeno se não por meio da experiência relatada pelos próprios leitores desse movimento, a partir de como eles percebem (*noesis*) esse fenômeno, por meio de entrevistas semiestruturadas, ou seja, com um roteiro pré-estabelecido, conversou-se com os leitores sobre a linha temporal de sua experiência com o fenômeno, sempre com a liberdade de adequar a entrevista de acordo com os relatos do sujeito.

Também foi levado em consideração o aspecto contextual que está inserido tanto o objeto — nesse caso as *novels* — como o ser-aí, ou melhor, o ser-no-mundo, o sujeito modificado por esse mundo, capaz, através dessas mudanças, também experimentar o fenômeno de formas diferentes, como sugerido por Heidegger (2005, 2012) e Dumont (1998), quando também mencionou o contexto como um dos pilares essenciais para efetivação da leitura, o que, conseqüentemente, é fundamental para apropriação de informações, construção de novos conhecimentos.

As situações que alguém vivencia não têm, apenas, um significado em si mesmas, mas adquirem um sentido, para quem as experencia, que se encontra relacionado à sua própria maneira de existir. [...] O sentido que uma situação tem para a própria pessoa é uma experiência íntima que geralmente escapa à observação [...] pois o ser humano não é transparente; para desvendar sua experiência o pesquisador precisa de informações a esse respeito, fornecidas pela própria pessoa. [...] (Forghieri, 1993, p. 58 *apud* Moreira, 2002, p. 109).

Então não haveria outra forma de desenvolver esta pesquisa se não pelo caráter qualitativo e descritivo, único capaz, segundo Gandra e Duarte (2012), de desvelar a essência do fenômeno para compreender os sentidos que os sujeitos constroem sobre ele. Com o auxílio dos estudiosos Freitas e Jabbour (2011); Gandra e Duarte (2012); Gehart e Silveira (2009); Gil

(2012) e Moreira (2012), estipulou-se os seguintes passos para o método fenomenológico desenvolvido neste trabalho:

1. **Determinar o foco de estudo:** decidir *o quê e/ou quem* a ser analisado;
2. **Redução fenomenológica:** abrir mão de todos os julgamentos e juízos de valor sobre o fenômeno para, então, buscar pesquisas sobre ele e, assim, saber qual melhor abordagem para observá-lo e entendê-lo dentro do foco determinado;
3. **Formulário de perfil:** construir um formulário que, além de informar sobre a pesquisa também serve para construir um perfil inicial e descritivo do participante; assim, o entrevistador tem uma visão geral do sujeito, o que também auxilia nas interpretações da biografia dele e sobre suas demais experiências, posteriormente relatadas na entrevista;
4. **Construir o roteiro da entrevista,** sempre levando em consideração os objetivos e indagações construídas pela pesquisa;
5. **Realizar e gravar as entrevistas;**
6. **Observar o entrevistado:** notar comportamento verbal, as palavras escolhidas, o uso de gírias e expressões, caso faça sentido dentro das expectativas de resultados do pesquisador; analisar também a expressão corporal, momentos em que o entrevistado parece mais distraído, retraído, descontraído, alegre ou até mesmo constrangido com alguma resposta ou pergunta; sorrisos, relatos que fogem da pergunta, mas ainda conversam com o sentido da resposta que o entrevistado quer passar. Nesse ponto, vale muito o aspecto intuitivo e imaginativo do pesquisador para complementar a interpretação do que for dito pelos sujeitos;
7. **Ouvir e transcrever as entrevistas realizadas;**
8. **Organizar as entrevistas** para formação do perfil final e texto sobre a experiência do sujeito com o fenômeno;
9. **Encontrar semelhanças nas experiências** para determinar núcleos invariantes do fenômeno;
10. **Encontrar experiências únicas** para determinar também as percepções pessoais e mais íntimas do sujeito;
11. **Voltar aos textos teóricos** que explicam o surgimento e desenvolvimento do fenômeno para compreender outros aspectos do contexto que se relacionam com ele;

12. **Iniciar as interpretações**, formando relações de sentido sobre os relatos das entrevistas e todos os contextos que perpassam por elas — o que pode incluir fenômenos adjacentes também;
13. **Dissertar sobre as essências do fenômeno**, levando em consideração as emoções, imaginações, opiniões e todas as demais descrições de experiência ditas pelos sujeitos para determinar os núcleos de sentidos, significados e conhecimentos que a leitura de *novels* BL evoca em seu leitor;
14. **Construir a análise final**, rememorando os pontos teóricos que entram em convergência ou divergência com o fenômeno vivenciado pelo sujeito.

Todos esses procedimentos culminaram nos resultados e nas considerações finais, em que foi possível chegar a algumas conclusões sobre o fenômeno aqui estudado. Na subseção seguinte, será tratado mais detalhadamente o levantamento de dados e os perfis e experiências dos sujeitos observados.

Também é importante mencionar a perspectiva exploratória desta pesquisa. Apesar do fenômeno de surgimento e consumo de *boys' love* ter iniciado no século XX, as pesquisas sobre o assunto, principalmente no Brasil, ainda são escassas. Por isso foi necessário também uma fase de pesquisa documental cujo objetivo foi trazer contextualização histórica e sociocultural do fenômeno. A pesquisa documental oferece uma fonte primária de informações sobre como o fenômeno de se comporta de maneira natural (Fontana; Pereira, 2023), mas que também demanda técnicas e estratégias de análise bem definidas. Neste trabalho foi escolhida a análise de conteúdo desses documentos. Sendo assim, foram reunidos, primeiramente, os principais *sites* que disponibilizam histórias BL (HQs e *novels*). Como a própria história do *boys' love* começa com os *mangás*, fez-se um levantamento das histórias em quadrinhos do movimento, primeiro em uma perspectiva quantitativa na internet — baseada na pergunta inicial “quantos brasileiros estão lendo *mangás* BL?” —, posteriormente em uma análise das histórias mais lidas — “quais os enredos mais lidos?”, “como são os personagens dessas histórias?”, “qual o intuito dos autores ao escrever essas histórias?”, “por que os leitores apreciam essa manifestação?”. Depois de entendido esse contexto dos *mangás*, a mesma análise foi feita em seis *novels* diferentes (*Semantic Error*, *Sugar Rain*, *Pedido de Divórcio*, *Love By Chance*, *Love Syndrome* e *Gear&Nigth*), sendo três dessas também adaptadas para os quadrinhos — a ideia era tentar observar também como as mudanças de uma adaptação para outra podem vir a influenciar os leitores e a forma como eles experimentavam as histórias. Após a leitura dessas histórias, elas foram citadas nesta pesquisa conforme o desenvolvimento das seções sobre *boys' love*, coleta

de dados e resultados indicavam a necessidade de evidências documentais sobre determinada manifestação.

Após a revisão de literatura, a pesquisa documental e sua análise, a atenção da pesquisa voltou-se para os leitores desse fenômeno — essa atenção já havia iniciado desde a análise dos *sites*, quando também foram observados os comentários os usuários faziam nos capítulos disponibilizados, oferecendo um preâmbulo de como os consumidores dessas histórias se comportavam e pelo que se interessavam. Mas também ouvir dos leitores sobre como eles entendiam e vivenciavam a leitura.

Como orientado por Ventura (2007), se faz necessário o estudo de caso, ou seja, estudar um fenômeno a partir de experiências de um número representativo de casos dentro da manifestação estudada. O ideal é fazer análises mais profundas de um número pequeno de casos (Moreira, 2002; Ventura, 2007; Minayo, 2017) para que nas conclusões dessas experiências individuais seja possível fazer uma projeção em todo o movimento.

Para a captação de entrevistados, a proposta da pesquisa foi divulgada em redes sociais e grupos fechados no Facebook, Whatsapp e Telegram, processo mais minuciosamente detalhado na subseção 4.2, que reúne os fãs de BL. Os interessados em participar foram encaminhados a um formulário do Google, no qual estavam disponíveis mais informações sobre os objetivos da pesquisa e da entrevista que seriam submetidos, além de algumas regras para participação.

Durante a pesquisa documental observado-se alguns leitores menores de idade interagindo nos comentários das histórias BL (tanto *mangás*, quanto *novels*). Até se cogitou também analisar esse perfil de leitores, porém decidiu-se por entrevistar só pessoas maiores de idade, pois seria necessário o consentimento de seus pais ou responsáveis para a entrevista. Era um obstáculo, pois como já citado no trabalho de Pereira (2018), muitos consumidores de BL têm certa vergonha de falar publicamente o que lêem, por medo de represálias e comentários preconceituosos; outro fator de impedimento era o fato de muitas das histórias lidas pelos adolescentes ser proibida para menores de 18 anos. Por essas situações, percebeu-se que seria um trabalho demorado captar um perfil de leitores menores de idade que estariam dispostos a falar e explicar para os pais o que estavam lendo, para eles assinarem o consentimento de que os filhos participassem da pesquisa. Também o tempo hábil de pesquisa e análise de dados para a dissertação é mais curto no período do mestrado, chegou-se à conclusão que leitores maiores de idade já ofereceriam resultados representativos, e que mesmo nessa comunidade de participantes haveria quem citasse que iniciou o consumo do gênero ainda quando adolescente.

Outro critério para participação da entrevista foi ter lido pelo menos três livros de ficção (*novel boys' love* de origem de algum país do leste ou sudeste asiático¹⁷).

Como o estudo de Pereira (2018) demonstrou que alguns adeptos ao BL tinham receio de falar abertamente sobre suas leituras, esta pesquisa resolveu manter o anonimato de todos os participantes e demais citados por eles durante a entrevista — salvo por algum grupo de pessoas ou página que tenha demonstrado interesse em ter o nome divulgado —, e a garantia desse sigilo também foi uma das estratégias para alcançar os sujeitos.

O meio de comunicação com os sujeitos respondentes escolhido foi o *email* — por onde também foram enviados os convites para entrevista dos perfis selecionados. No formulário (ver apêndice A) também haviam algumas perguntas que ajudaram a formar o perfil preliminar de leitura desses sujeitos. Por último, ainda no formulário, após a leitura da descrição da pesquisa, o leitor também precisou aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), exigido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que garante ao participante os devidos direitos durante o processo da entrevista e os resultados provenientes dela.

No total, 49 pessoas que responderam ao formulário estavam aptos para a entrevista, dentre esse 9 sujeitos tiveram suas entrevistas transcritas e analisadas para esta pesquisa (ver apêndices de B a J).

Durante o processo de estruturação da pesquisa e escolha dos critérios para decidir um número adequado de entrevistas a serem analisadas, focou-se nas orientações de Minayo (2017) sobre pesquisas qualitativas. A ideia inicial defendida é que “[...] cada individualidade é manifestação do viver total embora não seja a totalidade do viver” (Minayo, 2017, p. 03), ou seja, é por meio do exemplo de um sujeito, de sua vivência que é possível mensurar o fenômeno de forma mais ampla, sempre tendo em vista que “o indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de seu contexto sócio-histórico, dotado, portanto de uma interioridade e de uma configuração social exterior a ele” (Minayo, 2017, p. 03).

A autora também orienta que o número de entrevistas a ser analisadas não seja muito alto, pois quanto mais profundo – o que demanda tempo e atenção –, mais ricos serão os resultados obtidos. O critério não é o número de respostas, mas as informações que elas apresentam sobre o fenômeno. Ainda assim, dependendo da complexidade e tamanho de um

¹⁷ Como a *novel boys' love* ainda é considerado um movimento novo em solo brasileiro, foi considerado que pelo menos três leituras é o suficiente para ter uma experiência de leitura que serviria para observação e coleta de dados para a pesquisa. A origem asiática foi escolhida pela força histórica que ela apresenta no contexto de consumo das *novels* desse gênero.

fenômeno, escolher o número adequado de entrevistados que verdadeiramente o represente é uma reflexão importante e difícil.

Outra orientação, portanto, escolhida para tentar definir esse número foi a estratégia de observar a saturação dos resultados. Para Minayo (2017), durante o processo de investigação de trabalho de campo, em um determinado momento, os dados obtidos deixam de oferecer novas informações sobre o fenômeno e passam a ser repetitivos, saturados. É, então, que o pesquisador entende ter alcançado uma quantidade suficiente de informações que representam o evento investigado.

Sendo assim, estipulou-se a estratégia de selecionar os perfis que seriam entrevistados de acordo sua ordem de entrevistas; conforme os sujeitos realizavam as entrevistas, a análise preliminar também começaria, e quando as respostas se tornassem repetitivas, seria o indicativo de não mais ser necessário marcar novas entrevistas, pois os dados esclarecedores sobre o objeto de estudo já teriam sido apresentados.

Assim, no final, 9 entrevistas foram reunidas, dos mais variados perfis encontrados, desde sujeitos com uma experiência extensa na leitura de *novels*, novos leitores, leitores que lêem apenas livros, outros que lêem os livros apenas por causa das adaptações audiovisuais, leitores que são tradutores independentes de *novels* e leitores que não lêem traduções clandestinas, leitores de variados gêneros e orientações sexuais.

Quanto à tabulação de dados, enquanto alguns dados eram levantados e elencados, foi considerado necessário iniciar a discussão sobre as primeiras análises realizadas por esta pesquisadora. Aos entrevistados, foi atribuída uma designação fictícia aos entrevistados e todos os dados e informações fornecidos por eles foram elencados na subseção de levantamento de dados. Após essas observações iniciais, no capítulo de resultados, todas as informações discutidas foram reunidas e dissertadas mais profundamente a partir de três aspectos: o contexto de produção e consumo do *boys' love*, os sentidos produzidos e as motivações que levam o sujeito até essa leitura. Foi a partir dessas três perspectivas que se concluiu como o fenômeno de leitura de *novels boys' love* tem se manifestado no Brasil, assim como os conhecimentos que os leitores têm absorvido a partir dessas histórias.

5 LEVANTAMENTO DE DADOS

Neste subitem serão demonstrados com mais detalhes as estratégias de captação das informações que circundam o fenômeno da literatura de ficção de *boys' love* no Brasil, primeiramente seu consumo na internet, fora da mediação das editoras, e depois o mercado legalizado. Entendido como essas duas vertentes têm se comportado, seguir-se-á o passo-a-passo para o encontro com os entrevistados e o perfil biográfico de cada um em relação com sua vivência com o gênero BL, mais especificamente sua manifestação em formato de *novels*.

5.1 Dados de leitura de *boys' love* no Brasil

Depois de compreendido como o método fenomenológico se comporta e como ele pode ser utilizado em pesquisas dentro das Ciências Sociais Aplicadas, iniciou-se o levantamento de dados e informações no que tange, principalmente, às *novels* no Brasil.

Pouco se encontra na literatura científica sobre o fenômeno específico de romances BL — muito possivelmente por ser uma manifestação relativamente nova e pelo fato do consumo de *yaois* ser mais proeminente, inclusive no Brasil, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 2 – Lista dos 10 mangás *yaoi* mais lidos no site Mangatoon¹⁸

Mangás	Número de leituras	Classificações de gênero e assunto disponíveis
Lótus negra	12.9 milhões	Romance — Yaoi — Trágico.
O noivo do demônio	10.5 milhões	Romance — Yaoi — Novo — BL.
Sr. Mcdreamy me fez ser um tema de tendência novamente	8.7 milhões	Escolar — Romance — Yaoi — Novo — Doce — LGBT — Ramo do entretenimento.
Amor unilateral	6.8 milhões	Romance — Yaoi — CEO — LGBT.
Meu vampiro, meu caçador	4.6 milhões	Yaoi — Fantasia — Novo — Trágico — LGBT — Drama.
Ter você mais uma vez	4.5 milhões	Romance — Yaoi — História — Novo.
O melhor ator é um espírito de raposa	3.5 milhões	Romance — Yaoi — História — Viagem no tempo — BL.
O conquistador de homens	2.7 milhões	Romance — Yaoi — fantasia.
O rei demônio e o chefe da seita de cultivo	2.2 milhões	Romance — Yaoi — Fantasia — Comédia — BL — Cultivo.
Mudança de ataque	1.8 milhão	Romance — Yaoi — Comédia — LGBT — Gênio.

Fonte: esta autora, informações reunidas com base em dados fornecidos pelo Mangatoon (2024).

Com números tão superiores, se comparados aos números de leituras de *novels* do quadro 3, é possível notar como, de fato, a leitura do gênero tem sua representatividade, mesmo que esses números sejam só um levantamento de leituras digitais, ou seja, é possível inferir que, com as publicações físicas, os números de leituras de HQs asiáticas são ainda superiores aos apresentados acima.

Já as *novels* possuem um número menor de visualizações — quando é possível reunir os dados de leituras dessas histórias no Brasil. Acontece que, como movimento mais recente, suas principais publicações estão na internet, nem sempre de maneira legalizada. Um dos principais sites de publicação dessas histórias é o “BL Novels”, onde é possível ler centenas de BLs nacionais e internacionais de forma gratuita ou em planos pagos.

¹⁸ O MangaToon é um site e aplicativo para smartphones em que disponibiliza planos de leitura gratuitos e com pagamentos para os leitores. Todos os dados fornecidos para formação do quadro estão disponíveis em: <https://mangatoon.mobi/pt/genre/category/9/0>.

Quadro 3 – As quinze *novels boys' love* internacionais mais lidas e traduzidas por fãs no “BL Novels”

<i>Novel</i>	Número de leituras	País original da história	Classificações de gênero e assuntos disponíveis
Heaven Official's blessing	1.6 milhão	China	Ação — aventura — BL — boyslove — comédia — cultivo — danmei ¹⁹ — drama — histórico — mistério — romance — sobrenatural.
The scum villain's self-saving system	475 mil	China	Ação — aventura — BL — comédia — cultivo — danmei — drama — fantasia — romance — sobrenatural — transmigração — wuxia ²⁰ .
Roses e champagne	289.2 mil	Coreia do Sul	Adult — drama — máfia — mature — psicológico.
The wife is first	178.9 mil	China	Aventura — BL — boyslove — comédia — danmei — drama — fantasia — histórico — renascimento — romance.
Sugar Rain	153.4 mil	China	Adult — BL — mature — moderno — português — romance — smut ²¹ — yaoi.
Poisonous peasant 'concubine'	147.3 mil	China	Aventura — BL — boyslove — comédia — danmei — fantasia — histórico — mpreg ²² — transmigração — wuxia.
Desobediência carinhosa	138.4 mil	Coreia do Sul	BL — drama — incesto — mpreg — psicológico.
Esse ômega é doce e selvagem	126.8 mil	China	BL — comédia — escolar — mpreg — omegaverse ²³ — romance.
Mar Vermelho	123.7 mil	Coreia do Sul	BL — interestelar — mpreg.
Quente frio	99.7 mil	Coreia do Sul	BL — boyslove — drama — moderno — omegaverse.
Cães selvagens	89.5 mil	Coreia do Sul	BL — incesto — máfia — moderno — mpreg — omegaverse.
Hyperventilation	86.3 mil	Coreia do Sul	Drama — romance.
The sin	84 mil	Coreia do Sul	Drama — máfia — romance — suspense.
Villain rehab plan	79.7 mil	China	Ação — aventura — BL — boyslove — comédia — cultivo — danmei — drama — fantasia — histórico — moderno — renascimento.
Noite de caça	77.8 mil	Coreia do Sul	Adult — BL — boyslove — drama — mpreg — omegaverse — português — romance — yaoi.

Fonte: esta autora, informações reunidas com base em dados fornecidos pelo BL *Novels*²⁴ (2024).

¹⁹ Categoria relativa a *boys' love* na China.

²⁰ Gênero literário e cinematográfico que mistura artes marciais ou luta de espadas com fantasia.

²¹ Do inglês: obscenidade; classificação para histórias com cenas de sexo.

²² É a categoria de histórias em que um dos personagens masculino engravida.

²³ Enredos em que a relação social dos personagens segue as mesmas regras de uma matilha de lobos, com personagens em posição de ômega, beta e alfa.

²⁴ O link desse *site* não será disponibilizado para não facilitar possíveis denúncias contra ele.

Mas nem todas as plataformas digitais que publicam *novels* BL possuem dados com número de visualizações, país de origem e classificações de assunto, como o caso na demonstração do quadro anterior. Isso se deve ao fato de que um número considerável de romances é publicado quase que de maneira escondida, para que, assim, seja mais difícil a história ser denunciada e ficar indisponível por causa dos direitos autorais não pagos aos autores originais. Outra plataforma com destaque de publicações de *novels* é o Wattpad — plataforma de autopublicação e leitura gratuita com publicidade ou pacotes pagos sem anúncios. O site possui um número muito maior de histórias traduzidas e publicadas, além de possuir números maiores, se comparado ao BL Novels. Outra informação que é possível perceber se comparar os quadros 3 e 4 é a origem das obras mais lidas; enquanto o quadro 3, tem-se uma maior presença de obras chinesas e sul-coreanas, no quadro 4, China e Tailândia que ganham destaque.

Outro fator que merece explicação é a coluna “adaptação”, presente no quadro 4 e ausente no 3. Isso se deu pelo fato, durante a observação, de que as *novels* de maior visualização no BL Novels não tinham a mesma incidência de adaptações, seja para quadrinhos ou audiovisual, se comparado com as histórias encontradas no Wattpad. Parece, então, que os leitores que vão até o Wattpad estão mais influenciados por outras formas de histórias BLs, em especial as séries.

Quadro 4 – Exemplos de *novels boys' love* com grande número de visualizações e traduzidas por fãs no Wattpad²⁵

<i>Novel</i>	Número de leituras	País original da história	Adaptação	Classificações de gênero e assuntos disponíveis
Faraway Wanders: Tian Ya Ke	852 mil	China	Série de TV	BL — <i>novel</i> chinesa — romance — <i>wuxia</i> — <i>yaoi</i> .
Stars of Chaos: Sha Po Lang	672 mil	China	(não encontrada nenhuma)	Aventura — ação — BL — comédia — danmei — drama — fantasia — ficção científica — guerra — história — LGBT — priest ²⁶ — romance — <i>yaoi</i> .
Love syndrome	640 mil	Tailândia	Série de TV	Amor — amor tóxico — BL — <i>boyslove</i> — LGBT — <i>novel</i> — romance — sofrimento.
Don't you like me	538 mil	China	(não encontrada nenhuma)	BL — BL <i>novel</i> — <i>boyslove</i> — boy x boy — chinês — <i>danmei</i> — fantasia — humor — <i>novel</i> — romance — romance gay — <i>shounen-ai</i> — sobrenatural — <i>webnovel</i> — <i>yaoi</i> .
Mo Dao Zu Shi	508 mil	China	Websérie	ABO ²⁷ — alfa — homossexual — mpreg — ômega — patriarca — <i>theuntamed</i>
Beloved enemy	468 mil	China	Série de TV	BL — gay — love — <i>novel</i> — tradução — <i>yaoi</i> .
Unforgotten Night	462 mil	Tailândia	Série de TV	BL — <i>boyslove</i> — boys x boys — máfias — bad love — <i>novel</i> .
Love by chance	438 mil	Tailândia	Série de TV	BL — <i>boyslove</i> — gay — tradução.
Addicted heroin	369 mil	China	Websérie	BL — <i>boyslovers</i> — drama — ficção — <i>fujoshi</i> ²⁸ - romance — tradução.
Lord seventh: Qi Ye	284 mil	China	(não encontrada nenhuma)	BL — fantasia — <i>novel</i> chinesa — romance — sobrenatural — <i>yaoi</i> .

Fonte: esta autora, com base em dados e informações fornecidos pelo Wattpad (2023).

Diferente dos quadros 2 e 3, as informações reunidas no Wattpad ainda constam com a data de 2023. Isso se deu ao fato de, no início do levantamento de dados para a dissertação, uma

²⁵ Não foi possível recuperar a lista de *novels* mais lidas do gênero, pois o *ranking* recuperado pelo site a partir das classificações “BL” e “*boyslove*” não segue uma ordem de número total de leituras. Sendo assim, esses dois termos e outros afins foram pesquisados e a partir das histórias encontradas com maior número de leitura, foi possível montar o presente quadro. No entanto, há possibilidade de existirem *novels* que se encaixem na classificação BL, mas que não tenham sido encontrados por não terem sido classificados como tal.

²⁶ Nome do autor da *novel*.

²⁷ Sigla relacionada ao omegaverse (A = alfa; B = beta; O = ômega).

²⁸ Meninas que têm interesse em relacionamentos amorosos entre dois homens.

listagem preliminar de histórias foi elencada e analisada; na versão final deste trabalho, quando essas informações foram revisitadas, foi constatado que várias *novels* da lista ficaram indisponíveis por conta de direitos autorais. Essa situação foi também mencionada pelos sujeitos durante as entrevistas realizadas posteriormente para esta pesquisa. Sendo assim, foi decidido manter as informações de 2023 e mostrar como estavam os dados de leituras de alguns romances BL no período. Contudo, por conta dessa inconstância de disponibilidades de *novels* no Wattpad, é muito difícil trazer dados mais concretos sobre o consumo do gênero na plataforma.

Observados esses dados iniciais de consumo na internet, também foi levantado o número de romances publicados de forma oficial no Brasil (ver quadro 5). Cabe mencionar, ainda, que no início do levantamento de dados sobre as publicações oficiais e nacionais, em março de 2023, apenas duas *novels* tinham chegado em solo brasileiro. Dessa data até a versão final deste trabalho, oito novos romances foram publicados, todos pela New Pop. Uma grande ascensão para um período de um pouco mais de um ano de observação.

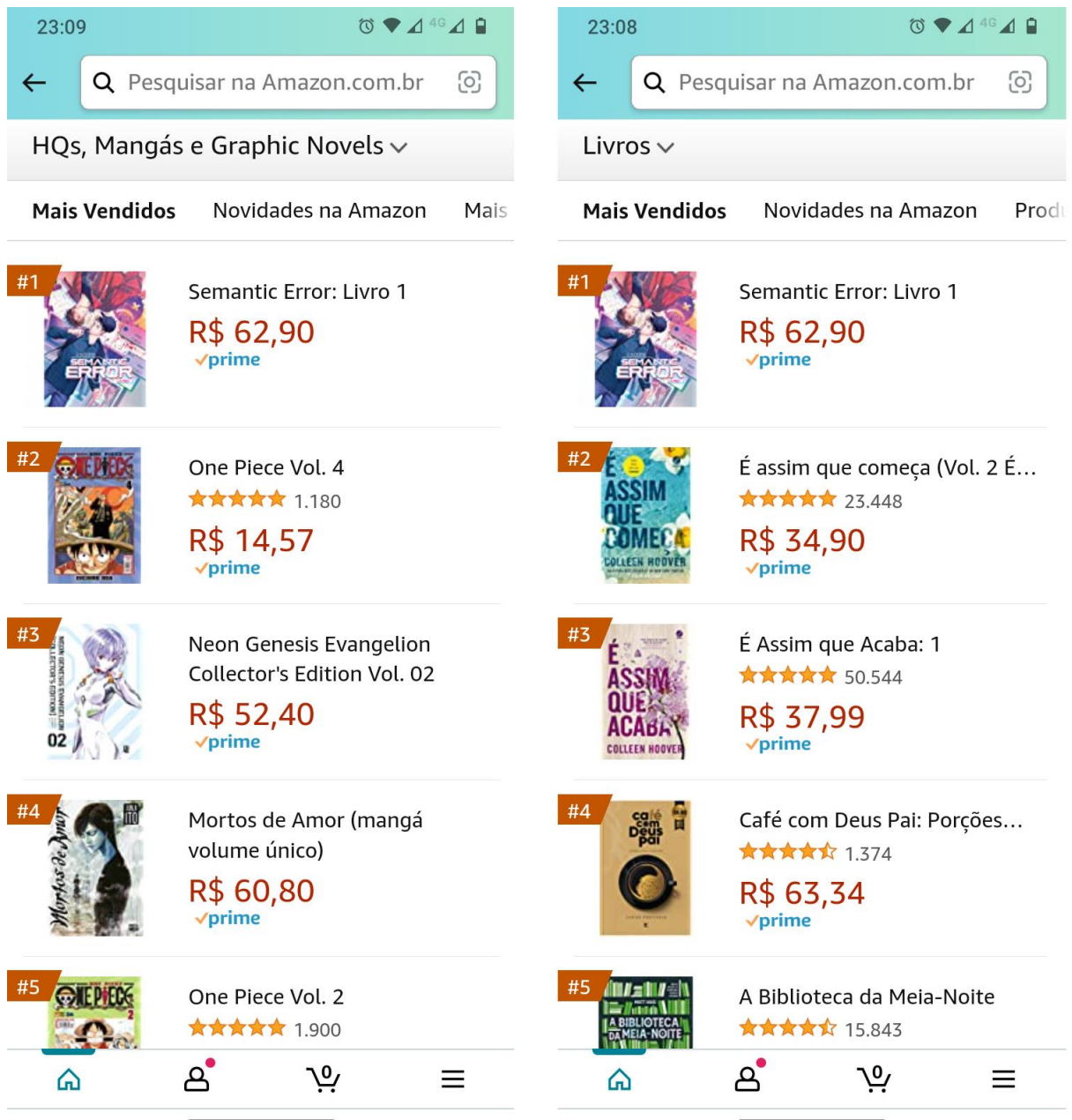
Ainda foi possível perceber que todas as *novels* publicadas, assim como no caso do Wattpad, possuem uma adaptação audiovisual para televisão, o que reforça a hipótese da importância das séries como ponte para as *novels*.

Quadro 5 – *Novels* BL publicadas no Brasil

<i>Novel</i>	Editora	Data de publicação	País de origem	Adaptação
Mo Dao Zu Shi: o fundador da cultivaco demoníaca – livro 1	New Pop	Julho de 2022	China	Websérie: <i>The Untamed</i>
Mo Dao Zu Shi: o fundador da cultivaco demoníaca – livro 2	New Pop	Março de 2023	China	Websérie: <i>The Untamed</i>
Semantic error – livro 1	New Pop	Maio de 2023	Coreia do Sul	Série de TV: <i>Semantic Error</i>
Mo Dao Zu Shi: o fundador da cultivaco demoníaca – livro 3	New Pop	Julho de 2023	China	Websérie: <i>The Untamed</i>
Um conto das mil estrelas – livro 1	New Pop	Julho de 2023	Tailândia	Série de TV: <i>A Tale of Thousand Stars</i>
Um conto das mil estrelas – livro 2	New Pop	Outubro de 2023	Tailândia	Série de TV: <i>A Tale of Thousand Stars</i>
We best love: para sempre o número 1	New Pop	Dezembro de 2023	Taiwan	Série de TV: <i>We Best Love</i>
Mo Dao Zu Shi: o fundador da cultivaco demoníaca – livro 4	New Pop	Janeiro de 2024	China	Websérie: <i>The Untamed</i>
Mo Dao Zu Shi: o fundador da cultivaco demoníaca – livro 5	New Pop	Julho de 2024	China	Websérie: <i>The Untamed</i>
Semantic error – livro 2	New Pop	Julho de 2024	Coreia do Sul	Série de TV: <i>Semantic Error</i>

Fonte: Amazon (2024).

Embora não seja possível levantar o número de sujeitos que leram essas publicaces, durante o período de pré-venda do livro *Semantic Error* foi possível observá-lo no *ranking* de maiores vendas da Amazon — maior site de vendas de livros no Brasil. A imagem abaixo foi feita no final de março de 2023, dois meses antes do lançamento oficial da *novel*; nela, é possível ver que mesmo em pré-venda o livro já era o mais vendido tanto na categoria “HQs, Mangás e Graphic Novels” quanto em “Livros”, nesta, à frente de sucessos ocidentais como “É Assim que Acaba” e “Assim que Começa”, da consagrada autora Colleen Hoover.

Imagem 21 — *Novel Semantic Error* na lista de mais vendidos da Amazon

Fonte: Amazon (2023).

Outra editora responsável por publicações nacionais de *novels* do gênero foi encontrada. A BLB (ou “Boys Love Brasil Company”) é uma editora aparentemente pequena, dedicada à publicação de *boys’ love* e *girls’ love* — está sendo histórias românticas entre personagens femininos — nacionais e internacionais. Desses, quatro livros BL de origem internacional, mais especificamente tailandesa, foram encontrados no catálogo da editora, são eles: *Sete Dias Para*

o *Dia dos Namorados* (publicado em janeiro de 2023), *Transplante*²⁹, *Manner of Death* (publicado em fevereiro de 2021) e *My Ride – Te Amo, Motorista* (publicado setembro de 2022). Desses, o único ainda disponível para compra do livro físico é *Sete Dias Para o Dia dos Namorados*; mas a maioria deles possui versão em *e-book* na Amazon. Com exceção de *Transplante*, todos os títulos publicados também possuem adaptação para série de TV.

Não há muitos comentários de compradores desses livros no site da editora, e em estantes virtuais como Skoob e Goodreads também foram encontradas pouquíssimas resenhas e dados de leitura — o que embasou a ideia de que a editora não é tão grande e nem tem o poder de venda da New Pop, já que esta possui números de vendas superiores e livros físicos disponíveis em diversas livrarias.

5.2 Processo de divulgação da pesquisa e descrição das entrevistas realizadas

Depois de ter feito esses levantamentos sobre o consumo nacional de *novels* BL, e vencida a etapa de revisão bibliográfica, iniciou-se o processo de organização do formulário das entrevistas semiestruturadas. Ainda com base nos estudos lidos sobre *boys' love* e com o respaldo oferecido pela fenomenologia sobre a relação entre o Eu e o objeto e os construtos na consciência, o formulário (ver anexo B) teve intuito de formar um perfil de leitura, com informações gerais sobre o sujeito e suas preferências de consumo.

Já a entrevista foi formada para tentar responder três grandes perguntas:

1. Como o sujeito iniciou e desenvolveu seu perfil de consumo do gênero *boys' love* (não exclusivamente o gênero literário, mas outras formas de manifestação)?
2. Qual a relação atual entre o leitor e as *novels*? (como ele entende esse movimento literário, suas preferências — se existir alguma —, suas reclamações, seus elogios, o que lhe atrai e o que pode lhe afastar de uma determinada história);
3. E por último, mas não menos importante: o que o sujeito pode ter construído de conhecimento a partir dessas histórias? (significados, aprendizagens plurais — pode ser sobre o mundo, sobre si mesmo, sobre a própria literatura, sobre o amor, etc., todas percepções que foram impulsionadas por esses textos).

Para alcançar esses leitores, no primeiro momento, foi necessária a ajuda de algumas páginas e comunidades de fãs de BL na internet, para auxiliar na divulgação da pesquisa.

Diferentemente do que era esperado, muitas páginas preferiram não se envolver na divulgação, ou mesmo responderam às mensagens enviadas por esta pesquisadora, e muitos

²⁹ Não foi possível encontrar informações de data de publicação ou versão digital do livro em nenhuma livraria online.

podem ser os fatores que levaram a tal resistência. Como qualquer outra comunicação na internet, o medo de ser um golpe ou uma falsa pesquisa; o receio que a divulgação em meio acadêmico da pesquisa poderia dar uma visibilidade que atrairia banimentos de publicações não oficiais, assim como uma divulgação das próprias páginas como facilitadoras desta exposição. Tais possibilidades podem prejudicar o trabalho de publicações independentes e, assim, atrair críticas dos membros e seguidores da página; ou apenas falta de interesse na divulgação. Esses podem ser alguns dos fatores que levaram a pouquíssimas páginas a auxiliarem nesse momento. Daqueles que divulgaram ou permitiram divulgação em suas páginas, estão alguns grupos do Facebook — em sua maioria —, Instagram e X (antigo Twitter).

O texto divulgado (ver anexo A) fazia uma apresentação breve sobre o teor da pesquisa e disponibilizava um *link* no Google Formulários, em que era esclarecido mais minuciosamente os objetivos da pesquisa e o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Este mesmo também mencionava quais fins teriam os dados fornecidos pelos respondentes, quais seriam divulgados e quais seriam censurados para manter o anonimato dos interessados em participar.

Durante as entrevistas, também se percebeu a necessidade de censurar nomes de algumas páginas e grupos de tradutores mencionados por alguns entrevistados, para também proteger possíveis banimentos em suas publicações — levando em consideração o trabalho árduo que envolve as traduções, as horas gastas, além da importância dessas publicações para a manutenção da leitura desse gênero e até mesmo dentro do mercado editorial.

O formulário (ver anexo B) solicitava um e-mail como meio de comunicação para marcação de uma entrevista futura. No entanto, quando enviado o convite para marcação da entrevista, apenas 13 pessoas responderam os e-mails — o que pode demonstrar certa resistência em falar mais abertamente sobre o assunto ou ainda uma falta de regularidade ao entrar nos emails fornecidos. Essa primeira hipótese rememorou bastante as conclusões de Pagliassotti (2008) e Pereira (2018) ao comentar como essa comunidade costuma ser um tanto fechada e com receio de falar pública e abertamente sobre suas preferências de leitura dentro do fenômeno de consumo de *boys' love*.


Tal percepção foi compartilhada com os primeiros entrevistados após o fim das entrevistas, e esses mesmos sujeitos aceitaram compartilhar o *link* do formulário da pesquisa nos grupos que participavam e em que confiavam, para encontrar pessoas mais dispostas a falar sobre *novels* BL. A partir de então, encontrou-se mais interessados em participar desta pesquisa.

Ao todo, obteve-se 49 respondentes em um período de dois meses após a liberação da pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais. Desses, 13 indicaram disponibilidade para ser entrevistados. Conforme os sujeitos demonstravam interesse e

realizavam as entrevistas, as análises preliminares dos dados obtidos era feita, até se perceber uma certa repetição nas histórias, o que se entendeu ser, pelas orientações de Minayo (2017) sobre pesquisa de campo em pesquisas qualitativas, a saturação das respostas. Ao final, 9 leitores foram selecionados para compor a análise desta pesquisa.

Os perfis apresentados aqui são representados sob uma designação fictícia para cada respondente, respeitando o anonimato de cada um. A seguir, cada sujeito teve sua entrevista resumida em texto dissertativo, cujo foco foi apresentar as principais informações oferecidas pelo entrevistado sobre a sua história de consumo com as histórias BL — para um entendimento mais completo dos relatos, é recomendável ver as transcrições completas, apresentadas entres os apêndices B e J.

a) Entrevista 1

	Pseudônimo: Joana
	Gênero: feminino
	Idade: 22 anos
	Escolaridade: graduação incompleta
Orientação sexual: bissexual	
Número de <i>novels</i> lidas: entre 11 e 15 (leituras completas que se lembra)	
Gêneros de maior interesse dentro do BL: <i>omegaverse</i> , mpreg, romance na faculdade, romance de escritório, fantasia, wuxia, incesto, obsessão	
Boys' love é “[...] gênero homossexual, amor entre dois homens [...]”	

A primeira entrevista foi a de Joana. Como uma mulher que recentemente completou 22 anos, estudante de Letras, ela teve seu primeiro contato com o BL aos doze anos, por volta de 2014, por meio de um *Original Video Animation* (ou OVA, como é mais comumente conhecido) do gênero. Trata-se de uma animação de origem asiática muito parecida com anime, mas com números menores de episódios — quando não há o caso de episódio único — e na qual a publicação ocorre diretamente no mercado de vídeo, como DVDs e *blu-rays*, sem passar por outros meios como TV ou cinema. No mesmo período, ela também entrou em contato com animes BL e, posteriormente, iniciou as leituras.

As *novels* só ganharam a atenção de Joana em 2020, em meio a pandemia, quando uma de suas primeiras e mais significativas leituras começou, o BL conhecido por *Dear Benjamin*. Desde então, sua frequência de leitura se tornou mais frequente e, pelas suas próprias palavras, se tornou um hiperfoco daquele período. Mas não foi tarefa fácil, Joana relatou grande dificuldade na época em achar títulos do gênero. Por falta de opções e dificuldade com línguas

estrangeiras, ela ficava “refém” das publicações independentes nacionais do período. Uma página no Facebook foi a que mais lhe ofereceu obras que a interessavam, mas também precisou passar por certos obstáculos para ler as obras ali publicadas. Segundo ela:

[...] era todo um processo pra eu conseguir entrar nesse site, porque, hoje em dia nem tanto, mas, naquela época, elas [administradoras da página] tinham muito medo do *site* delas ser derrubado, né? [...] E eu só consegui entrar nessa página porque fui indicada por alguém pra poder entrar. Eu tive que procurar as pessoas que já estavam no grupo. Era um grupo privado, então eu tive que adicionar essas pessoas pra ver se elas me colocavam no grupo, entendeu? Porque senão não poderia entrar, só por indicação (Joana).

Os banimentos, segundo a entrevistada, eram muito mais comuns em 2020 do que atualmente, e não existiam tantas redes sociais que conseguiam publicar essas histórias com a segurança que o Facebook fornecia. Atualmente, Joana explicou que as mesmas administradoras dessa página também possuem um grupo no Telegram, onde também divulgam suas traduções.

Mas Joana também possui a visão do outro lado da moeda. Como pertencente a uma *scan* de quadrinhos asiáticos, ela disse que existe uma grande exigência de agilidade na entrega dos capítulos. Como *cleaner*³⁰, ela precisa equilibrar os estudos e responsabilidades com grupos de extensão na faculdade, com os prazos estipulados no grupo. E por ser um trabalho voluntário, seu incentivo financeiro acaba por ser alguns presentes que as administradoras do grupo oferecem, como livros, ferramentas de trabalho e acesso irrestrito de *streamings*.


Quando questionada sobre o que a leva a gostar tanto de *novels* BL, Joana fala como a imersão do gênero narrativo a ajuda a se envolver melhor com a história. Poder entender melhor os sentimentos dos personagens — algumas vezes com suas versões em quadrinhos — são melhor retratados e entendidos nas *novels*. Outro aspecto que influencia em seu apreço é a sensação de equidade nas relações amorosas que os enredos com dois homens podem proporcionar, segundo suas experiências. A entrevistada até chega a mencionar como algumas histórias podem ser fetichizadas, mas, ainda assim, ela considera que romances BL proporcionam maior equilíbrio, diferente de relações heterossexuais lidas. Ela ainda chegou a citar os enredos com temática de obsessão dos personagens por seus pares como uma característica que a cativa. Por não ter muito contato com homens que expressem seus sentimentos, ela menciona como ler isso nas histórias — até mesmo em uma temática mais radical como a de “obsessão” — é interessante. Por fim, um fator importante também é o

³⁰ Responsável pela limpeza e organização nas HQs, eles retiram tudo que possa servir poluição visual. No caso das *scans*, os *cleaners* costumam também apagar onomatopeias em outros idiomas, podendo traduzir por equivalentes na língua que está sendo traduzida ou apenas excluí-las.

aspecto asiático dentro das leituras; a retratação da cultura, além dos gêneros que só existem nas manifestações do Leste Asiático.

Obviamente, quando levantada a questão sobre os conhecimentos adquiridos a partir dessas leituras, o entendimento sobre a cultura asiática aparece mais uma vez como grande destaque. Além disso, foi citado pela entrevistada a sua percepção sobre relações homoafetivos e como não enxergar esses relacionamentos como algo exótico ou fora do comum; ela, inclusive, utiliza das experiências que teve com os enredos lidos para lidar com os próprios relacionamentos amorosos.

b) Entrevista 2

	Pseudônimo: Laura
	Gênero: feminino
	Idade: 22 anos
	Escolaridade: graduação completa
Orientação sexual: bissexual	
Número de <i>novels</i> lidas: mais de 26 (leituras completas que se lembra)	
Gêneros de maior interesse dentro do BL: <i>omegaverse</i> , mpreg, romance escolar, romance de escritório, romance na faculdade, fantasia, ficção-científica, histórico/de época, comédia	
<i>Boys' love</i> é “[...] romance entre dois personagens masculinos”.	

A história de Laura com o gênero começa com a sua irmã, no ano de 2015. Fã dos livros que retratam as aventuras do personagem Percy Jackson, a irmã de Laura descobriu uma *fanfic* desse universo com os personagens Will e Nico. Interessada na história, ela decidiu indicá-la à sua irmã, mesmo que Laura nunca tenha lido nada sobre os livros do universo de Percy Jackson. E isso não foi mesmo um problema. A entrevistada estava mais interessada na história se desenrolando em meio à leitura do que algum outro enredo prévio que nada interferia na história presente. E tamanho foi seu envolvimento com esses dois personagens que se tornaram seu hiperfoco da época. Laura passou a ler cada vez mais *fanfics* do gênero.

No início, ela não imaginava que a história fazia parte de uma manifestação literária característica e se surpreendeu quando leu a primeira cena explícita — e não era para menos, Laura tinha em torno de 13 anos na época.

Enquanto lia, ela encontrou na plataforma de autopublicação *Spirit* um lugar repleto de escritoras as quais ela gostou não apenas de ler as histórias, mas de ler qualquer mensagem que elas deixavam sobre suas vidas, como uma maneira de se sentir mais próxima dessas autoras — ao ponto que, mais tarde, ao começar a ler *manhwas*.

Alguns anos depois de começar a leitura dessas *fanfics* ocidentais, Laura conheceu o mundo asiático por meio das bandas de *k-pop* — música pop sul-coreana. Através dessa influência, ela começou a consumir mais dessa cultura, inclusive histórias baseadas em cantores dos quais ela era fã. Quanto mais ela lia, mais histórias ela descobria e mais dentro do gênero — agora em sua manifestação asiática — ela se encontrava. Com o tempo, Laura se focou mais nos quadrinhos e nas suas respectivas adaptações em *novels* do que nas *fanfics*, abandonando, inclusive, as manifestações ocidentais e se firmando apenas nas histórias asiáticas. Uma das primeiras do gênero BL foi o *mannhwa Oh! My Assistant*, na plataforma em língua inglesa de leitura de quadrinhos e *novels* chamada Tapas. Foi ali que Laura descobriu que podia pagar para ter acesso a várias histórias e até ajudar as autoras em seus trabalhos por meio disso. No Tapas também foi possível encontrar novas histórias.

Laura não costuma ler tantas *novels* quanto ler quadrinhos *boys' love*, por se considerar uma pessoa mais visual, mas menciona que foi por influência deles que também se envolver como muitos romances de ficção. Sua primeira leitura de *novel* aconteceu por conta do quadrinho Meu Querido Benjamin que, após uma série de polêmicas com o ilustrador, não continuou publicando mais capítulos. Mas quando ela descobriu que a autora da história havia feito a versão em forma de narração, ela decidiu começar a ler; e assim sua história na leitura de *novels* também se iniciou.

No entanto, ainda que considere o valor visual das histórias, ela nunca viu nenhum filme ou série BL asiática. Sua preferência continua nas narrativas e nos traçados tão característicos do leste asiático, que também a influenciam quando vai fazer os próprios desenhos.

Como uma amante de clichês, o que conquista Laura dentro do gênero é a forma inovadora que as autoras criam suas histórias. Há identidade, há uma essência nítida que a encanta e a faz sempre procurar por mais. Como a própria traz na entrevista:

Eu acho que o que mais chama atenção é a criatividade e o talento das autoras no geral. Eu acho elas muito talentosas, tanto que tem histórias que eu chorei lendo. Eu já chorei vendo filme heterossexual, normal, é uma coisa que eu olho a cada esquina, em qualquer literatura, em série, em propaganda. É algo que me faz sentir até saturada, além da romantização. Tem gente que diz que *boys' love* é romantizado demais, é só menina com tesão escrevendo; e, sim, tem algumas históricas com problemas, mas eu sinto que no heterossexual isso é muito mais forte. Mas no BL, os enredos são muito bem construídos. Não sei se isso é porque tem muito preconceito, eu sinto que as autoras precisam doar mais de si pra obra ser verdadeiramente aceita e vista como uma obra (Laura).

Define Relationship e Meu Querido Benjamin são exemplos de histórias lidas nas quais ela encontrou essas características. Mas como ela mesmo diz, ainda que sejam bons enredos e


não sigam todos os estereótipos do gênero, ainda precisam enfrentar o preconceito de muitos que encaram essa manifestação como de mau gosto e essencialmente problemática qualquer que seja sua manifestação.

Mas ela não põe tamanho juízo de valor sobre essas histórias, pelo contrário, tem um grande apreço por elas. Tanto que quando descobriu que precisaria pagar pelas *novels* de seu interesse, ela não considerou um verdadeiro problema. Quando iniciou a leitura de *boys' love*, logo percebeu que encontraria mais histórias em inglês, e como já fazia um curso, as *novels* ajudaram bastante no processo de aprendizagem de uma nova língua — tanto que atualmente ela não ler nenhum BL em português. No entanto, mesmo encontrar as histórias de seu interesse em inglês tem sido um desafio. À procura de uma *novel* que só está disponível em coreano, ela chegou até a pensar em fazer um curso da língua para ajudá-la a ler; e como ou não encontra nada do que gostaria em português ou quando encontra é em algum site cheio de anúncios, ela prefere continuar procurando opções em outras línguas.

Ela até parece preferir, já que comenta como o gênero a ajudou a se aperfeiçoar no inglês. Fora isso, o BL a incentivou bastante a consumir a cultura asiática, coisa que não ocorreu nessa intensidade nem quando era fã de *k-pop*; assim como também influenciou sua forma de arte, que antes era mais realista e atualmente segue os traços comuns do leste e sudeste asiático.

Laura afirma que foi capaz de aprender pequenas coisas de várias histórias diferentes dentro dos diversos nichos de assuntos possíveis encontrados em histórias do gênero.

c) Entrevista 3

	Pseudônimo: Maria
	Gênero: feminino
	Idade: 28 anos
	Escolaridade: ensino médio completo
Orientação sexual: heterossexual	
Número de <i>novels</i> lidas: entre 6 e 10 (leituras completas que se lembra)	
Gêneros de maior interesse dentro do BL: viagem no tempo, romance escolar, romance na faculdade, romance de escritório, fantasia, ficção-científica, histórico/de época, comédia, drama/psicológico, máfia	
<i>Boys' love</i> “São homens que se amam”	

Maria começou a assistir a doramas em 2014, então já estava familiarizada com séries asiáticas há pelo menos dez anos; foi só em 2022, contudo, que ela conheceu a primeira série BL. Através de um vídeo curto no TikTok, ela descobriu a série tailandesa *TharnType*. Desde

então ela ficou obcecada pelo gênero e no período de um ano viu inúmeras séries do gênero — entre as quais ela cita *Kinnporsche*, *Love in the Air*, *I Feel You Linger in the Air*, *Unforgotten Night*, *Next Prince*, *Last Twilight* e *Love Syndrome*. Quanto às *novels*, Maria não tem certeza qual exatamente foi a sua primeira leitura, mas tem a *novel Love in the Air* como o primeiro romance do gênero que leu. Ela comenta que se apaixonou por um casal da série e isso a instigou, quando soube da existência da *novel*, a procurá-la. Essa leitura ocorreu no Wattpad, plataforma já conhecida anteriormente por Maria.

A entrevistada fala, também, sobre como lidou com as primeiras cenas de violência sexual que leu nessa *novel*. Tão apegada com os personagens que conheceu na série, para ela foi difícil vincular as imagens que via com as cenas que lia, portanto preferiu pular todas as cenas mais explícitas e pesadas, e, assim, manter sua experiência com a leitura o mais agradável possível. E essa não foi o único romance BL com descrições de violência sexual e afins lido por Maria, embora ela diga que em outras histórias não tenha pulado cena nenhuma — ela pareceu muito mais anestesiada diante delas.

As leituras seguintes à primeira também foram motivadas pelo desejo de ler as versões narrativas de séries anteriormente assistidas, no entanto, como relata Maria, muitos dos títulos procurados não estavam disponíveis em português. A solução encontrada por ela foi buscar as histórias em outras línguas e fazer uma tradução independente, para si. Contudo, como sabia que outros fãs do gênero também buscavam pelas mesmas *novels*, ela resolveu publicar as suas traduções no Wattpad. A primeira foi *I Feel You Linger in the Air*, que logo ficou indisponível por causa dos direitos autorais. Como ainda possuía o arquivo da sua tradução e muitos leitores a procuraram para saber se ela tinha planos de publicar a história novamente, Maria decidiu postar seu trabalho dessa vez no Telegram, onde, segundo ela, é mais difícil uma história sair do ar.

Mas em traduções recentes, ela diz que voltou a publicar no Wattpad — muito provavelmente por causa do poder de visualização que essa plataforma possui —, e enquanto não sofrerem denúncias, lá permanecerão.


Em seu processo tradutório, Maria garante que se esforça muito para que o resultado final seja o melhor para os leitores. Quando há alguma palavra ou expressão que não conheça, ela é auxiliada pelo tradutor do Google ou pelo ChatGPT, que também muito a ajuda a fazer notas explicativas, caso sejam necessárias.

Quando indagada sobre as possíveis mudanças e novos conhecimentos gerados por essas leituras, Maria acredita que não tenha mudado ou aprendido muito desde que começou a ler os romances BL, em destaque ela cita apenas o gosto por uma bebida alcoólica típica na Coreia

do Sul, o *soju*, e sobre como passou a observar o lado mais problemático de alguns enredos de maneira mais crítica. Mas, ainda é possível mencionar, conforme Maria conversava durante a entrevista, que durante seu processo de tradução, e por conta dele, Maria se informou sobre processos gramaticais da língua tailandesa e, mais recentemente, até sobre esgrima ela tem se informado para produzir uma tradução melhor na *novel Next Prince*, como ela mesmo relata:

Hoje mesmo eu tava traduzindo uma *novel*, a *Next Prince* [...], fala muito de esgrima. Aí tem alguns termos de esgrima que você precisa saber! Aí vou no ChatGPT e pergunto: ‘então, o que é isso aqui na esgrima?’. E ele fala, coloco um asterisquinho [na *novel*]. Eu faço a pessoa entender o que tá acontecendo, eu não só simplesmente jogo, porque eu não gosto de ler desse jeito, então... Eu sempre tento deixar o melhor pra pessoa imaginar (Maria).

d) Entrevista 4

	Pseudônimo: Penelope
	Gênero: feminino
	Idade: 21 anos
	Escolaridade: graduação incompleta
	Orientação sexual: heterossexual
Número de <i>novels</i> lidas: entre 6 e 10 (leituras completas que se lembra)	
Gêneros de maior interesse dentro do BL: <i>omegaverse</i> , mpreg, reencarnação/transmigração, viagem no tempo, fantasia, ação/aventura, histórico/de época, comédia, wuxia, máfia	
<i>Boys' love</i> “[...] são romances entre dois homens”	

Penelope começou sua estrada no mundo *boys' love* por volta do ano de 2018 quando, procurando um drama na plataforma Viki, descobriu a série *Addicted Heroin*. Como não imaginava que uma cultura tão tradicionalista como a China pudesse fazer séries sobre um romance entre dois homens, ela ficou muito chocada e curiosa sobre a história. Principalmente porque lhe parecia um mundo muito fantasioso, em que os personagens, apesar de gays, não pareciam sofrer os mesmos percalços que homossexuais viviam no mundo real. A partir de então ela começou a assistir inúmeras séries.

Mesmo considerando, hoje, que boa parte das obras que ela assistia aos 15 anos não era muito adequada para sua idade, principalmente por causa de algumas situações problemáticas que essas séries traziam, ela ainda não tinha maturidade na época para enxergar esses problemas.

Como a maioria das séries que assistia eram tailandesas, no final de 2019, depois de uma interação no X, antigo Twitter, foi-lhe indicado a *novel Two Moons*, que também possui uma adaptação para série de TV. No começo de 2020, já no período da pandemia, ela começou


a ler *Mo Dao Zu Shi*, e em uma semana foi capaz de ler 200 capítulos da obra. Penelope costuma utilizar o Wattpad para ter acesso a essas histórias; não sabendo ler em inglês e não gostando muito das traduções em espanhol, ela fala como depende das traduções em português para ler o que mais gosta. E até teve boas experiências com traduções brasileiras. Sua principal motivação para leitura é o entretenimento que elas lhe proporcionam. Enquanto ela garante que as *novels* tailandesas são muito divertidas, com várias cenas de comédia; ela encontra, nas *novels* chinesas, mundos de fantasia totalmente novos e fascinantes, enredos que vão além do romance. Outro fator que a faz gostar do gênero BL é a equidade que sente dentro das relações retratadas — embora saiba que existe muitas *novels* estereotipadas, ela afirma que também consegue ler romances em que, como se trata de dois homens, não ocorre nenhuma imposição, luta de poder ou a comum relação submisso-dominante em histórias heterossexuais.

Ela também não considera um trabalho fácil a leitura de *novels* no Brasil. Como fica dependente das traduções chegarem em terras tupiniquins, ela tem um segundo trabalho que é encontrar boas traduções em português. Fora isso, ela também tem um olhar mais crítico diante das publicações oficiais no Brasil. Não que ela seja contra editoras nacionais publicarem romances do gênero, Penelope apenas menciona como, sempre que um título é oficializado no país, sua versão traduzida e disponibilizada gratuitamente fica fora do ar com mais facilidade. Isso, com certeza, gera prejuízo aos leitores que não têm poder aquisitivo para comprar os livros físicos ou, ainda, o caso de leitores que não conseguem ter essas obras em casa por causa do preconceito dos familiares.

É sempre bom mencionar que nenhuma das *novels* publicadas oficialmente no Brasil possui versão em *ebook*.

Penelope também não costuma ler nada fora dos romances de ficção, como os famosos *yaoi*. Nas *novels* ela se sente completamente satisfeita e foi através delas que a entrevistada alcançou maior amadurecimento, principalmente no que diz respeito a expectativas diante de uma relação amorosa. Desde que começou a ler BL, ela afirma que ficou mais exigente e observadora diante de qualquer tipo de relacionamento. Penelope menciona como as leituras também a ajudaram a se conhecer melhor, sobre o que ela gosta, quer e espera das pessoas.

e) Entrevista 5

	Pseudônimo: Laila
	Gênero: feminino
	Idade: 23 anos
	Escolaridade: graduação completa
	Orientação sexual: bissexual
Número de <i>novels</i> lidas: entre 21 e 25 (leituras completas que se lembra)	
Gêneros de maior interesse dentro do BL: <i>omegaverse</i> , mpreg, romance escolar, romance na faculdade, romance de escritório, fantasia, ação/aventura, histórico/de época, comédia, drama/psicológico, máfia	
<i>Boys' love</i> é “[...] uma forma diferente de mostrar o amor”	

Laila está consumindo BLs há alguns anos, mais especificamente desde de 2018.

Bastou sua irmã insistente indicar um anime do gênero para que Laila ficasse totalmente envolvida com o fenômeno. Ela entrava em *sites*, fóruns, construía amizades na internet, que também eram fontes de indicações de novas histórias. Logo depois, ela já leu a primeira *novel*. *Kinnporsche* foi uma experiência nova para Laila, que ficou muito surpresa com os temas retratados ali. Romance abusivo e cenas de violência foram alguns motivos que a levaram a não considerar esse um dos melhores romances do gênero que ela já leu; muito embora também não tenha sido uma história que a fez desistir do gênero. Laila ainda cita outros títulos importantes na sua trajetória como leitora de *novels*, entre eles estão: *Noite de Caça*, *Payback* e *Mil Estrelas*. O que ela mais gosta nas histórias desse movimento é a unicidade que elas oferecem. Laila tem as *novels* BL como uma manifestação muito diferente dos ocidentais, um poder de proporcionar histórias inovadoras e fora dos clichês heterossexuais que ela sempre esteve acostumada; o que também parece ampliar seus horizontes profissionais. Como estudante de roteiro, ela comenta como o BL lhe proporciona novos enredos e novas formas de construir uma história. Obviamente, o fato de provir da cultura asiática foi um fator de grande importância para que Laila gostasse tanto do gênero, principalmente por ela considerar esse caráter “único”, de apresentar histórias inovadoras, a forma de contar essas histórias, como uma característica asiática.


No entanto, nem tudo é fácil no mundo de leitura de *novels*. Laila conta como foi difícil, principalmente há seis anos, encontrar *novels* em português, o que a obrigou a procurar os títulos que mais a interessavam em outros idiomas. O empecilho era que ela não sabia falar outra língua. Em meio à pandemia, em 2020, ela encontrou a motivação para aprender inglês; com o auxílio de um curso, ela dominou esse segundo idioma e agora consome mais romances

boys' love nessa língua do que em português. Seu principal motivo para isso é a demora de atualização de algumas *novels* para língua portuguesa.

Laila também é uma participante ativa em alguns grupos de fãs de BL na internet. Ela enxerga a comunidade como uma irmandade, uma bolha que favorece conhecer novas histórias ao mesmo tempo que também faz parte da característica do *boys' love*, que é a cultura de fã. Em outras palavras, Laila menciona: “Quando vamos para o *boys' love*, é muito diferente. Você não encontra fácil em outro lugar, só naquela bolha fechada. Você só sabe se fizer parte daquele lugar, se conhecer aquelas pessoas”; a entrevistada atrela essa publicidade interna, de fãs para fãs, como o que torna o BL um movimento tão único.

Ela também acredita que aprendeu muito com as leituras feitas. Além de aprender um novo idioma, Laila menciona como seu paladar mudou desde 2018; ela passou a se interessar — e gostar — de comidas asiáticas. A forma de falar também foi outro aspecto que se transformou; mesmo em uma roda de amigos, Laila se pega às vezes falando como os personagens de suas histórias BL favoritas. Ela também considera que desenvolveu um olhar mais crítico diante das romantizações de cenas problemáticas em alguns romances lidos, entendendo que, mesmo que seja “vendida” uma história romântica, nem sempre se trata de romance, e que em alguns casos seria melhor a separação.

f) Entrevista 6

	Pseudônimo: Tiago
	Gênero: masculino
	Idade: 30 anos
	Escolaridade: graduação completa
Orientação sexual: homossexual	
Número de <i>novels</i> lidas: entre 3 e 5 (leituras completas que se lembra)	
Gêneros de maior interesse dentro do BL: <i>omegaverse</i> , romance escolar, romance na faculdade, romance de escritório, terror/suspense/mistério, ação/aventura, drama/psicológico, wuxia, máfia	
<i>Boys' love</i> é “[...] válvula de escape e lugar de segurança”	

Tiago representa aqui os leitores em suas primeiras experiências com *novels* do gênero, muito embora consuma séries BL desde fevereiro de 2020. Ele revela que a indicação partiu de um relacionamento que ele tinha na época, e em meio à pandemia, foi o consumo das séries que o fez encontrar um lugar seguro, com histórias que mais se assemelhavam a contos de fadas, um mundo que ele gostaria de viver. Apesar disso, sua primeira reação, ao assistir *2gether*, foi de estranhamento. De uma atuação e cultura diferentes, ele precisou convencer a si mesmo a dar uma segunda chance à série tailandesa. Foi nessa oportunidade que ele já experimentou o

prazer de assistir o gênero, e desde então sua paixão só cresceu, tanto que Tiago chegou a viajar recentemente à Tailândia — país que produziu suas histórias preferidas.

Sua história com as *novels* é bem mais recente. Foi por meio do aniversário de uma amiga, ainda em janeiro de 2024, que Tiago descobriu o livro em que foi baseada uma de suas séries preferidas: *Mil Estrelas*. Feliz com a descoberta, ele logo comprou os dois volumes publicados, além de, posteriormente, também ter adquirido *Semantic Error* e *Para Sempre o Número Um* — todos com adaptações para séries de televisão. Com uma paixão sem igual pelas séries, Tiago vê nas *novels* uma forma de ampliar o universo delas, até mesmo criar um novo a partir das imagens que as adaptações audiovisuais o proporcionaram. E mesmo amando as produções asiáticas, ele garante que se interessaria por BLs de outros lugares e histórias, desde que mantivesse o que ele considera ser parte da essência desse movimento: o aspecto lúdico e romântico.

Tiago também é muito interativo nas redes sociais. Como um dos administradores de uma página dedicada ao *boys' love*, ele divide suas experiências, como a última viagem à Tailândia — como foi conhecer os lugares, a cultura, até mesmo o estúdio GMM, produtora responsável por tantas séries BL de sucesso —; conversa com o público por meio das mensagens privadas, e é, então, que percebe como a página também pode ser um espaço em que os seguidores podem se abrir, contar um pouco de suas histórias; conversar sobre *novels* e séries lidas... É um ambiente que, em meio a um interesse de consumo tão característico e ainda não tão difundido, é na página que ele consegue encontrar pessoas com gostos semelhantes.

E não é para menos, Tiago encontrou no BL o caminho para se entender melhor, sobre os seus interesses e suas amizades. Ela relata como as leituras dos romances e o consumo das séries o fez refletir profundamente sobre suas ações na vida, os lugares que frequentava, a forma como tentava se encaixar em ambientes que não geravam verdadeira satisfação.

g) Entrevista 7



Pseudônimo: Fernanda

Gênero: feminino

Idade: 28 anos

Escolaridade: graduação completa

Orientação sexual: heterossexual

Número de *novels* lidas: entre 11 e 15 (leituras completas, que se lembra)

Gêneros de maior interesse dentro do BL: *omegaverse*, reencarnação/transmigração, viagem no tempo, romance na faculdade, histórico/de época, wuxia, máfia

***Boys' love* é** “[...] uma forma de amar. Amar uma pessoa, o próximo, sem rotulagem [...]”

Fernanda já assistia séries asiáticas desde 2022, por intermédio da Netflix. Consumir produtos da cultura asiática não era, definitivamente, uma novidade para ela; no entanto, foi em um vídeo curto no TikTok que ela teve o primeiro contato com o gênero *boys' love*. Tratava-se de uma cena de um dos casais principais da série BL *Love in the Air*, e por meio da seção de comentários, Fernanda descobriu que por meio de grupos no Telegram ela poderia ter acesso a série completa. Diante da história de um dos casais principais da série, ela ficou completamente rendida ao gênero. Seu encanto foi tamanho que Fernanda relata procurar o máximo de informações e conteúdos referentes ao casal da série, foi quando descobriu que existia uma *novel* sobre a história.

Ela leu várias *novels* desde então, entre histórias completamente originais e *fanfics*, e todas que tenham algum tipo de relação com séries que ela já assistiu ou tem planos de assistir. Ela cita títulos como *Ungorgotten Night* e *Love Syndrome* — ambas do mesmo universo ficcional —, *The Eclipse*, *Semantic Error* e *Mo Dao Zu Shi*. Seu anseio por essa leitura vem da necessidade de se aprofundar nos enredos conhecidos e apreciados das séries adaptadas. Outra razão que a faz ter um carinho tão especial pelos romances do gênero é a superação de uma relação homoafetiva em uma sociedade patriarcal e preconceituosa. Ela vê nessa perseverança, nessa resiliência um amor profundo que merece um final feliz.

Aliado a esses aspectos, outro fator que atrai Fernanda para essas leituras é a cultura asiática — único BL lido fora dessa ideia foi o livro *Vermelho, Branco, Sangue Azul*. Muito lhe chama atenção os aspectos diferentes ao mesmo tempo envolventes, apaixonantes dentro dessa cultura, capaz de ensinar muito de um povo e sociedade bem diferentes da brasileira.

Nem tudo é simples, contudo, na leitura de BL. Fernanda sofreu bastante com a barreira linguística e a falta de publicações em língua portuguesa. Foi por isso que, juntamente com uma amiga, ela começou a traduzir *novels* que encontrava em outras línguas. Tudo começou com o

final em aberto de uma série chamada *I Feel You Linger In The Air*. O desejo de saber o que ele aquela história ainda tinha para falar, Fernanda e amiga começaram a pesquisar a *novel* na internet, mas foi só no espanhol que encontraram uma versão da história que poderiam ler — mais ou menos. Então, juntas, decidiram traduzir a história do espanhol para o português. Enquanto a amiga fazia a tradução preliminar e salvava no rascunho do Wattpad, Fernanda fazia as revisões dos capítulos e os postava.

Logo depois veio *Pit Babe*. Enquanto acompanhava a série, Fernanda também estava interessada em ler a *novel* da história, mas todas as versões em português estavam saindo do ar devido a questão de direitos autorais; foi quando a entrevistada encontrou uma versão em híndi da história e resolveu ler. Como não sabia o idioma, ela relata que usou o celular para ajudar na tradução. Mas outros fãs demonstravam interesse em ler a história, e impossibilitados com tantos banimentos de traduções nas plataformas digitais, Fernanda decidiu traduzir, por meio de ferramentas digitais, e publicar o seu trabalho. Foi uma tarefa difícil, já que a história era muito longa e ela precisou reler tudo para escrever a tradução. Fora isso, ela relata que precisou fazer pesquisas extras sobre o mundo das corridas — tema principal da história — para formular notas tradutórias de explicação para os leitores. E depois de mais de 50 capítulos publicados, usando outro título para a história e mudando a sinopse para tentar passar despercebida, a sua tradução também saiu do ar no Wattpad. Ela não sabe dizer se por causa de denúncia ou alguma outra razão, talvez algum algoritmo da plataforma possa ter descoberto que se tratava de uma tradução não licenciada.

Mesmo depois de tanto trabalho perdido, Fernanda ainda tem metade de suas traduções salvas e pretende publicá-las em um canal do Telegram, onde ela afirma ser mais difícil receber banimento. Como leitora, ela diz que entende como a pirataria não é o melhor caminho, mas quando procura uma história que deseja ler e mesmo procurando em todos os lugares uma versão em português, não é capaz de encontrar, ela vê nessas traduções clandestinas a única forma de ler as histórias desejadas.

Mas disse valer a pena. Fora a paixão que tem por essas histórias, ela tem aprendido bastante com elas nos últimos tempos. Primeiro no quesito culinária, ela não só conheceu novos pratos asiáticos, em especial os tailandeses e coreanos, como passou a ter curiosidade de experimentá-los. Todo seu histórico com o gênero influenciou também em seu gosto musical quando passou a ouvir cantores como Jeff Satur, que fez recentemente (2023) um show no Brasil. Ator e cantor tailandês, ele ficou conhecido pelo seu papel na série *Kinnporsche*, série que também foi adaptada de uma *novel*.

Fernanda também é encantada pelo gênero *wuxia*, comum em *novels* chinesas. A entrevistada relata como essas histórias envolvem fantasia e história, e como aprende com elas. Relata ainda como exemplo, a *novel* tailandesa *The sign*, que remonta à mitologia antiga sobre nagas e garudas, representadas por personagens rivais que acabam se apaixonando. É por meio da criação desses mundos e a representação presente da cultura desses países que leitores como Fernanda aprendem mais sobre a história desses povos, seus contextos, a cultura.

h) Entrevista 8



Pseudônimo: Paula

Gênero: feminino

Idade: 21 anos

Escolaridade: graduação incompleta

Orientação sexual: bissexual

Número de *novels* lidas: entre 3 e 5 (leituras completas, que se lembra)

Gêneros de maior interesse dentro do BL: *omegaverse*, mpreg, reencarnação/transmigração, romance escolar, romance na faculdade, romance de escritório, fantasia, ficção-científica, terror/suspense/mistério, histórico/de época, drama psicológico, máfia

Boys' love “[...] significa amor entre homens, entre meninos, [...] uma obra *queer*, mas que na Ásia se deu de uma forma diferente”.

Mesmo sendo uma das entrevistadas mais jovens desta pesquisa, Paula já possui uma década de experiência de consumo de produções BL. Sua história começa tem vários paralelos com o surgimento do *yaoi* no mundo; assim como ocorreu no Japão, Paula conheceu o gênero por meio de uma *fanfic* em forma de romance narrativo com os personagens principais do anime de sucesso *Naruto*. Descoberta em um fórum para fãs da história, essa *novel* logo conquistou o interesse de Paula, que pela primeira vez via os dois personagens em um contexto romântico e homossexual. Em 2014, quando tudo começou, nossa entrevistada estava na pré-adolescência, mas era curiosa o suficiente para buscar em outros fóruns sobre esse gênero, que ela descobriu ter o nome de “*yaoi*”. Na época, a Blyme Yaoi disponibilizava uma publicação inteira com os significados dos termos mais recorrentes nessas histórias e foi lá que Paula entendeu melhor sobre o assunto.

Depois de iniciado no mundo das *fanfics*, ela também passou a consumir mangás do gênero. Como estudante de Artes Visuais, toda a perspectiva ilustrativa das histórias sempre chamava sua atenção — tanto que atualmente os quadrinhos são a sua principal leitura. Paula também costuma seguir as artistas e suas produções na internet, em histórias que nem sempre

seguem um ritmo comum em ficções, às vezes limitando-se a cenas únicas e tirinhas curtas que são publicadas no tempo livre dessas criadoras.

Entre as *fanfics* e as *novels* originais, Paula é atraída por motivos diferentes. Enquanto as *fanfics* apresentam um espaço que vai além das expectativas narrativas oferecidas por seus criadores originais, também considera um ambiente de coragem, por apresentar personagens cuja perspectiva *queer* de sua história ou personalidade muitas vezes não teve desenvolvimento por seu criador. Enquanto isso, as *novels* apresentam uma força na apresentação de histórias totalmente originais, com mundos ficcionais que dificilmente são encontrados no mercado editorial atual.

Uma característica interessante dentro da experiência de leitura da Paula, é como a sua paixão pelas ilustrações também influencia na forma como ela cria alguns sentidos dentro das leituras das *novels*. O principal deles é imaginar os personagens dos romances narrativos como os personagens de um mangá. E mesmo no caso das obras que sofrem alguma adaptação com atores reais, ela encara a história como pertencente a universos distintos, e nem mesmo depois é capaz de voltar a ler e imaginar aquele personagem como alguém de carne e osso.

Paula também costuma conversar e trocar diversas indicações de obras com amigos também fãs de BL, mas separa obras que tenham qualidade e outros gêneros literários de destaque no enredo para indicar para os amigos que não conhecem o *boys' love*. Muito embora seja uma fã do gênero, a entrevistada também considera que há alguns obstáculos de leitura. Como citado por entrevistados anteriores, Paula também teve problemas com a falta de publicações em língua portuguesa dos títulos que lhe interessavam. Sua solução foi buscar nas línguas espanhol e inglês — e aprender ambas — para poder ter um acesso maior ao que gostaria de ler. Associada a essa situação, o acesso legal de obras, segundo a entrevistada, era muito mais difícil há dez anos. Mesmo os sites oficiais japoneses das obras tinham um bloqueio de faixa etária que só permitia acesso se o sujeito disponibilizasse uma espécie de “CPF” asiático, o que impossibilitava leitores ocidentais, mesmo pagantes, de conseguirem por meios legalizados acesso a história.

Outra dificuldade mencionada foi a adaptação com forma de escrita das *novels* asiáticas, Paula menciona como achou narração estranha — até mesmo ruim — no início e como precisou de um tempo para se acostumar e apreciar essa nova forma de escrita. Como compensação, ela também menciona como isso a ajudou a enxergar formas de escritas ficcionais de outros países e culturas de maneira mais tolerante e tranquila. Paula também cita como aprendeu sobre a história, culinária e cultura de países asiáticos por meio dessas leituras. Mesmo considerando que muitas histórias podem não ser um retrato fiel da realidade do Japão, Coreia do Sul, China

etc., ela considera *novels* e mangás como uma boa fonte histórica para entender um pouco mais desses lugares.

i) Entrevista 9



Pseudônimo: Joice

Gênero: feminino

Idade: 32 anos

Escolaridade: pós-graduação completa

Orientação sexual: assexual

Número de *novels* lidas: entre 6 e 10 (leituras completas, que se lembra)

Gêneros de maior interesse dentro do BL: romance na faculdade, drama psicológico, wuxia, máfia
Boys' love é “[...] um romance bonitinho de dois meninos [...]”.

Joice é uma das consumidoras mais antigas do gênero; fã de animes desde os 11 anos, foi em um fórum dentro da comunidade de fãs que em 2008 quando ela descobriu o *yaoi*, em uma página conhecida por “Yaoi, se não gosta, não entre”. Primeiramente, ela consumia bastante as *fanarts* que eram publicadas ali, mas, como fã de anime, ela esperava que tivesse algumas opções do tipo dentro do *yaoi*, mas quando o número se mostrou insuficiente, Joice migrou para leitura de mangás do gênero, e consumi-os por alguns anos antes de descobrir as *novels*.

Acostumada com as ilustrações asiáticas comuns nos animes e mangás, quando viu no *Tumblr* cortes de cenas da série de TV *Make It Right* em 2016, demorou um tempo para se acostumar a ver pessoas reais interpretando histórias *boys' love*; outro fator que a levou ao estranhamento foi o idioma, que soava estranho aos seus ouvidos — o que também foi superado depois de um tempo. No ano seguinte, ela conheceu a série *Two Moons*, e em meio ao medo de *spoiler* da série na internet, ela descobriu que começaram a traduzir a *novel* da série para o português. Diferente das entrevistadas anteriores, contudo, Joice tem uma opinião diferente sobre os romances de ficção mais comuns no movimento BL. Ela considera as histórias pouco inovadoras e de escrita bem abaixo do esperado de qualidade. Em suas próprias palavras ela diz: “É bem mais do mesmo, parece que estou lendo o mesmo tipo de história em todas as *novels*, mudando uma coisinha aqui e ali” (Joice), em outro momento, ela chega a ser mais dura ao relatar que como essa literatura costuma ser

[...] puro suco de *Chernobyl*, entendeu? [...] todas essas *novels* começam através da romantização de abusos [...], justificando o estupro com a bebida e

romantizando isso, e o relacionamento [dos protagonistas] começa daí. Não que isso vá me impedir de ler, mas eu fico curiosa pra saber o porquê disso ser repetido tanto e em tantas *novels* (Joice).

Mas, também segundo a entrevistada, não são todas as histórias BL que sustentam essas características. Ela cita *Mo Dao Zu Shi* e *Semantic Error* como boas *novels* do gênero, e que foram descobertas com a publicação oficial promovida pela editora New Pop. Como não gosta muito da leitura digital, Joice prefere ter seus livros BL na versão física, e até é capaz de comprar todos os livros publicados do gênero apenas para ajudar o mercado editorial e influenciar na demanda de novas publicações em solo nacional.

Joice não é uma grande fã das traduções independentes. Pela baixa qualidade desses trabalhos, que às vezes passam apenas por uma tradução automática do Google, a entrevistada diz preferir ler histórias em inglês, língua em que é mais facilmente achar obras licenciadas. No entanto, como não se considera uma grande entusiasta em buscar por *novels* específicas, a falta de mais títulos em inglês ou em português para leitura não parece incomodá-la.

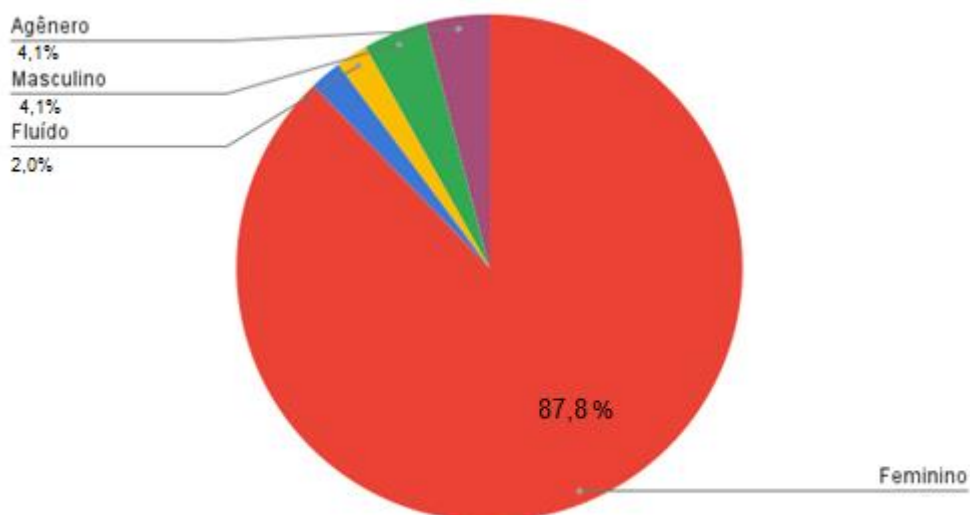
Depois de concluídas todas as entrevistas e entendido o perfil de experiência e conhecimentos construídos ao longo do tempo, sob influência do *boys' love*, em paralelo ao que foi discutido nas seções de revisão de literatura, foi possível fazer uma triangulação entre todo o aporte teórico trazido Ciência da Informação, Leitura e Literatura, e pesquisas relacionadas ao fenômeno BL no Brasil e no mundo para construir os resultados sobre o impacto que as *novels* está gerando em seus leitores e como esses mesmos resultados podem servir como termômetro para avaliação sobre o macro fenômeno de leitura atual entre os jovens.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diante dos dados levantados e das ideias discutidas, foi possível iniciar as primeiras interpretações dos resultados de todo conteúdo reunido. O primeiro aspecto observado foi o formulário inicial respondidos por 49 leitores e, embora não tenha sido objetivo desta pesquisa fazer um levantamento quantitativo para formular um perfil leitor que representasse o montante de leitores de *novels* no Brasil, cabe, aqui, fazer um paralelo das respostas obtidas com os perfis de leitura descobertos nas pesquisas de Pagliassotti (2008) e Pereira (2018), em que elementos como gênero, idade e sexualidade tiveram certo destaque. Por conta disso, uma atenção maior foi feita nas respostas de perguntas parecidas no formulário elaborado para esta pesquisa.

Quanto à questão do gênero, como mostra a imagem a seguir, a representação feminina continua bastante representativa. Ainda assim, foi observado a presença de pessoas de gênero fluído (1 resposta) e agênero (2 respostas) também dentro do universo de respostas. A presença masculina também foi bastante baixa, o que parece não representar adequadamente a participação do gênero nas leituras, visto que as pesquisas de Pereira e Pagliassotti revelaram uma porcentagem superior.

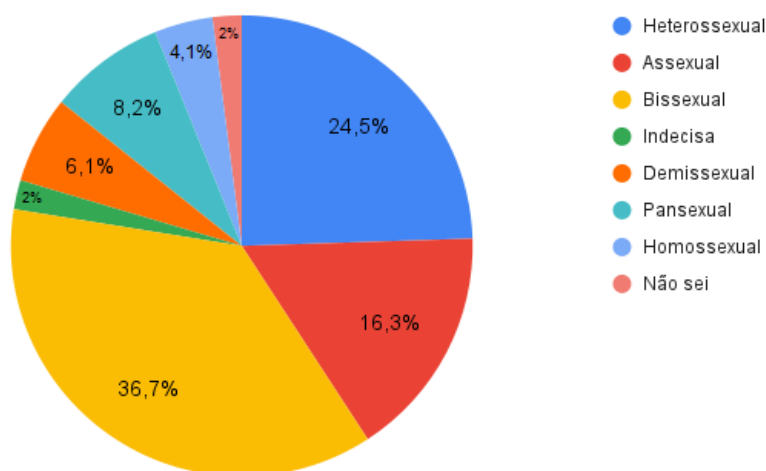
Gráfico 1 — Porcentagem de gênero dos respondentes da pesquisa



Fonte: esta autora (2024).

Em relação à orientação sexual, tem-se um resultado que relembra muito os resultados de Pereira (2018):

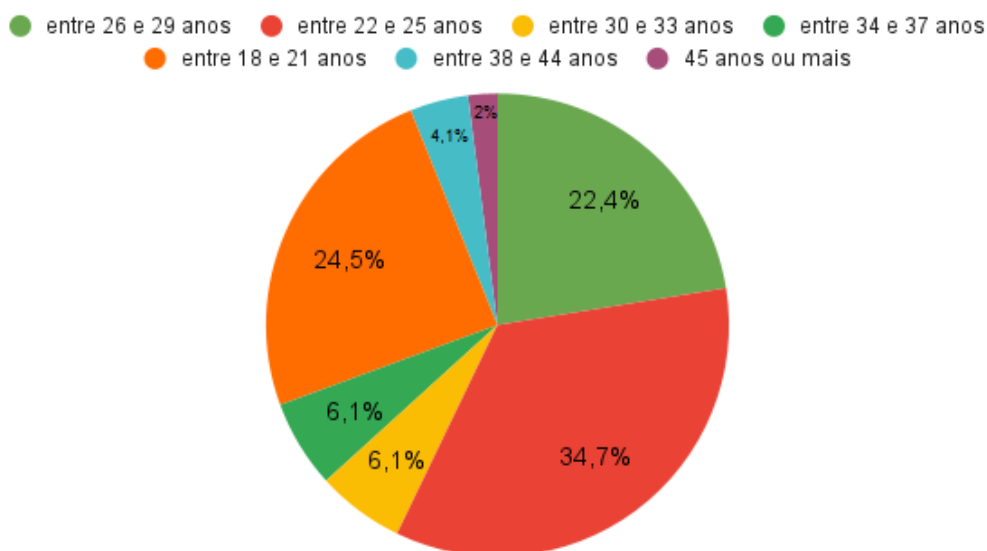
Gráfico 2 — Porcentagem sobre a orientação sexual dos respondentes da pesquisa



Fonte: esta autora (2024).

A presença da bissexualidade superou, inclusive, o número de heterossexuais respondentes, fazendo com que a parcela de pessoas LGBTQs que responderam ao formulário ser um montante de 70,7% — o que parece representar o crescimento de pessoas não heterossexuais lendo histórias BL.

Gráfico 3 — Porcentagem sobre a idade dos respondentes da pesquisa



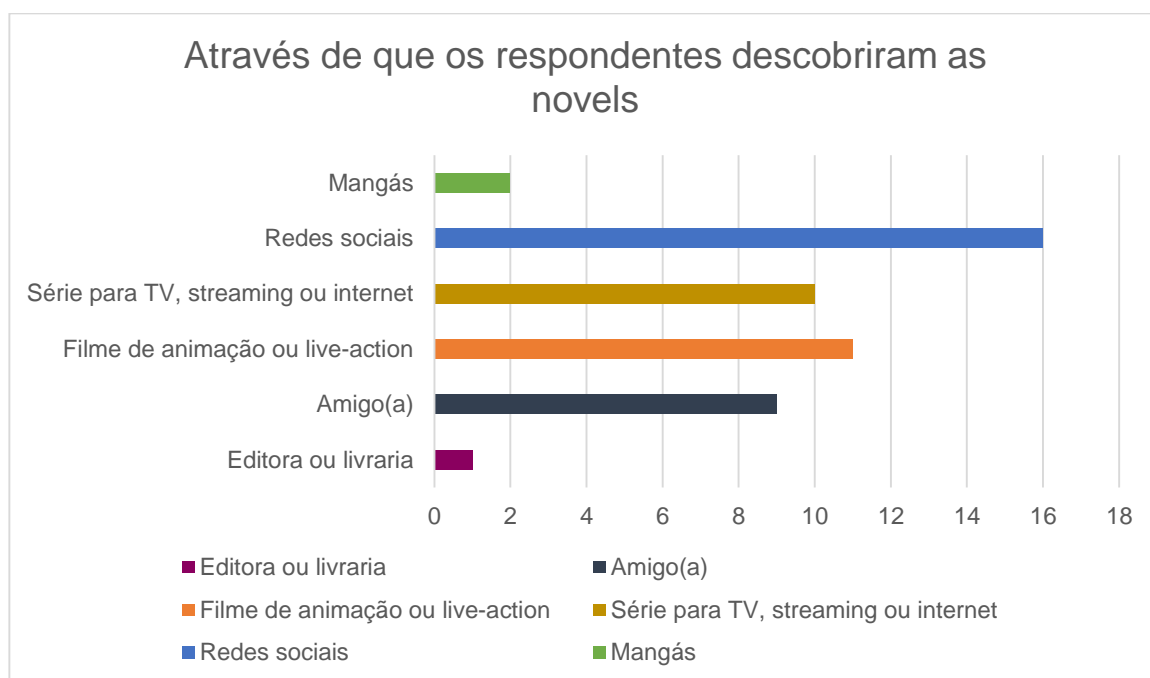
Fonte: esta autora (2024).

Quanto à idade, o formulário não foi direcionado a menores de 18 anos, então não foi possível fazer uma progressão de sua presença na leitura de *novels*, embora as pesquisas anteriores tenham revelado que menores de idade são um grupo bastante representativo. Na verdade, como fala a pesquisa de Pagliassotti (2008), foi possível notar como alguns dos

entrevistados tiveram seu primeiro contato com o gênero *boys' love* antes mesmo de completar 13 anos. De qualquer forma, o gráfico dos formulários ainda demonstra uma grande parcela de leitores jovens, 58,7% dos respondentes tinha entre 18 e 25 anos, enquanto só 2% (ou seja, 1 resposta) tem 45 anos ou mais.

Outra informação relevante é os meios pelos quais os leitores descobriram as *novels*. Como visto nas entrevistas anteriores, todos os sujeitos consumiam outros conteúdos antes de descobrir os romances BL, seja por meio de um vídeo no TikTok, um fórum no Facebook ou a recomendação de um conhecido, o gráfico mostra a seguir as demais formas que os outros respondentes dos formulários também descobriram as *novels*.

Gráfico 4 — Como os respondentes disseram ter conhecido as *novels*



Fonte: esta autora (2024).

E, de acordo com o que era esperado, as redes sociais se mostraram grandes publicitárias dos romances *boys' love*. 16 pessoas, cerca de 32,6% do universo de respostas, disseram que alguma foi em alguma rede social (aqui incluídos Instagram, Facebook, TikTok, Kawaii e X, antigo Twitter) que descobriram a *novel* pela primeira vez; seguida pelos filmes de animação (os animes) ou *live-action*, e séries para TV, *streaming* ou internet. Esse resultado apenas reforçou como o audiovisual e a internet se tornam cada vez mais fundamentais no processo de divulgação das histórias.

E de fato há interesse na leitura de *novels* BL, sejam elas com enredos mais polêmicos, explícitos ou românticos e fofos, alguns fatores parecem se sobressair e conquistar a atenção dos leitores. Segundo os trabalhos vistos e citados neste trabalho, é possível elencar algumas

características intrínsecas ao gênero BL, que também atraem e conquistam uma legião de fãs. Segundo Kwon (2021), o fenômeno *boys' love* atrai os leitores por seu potencial de identificação, ou seja, os pontos de vistas que os sujeitos conseguem alcançar a partir da leitura da história — o que Thorn (2003) também considera um grande motivador do sucesso do gênero entre as mulheres, já que oferece a elas uma percepção de um romance gay, podendo elas também estar em um “corpo masculino” —; a forma que os personagens são apresentados, ora em uma perspectiva utópica e perfeita de beleza, ora em perspectiva andrógina; o que leva ao terceiro fator: a mesma ambiguidade de gênero também leva algumas histórias a retratar relacionamentos mais igualitários, sem as amarras de uma sociedade patriarcal que impõe uma hierarquia de gêneros; o quarto motivo, e pode-se inferir que seja até o mais forte, que leva a apreciação dessas histórias, é sua conotação sexual.

Nas revisões teóricas foi possível perceber como, com o *yaoi* principalmente, o gênero ganhou mais força e visibilidade — não esquecendo a movimentação dos fãs também nesse processo — a partir de histórias que davam vazão aos desejos de suas criadoras e, conseqüentemente, de suas leitoras. Novamente, quando se trata do caráter violento — que é mais frequentemente observado nas histórias homoeróticas do gênero —, segundo Thorn (2003), as mulheres parecem ser as que mais frequentemente são atraídas. Em suas pesquisas, a autora percebeu como, em sociedades patriarcais em que mulheres sofrem constantemente de violências e opressões dos mais variados tipos em seu cotidiano, ler ficções em que colocam corpos masculinos sofrendo das mesmas violências traz certa satisfação. É como ver o homem sofrendo um pouco do que elas sofrem, é como se colocar numa posição de opressor, pela primeira vez, no lugar de ser oprimido.

Ao levar todos esses aspectos em consideração e levando-os à luz das experiências relatadas pelos entrevistados, foi possível fazer um perfil de manifestação do fenômeno de leitura de *novels* BL por brasileiros. Para demonstrar da melhor maneira, esse perfil foi dividido em três grandes pilares, os essenciais segundo Dumont e Espírito Santo (2007), para a efetivação da leitura: contexto, sentido e motivação. Descobrir todas essas perspectivas em relação aos fenômenos, será possível perceber a sua essência.

6.1 Quanto ao contexto

É possível entender o contexto a partir de muitos aspectos. Dentro desta pesquisa, eu me fiei em três específicos: o contexto histórico que desenvolveu o fenômeno de histórias BL — aqui levando em consideração também outras formas de apresentação, como filmes, séries, quadrinhos e afins — no Leste Asiático; o contexto de consumo nacional de *novels*, seja ele

legalizado ou não; e o contexto das traduções e retraduações de fãs na internet, o que vai influenciar, obviamente, nos sentidos construídos durante a leitura.

a) *O contexto histórico*

O *boys' love* se inicia dentro das histórias de ficção em formato de quadrinhos no Japão, os chamados mangás *shounen-ai* foram a primeira manifestação, enquanto parte do gênero *shoujo*, depois da crescente inserção de mulheres japonesas no mercado de trabalho na década de 1970. Com o intuito de fugir das histórias clichês comuns nesse período, as autoras e ilustradoras heterossexuais deram vazão à imaginação e, como um ato também de liberdade sexual em meio a uma sociedade patriarcal e preconceituosa, começaram a escrever para um público feminino e hétero. Nessa década, as histórias eram mais implícitas, com poucos toques entre os personagens, que inicialmente eram femininos e andrógenos, até alcançar explicitamente o “status” masculino. O desenvolvimento das histórias costumava trazer jovens na descoberta do primeiro amor, em enredos que se focaram mais no desenvolvimento psicológico dos personagens.

Na década seguinte, inicia uma manifestação que se tornaria o principal sinônimo do gênero BL em questão de histórias de ficção: as *fanfics* com cenas explicitamente sexuais. Sob o nome de *yaoi*, ele se iniciou em esferas de publicações independentes, em que as autoras (muitas delas amadoras) usavam de personagens já conhecidos de outras histórias em um novo contexto, dessa vez, homoerótico. O aspecto independente sobrevivia a partir de publicações de *fanzines* e *fanarts*, que circulavam em eventos de fãs de mangás no Japão.

Com a ajuda dos fãs que se formavam ao redor dessas *fanfics*, o movimento ganhou mais força e começou a chegar nos países vizinhos, como Coreia do Sul, Tailândia, China e Taiwan; locais esses que tentavam impedir essa entrada com censuras e até a criminalização da leitura dessas histórias, como ocorreu na China. Mas, mais uma vez, na clandestinidade sustentada pelos fãs, o fenômeno se manteve firme, alcançando outras formas de manifestação como peças de teatro, filmes, animes, romances e séries de TV. Tamanho foi esse movimento, principalmente em meio às fãs japonesas, que o termo “yaoi” parecia não comportar a imensidão de manifestação dessas histórias de ficção, principalmente porque nem todas carregavam cenas eróticas. O *shounen-ai* continuava, mesmo que em uma movimentação menor, a ter como objetivo o desenvolvimento dos sentimentos do casal, na maioria das vezes nem chegando a falar sobre o aspecto sexual do casal. Sendo assim, em meados da década de 1990, como estratégia publicitária, o Japão lançou o termo guarda-chuva “boys' love” para

representar toda história ou ilustração ficcional que apresentasse dois ou mais personagens masculinos em contexto romântico e/ou sexual.

Pareceu uma boa saída escolher o termo em inglês, tendo em vista que no período os mangás e outras manifestações de quadrinhos asiáticos do gênero já tinham ganhado destaque em diversos países do ocidente.

No Brasil, a leitura de histórias asiáticas começou com os descendentes de japoneses residentes em solo nacional, e durante algum tempo foi por meio da clandestinidade e de poucas editoras que vendiam mangá eram os responsáveis pela manutenção do gosto brasileiro por histórias japonesas. Mas desde a invenção da televisão — mais especificamente o aumento de brasileiros com televisores em casa —, no final da década de 1960, já existia transmissão de filmes japoneses no Brasil, ampliando, assim, o público de adeptos para além da comunidade asiática imigrante.

Com o surgimento da internet isso se expandiu ainda mais, pois não existia a dependência mais das decisões de emissoras de TV ou editoras para escolher o que chegaria ou não em terras tupiniquins. A internet proporcionou o encurtamento de barreiras geográficas e deu a possibilidade de seu usuário não apenas consumir, mas produzir e publicar suas criações ou republicar e divulgar criações de terceiros. É nesse momento que o “yaoi” chegou no Brasil, ou seja, as histórias em quadrinhos primeiro, para logo depois dar vazão às outras manifestações, os BL.

Uma prova dessa conclusão são os números de leituras de *yaoi* e *novels boys' love*, apresentados nos quadros 2, 3 e 4 da seção de levantamento de dados. Enquanto o quadro de leituras de quadrinhos apresentava milhões de leituras, demonstrando como essa manifestação é mais consumida, principalmente como herança dos mangás que também foram os primeiros a chegar; nos quadros que apresentavam as *novels*, mesmo com números surpreendentes de visualizações, ainda possuem menos leituras.

A quarentena definida em decorrência do covid-19 fez com que milhões de pessoas ficassem confinados em suas casas, em que muitas vezes a maior fonte de entretenimento era provida pela internet. Foi nesse período que o consumo de *boys' love* também sofreu um aumento considerável, inclusive no Brasil. O que começa em forma de séries, principalmente, serve como pontes para outras formas de manifestação do gênero.

Nesse aspecto, inicia-se o contexto de consumo nacional dessas histórias. No ponto a seguir, então, falar-se-á um pouco do perfil de consumo do brasileiro, como eles descobriram as histórias BL e como chegaram no consumo específico de *novels*.

b) *O consumo de boys' love no Brasil*

O consumo brasileiro de BL vai passar por algumas esferas de análise também. A idade, gênero e sexualidade já foram discutidos anteriormente, chegando à conclusão que os leitores dessas histórias são, em sua maioria, mulheres, jovens e pertencentes à comunidade LGBT, com destaque aos bissexuais. Outro aspecto observado foi a forma que esses leitores classificam essas histórias. No quadro 2, tem-se as histórias em quadrinhos mais lidas no site MangaToon, onde é possível fazer autopublicação, com histórias de leituras gratuita e paga. As classificações que os publicadores escolheram reflete primeiramente como o “yaoi” é mais presente — nas 10 histórias, ele é termo classificatório em 9 —, enquanto “BL” só aparece em três histórias, demonstrando, assim, como o tradicional *yaoi* continua sendo o principal sinônimo de quadrinhos do gênero. Isso se reforça quando se compara com os quadros das *novels*, dos 25 romances de ficção do gênero, “yaoi” só aparece como classificação de 7 histórias, enquanto “BL” aparece em 20 e “boyslove” em 10 histórias. Isso reforça como “BL” está muito mais absorvido como classificador de *novels*, mas uma vez justificado pelo fato das *novels* terem surgido e garantido espaço anos depois da ascensão dos *yaoi*. Assim, quando o termo “BL” se popularizou, foi mais fácil associá-lo a uma nova manifestação, como era o caso das *novels*, filmes e séries de TV.

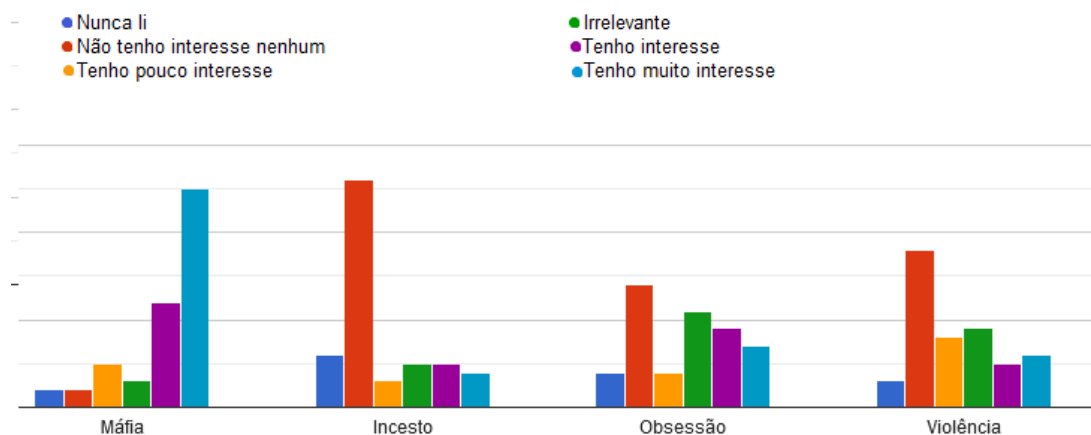
Outros termos classificatórios recorrentes, dessa vez no aspecto de conteúdo das histórias, está o “romance”, que aparece em 9 dos 10 *yaoi* apresentados, e, 14 vezes nas 25 *novels* traduzidas nos textos. Outros gêneros frequentemente citados nos quadros 3 e 4 são “drama” (com 12 ocorrências), “fantasia” (com 7 ocorrências), “comédia” (com 8 ocorrências), “mpreg” (com 7 ocorrências), “danmei” (com 7 ocorrências) e “ comédia (com 6 ocorrências). Já os respondentes do questionário e entrevistas, foi possível observar alguns comportamentos de consumo de gêneros de *novels* também. Enquanto “romance” e “fantasia” continuam tendo destaque, outros gêneros também surgiram com grande interesse de leitura por parte dos respondentes, como mostra a imagem a seguir:

Gráfico 5 — Assuntos e/ou gêneros de maior interesse dos respondentes da pesquisa



Fonte: esta autora (2024).

Gêneros como “omegaverse”, “romance na faculdade”, “máfia”, “romance escolar”, “fantasia”, “histórico”/“de época” e “romance de escritório”, respectivamente, tiveram grande destaque, conquistando mais da metade dos respondentes. Contudo, é importante voltar o olhar para o gráfico da imagem diante de outra perspectiva também. Como já mencionado diversas vezes, dentro do *boys' love* há características narrativas de violência e quebra de *tabus*, como práticas de sadomasoquismo, incesto, entre outros; características essas que não só se destacam, como também parece atrair boa parte dos leitores. Não foi possível analisar profundamente cada uma das *novels* citadas pelos entrevistados ou aquelas observadas nos quadros 3 e 4, mas, através de das classificações de assunto, é possível prever uma maior ou menor probabilidade dessas características polêmicas estarem presentes nas histórias. Por exemplo, os gêneros “máfia”, “incesto”, “obsessão” e “violência” têm uma alta probabilidade de conter enredos problemáticos. No formulário, no entanto, enquanto “máfia” é o terceiro gênero de maior interesse, “violência” é o penúltimo. Quando indagado sobre o nível de interesse nesses assuntos no formulário, obteve-se a seguinte resposta:

Gráfico 6 — Níveis de interesse de gêneros que remetem a violências e/ou *tabus*

Fonte: esta autora (2024).

Apesar de ter tido 4 pessoas que demonstraram muito interesse no gênero “incesto”, ele foi o campeão em rejeição, com 53% dos respondentes garantindo que não tinham interesse nenhum em histórias com esse enredo. Como em nossa sociedade, o incesto é um dos grandes *tabus*, faz sentido ele não ter um nível tão alto de fãs. Contudo, quando se trata de enredos violentos, gêneros como “violência”, “obsessão” e “máfia” podem compartilhar histórias bem parecidas. Mas, enquanto “máfia” adquiriu mais da metade dos respondentes interessados, “obsessão” e “violência” tiveram 28,5% e 36,7% de rejeição perante os respondentes.

Quando mencionadas as histórias violentas nas entrevistas, todos demonstraram ou indignação ou percepção da problemática que romances que romantizam esses aspectos podem levantar, no entanto, mesmo não concordando, muitos admitiram ler histórias com variadas cenas violentas e explícitas, seja ignorando-as ou apenas se acostumando com elas. Nessa área cinzenta entre discordar, mas ainda ler, ignorar e aceitar, diante de termos como “obsessão” e “violência”, torna a história mais explicitamente rejeitada pela dita *moralidade*, enquanto “máfia” é quase uma metáfora romântica, um gênero que mais facilmente salvaria do constrangimento quando indagado sobre o interesse de leitura.

E quando reunidos todas as *novels* citadas pelos entrevistados (como mostra o quadro X), a ocorrência de histórias com classificações que sugerem algum tipo de enredo ou cenas que contenham características como violência, sexo explícito, condutas sexuais e afetivas tidas como *tabus*, pouco se encontra. Pelo contrário, os termos “romance”, “fantasia” e “drama” se repetem com destaque; mesmo sabendo, por falas dos entrevistados e trechos trazidos anteriormente por essa pesquisa, que histórias como *Kinnporsche*, *Love in The Air*, *Love*

Mechanichs, *Love Syndrome*, *Make It Right* e *My School President* têm cenas explícitas de violência sexual, muitas delas romantizadas e justificadas pelo consumo de álcool de um ou mais personagens.

Quadro 6 — *Novels* lidas e citadas pelos entrevistados

<i>Novel</i>	Origem	Publicação nacional oficial	Adaptação	Classificações de gênero e assuntos disponíveis na internet
Dear Benjamin (ou Querido Benjamin)	Coreia do Sul	Não	Quadrinhos	Boys love — romance — ação — crime — família — fantasia — recontos da vida — webcomic
Define Relationship	Coreia do Sul	Não	Quadrinhos	Boys love — drama — romance — recontos da vida — sobrenatural — estrangeiro — webcomic
I Feel You Linger in the Air	Tailândia	Não	Série de TV	Romance — shounen-ai — yaoi — drama — romance de amor — romance gay
Kinnporsche	Tailândia	Não	Série de TV	Máfia — BL — tailandês
Last Twilight	Tailândia	Não	Série de TV	BL — gay — novel
Love in the Air	Tailândia	Não	Série de TV	Amor — BL — boyslove — casal fofo — motoqueiro — romance — Tailândia
Love Mechanics	Tailândia	Não	Série de TV	Boys love — romance LGBT — romance gay — yaoi
Love Syndrome	Tailândia	Não	Série de TV	Amor — amor tóxico — BL — <i>boyslove</i> — LGBT — <i>novel</i> — romance — sofrimento
Make It Right	Tailândia	Não	Série de TV	Mature — romance — vida escolar — yaoi
Mil Estrelas	Tailândia	Sim	Série de TV	Ficção — alta fantasia
Mo Dao Zu Shi	China	Sim	Série de TV e quadrinhos	Artes marciais — BL — boy x boy — cultivo — gay — luta — mangá — mdzs ³¹ — mistério — romance

³¹ Sigla do título do livro.

My School Presidente	Tailândia	Não	Série de TV	Boyslove — novel — romance — thainovel — tradução
Next Prince	Tailândia	Não	Série de TV	BL — boyslove — conto de fadas — monarquia — príncipe — romance — tradução
Noite de Caça	Coreia do Sul	Não	Quadrinhos	Boys love — BL — yaoi — drama — romance — sobrenatural — omegaverse — mpreg — adult
Para Sempre o Número Um	Taiwan	Sim	Série de TV	Novel — romance — LGBTQ+ — literatura e ficção
Payback	China	Não	Quadrinhos	Yaoi — crime — drama — romance — comédia — ação — aventura — mistério — boys love
Pitbabe	Tailândia	Não	Série de TV	Boy x boy — adult — smut — esportes — yaoi
Semantic Error	Coreia do Sul	Sim	Quadrinhos e Série de TV	Boys love — comédia — drama — romance — vida escolar — recontos da vida
The Eclipse	Tailândia	Não	Série de TV	Shounen-ai — romance — mistério — yaoi
The Sign	Tailândia	Não	Série de TV	Thai novel — ação — mistério — romance — sobrenatural
Triage	Tailândia	Não	Série de TV	Boys love — novel — romance — LGBT — ficção
Two Moons	Tailândia	Não	Série de TV	Comédia — romance — juventude — BL — novel — yaoi
Unforgotten Night	Tailândia	Não	Série de TV	BL — boyslove — boys x boys — máfias — bad love — <i>novel</i> .

Fonte: esta autora (2024).

Percebe-se, também, depois de analisar os quadros 3, 4 e 5, a ocorrência de classificações como “LGBT”, “LGBTQ+”, “romance gay”, “romance homossexual”, o demonstra como, apesar das controvérsias presentes dos enredos, parte do público considera, sim, as *novels* BL como ficção gay ou homossexual.

Mais um aspecto importante de ser mencionado sobre o consumo dessas histórias no país, é a sua origem. Os brasileiros parecem ter uma preferência por *novel* chinesas e tailandesas, sendo essa última devido à grande influência de séries televisivas tailandesas, já que várias delas são adaptações de romances de ficção. Contudo, quando rememorado o quadro de *novel* publicadas oficialmente no Brasil pela NewPop, temos a chinesa *Mo Dao Zu Shi*, que também foi citado por muitos entrevistados como leitura completa, e o caso da sul-coreana *Semantic Error*, que chegou a alcançar uma ótima posição nos mais vendidos da Amazon. Como essas duas citadas também tem suas grandes adaptações para série de TV, assim como as demais *novels* citadas no quadro 5 quando não possuem uma série, tem uma versão em quadrinhos, é certo afirmar que os leitores brasileiros têm preferências por romances BL com algum tipo de adaptação; mas as prováveis razões que isso acontece serão melhor discutidas dentro da perspectiva de sentido e motivação.

Acontece que todos esses aspectos discutidos retratam o leitor com um perfil formado, que já leu *novel* o suficiente para entender as classificações e buscar o que mais lhe interessa, mas e quanto aos aspectos mais iniciais? Como esses leitores constroem o primeiro contato com as *novels*?

Com as entrevistas, obteve-se um número variado de caminhos que levaram os sujeitos a descobrir os romances BL. Mas quase todos eles por meio da internet. Joana já conhecia o gênero, mas foi só durante a pandemia que ela começou a ler, *online*, o romance *Dear Benjamin*; Maria e Fernanda descobriram as *novels* por meio de um TikTok; Joice já via animes desde os 11 anos, mas em 2008, por causa de um grupo do Facebook, descobriu as histórias *yaoi*; Laila recebeu uma indicação da irmã sobre o gênero, e descobriu em *sites* e fóruns sobre o BL até ler *Kinnporsche*, sua primeira *novel*; Penelope estava no X, antigo Twitter, quando recebeu uma indicação para ler *Two Moons*; durante a pandemia, Tiago foi o único que não descobriu diretamente por causa das redes sociais, foi por meio de um aniversário que ele soube da existência de uma romance licenciado e publicado no Brasil, adaptação de uma série BL que ele tinha um grande carinho e que tinha assistido em um *streaming* durante a pandemia.

Refletindo sobre os relatos dos entrevistados, de uma maneira ou de outra, eles usaram a internet para descobrir ou criar um vínculo com o fenômeno de histórias de ficção *boys' love*, mesmo que nem todos tenham utilizado a internet para ler as *novels*; assim, é possível dividir a forma de primeiro contato com o gênero em quatro grandes grupos: 1) por **influência de animes e mangás** fora do gênero, os leitores participam de grupos e fóruns sobre isso e lá descobre o gênero BL especificamente; 2) por meio de **redes sociais**, ou seja, durante o acesso de outros conteúdos acaba sendo oferecido um conteúdo do gênero BL — nesse caso, pelo que é possível

perceber, o sujeito precisa ter alguma inclinação de interesse por conteúdos asiáticos de outros segmentos como doramas, kpop e outras expressões de cultura pop do leste asiático, da Coreia do Sul, principalmente —; 3) através de alguma **indicação** de algum amigo ou familiar; e 4) **através de fanfics** com personagens já conhecidos, independentemente de serem ou não da cultura asiática.

Após esse primeiro contato, os sujeitos encontram conexão com as histórias e rapidamente se viciam, passando consumir o máximo de conteúdo do gênero que conseguem encontrar, até chegar nas *novels*. Mas não é simples ler histórias BL, entre dos principais obstáculos mencionados pelos entrevistados, a barreira linguística — mais especificamente a falta de traduções em português e a constante possibilidade de queda daquelas que já existem por causa de direitos autorais — é um grande obstáculo entre o leitor e os romances. Em meio disso, fãs de maneira individual ou em grupos se organizam para disponibilizar o máximo de traduções, com as mais variadas estratégias. Esse aspecto do consumo — e distribuição — será relatado a seguir.

c) *As traduções e retraduações*

O Brasil só possui 10 *novels* publicadas oficialmente, se considerar apenas as publicações da editora tradicional NewPop, sendo elas do universo de só 4 histórias — *Semantic Error*, *Mo Dao Zu Shi*, *Mil Estrelas* e *Para Sempre o Número Um*. Não são muitas opções, principalmente aos aficionados por BLs, que, por meio das dezenas de séries do gênero lançadas todos os anos, descobrem suas *novels*, mas não encontram muitas opções, quando há alguma. Alguns leitores, sem encontrar nenhuma tradução em língua portuguesa, encontram em sites estrangeiros — e conseqüentemente, em outras línguas — a única forma de ler o título desejado. Se tiverem alguma sorte, encontrar uma tradução em espanhol pode entregar uma maior facilidade de entendimento, por essa ser uma língua latina como o português, então possuir muitas palavras em comum ou cognatas.

Mas nem sempre isso acontece, muitos títulos só estão disponíveis em inglês, coreano, mandarim, hindi, turco, russo e muitas outras línguas difíceis de serem compreendidas por um falante de língua portuguesa. Se o sujeito tiver contato ou fluência nessa língua, a sua tradução pessoal terá menos obstáculos, mas para aqueles que encontram suas obras em idiomas desconhecidos, outras ferramentas são utilizadas, entre as quais a tradução automática está mais presente — e os problemas de tradução também podem ocorrer com maior frequência. Ainda assim, há aqueles que se esforçam, traduzem para ler e publicam para que seus colegas também possam ter acesso. Acontece que a comunidade de fãs de BL é, apesar de restrita algumas vezes,

é bastante unidade; então, quando um leitor encontra um título, decide traduzi-lo e vê em seus companheiros o desejo de ler a mesma história também, ele encontra um jeito de disponibilizar o seu trabalho, de forma voluntária e gratuita.

Mas não é um trabalho simples. Como são traduções clandestinas e amadoras, a maioria delas não possui autorização ou licença para disponibilizar a história sem pagar os direitos autorais aos criadores, o que deixa a publicação em alguns sites mais suscetível ao *ban*, ou banimento. No Wattpad é onde mais acontece essas situações, por ser um dos principais *sites* de autopublicação disponível no Brasil, seu alcance é maior e por isso mais procurado tanto pelos leitores quanto pelos tradutores. Mas ele também é um lugar que preza pela legalidade das histórias. Mesmo que não consiga controlar todas as histórias, aquelas em que o algoritmo percebe que pode haver alguma falta com a política de direitos autorais da plataforma, ele rapidamente derruba a história.

Por isso, é possível encontrar outros lugares na internet em que é possível ler *novels* e o banimento, apesar de ser sempre uma possibilidade, é mais difícil de acontecer. Muitos *blogs* — que não serão citados nesta pesquisa para protegê-los de eventuais denúncias e terem suas histórias tiradas do ar — e grupos fechados do Facebook disponibilizam suas traduções, há também que só disponibilize o *link* da *novel* em uma pasta *drive* no Google ou faça um grupo no Telegram e envie a versão em PDF das traduções. Tudo é feito e disponibilizado com discrição, alguns grupos de *scan* preferem não ter os nomes divulgados abertamente na internet, indicando que apenas os links de suas páginas oficiais sejam indicados.

Alguns trabalhos de traduções são elaborados com divisões de responsabilidades e datas de entregas pré-estabelecidas pelo grupo. Mesmo que de forma intuitiva, os tradutores passam por várias escolhas tal qual os tradutores especialistas. Escolhem qual melhor forma de traduzir um texto, se de maneira literal ou preservando apenas o sentido original, fazem escolhas adaptativas, preferindo escrever um texto que encontre maior identificação com leitor brasileiro; eles pesquisam sobre termos da língua original ou sobre os temas retratados na história para criar notas tradutórias que ajudem o leitor a se aproximar o máximo possível da experiência que o leitor da obra original teve. Tudo para criar o melhor ambiente de leitura que eles estejam dispostos a fazer.

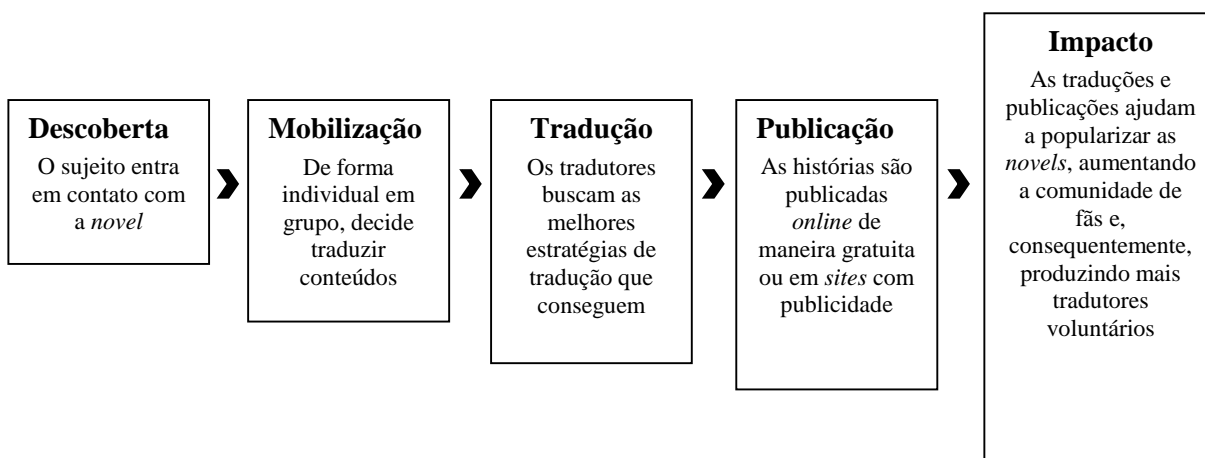
A preferência sempre é pela tradução do texto original, mas infelizmente nem sempre isso é possível. Às vezes nem o texto original é encontrado, ou quando é, os envolvidos na tradução não têm conhecimento linguístico naquela língua para fazer uma tradução fiel. Diante disso, algumas soluções se erguem: a primeira, e mais simples, é procurar uma versão traduzida do texto original em uma língua que o tradutor conheça ou tenha certa familiaridade para fazer

a retradução para língua portuguesa; a segunda é usar um tradutor automático ou cruzar este com outras estratégias de tradução, buscar em dicionários, pedir ajuda ao ChatGPT, buscar na internet possíveis explicações para uma metáfora ou descrição estranha à leitura do tradutor. Fernanda é um exemplo disso.

Decidida a ler *Pit Babe* e não tendo encontrado versão em português que não tenha caído rapidamente, ela só encontrou em hindi uma versão que foi capaz de usar. Usando o tradutor do seu celular, ela foi lendo aos poucos a história, e foi só quando percebeu que muitos dos seus colegas também tinham o desejo de ler, mas não encontravam versão da história em lugar nenhum, que ela decidiu escrever sua tradução e disponibilizar para a comunidade. Infelizmente, como sua publicação foi no Wattpad, mesmo que ela tenha mudado o nome original da história e até modificado a sinopse de apresentação, sua tradução também saiu do ar.

Mas esses tradutores não perdem a perseverança facilmente. Eles são, antes de tudo, leitores, ansiando para que mais pessoas descubram as histórias que eles tanto amam e, assim, possam se tornar fãs também. Então eles criam novas contas, postam as histórias de novo, criam *blogs*, disponibilizam as histórias de maneira mais reservada, escondem-se em um quase anonimato — quem faz parte da comunidade certamente os conhece e os agradece por seu trabalho. É a partir das traduções amadoras que o gênero se sustenta — seja por meio das *scans* das *novels* e quadrinhos, seja por meio das *fansubs* das séries de TV e internet. Através delas, em um país que não possui um número significativo de publicações oficiais ou sujeitos com poder aquisitivo para comprar tantos livros quanto desejarem, é por meio da clandestinidade que os leitores vão descobrindo mais histórias, vão indicando as que conhecem e gostam. Assim, a comunidade de fãs aumenta e consegue se retroalimentar.

Como conclusão, pode-se dizer que existe um caminho de leitura dos leitores-tradutores dentro da comunidade:



A união e o entendimento da existência desses contextos, ajuda a entender como o fenômeno de leitura de *boys' love* se comporta e como afeta os leitores assíduos do gênero, principalmente na maneira como eles reagem a essas histórias, como eles constroem significados em torno delas, como constroem conhecimentos a partir delas — aspectos esses que serão melhor discutidos a seguir.

6.2 Quanto aos sentidos

Assim como na letra anterior, a perspectiva de sentido pode ser analisada a partir de muitos vieses; para esta pesquisa, seguindo as indicações de análise do método fenomenológico, preferiu-se inferir a partir sentidos obtidos pelos sujeitos a partir de suas próprias percepções. Ou seja, os significados e os conhecimentos que os leitores estão adquirindo por meio das *novels boys' love* a partir de o que eles entendem por este fenômeno e suas falas de experiência com ele e os conhecimentos que estão adquirindo. Outro aspecto fundamental para a dissertação dessa etapa foi as observações realizadas por esta autora durante a entrevista, juntamente com as informações contidas no questionário e em *sites* já elencados na seção de levantamento de dados.

Dentro do aspecto de conhecimento, especificamente, foi considerado a vertente de apropriação da informação, discutida na Ciência da Informação. Enquanto que os outros sentidos foram entendidos como reações que os sujeitos tiveram diante das histórias, sejam elas de carga efetiva, sentimental, seja em caráter interpretativo.

a) *Sobre a produção de significados, as reações e os sentimentos mediante as histórias*

As reações dos entrevistados foram múltiplas e refletem a diversidade de reações que o fenômeno BL pode oferecer, com a devida atenção nas *novels* do movimento. Levando em consideração os resultados da pesquisa de Pereira (2018), já havia sido possível imaginar alguns sentimentos incitados pelas leituras de *yaoi*, quando, em suas próprias palavras, a autora cita que os sujeitos liam as histórias pela sensação de “[...] libertação, euforia, tesão, diversão e felicidade” (Pereira, 2018, local. 1) oferecidas. Todas bastante ligadas ao prazer gerado pelo contato com os textos. Era esperado, então, reações parecidas dos leitores de *novels*. Ainda assim, também ciente das características narrativas controversas, levantou-se a hipótese de algumas reações em relação a esse aspecto especificamente. Em um dos relatos nas entrevistas serviu para compreender melhor essa interação entre o leitor e cenas de violência — mas para tanto, houve necessidade de avaliar o caso citado pela entrevistada e assim entender como o

texto pode ter construído e incitado determinadas reações. Esse exemplo serviu para análise em dois segmentos: o primeiro, como histórias com cenas violentas podem utilizar seus enredos na tentativa de influenciar os leitores em como reagir a determinadas situações descritas; e o segundo é a própria reação, ou melhor, a percepção de como podem ser variadas as reações.

Mas antes de discutir esse ponto, percebendo que os aspectos polêmicos que envolvem o gênero BL sejam aqueles que mais se destacam e parecem chamar mais atenção dos pesquisadores que estudam o fenômeno, não é possível reduzi-lo unicamente a sua perspectiva controversa. A essência do *boys' love* continua sendo o desenvolvimento de um romance entre personagens masculinos. Há quem o associe as histórias do gênero somente àquelas que possuem origem em solo asiático, há quem considere qualquer manifestação ficcional do Leste ou Oeste do mundo. Como exemplificação dessa segunda visão, tem-se o caso da entrevistada Laura que, ao descrever seu histórico com as leituras BL, citou primeiramente uma obra de origem ocidental, baseada em personagens também ocidentais. Em seu entendimento conceitual, mesmo esses personagens fazem parte da comunidade das histórias *boys' love*.

Muito embora, também seja possível afirmar, com base nas demais entrevistas — e na clara justificativa histórica que dá origem ao movimento —, que o aspecto asiático é constantemente associado à designação “boy’s love”, chegando ao ponto de muitos confirmarem que essa marca cultural asiática, presente nas histórias, é o que os conquista; e essa perspectiva influencia de tal maneira que as entrevistadas Laura, Laila, Fernanda e Joice relataram que não consomem ou já deixaram de consumir por um bom tempo obras ocidentais por influência do BL asiático. Penelope, por exemplo, nem classifica o fenômeno ocidental como “BL”, mas antes prefere descrevê-lo apenas como “LGBT”; enquanto Paula já enxerga o fenômeno em seu aspecto asiático como histórias “queer” também.

Compreendo que a percepção do leitor pode variar em inclusão ou exclusão das ficções ocidentais, dentro desta pesquisa, revolveu-se, incluí-la dentro do fenômeno de *novels boys' love*, principalmente porque, sempre que questionado sobre a conceituação do termo BL, praticamente todas as respostas não levaram o aspecto geográfico como fator identitário. As respostas estavam mais focadas em frisar a presença de dois homens, do amor e do aspecto romântico e até mesmo fofo que essas histórias podem acarretar.

O caso do Tiago é interessante de se mencionar. Como único respondente do gênero masculino, sua definição para o termo também foi distinta das demais. Em suas palavras, *boys' love* é um “um lugar de segurança”, “uma válvula de escape”. Como homem homossexual, desde pequeno, em seu processo de autoconhecimento, foi na leitura que Tiago encontrou um refúgio; mais tarde, com a quarentena em 2020, foi nas séries BL, com enredos quase em uma

linguagem de contos de fadas, que ele também encontrou uma forma de se sentir um pouco seguro em meio ao medo e à incerteza do covid-19.

E não foi somente ele que encontrou nas séries um caminho até as *novels*, boa parte dos leitores inicia seu contato com o gênero por meio de sua manifestação em quadrinhos ou audiovisual; o que, por sua vez, também vai afetar a maneira como eles vão construir uma carga de significados que os acompanhará até os romances de ficção. No caso do Tiago, novamente, ele, assim como tantos outros leitores, vê nas *novels* uma extensão das séries de TV ou um “universo paralelo” em que os mesmos personagens vistos em tela interagem novamente, agora dentro de uma perspectiva textual. No entanto, há aqueles, como o caso da Paula, que ao ler as *novels* já imagina os personagens como os desenhos vistos nos quadrinhos e artes BL, pois anteriormente já possuía uma proximidade e preferência pelas manifestações e características específicas das artes leste-asiáticas.

Seja de uma forma ou de outra, os leitores encontram nas *novels* uma forma de consumo que proporciona fascínio, paixão e divertimento. Com histórias variadas, enredos que podem ir da comédia à ficção científica, foi possível identificar no tópico de consumo deste estudo a gama de gêneros disponíveis e uma ideia das preferências de leitores brasileiros, tendo como norte interpretativo o formulário respondido por alguns leitores de *novels*. Foi nesse momento que outro aspecto sobre construção de significado foi mencionado ainda na perspectiva contextual, quando foi notado que os leitores, ainda que assegurassem rejeitar ou não gostar de histórias com violência, escolhiam termos mais suaves para textos que tinham maior chance de apresentar tal enredo.

Isso pode estar relacionado com o que Pereira (2018) descreveu em seu estudo sobre as leitoras, principalmente, de *yaoi* sentirem certo receio de falar abertamente sobre suas leituras pelo estereótipo de as *fujoshis* serem mulheres “taradas”, que sexualizam e objetificam relações homossexuais e estão mais interessadas nas passagens eróticas das histórias do que no enredo em si. E, de fato, quando se menciona histórias *boys’ love*, mesmo que não seja uma regra apresentar tais características narrativas, é impossível negar que a presença do teor sexual explícito, os *tabus* e a violência são os que mais chamam atenção e geram maior interesse de pesquisa.

Em relação as entrevistas, enquanto houve respondente que garantiu evitar todas as histórias que possam acarretar cenas de estupro e demais violências recorrentes em muitas *novels* do movimento, também houve entrevistados que admitiram consumir histórias assim, evitando as cenas mais perturbadoras no decorrer da leitura. Fingem como se essas cenas não existissem para que o elo com os personagens não sofra maiores danos e, assim, possam

aproveitar a *novel* sem ter na memória as cenas chocantes de violência. Ainda é possível mencionar, os leitores que já estão acostumados, pela forma que falam sobre o assunto, com cenas explícitas e violentas — e aqui está incluída todas as suas manifestações: sexual, verbal, emocional, financeira, física e psicológica.

Não coube a esta pesquisa, porém, investigar se esses leitores sentem algum prazer por essas cenas ou se liam e aceitavam-nas pelo desejo ou curiosidade pelo resto da história. Mas é possível que haja perfis que se encaixem em uma dessas vertentes, ou até mesmo em ambas, dependendo do livro em questão. Temos o caso da entrevistada Maria, por exemplo, que falou que chega a dar gargalhadas em uma história que o personagem sofre com uma violência física, chega até a se satisfazer com isso. Em seu relato, ela diz:

[...] a gente riu pra caramba! Porque a gente ficava assim ‘você merece, meu amor!’ [risos], ‘você foi espancado muito pouco’. A gente não tinha dó nenhuma do Itt, a gente ficava rindo, a gente ficava zoando. E eu só li o primeiro livro, porque o resto... Não dava. Que negócio ruim! (Maria).

Foi ao final desta entrevista que o estudo se viu na necessidade de entender melhor a interação dessa leitora com a história. Para tanto, pesquisou e leu os dois livros que contextualizam reações semelhantes às de Maria.

A *novel* citada pela entrevistada se chama *Love Syndrome*³², primeiro volume da história do casal Day e Itt (em algumas traduções seu nome é Brick), no entanto, ao ler a história, foi percebido um livro anterior — o verdadeiro motivo para muitos leitores terem raiva do personagem Itt, como foi o caso de Maria.

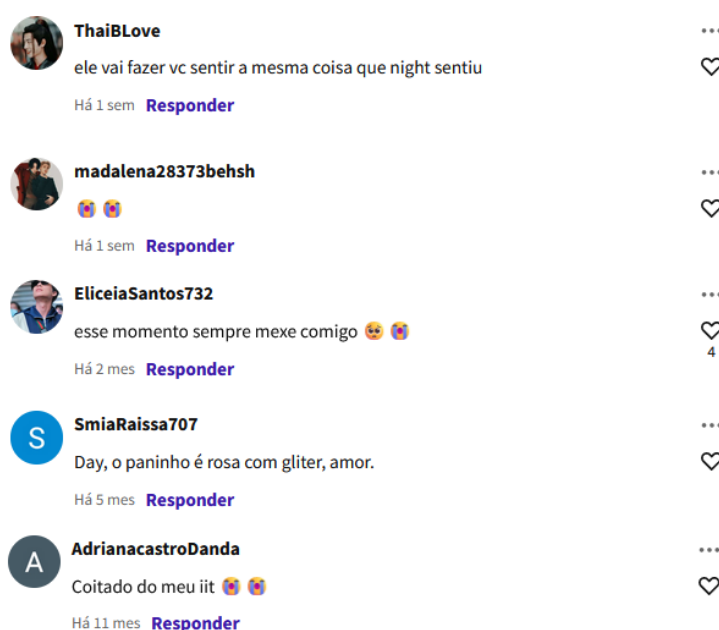
Nessa primeira *novel*, tem-se a história do irmão de Day, Night, que em uma festa com colegas da universidade acaba sendo estuprado por outro personagem, Gear. A ideia desse crime foi incitada por Itt, em uma aposta que ele fazia com o amigo. E caso Gear cumprisse com o combinado, receberia dinheiro por isso — o que Gear realiza sem nenhum peso na consciência.

Contudo, conforme esse livro se desenvolve e Night conclui sua história não apenas perdendo seu agressor, mas se apaixonando e namorando com ele no final, levanta-se a imagem de Day, um irmão ainda enfurecido pelo mal feito a Night e nem um pouco satisfeito com as decisões do caçula. No livro *Love Syndrome*, como ele não pode se vingar do agressor de Night, sob a pena de ter a ira de seu irmão menor, Day decide se vingar daquele que deu a ideia do estupro.

³² Pela relevância que essa história tomou para análise dos sentidos provocados por um enredo BL diante do leitor, trechos da *novel* também foram adicionados na seção de características narrativas do gênero.

Esse segundo livro — o de maior sucesso do universo criado, também foi o que ficou conhecido internacionalmente sob o título *Love Syndrome* — já apresenta Day em seu plano de vingança. Em uma balada, ele atrai Itt para fora, então sequestra-o e, posteriormente, estupra-o também. A história segue desenvolvendo a relação de ódio de Day perante Itt, mas também uma obsessão que se transforma em paixão para ambos, com cenas carregadas de violência sexual, física, verbal e psicológica — com ameaças e chantagens. No Wattpad, a primeira cena de violência sexual que Itt sofre, tem-se uma variação de reações, como mostra a imagem a seguir:

Imagem 22 — Comentários de leitores em cena de violência entre os personagens Day e Itt



Fonte: Wattpad (2024).

Enquanto foi possível observar leitores entristecidos com a violência sofrida por Itt, outros ainda se lembravam do que ele tinha feito, mesmo que indiretamente a Night, no livro anterior; alguns até entendendo a atitude de Day e concordando com ela — como foi o caso de Maria, em que é possível ver como eles se satisfizeram com o sofrimento de Itt.

No livro anterior, que no Wattpad se encontra sob o título *Gear & Night*, também foi possível perceber o porquê de tantos outros comentários que se satisfazem com o castigo que Itt sofre nas mãos de Day.

Depois de uma descrição detalhada da agressão de Night, que mesmo apaixonado por Gear, fala incansavelmente não querer continuar com a relação sexual, a autora ainda cita que ele foi submetido a isso três antes de desmaiar de dor e cansaço. Quando acorda, ele acaba ouvindo Gear e seus amigos, incluindo Itt, se vangloriando da violência e da enganação feita

com ele. Os personagens riam e faziam piadas sobre a ingenuidade de Night — ressaltando suas naturezas perversas.

Assim que Night os enfrenta e bate em Gear pelo o que acabou de ouvir, os amigos de Gear avançam sobre ele e uma insinuação de estupro coletivo é escrita — o qual só não ocorre porque outro personagem chega e os impede. Assim como mostra a tradução do Wattpad na imagem a seguir:





Imagem 23 – Cena de violência na *novel Gear & Night*

<p>- Você se atreve a me dar um tapa, Night?!! - Gear gritou alto.</p> <p>Night olhou para a pessoa à sua frente com descrença. A pessoa que manteve uma conversa doce e gentil é apenas uma máscara. As pessoas cruéis e perversas na sua frente que são verdadeiras. Gear levantou a mão para dar um tapa na pequena figura, mas foi capturado por Four.</p> <p>- Você, não faça nenhuma cicatriz. Afinal, ele já sabe. Podemos continuar comendo. - disse Four com um sorriso, fazendo com que os olhos de Night crescessem de medo. Vendo o sorriso no canto de sua boca, Night se obrigou a correr para o quarto.</p> <p>- Ei!! Itt vá pegá-lo rapidamente! - soou a voz de Four.</p> <p>Night já havia chegado à porta do quarto e estava prestes a abrir.</p> <p><i>Pooh!</i></p>	<p>3</p> <p>+</p> <p>4</p>	<p>A pequena figura colidiu com alguém na porta do quarto e caiu no chão quando suas pernas começaram a ficar sem força. Itt que estava prestes a correr para pegar Night imediatamente parou seus pés.</p> <p>- Droga!!!! O que vocês estão fazendo, com meu amigo? - um grito alto soou quando ele rapidamente pegou seu amigo.</p> <p>- Por que você está acordando agora? - Four amaldiçoou com raiva. Quando ele viu o corpinho que ele tinha planejado embebedar para Gear agir sem interrupções.</p> <p>- Huh ... Gus ... me ajude ... Gus ... huh ... Eu quero ir para casa. - Night gritou para seu amigo com a voz trêmula.</p> <p>Gear olhou para a pequena figura com olhos parados. Gus olhou para o corpo de seu amigo e percebeu o que havia acontecido.</p>	<p>7</p> <p>3</p> <p>4</p> <p>2</p>
--	----------------------------	---	-------------------------------------

Fonte: Wattpad (2024).

Toda a sequência de violência, seguida pelo confronto de Night e Gear, gera uma revolta tão grande que é possível encontrar comentários, no mesmo capítulo da cena da imagem 24, sobre como os leitores ansiavam e concordavam com a vingança de Day no livro seguinte.

Imagem 24 – Comentários de leitores sobre cena que remete à violência ocorrida na história

<p> JanainaAlmeida335</p> <p>agora da pra entender o Day</p> <p>Há 6d Responder</p>	<p>...</p> <p>♡</p>
<p> FrancieledeSouzaGouv</p> <p>Escrotoooooo, aí que raiva que estou do Gear agora mano. E eu gostei tanto dele no Bl sem saber desse começo 🤔🤔🤔🤔🤔. Agora tô achando que o Day afogou ele foi pouco na piscina viu...</p> <p>Há 3 sem Responder</p> <p>Ver 1 resposta</p>	<p>...</p> <p>♡</p>
<p> FrancieledeSouzaGouv</p> <p>Itt não foi cúmplice, isso TD só começou pq foi o próprio Itt que deu início a TD!!! Se não fosse pela mente doentia dele tbm isso não teria acontecido ao pobre NIGTH!!!</p> <p>Há 3 sem Responder</p>	<p>...</p> <p>♡</p>
<p> MariaSilva231157</p> <p>Por isso eu não tenho pena do Itt, quando o Day estupra ele.</p> <p>Há 1 mês Responder</p>	<p>...</p> <p>♡</p>

Fonte: Wattpad (2024).

A forma como a autora criou as histórias, com cenas explícitas e com personagens cruéis, contribuiu para que, enquanto algumas cenas de violência fossem repudiadas, sofridas para os leitores; outras cenas da mesma natureza fossem esperadas, deliciadas por leitores que aguardavam vingança.

Essa estratégia pode ser encontrada em algumas histórias BL para fazer com que os leitores aceitem e leiam essas cenas mesmo que não concordem com ela — as primeiras cenas eles lêem com repúdio, suportando apenas pela promessa de vingança que o enredo já sugere que acontecerá, as outras cenas com o mesmo conteúdo, mas agora com a vingança como justificativa são lidas com deleite por muitos leitores, porque a autora produziu tantos sentimentos negativos perante o segundo personagem infligido, que fez com que ele “merecesse” a violência.

Em uma análise acerca do que foi dito por Thorn (2003) sobre o prazer que as mulheres podem vir a sentir perante essas cenas, como uma resposta psicológica das mulheres por causa da sociedade patriarcal e violenta contra o gênero feminino, acarreta em uma troca de papéis que agrada as mulheres; diante do exemplo relatado por Maria, chega-se a uma conclusão que até certo ponto coincide com o que foi dito por Thorn. Itt se apresenta no primeiro livro como um *seme*, um personagem que representa o homem homossexual e o que de pior pode haver: ele é bruto, violento, arrogante, preconceituoso e gosta de dormir com muitas mulheres, enquanto também as trata como lixo; mas também é retratado como um homem galante, rico e bonito.

Depois que se envolve em um ato tão repreensível, seu arco de redenção é sofrer da mesma violência que infligiu. Ele passa de uma posição de opressor para oprimido, e as mulheres podem ver nessa mesma leitura a representação de seu violador — e aqui dentro de todas as perspectivas de violência que as mulheres sofrem no dia-a-dia — do mundo real sofrendo as consequências de seus atos. Então não seria, exatamente, a mulher sentindo prazer por um homem sofrendo, até porque a figura de Night, não houve nem um só relato de quem tenha se congoçado com o que ele sofreu; a satisfação reside sobre a figura do homem que viola, do homem que maltrata.

Ainda assim, a contradição se estabelece, porque Itt — e tantos outros personagens BL que seguem esse mesmo caminho narrativo — só passa a sofrer quando é colocado em uma “posição feminina” na história. Quando é submetido à posição de passivo, parte da personalidade Itt se transforma, ele se torna submisso, tratado como “esposa” — chamado assim mesmo — e dentro da posição *uke* da história, também o coloca em uma perspectiva andrógena,

que só pode remeter, mais uma vez, ao feminino e, assim, novamente, à violência contra as mulheres.

Outro fator que pode ajudar a entender porque as cenas de violência podem ser toleradas, aceitas e até mesmo apreciadas é a classificação de *darkromance* que os leitores, como a Laila, usam em algumas *novels* BL. Segundo o Estadão (Queiroz, 2024), os romances *dark* ou sombrios pertencem a um gênero literário de histórias cujos enredos tratam de relações amorosas e sexuais com cenas explícitas de violência, sadomasoquismo, incesto, sexo não consensual ou consentimento duvidoso, sonofilia³³, sequestro, humilhação, entre outros, com personagens normalmente muito ricos, donos de empresas ou pertencentes a máfias, gangues etc. — características muito parecidas com os *yaoi*, e também a muitas *novels boys' love*. Apesar de ser considerado um gênero heterossexual e ocidental, nada impede de os leitores relacionarem-nos com outras formas de literatura, como foi o caso da entrevistada Laila. Agora, em romances *dark* é esperado cenas mais polêmicas, repletas de transgressões que no mundo real seriam mal vistas ou até mesmo punidas criminalmente, sendo assim, seus leitores já esperam cenas explícitas e “moralmente indevidas”, muitos chegam a desejar por elas, pois são nessas leituras que encontram algum tipo de liberdade de seus anseios mais profundos. Àqueles que não são fãs desse tipo de gênero e só estão lendo o romance BL em questão por terem sido atraídos para essa história por outro fator, aceitam — lendo ou pulando certas cenas — porque acreditam que, pertencentes ao gênero *dark*, certos enredos vão existir, os leitores estando de acordo ou não.

Almejando essas cenas ou as reprovando, nenhum dos entrevistados as viu como uma característica favorável, pelo contrário, sempre que citavam algum aspecto mais condenável dentro dos romances BL, esses aspectos eram levantados.

Já mencionado e analisado esse lado mais obscuro do fenômeno, não pode deixar de ser citado seu lado mais leve e divertido. Penelope, por exemplo, menciona como as *novels boys' love* tem dois aspectos que a encantam profundamente: a comédia das histórias tailandesas e a fantasia presente nos mundos criados pelas *novels* chinesas. Além disso, Penelope também encontra satisfação nas histórias — diferentes das citadas anteriormente — em que apresentam romances onde não existe uma hierarquia, como muitas vezes se apresenta no mundo real, tendo o homem como o comandante. É um mundo fictício em que papéis de gênero não existem.

³³ Pessoa que se sente excitado com interação sexual em que o parceiro ou parceira está dormindo ou sonolento.

Tiago e Maria mencionam algo parecido. Eles enxergam as histórias como contos de fadas onde é possível ver um casal homossexual viver em um mundo em que não há preconceito, em que não precisam se esconder ou sofrer represálias por causa de quem amam.

Enquanto isso, Fernanda já possui uma experiência distinta. Em suas leituras, ela já vê histórias de personagens que precisam lutar para ficar juntos, e em sua perseverança, em sua resiliência ela consegue se envolver mais no romance, pois ao observar as dificuldades que os personagens enfrentam para ficar juntos, só aumenta o deleite de vê-los conseguindo o tão sonhado final feliz.

Dentro das demais formas de construção de significados, a maneira como os leitores tomam essas histórias para si e constroem novos conhecimentos, novas perspectivas, novas versões de si mesmos é uma perspectiva que este trabalho também buscou observar.

b) Sobre a apropriação da informação

Antes de falar de apropriação da informação como sinônimo de produção de conhecimento, rememorou-se as falas de Ricoeur (1989) sobre o processo de apropriação estar relacionado com a subjetividade do leitor perante à obra, independente da intencionalidade do autor, pelo contrário, servindo como contrapartida do texto escrito e suas insistentes amarras interpretativas. Dentro dessa ideia, observou-se como alguns leitores durante suas falas pareciam se “apoderar” das histórias BL como um só segmento, mesmo que em manifestações diferentes; ou seja, mesmo quando se perguntava sobre *novels* especificamente, o entrevistado respondia ora sobre os romances de ficção somente, ora mesclando-os com o consumo de outra manifestação.

Como a maioria dos leitores conheceu as *novels* por meio de outra manifestação BL, seja uma arte, mangás ou séries de TV, isso fez com que a forma que esses leitores se apropriam da história sofresse uma convergência de significados conforme consumia uma nova forma de manifestação, formando uma espécie de resultado de sentido único. Mesmo percebendo que há diferenças entre uma série e um livro, por exemplo, sendo eles da mesma história, é como se a apropriação de cada um se fundisse e formasse uma apropriação final em que os sentidos evocados de uma manifestação influenciassem na memória de consumo de outra, e vice-versa.

Quando indagada sobre a relação de leitura entre mangás e *novels*, Fernanda deu o seguinte relato:

Eu diria que cada um complementa o outro. No *mangá* você tem a parte visual, então fica mais fácil a leitura, mais dinâmica. Mas na *novel* você tem um complemento, um aprofundamento, uma descrição dos sentimentos dos personagens. Eu percebi essa diferença nessa madrugada que eu estava lendo

o *yaoi* de *Semantic Error*, então na *novel* tinha mais situações, mais cenas, que no *mangá* ficam a curtinhas, a linha temporal é menor. Então você precisa, em poucos capítulos, resumir dois livros, que são bem grandes, um calhamaço.

Assim, durante a leitura do quadrinho, Fernanda criou determinado conjunto de sentidos; durante a leitura da *novel*, um novo conjunto foi formado e passou a complementar o primeiro, enquanto este também influenciava os novos significados que estavam sendo construídos. Uma espécie de influência bivalente. Outro exemplo disso foi Laura, que durante todo seu relato que mesmo já tendo lido mais de 26 *novels*, quando questionada sobre a influência dessas leituras, sua resposta também englobou a manifestação de quadrinhos; como demonstra:

ENTREVISTADORA: E o que você acha ou percebe que possa ter mudado em você a partir dessas leituras?

LAURA: Mudou um pouco o meu consumo. Eu sou bem fissurada com BL, leio pouquíssimas coisas heterossexuais. Sou mais de assistir, mas ler costuma ser só BL. E mudou também meu estilo de arte. Meu desenho era mais realista e agora ficou mais puxado pro estilo asiático.

Ao notar que alguns entrevistados criavam suas “malas de significados” das *novels* a partir de construções anteriores ou posteriores à leitura, a partir de outras manifestações, preferiu-se construir perguntas em alguns momentos da entrevista que também reuniu outras formas de consumo de *boys' love*, para que, ao indagar exclusivamente sobre romances de ficção, os sujeitos não tivessem dificuldade de expressar relatos de unicidade, quando seus sentidos parecem ter sido construídos em conjunto.

Agora, dentro da perspectiva de apropriação da informação, foi analisado duas vertentes: a) formação de conhecimento sobre si, gostos pessoais, ideias, opiniões ou posicionamentos pessoais, formas de falar ou novos interesses criados a partir das leituras de *novels*; e b) formação de conhecimento de mundo, o que novos entendimentos sobre o mundo exterior às leituras puderam estar sendo criados a partir delas.

Dentro da primeira vertente, percebeu-se como alguns leitores, como no relato de Joana, encontrou nos romances de ficção BL uma maneira de enxergar novas formas de relacionamentos, que fogem do tradicionalismo homem-mulher, e, assim, acreditar estar mais livre de visões preconceituosas em relação a sexualidade dos demais. Reflexões sobre situações do dia-a-dia, inspirados por situações lidas também foram citadas durante as entrevistas, como o caso de Tiago. Como o assunto mais tratado em *novels* BL é o amor, é natural que alguns leitores tentem traçar paralelos entre as relações lidas e aquelas que eles vivem no mundo real.

Muito embora haja autores dispostos a defender a ideia de que literatura de massa não incite pensamentos críticos em seu público-alvo, seria muito precipitado dizer que obras cujo

enredo desperte o interesse do leitor não sejam capazes de fazê-lo refletir sobre si ou sobre o mundo – isso seria, antes de tudo, duvidar de uma das habilidades mais interessantes do ser humano: criação de ideias, teorias, teses. Mesmo quando falado sobre os aspectos polêmicos do gênero, houve posicionamentos de defesa e crítica, de acordo com a ponderação de cada um.

Outra mudança ocorrida por influência das leituras dos entrevistados, como o caso de Fernanda e Joice, foi o gosto pela culinária asiática, tantas vezes mencionada nas histórias. Paula até mesmo aprendeu a cozinhar diversos pratos por meio das histórias.

Por mais simples que os enredos *boys' love* possam parecer, afinal grande parte do movimento que gerou o fenômeno estava mais interessante escrever histórias que agradassem do que grandes enredos ficcionais, não significa que possa ser considerado uma fonte de informações. De fato, como repercurtora da cultura asiática, esse aspecto foi o mais citado pelos entrevistados, como o saber que mais adquiriram desde que começaram a ler *novels* do gênero. Nesse aspecto, destacam-se os *danmei*, romances BL chineses. As histórias que mais se destacam no segmento costumam carregar histórias repletas de mitologias, formas de lutas locais e enredos históricos que conquistam boa parte dos leitores. Esse aspecto que faz tamanho paralelo com a realidade, já foi citado por Umberto Eco (1994) como uma característica necessária em obras de ficção para que o leitor não apenas consiga construir melhores estruturas interpretativas associando o descrito com uma imagem de seu mundo real, mas também como uma estratégia que vai fazer o sujeito se aproximar mais daquilo que está sendo lido. Quando você cria cenários que se aproximam de imagens já conhecidas e adiciona novos adereços, frutos de uma cultura tão diferente e rica como a chinesa, por exemplo, isso constrói um equilíbrio entre a intimidade com o conhecido e o interesse pelas novas paisagens mencionadas.

A linguagem aparece como outra apropriação. Como nas traduções, alguns termos originais de tratamento continuam nas versões traduzidas, alguns leitores como a Laila acabam absorvendo aquilo e até se pegam cumprimentando alguns conhecidos da mesma forma.

Foi quase uma unanimidade que a cultura asiática influenciou os entrevistados a consumir comida, roupas e até mesmo gerou o interesse em aprender uma de suas línguas. E pode-se colocar aqui esse interesse como outra apropriação. Os sujeitos se sentem tão envolvidos pelas histórias, tamanho são os seus desejos de se ver um pouco mais dentro daquele mundo ficcional tão diferente da cultura brasileira, que surge o interesse de aprender a falar como eles falam. E esse pode ser considerado outro aspecto de aprendizado também.

Por ser uma literatura com ainda poucas publicações em língua portuguesa, mesmo na internet por meio das traduções amadoras, alguns leitores buscam em outros idiomas uma maneira de ler essas histórias; no caso de traduções em espanhol, como é uma língua mais

próxima do português, leitores se esforçam e até aprendem a ler em espanhol, outros vão além e com o incentivo do amor por essas histórias pagam cursos de inglês ou outra língua e aprendem, tendo essas mesmas histórias amadas como atividade para sua fluência em leitura em novo idioma. Maria, por influência das traduções de *novels* que faz, mesmo que não frequentando nenhum curso, já aprendeu regras da gramática tailandesa. Fernanda chegou a estudar sobre carros de corrida para adicionar notas tradutórias em uma *novel* que estava traduzindo.

Com a pluralidade de assuntos abordados em *novels* BL, a quantidade de conteúdo e a influência exercida para que os leitores sintam curiosidade por mais e mais informações, faz com que essas leituras sejam detentores de um grande poder quando a questão é, principalmente, a apropriação da cultura asiática por meio dos brasileiros. Tiago mesmo, por conta do *boys' love*, resolveu viajar até a Tailândia, outros entrevistados demonstraram o mesmo interesse. Tudo gerado pela grande paixão que mantêm pelo gênero, e muitos são os caminhos que levam os leitores até essas histórias, os ímpetos que os fizeram ter o primeiro sentimento em relação ao gênero. O interesse.

6.3 Quanto às motivações

Uma literatura de massa, como se encaixa as obras BL, despertam uma motivação principal de qualquer leitor: o entretenimento, o prazer que essas histórias proporcionam. No entanto, depois da compreensão de todo desenvolvimento do fenômeno de ficções *boys' love*, juntamente com todas as características que ele sustenta, buscou-se entender quais motivos específicos fazem das *novels* atrativas para o público brasileiro.

Como um movimento que já surgiu no Japão com o intuito de não repetir as mesmas receitas narrativas tão comuns na década de 1970, com mocinhas sendo resgatadas por personagens que representavam príncipes encantados, românticos e protetores; o motivo das primeiras histórias *shounen-ai* da época, apareceram nas respostas dos entrevistados sobre o que os leva a ter tanto interesse nas *novels*. A fuga dos romances clichês e heterossexuais, agora da atualidade em contexto ocidental também, são também um grande fator que leva o brasileiro a gostar tanto das histórias *boys' love*.

Uma curiosidade é que, enquanto alguns respondentes frisaram a forma única que as histórias BL costumam ser escritas, com enredos inovadores e mundo ficcionais originais; outros respondentes apontaram o aspecto clichê do movimento como fator atrativo de leitura também. Mas quando estes últimos falam dos clichês *boys' love* que lêem também reafirmaram que são histórias clichês com um toque de originalidade também. Na subseção de características

narrativas já foi possível mensurar uma constância narrativa em várias histórias do gênero. Personagens descobrindo a sexualidade, a presença de *uke* e *seme* com propostas narrativas fixas e a relação dessa posição com a suas histórias, sejam cheias de percalços e problemas com dinheiro, seja com maiores privilégios e em uma postura mais rude.

O caso da *novel Sugar Rain*, já citada na imagem 7 (ver 3.1), é um bom exemplo dessas histórias clichês, em que temos um *uke* com problemas financeiros que acaba indo trabalhar em um palácio, onde encontra e se apaixona pelo *seme*, um nobre milionário, bonito e frio. A insistência dos entrevistados em falar que mesmo em histórias clichês ainda tem um toque inovador pode ocorrer pelo fato de a presença de dois personagens masculinos já os tiram do consumo de um mercado editorial que jorra romances heterossexuais.

Além disso, um enredo mais básico e comum dentro de gêneros de sucesso, como *wuxia*, omegaverso, mpreg, entre outros, que não costumam ser vistos em outras histórias fora da Ásia, facilita para que os leitores vejam os romances BL sob nova perspectiva.

Dentro desse aspecto, partindo das respostas obtidas em entrevistas, é possível chegar a outra conclusão: a cultura asiática é um dos grandes fatores de atração dos leitores em relação às *novels* BL. A forma como as histórias retratam a cultura asiática, seja ela coreana, tailandesa, chinesa ou de qualquer outro país do leste asiático, mostrou-se ser um importante fator para a maioria dos respondentes. E não apenas pela cultura representada, mas também a consequência dela: as características narrativas mais comuns do gênero são provenientes do leste e sudoeste asiático. E a paixão por essa forma característica de contar histórias é tamanha que alguns leitores passam a consumir apenas histórias com essa origem. Como é o caso de Fernanda, que afirmou:

[...] eu não consumo muito outras literaturas, de outros países e continentes, a não ser da Ásia. Livros de romance mais comuns, entre homem e mulher, eu já leio, mas nessa temática do *boys' love* eu sou mais suscetível a Ásia. Histórias japonesas, tailandesas, chinesas... Não que eu não possa ler de outros lugares, mas acredito que a Ásia me influencia mais, até por causa da cultura. Você aprende muita coisa, né? E isso eu acho apaixonante.

Outra motivação que parece mais constante que as anteriores é a manifestação visual ou audiovisual da *novel*. A maioria dos entrevistados afirmou ter conhecido o gênero através dos quadrinhos – mangás e manhwas – ou séries de TV. Rememorando o quadro 6, na discussão de consumo de *novels*, reuniu-se 23 *novels* que foram citadas por um ou mais entrevistados como leituras finalizadas. Delas, 19 possuem adaptações para série de TV. Aliado a isso, foi ouvido repetidas vezes durante as entrevistas paralelas, feitas pelos entrevistados, entre as séries vistas e as histórias lidas, com grande destaque aqui na China e Tailândia. Não coincidentemente,

esses dois países têm consideráveis números de produções baseadas em *novels* – diferente de países como Coreia do Sul e Japão que têm maior exportação de quadrinhos do gênero. Das histórias publicadas oficialmente no Brasil, também aparecem esses dois países. Da Tailândia, tem-se uma *novel* publicada em dois volumes; e da China, a conhecida *Mo Dao Zu Shi* já conta com 5 volumes publicados.

Por terem meios de divulgação maiores e legalizados, estando presentes no Youtube, Viki, Netflix, Telegram, entre outros, faz com que as séries, filmes e outras manifestações audiovisuais BL sejam mais facilmente acessadas. Quando os sujeitos descobrem e gostam dessas histórias, é natural pesquisar mais informações sobre ela. Novas histórias, novos conteúdos que sigam as mesmas estratégias narrativas. É nesse ínterim que muitos descobrem as *novels* e começam a ler uma história após a outra.

Mas enquanto esses aspectos facilitavam e motivavam o leitor a ler mais *novels*, também foi possível descobrir aspectos que desmotivaram os sujeitos também. Um deles é a forma difícil de encontrar as histórias desejadas. Alguns entrevistados se mostraram dispostos a gastar boas somas se isso significasse contribuir com o trabalho dos idealizadores das histórias e que também fornecesse acesso de qualidade a *novels*; aqui inclui fatores como plataformas acessíveis e boas traduções. Por conta do mercado editorial brasileiro – e até internacional, em língua inglesa – deficiente, a maioria dos leitores precisa recorrer à ilegalidade da internet para ter acesso a maioria das *novels boys' love*, mas isso não garante uma leitura de qualidade. Muito menos uma leitura completa. Relatos demonstram que quando, por sorte, os leitores conseguem encontrar uma tradução clandestina em português, eles ainda estão a mercê de que denúncias ou o algoritmo do site reconheça a tradução ilegal e deixe a história fora do ar; ou então nem sequer encontram a história e precisam ir em sites estrangeiros em busca de traduções em espanhol, inglês, entre outros.

O que pode ser muito desmotivador para alguns, para outros foi uma motivação para aprender outra língua. Não se pode dizer que os fãs de *novels* BL não são, antes que tudo, muito perseverantes. Pois mesmo com obstáculos tão severos, eles continuam procurando soluções para continuar lendo. Aprendem outra língua, usam ferramentas digitais para ajudar na tradução, traduzem para seus amigos da comunidade de fãs, publicam, mesmo se suas postagens saírem do ar, buscam outras plataformas e publicam novamente. Eles se reúnem em comunidades na internet e mesmo sem se conhecerem pessoalmente formam laços. E então continuam lendo. Transformam um pouco sua forma de se vestir; experimentam comidas novas; refletem sobre si mesmo, no que acreditam e no que desacreditam, no que concordam e

discordam, em como amam e não podem deixar serem amados; conhecem novos mundos, novas histórias, novos amores, novas fixações.

Quando se fala de leitura de *novels boys' love* é difícil destrinchar o que é contexto, sentido e motivação. A realidade é que eles estão intrinsecamente ligados e se influenciam constantemente, de modo que falar de apropriação da informação como um aspecto dentro do sentido foi uma decisão difícil. A apropriação é uma consequência que ocorre em meio a essa movimentação entre esses tripés da leitura. Mas como também se trata de uma reflexão que esta pesquisa se propôs a fazer para os sujeitos realizarem, pareceu que seria um pouco deslocador colocar esse aspecto distante às demais reflexões em relação a produção de significados dos leitores perante as histórias.

Ainda assim, cabe rememorar, reafirmar que a apropriação da informação nada mais é que o resultado previsível a qualquer leitura mais profunda e demorada que envolva um processo de contexto, motivação e produção de sentidos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar leitura dentro da Ciência da Informação se concentra em trazer o sujeito informacional para o centro do debate, tentando compreender os fatores que circundam o fenômeno de leitura no qual ele faz parte para, também, analisar o modo em que o leitor está criando significados, fomentando novos conhecimentos. Assim sendo, a perspectiva desse sujeito sobre o que se lê, como se lê, por que se lê e o que se aprende foram questões norteadoras para entender como o fenômeno de leitura de *novels boys' love* ocorre no Brasil.

As ideias defendidas por Jauss, Iser e complementadas por Eco dentro da Estética da Recepção ajudaram a destrinchar os processos de interação entre leitor-texto-autor ajudaram a compreender que o processo de produção de sentidos e da apropriação da informação não acontecem sem um percurso de convergência de ideias anteriores ao texto e com as provocações de significados realizadas pela intencionalidade do autor. Em outras palavras, é a autoridade guiando o leitor em um caminho interpretativo por meio do texto, enquanto o leitor em seus espaços de autonomia, conduz para uma produção de significados única. Não se fala aqui de interpretações independentes do texto, apenas sobre o equilíbrio natural entre obra e sujeito durante a leitura.

O contexto e a motivação dessa leitura vão influenciar diretamente nos significados produzidos ao ler determinada obra e, conseqüentemente, nos conhecimentos que são construídos por ela. Nesse sentido, o fenômeno de *novels BL* é bastante interessante de ser analisado, pois está envolvido em outros fatores. No caso da leitura brasileira nesse sentido, tem-se a participação ativa da comunidade de fãs como alicerce para publicação e circulação de obras na internet, o caso das traduções não licenciadas realizadas por indivíduos ou grupos, que se dividem em atividades específicas, estipulam metas e calendários de postagem, um trabalho voluntário, oferecido de forma gratuita. O fenômeno dessas traduções e retraduições é outro fator que ora facilita o acesso e impulsiona a leitura, ora afasta e decepciona, seja porque não é uma tradução de qualidade, seja porque a publicação saiu do ar por violação de direitos autorais.

As características narrativas dessa manifestação literária também envolvem outras discussões, seja dentro da popularização de novas culturas por meio dessas leituras, seja pelas polêmicas de cunho sexual e de gênero que também podem ser discutidas extensivamente.

A leitura digital desses textos também alavanca discussões sobre a fluidez leitora que esse ambiente fornece, enquanto também pode, encorajado pela cultura do imediatismo das redes sociais, dificultar leituras mais profundas. No caso dos romances de ficção do gênero

estudado, foram as características visuais fortes e iminentes das mídias sociais, séries de tv e quadrinhos que contribuíram em muitos casos para descoberta e leitura de *novels*, que proporcionou um aprofundamento e aproximação dos personagens antes vistos em outras adaptações. E muitos livros BL possuem histórias longas, em muitos volumes e muitas centenas de páginas a serem lidas. Com o auxílio das entrevistas realizadas, foi possível notar como, uma vez conquistados pelo *boys' love*, muitos sujeitos entram uma fase de hiperfoco em que lêem muitos textos no máximo de tempo que conseguem, enquanto também procuram novas histórias quase que incansavelmente, mesmo que o texto desejado esteja em um site de outro país, em outra língua.

Muitos também param de consumir histórias ocidentais, tamanho é o prazer pela fórmula de contar uma história BL nos moldes culturais do leste e sudeste asiático. A atenção em histórias hiper-românticas, com personagens idealizados, vivendo um amor intenso e tendo, na maioria das vezes, um final feliz, contribui para que os leitores torçam, encantem-se e se apaixonem por esses enredos. Aliado a isso, a utilização de personagens masculinos em situação romântica e/ou erótica em um mundo ficcional em que não há preconceitos ou eles são vencidos de maneira heroica só contribui para que os amores retratados ganhem mais força.

Thorn (2003), bastante citada neste trabalho por também questionar as motivações de leitura, apresentou três conclusões sobre a motivação de mulheres japonesas para ler *yaoi*, em que se resumia a: a) leitura por prazer de ler as histórias; b) porque as mulheres buscavam uma vivência de romance homossexual por meio da leitura; e c) por sentir prazer em ver homens sofrendo violência nas histórias. Em relação aos resultados dela, foram encontrados pontos convergentes e divergentes quando se tratou das leitoras brasileiras. Ler pelo divertimento, prazer gerados pelas histórias BL parece a conclusão mais simples e presente em unanimidade a todos os leitores. Agora, no cerne a vivência momentânea de leitoras como personagens masculinos homossexuais não foi citado por nenhuma entrevistada, ainda assim é impossível garantir, com a pluralidade e potencialidade de produção de significados pelos sujeitos, que isso não ocorra com nenhuma leitora brasileira. Em relação ao prazer que violências infligidas em homens pudessem ser geradas nas mulheres, a conclusão que as entrevistas revelaram foi que a autoridade textual constrói um enredo no qual o leitor é levado a ter antipatia por um determinado personagem que sofrerá a violência. Mesmo que quando ocorra isso, o personagem esteja em uma posição narrativa quase que feminina.

Quando personagens inocentes e queridos sofrem da mesma violência, foram praticamente unânimes a revolta e o descontentamento. Parte disso é sanado com um final feliz a esse personagem, sendo salvo pelo seu par romântico ou ajudando seu par a ser um homem

melhor; quando isso não é suficiente, muitos leitores preferem não ler as cenas detalhadas das violências, fingindo que elas não existem ou, se existem, como não foram lidas, a dor empática do leitor pelo personagem também é menor e mais fácil de ser superada.

A idade dos leitores também precisa ser mencionada com uma consideração que surgiu em meio às análises finais deste estudo. Após ter visto esse aspecto nos estudos de Pagliassotti (2008) e Pereira (2018), além das falas de alguns entrevistados, entendeu-se como muitos leitores têm acesso a essas histórias ainda muito jovens; o motivo foi também rapidamente compreendido.

O *boys' love* surge para jovens, seus primeiros enredos se focavam na vida escolar, na descoberta do primeiro amor — temas muito comuns e recorrentes em histórias voltadas para um público infanto-juvenil. E quando as histórias explicitamente eróticas começam a fazer parte do movimento, também surge mais um motivo para chamar a atenção de adolescentes, que estão em uma fase em que hormônios e questões sexuais fazem parte do seu dia-a-dia. E além disso, esse fator pode ser a causa de muitas histórias homoeróticas surgirem dentro do movimento, afinal muitos dos criadores são o próprio público-alvo: mulheres jovens e heterossexuais. Como válvula de escape para os seus desejos mais profundos, o BL parece ser um conforto para muitos, mas quando representação fidedigna de romances homoafetivos, para muitos, deixa a desejar.

Mas também não se pode resumir o movimento às suas polêmicas, muito menos deixar de mencionar que o *boys' love* possui muitas histórias envolventes, profundas e dramáticas, capazes de levar os seus leitores a viagens ficcionais inspiradoras. Prova disso é que todas as publicações nacionais e oficiais no Brasil não são de histórias sexualmente explícitas, mas adaptações de séries de TV que ficaram bastante famosas na comunidade de fãs de BL por suas produções bem-feitas e por suas histórias que, na delicadeza do romance desenvolvido entre os personagens principais, despertavam um verdadeiro fascínio.

É notável o amor, algumas vezes até fixação, dos leitores com as *novels* BL, não é à toa que o conjunto de significados construídos e expressados nas entrevistas tenham sido tão diferentes em alguns aspectos e tão parecidos em outros. Essa é uma fonte de análise que surge de uma percepção totalmente subjetiva de cada sujeito, o que explica algumas falas únicas. Mas é nos pontos em comum das entrevistas que foi possível visualizar o que desperta o interesse dos leitores: quando as *novels boys' love* contam histórias clichês, elas se propõem a fazer isso em outra perspectiva, a homoafetiva, com personagens idealizados e cenas apelativas; quando se propõe a contar uma história completamente original, ela oferece novos mundos, mitologias desconhecidas por ocidentais, com amores impossíveis, dramáticos e emocionantes. O primeiro

amor, o primeiro beijo, a descoberta da sexualidade, uma gravidez masculina, a paixão por um fantasma, a vida na escola, o primeiro emprego, o desvendar de um crime, a realização de um crime, sexo explícito, histórias que a primeira cena de mãos dadas acontece depois de 200 páginas. Como são assuntos que dialogam muito com os jovens e as suas primeiras experiências, faz sentido o público-alvo ser de adolescentes e jovens adultos, assim como a euforia em torno dessas histórias, sentimento comum nessa fase da vida. Conforme o número de leituras aumenta e os sujeitos fortalecem a sua ligação pelo gênero, não apenas pelo prazer que ele proporciona, mas também pela forma que essas leituras conseguem contribuir, ainda que indiretamente, na maneira que o leitor enxerga o mundo e a si mesmo, seus gostos, seus desamores, maior vai ser o interesse em continuar lendo mais enredos; até que as histórias não produzam mais identificação com o sujeito.

A forma que o *boys' love* conta suas histórias tem se expandido e enredos mais diversificados, têm chamado atenção — até como uma forma de tentar acompanhar o crescimento dos leitores. Conforme o público também aumenta, o perfil de consumo se expande e surge uma nova demanda de enredos diferenciados e estimulantes. É por isso que, atualmente, apesar das características narrativas apresentadas neste trabalho ainda serem uma grande representação da manifestação desse gênero, não é possível afirmar que história fora desses moldes não sejam ficções BL. Ainda assim, também não pode ser dito que o surgimento de histórias mais maduras e com reflexões que fogem do contexto mais juvenil sejam as histórias que mais chamam atenção. A partir das observações nos *sites* que promovem leituras desses textos e das entrevistas realizadas, foi possível notar com enredos nos moldes mais tradicionais da manifestação seguem com destaque, seja para apreciação ou desgosto por parte dos leitores.

Como consideração final deste estudo, pode se concluir que as histórias das experiências dos leitores diante dos fenômenos de *boys' love* parece passar, em sua maioria, por outras formas de apresentação — seja um OVA, uma série ou um *mangá* — antes de se deparar com as *novels*, isso se deve, muito provavelmente, pelas publicações oficiais no Brasil ainda serem escassas, assim como a publicidade dessas histórias tenha um poder menor, em comparação às séries, por exemplo, que são veiculadas e assistidas com maior facilidade.

Infere-se que os resultados obtidos desses leitores de romances BL também são resultados que reafirmam e ampliam os horizontes sobre o poder que o fenômeno da leitura tem atualmente. Revisitando os três pilares contexto, motivação e sentido, pode-se reafirmar aqui que o mundo contemporâneo trouxe uma nova maneira de leitura: a digital; além dela, por conta do acesso à internet, os limites geográficos se encurtam e histórias do outro lado mundo, não

necessariamente em língua nativa, podem ser consumidas avidamente pelos brasileiros, por exemplo. Outra conclusão é que as redes sociais, os vídeos curtos e outras formas de conteúdos visuais, principalmente, podem ser grande influenciadores de leituras — o que é um dado um tanto paradoxal, visto que muitos estudos também sugerem que a internet é o principal causador do afastamento do sujeitos e leituras mais longas ou profundas.

Este trabalho defende que mesmo as ditas “literaturas de massa”, por mais simples que pareçam, são capazes de evocar sentidos e conhecimentos que merecem ser lembrados, citados e evidenciados já que, também, são a forma de literatura que mais são consumidas no mundo. Na casa das *novels* BL, por exemplo, fomos apresentados a sujeitos que viram nessas leituras um caminho para conhecerem melhor a si mesmos, novas culturas e línguas; foi aquele que ofereceu um refúgio, um final feliz capaz de inspirar.

O gosto pelo gênero, apesar de os fãs apresentarem às vezes preferência por uma forma de manifestação em lugar de outra, ainda parece se retroalimentar quando os fãs consomem mais de uma forma desse fenômeno, de maneira que é possível também concluir que suas apropriações são em conjunto. Muito embora existam informações que são absorvidas em uma manifestação e não em outras, o apreço pelo fenômeno como um todo é que também contribui para o processo de apropriação seja em conjunto. Um leitor pode ler uma cena, apreciá-la, encantar-se com ela, mas quando vê a mesma cena em um quadrinho ou *live-action* sua apropriação se amplia, porque novos fatores foram adicionados à história. Em se tratando em histórias que não possuem mais de uma forma de apresentação, é possível afirmar que as apropriações sejam mais individualizadas. Embora, como uma das conclusões dessa pesquisa é o fato do interesse dos sujeitos pelo *boys' love* normalmente não se concentram em só uma forma, as apropriações dessa maneira não são tão comuns.

Ainda assim, é possível afirmar que as motivações e os contextos de consumo são facilitadores de tantas reações positivas, tantos números de leituras. E isto também influencia na forma como as informações são absorvidas finalmente, pois quanto mais o sujeito se interessa por uma leitura, sente prazer ao lê-la, mais ele parece se envolver por ela, dedicar-se a sua leitura, mais desejo tem de procurar mais dela, novas formas de revisita-la, de se apropriar.

REFERÊNCIAS

AOYAMA, Tomoko. BL Literacy: Subversion, Resuscitation, and Transformation of the (Father's) Text. **US-Japan Women's Journal**, [s.l.], n. 43, 2012, p. 63-84. Disponível em: https://www.academia.edu/4162389/BL_Literacy_Subversion_Resuscitation_and_Transformation_of_the_Father_s_Text. Acesso em: 13 abr. 2024.

ALMEIDA, Rogério Tabet de. A fenomenologia heideggeriana. **Revista interdisciplinar de direito**, Valença, v. 8, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revistas.faa.edu.br/FDV/issue/view/4>. Acesso em: 08 fev. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J.P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45. Disponível em: https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12. Acesso em: 05 fev. 2024.

ARAGÃO, Sabrina Moura. Scanlation e o poder do leitor-autor na tradução de mangás. **TradTerm**, São Paulo, v. 27, set. 2016, p.75-113. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/index>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ARANHA, Gláucio; BATISTA, Fernanda. Literatura de massa e mercado. **Contratempo**, Niterói, n. 20, ago. 2009. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31043088/11-60-1-PB-libre.pdf?1392147612=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DLiteratura_de_Massa_e_Mercado.pdf&Expires=1731763499&Signature=eaY65dhYTpkfPkJSZjcn3umWosbcUMiHc-Yjer9ZSoOjaFHnIDmcrx0oSEYVtG8-WDUpIt4v~6uSkO-Eq3SpiW8AhYaR3dEFLbWnr~Rw9P28ooQU6rdecGpHBgO2wFygPqfUvgrLC4sK1hnMQW4NXmD4DtWti~CWDRUiY9rRQSVckARTog9u-fZ2w-dWb86uHhMvBbMQx~yFdcax4hZFFoH-VodtxToE-Ps7jfFi8e74WXygMxa3J0DkurehDyXILZJkO-5NY5-83014dzbTWrCKzz0z3Ekz~zBdAWuT7Y4Ef4cOz0y8U11cfJBYXjVEyujnXEU6XHNm4ZFy-hwA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 29 out. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Paradigma social nos estudos de usuários da informação : abordagem interacionista. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 145-159, jan./abr. 2012. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31790258/paradigma_social_nos_estudos_de_usuarios-libre.pdf?1391473577=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DParadigma_social_nos_estudos_de_usuarios.pdf&Expires=1681253873&Signature=cEJkyL-TW5u0ywoICgQkcgquqZq0vX6Qa2EEpl4Gjc4p6cz--NFRbfrz47aLA2PIM1Q7IPjzn1otAxdRi~gcTrbWlkGDf0~vh9cEaqfeCTayhgGETLZ11XbtoqbqITLVpMq~p3Etc6TKlyZk34OO4zVDbYISNNLL03HGAbyszsRzxT9fbY743hQnW1pP3Oi-iBqWIEJJDfbs2ZayB4YIPKf8UbJDzO83dRIEIEx9vakCJrfzqR5p4jWRSfe1Er9ISnv0xZvJ6Ybz8MPv-s3~qAjCPvVGgkYjqjMzh7Buk70PN9umjOeNE~jf63ckyZTTHt2BH1CxTPqlw3dzlA7uVA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 22 mar. 2023.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são práticas informacionais?. **Inf. Pauta**, Fortaleza, v.

2, número especial, out. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acesso em: 18 mar. 2023.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; DUARTE, Adriana B. Sirihal; DUMONT, Lígia M. Moreira. As perspectivas de estudos sobre sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 24, número especial, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/t55yj3kdZN8DqJxHcNV6jkC/?lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2023.

ÁVILA, Isabela. Audiência de BLs cresce 151%, conheça os dramas mais assistidos do Brasil. **Koreain**, [s.l.], 10 maio de 2022. Tv/streaming. Disponível em: <https://revistakoreain.com.br/2022/05/audiencia-de-bls-cresce-151-conheca-os-dramas-mais-assistidos-do-brasil/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

BATISTA, Carmen Lucia. Os conceitos de apropriação: contribuições à Ciência da Informação. **Em Questão**, [s.l.], v. 24, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4656/465655178012/html/>. Acesso em: 03 mar. 2024.

BAKOGIANNI, Anastasia. O que há de tão ‘clássico’ na recepção de clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras. **Codex – Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2016.

BORGES, Ellen V. Elias. O texto além das palavras: uma visão ampliada da apropriação da informação por meio de textos literários. **Brazilian Journal of Information Studie: reasearch trends**, [s.l.], v. 10, n. 1, 2016. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2016/12/pdf_2294c918de_0000022087.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 1, abr. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008. Acesso em: 08 mar. 2024.

BRITTO, Paulo Henriques, 2012. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v.42, n.5, p. 351-360, 1991.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais[...]** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2003.

CARLOS, Giovanna Santana. Identidade(s) no consumo da cultura pop japonesa. **Lumina: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**, Juiz de Fora, v. 4, n. 3, dezembro de 2010. Disponível em: www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina. Acesso em: 20 abr. 2024.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6231520/mod_resource/content/1/A%20aventura%20do%20livro.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, R. “Cultura popular”: revisando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHARTIER, R. **Livro, mundo digital e leituras: práticas e apropriações**. Diálogos com Andréa Pereira dos Santos e Lígia Maria Moreira Dumont. Goiânia: Editora UFG, 2022.

CHICONELLI, Luiza Alonso Corrêa da Costa. **A representação e recepção de relações abusivas em quadrinhos sul-coreanos do gênero boys love**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) — Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/ce293cfd-8db0-431b-a21e-fb71b84ee4e0>. Acesso em: 12 jan. 2024.

COBRA, Rubem Queiroz. **Fenomenologia**. Brasília, DF, 2001, rev. 2005. Disponível em: <https://www.cobra.pages.nom.br/filotemas/fenomeno/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

CORACINI, Maria José R. Faria. Concepções de leitura na (pós-)modernidade. In: LIMA, Regina Célia de C. Paschoal. **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Unifeob, 2005.

CORRÊA, Swellen Pereira; GOMES, Nataniel dos Santos. O mangá no Brasil e sua linguagem. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 54, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/54supl/047.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DRAMAS BL cresceram 188% no Brasil em 2022; conheça séries populares para maratona: as maiores produções vêm de países asiáticos, principalmente Tailândia e Coreia do Sul. **Revista Quem**, [s.l.], 17 jan. 2023. Séries e filmes. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/entretenimento/series-e-filmes/noticia/2023/01/dramas-bl-cresceram-188percent-no-brasil-em-2022-conheca-series-populares-para-maratona.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2023.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. cap. 1, p. 21-52.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Contexto, leitura e subjetividade. **Transinformação**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 43-47, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/gkNdrR4fFjFfSBD3PrdJwNc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 2023.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura e competência informacional: interseções e interlocuções. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO– ENANCIB, 18., 2017, Marília, São Paulo. **Anais...** Marília, São Paulo: UNESP, 2017. 21p. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/569/690. Acesso em: 28 fev. 2024.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação) — Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1998.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, dez. 2002. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44758>. Acesso em: 19 fev. 2023.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; ESPÍRITO SANTO, Patricia. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 28-37, 2007. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/618/400>. Acesso em: 12 mar. 2023.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ECO, Umberto. Leitor-modelo. In: ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ECO, Umberto. **Seis passos pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FIGUEIREDO, Nice. Estudos de usuários. In: FIGUEIREDO, Nice. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994. p. 07-20.

FIGURELLI, Roberto. Hans Robert Jaus e a Estética da Recepção. **Letras**, Curitiba, v. 37, 1988.

FONTANA, Felipe; PEREIRA, Ana Carolina Torrente. Pesquisa documental. In: MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA Miichel Corci (org.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa: Atena, 2023.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. 6. ed. [Lisboa]: Passagens, 2006.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Estudo & debate**, Lajeado, v. 16, n. 2, 2011. Disponível em:
<http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550>. Acesso em: 07 mar. 2023.

GANDRA, Tatiane K.; DUARTE, Adriana Boglioto S. Estudos de usuários nas perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de metodologia de pesquisa. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 13-23, set./dez. 2012. Disponível em:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/105598>. Acesso em: 29 mar. 2023.

GEHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2009. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Doutrina das cores**. Apresentação, seleção e tradução de Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 2013

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. *In*: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos da estética I**. Tradução de Marco Aurélio Werle. 2. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: parte I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HIRATA, Tatiane; GUSHIKEN, Yuji. Scanlation: Prática midiática de fãs e a circulação de mangás na cibercultura. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 13., 2011. Disponível em:
<http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0061-1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica**. 2. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. *In*: LIMA, Luiz Costa (coord. e trad.). **A literatura e o leitor**: textos da Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ISER, Wolfgang. **Entre o fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético: vol. 1. Tradução de Johannes Krestchmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético: vol. 2. Tradução de Johannes Krestchmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. Estética da Recepção: colocações gerais. *In*: LIMA, Luiz Costa (coord. e trad.). **A literatura e o leitor**: textos da Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-62.

KANT, Immanuel. Crítica da faculdade de juízo: estética. *In*: KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Velário Rohden e António Marques. 2. ed. São Paulo: Ed. Forense, 1995.

KIMIE, Itakura; YUKARI, Fujimoto. The evolution of “boys’ love” culture: can bl spark social change?. **Nippon.com**, [s.l.], 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.nippon.com/en/in-depth/d00607/>. Acesso em: 09 fev. 2023.

KIRCHOF, Edgar Roberto. **A estética antes da estética**: de Platão, Aristóteles, Agostinho, Aquino e Locke a Baumgarten. Canoas: ULBRA, 2003.

KNUPPEL, Maria Aparecida C. **História da leitura**: do prólogo à inspiração. São Paulo: UNICAMP, 2002. Disponível em: https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/M/Maria%20aparecida%20crissi%20knuppel.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

KWON, Jungmin. The past, presente, and future of boys love (BL) cultures in East Asia. *In*: HONG, Seok-Kyeong; JIN, Dal Yong. **Transnational Convergence os East Asian Pop Culture**. London: Routledge, 2021.

LEFFA, Vilson J. O conceito de leitura. *In*: LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LÉVY, P. **Inteligência Coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LYOTARD, Jean-François. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1954.

MARQUES, Ana Flávia. O Brasil é o 3º país do mundo que mais consumiu doramas na pandemia. **O Povo**, [s.l.], 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2021/08/10/brasil-e-o-3-pais-do-mundo-que-mais-consumiu-doramas-na-pandemia.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MARTIN, Fran. Girls who love boys’ love: japanese homoerotic manga as trans-national Taiwan culture. **Inter-Asia cultural studies**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 365-383, jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14649373.2012.689707>. Acesso em: 11 abr. 2023.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MORIN, Edgar. **O Método 3: o conhecimento do conhecimento**. Trad. Juremir Machado da Silva. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 117-128.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. trad. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

MUSTOFA, Ali. *Boys' love* Romance in the Realm of Popular Literature: Genre, Motif, and the Future of Romance. In: DARMAWAN, Ruly Indra; SARASWATI, Girindra Puti Dewi; ISTIANI, Imas (ed.). **Elit 2021: Proceedings of the 10th unnes virtual international conference on english language teaching, literature, and translation**. Semarang, Indonesia: EAI, 2022. ISBN: 978-1-63190-354-0. Disponível em: <https://eudl.eu/pdf/10.4108/eai.14-8-2021.2317615>. Acesso em: 12 abr. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-12, abr. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Minayo/publication/315756131_AMOSTRAGEM_E_SATURACAO_EM_PESQUISA_QUALITATIVA_CONSENSOS_E_CONTROVERSIA_SAMPLING_AND_SATURATION_IN_QUALITATIVE_RESEARCH_CONSENSUSES_AND_CONTROVERSIES/links/58e25be74585153bfe9f5134/AMOSTRAGEM-E-SATURACAO-EM-PESQUISA-QUALITATIVA-CONSENSOS-E-CONTROVERSIA-SAMPLING-AND-SATURATION-IN-QUALITATIVE-RESEARCH-CONSENSUSES-AND-CONTROVERSIES.pdf. Acesso em: 12 maio, 2023.

NITRINI, Sandra. Conceitos fundamentais. In: NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

OLSEN, Caroline. The history of *boys' love*. **Yatta tachi**, [S. l.], 22 jul. 2022. Editorial. Disponível em: https://yattatachi-com.translate.google.com/history-of-boys-love?_x_tr_sl=auto&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt. Acesso em: 22 fev. 2023.

PAGLIASSOTTI, Dru. Reading boys' love in the west, **Particip@tions**, vol. 5, n. 2, special edition, nov. 2008. Disponível em: <https://www.participations.org/05-02-07-pagliassotti.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2023.

PEREIRA, Sasha Cruz Alves. Fujoshis e fudanshis do Brasil: subjetividades a partir das leituras yaoi. **Ponto Urbe: revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, n. 23, Especial Graduação em Campo, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/5665>. Acesso em: 22 fev. 2023.

PRASANNAM, Natthanai. The Yaoi phenomenon in Thailand and fan/industry interaction. **Plaridel**, v. 16, n. 2, 2019, p. 63-89. Disponível em: <https://www.plarideljournal.org/article/the-yaoi-phenomenon-in-thailand-and-fan-industry-interaction/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

QUEIROZ, Julia. Violência, relações abusivas e erotismo: o que é o dark romance e por que ele atrai tantos leitores?. **Estadão**, [s.l.], 27 abr. 2024. Literatura. Disponível em:

RIBEIRO JÚNIOR, João. **Introdução à fenomenologia**. Campinas: Edicamp, 2003.

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**: ensaios da hermenêutica II. Porto: Rê, 1989.

ROCHA, Janine Rezende. **Wolfgang Iser, o leitor da modernidade**: interpretação e teoria da literatura. 2017. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SÁ, Jéssica P. Silva de.; PAULA, Cláudio P. Anastácio de. Interloquções entre leitura e ciência da informação: análise de dissertações e teses de leitura literária no âmbito da ciência da informação. **Revista ABC**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 618-635, ago./dez., 2020. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1723/pdf>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A concepção de apropriação da informação em periódicos da área “comunicação e informações” e anais do enancib. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais[...]**. Marília: UNESP, 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/546/688. Acesso em: 12 fev. 2023.

SANTOS, Gabrielle Leite dos. **Arena discursiva do omegaverse**: coro de vozes na construção de um universo ficcional em comunidades de fanfic. 2022. Tese (doutorado em Estudos da Linguagem) — Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SILVA, Marcos. *Novel x light novel x mangá*: qual a diferença?. **Portal Estanta da Josy**: um mundo literário contado por meio de uma estante, [s.l.], 24 jan. 2020. Disponível em: <https://www.estantedajosy.com.br/2020/01/novel-x-light-novel-x-manga-qual.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SILVA, Luziário; TEIXEIRA, Juliana. O impacto da cultura de fãs nas produções tailandesas: uma análise do drama boys love “adorável escritor”. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021, Recife. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij05/luziario-silva.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

TRAGINO, Arnon. O leitor, a leitura, o livro e a literatura na estética da recepção e na história cultural. **Revista Mosaicum**, [s.l.], n. 18, jul./dez. 2013. p. 24-33.

THORN, Rachel. Girls and women getting out of hand: the pleasure and politics of Japan’s amateur comics community. *In*: KELLY, William W. (org.). **Fanning the Flames**: Fandoms and Consumer Culture in Contemporary Japan. New York: State University of New York Press, 2003. Disponível em: <https://kyoto--seika-academia->

edu.translate.google/RachelThorn?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc.
Acesso em: 29 mar. 2023.

TORRES, Igor Leonardo de Santana. **Atravessamentos afetivos, morais e políticos na experiência de consumo de séries boys love (BL) no Brasil.** 2023. Dissertação (mestrado) — Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em:
https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/51379/1/Atravessamentosafetivosmorais_Torres_2023.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

VENTURA, Maga Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Rev. SOCERJ**, [s. l.], v. 20, n. 5, set./out. 2007. Disponível em:
http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em: 02 fev. 2023.

YANAGUIYA, Anielle Miranda. **Amor de garotos, de garotas para garotas:** estudo sobre tradição homoafetiva masculina no Japão e sua reflexão no shoujo manga e o subgênero boys' love, 2022. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

YUNITA, Millah Ananda. Penoton Boys' Love: ketertarikan, respon dan orientasi. **Emik:** jurnal ilmiah ilmu-ilmu sosial, Makassar, v. 5, n. 1, jun. 2022. Disponível em:
<http://www.ejournals.umma.ac.id/index.php/emik/article/view/1219/892>. Acesso em: 12 jan. 2024.

WELKER, James. Beautiful, borrowed, and bent: “boys' love” as girls' love in *shôjo manga*. **Signs**, v. 31, n. 3, 2006, p. 841–70. Disponível em:
<https://www.jstor.org/stable/10.1086/498987>. Acesso em: 9 mar. 2023.

ZSILA, Ágnes; DEMETROVISC, Zsolt. The *boys' love* phenomenon: a literature review. **Journal popular romance studies**, v. 6. abr. 2017. Disponível em:
<http://www.jprstudies.test.dreamhosters.com/wp-content/uploads/2017/04/TBLP.4.2017.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2023.

ANEXO A — Texto divulgado na internet convidando para as entrevistas**Juliene Lobato** ▶ Mundo Boys love 🇧🇷

30 de março · 🌐

**ATENÇÃO, LEITORES DE NOVELS BL**

Olá, BLzeiros, estou desenvolvendo uma pesquisa para minha dissertação de mestrado sobre leitores de novels BL, quem tiver interesse de participar (e for maior de idade), basta responder um formulário no google para fazer um perfil preliminar de leitura de vocês e então entrarei em contato para uma entrevista online.

Vai ser mais um bate-papo sobre como vocês conheceram o gênero, o que mais os interessa nele e os obstáculos, caso tenha algum, que encontram nessas leituras. No final, espero encontrar dois resultados para minha pesquisa: por que as pessoas gostam de ler BL e o que mais têm aprendido com essas leituras.

Essa pesquisa está sendo desenvolvida através do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, o qual eu faço parte. Qualquer dúvida, podem me chamar por aqui ou no meu instagram (@julienelobato).

A publicação dessa dissertação, se tudo correr bem, vai ser no segundo semestre desse ano. Conto com a ajuda e participação de vocês pare isso! Obrigada ^^

Link do Google Forms: <https://forms.gle/6fthEiJrPAwBVT2Y7>

A imagem anterior foi retirada de uma das páginas no Facebook na qual foi divulgada a pesquisa. Outras páginas nessa mesma rede social e em outras também receberam a mesma divulgação, remetendo ao link onde o formulário se encontrava disponível.

ANEXO B — Formulário divulgado sobre a pesquisa

Leituras que persistem e constroem: o interesse de leitores por novels boys' love e as suas conseqüentes construções de saberes

B I U ↻ ✕

O(A) Sr. (a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **LEITURAS QUE PERSISTEM E CONSTROEM: O INTERESSE DE LEITORES POR NOVELS BOYS' LOVE E AS CONSEQUENTES CONSTRUÇÕES DE SABERES**. Pedimos a sua autorização para a coleta, o depósito, o armazenamento, a utilização e descarte de **ENTREVISTAS GRAVADAS** (apenas o áudio). A utilização dessas entrevistas está vinculada somente a este projeto de pesquisa ou, se o(a) Sr.(a) concordar, em outros futuros. Nesta pesquisa, busca-se compreender como os leitores concebem a experiência de leitura das histórias *novels boys' love* e os fatores que provavelmente levam o leitor até esses textos, indo um pouco além: analisar quais as possíveis aprendizagens que esses sujeitos estão construindo a partir dessas histórias, sempre levando em consideração que o nível de interesse e prazer que essas leituras podem vir a trazer são fator de influência no modo como os sujeitos introjetam a informação lida. Para esta pesquisa, será solicitado a você que responda a uma série de perguntas em formato de entrevista, algumas das quais terão caráter demográfico e algumas envolvem respostas relativas a seus hábitos de leitura, especialmente os que se relacionem com as histórias *novels boys' love*. Esta entrevista será gravada em áudio com a sua permissão. Não são previstos riscos associados com a participação no presente estudo, embora se reconheça que não existe pesquisa sem riscos, ainda que mínimos, tais como constrangimento e/ou desconforto ao responder às perguntas da entrevista. Também não se prevê nenhum benefício pessoal a nenhum dos participantes nesta pesquisa. No entanto, acreditamos que sua participação auxiliará na compreensão quanto aos leitores de *novels* e como os mesmos demonstram entender as informações e o conhecimento contidos nelas.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o(a) Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O(A) Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o(a) Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, a partir de sua entrevista, estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. **O(A) Sr. (a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.** Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, em arquivo fechado na memória pessoal do pesquisador, e a outra será fornecida ao(à) Sr. (a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos (ou até 10 (dez) anos) e, após esse período, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Depois de concedido sua permissão, seguir-se-á a primeira etapa da pesquisa com você.

Para esta primeira etapa, no Google Forms, serão feitas algumas perguntas para traçar o seu perfil de leitura e confirmar se você encaixa nos critérios para fornecimento da entrevista. Caso sim, entraremos em contato posteriormente para marcação da entrevista online.

Lembrando que precisamos de respondentes brasileiros, maiores de idade e que já tenham lido pelo menos 3 (três) novels BL.

Consentimento para participação da pesquisa *

- Concordo com o termo de consentimento livre e esclarecido e concordo que minha entrevista seja utilizada somente...
- Concordo com o termo de consentimento livre e esclarecido e concordo que minha entrevista seja realizada em out...
- Não concordo com os termos citados

Questionário



Olá, seu perfil de leitura começará a ser realizado agora! Seja o mais sincero possível, lembre-se que está totalmente assegurado o seu anonimato.

Qual sua idade? *

- Sou menor de 18 (dezoito) anos
- Tenho entre 18 (dezoito) e 21 (vinte e um) anos
- Tenho entre 22 (vinte e dois) anos e 25 (vinte e cinco) anos
- Tenho entre 26 (vinte e seis) e 29 (vinte e nove) anos
- Tenho entre 30 (trinta) e 33 (trinta e três) anos
- Tenho entre 34 (trinta e quatro) e 37 (trinta e sete) anos
- Tenho entre 38 (trinta e oito) e 44 (quarenta e quatro) anos
- Tenho 45 (quarenta e cinco) anos ou mais

Com qual gênero você se identifica? *

- Feminino
- Masculino
- Outros...

Você cresceu dentro de algum ambiente religioso *

- Não, cresci em lar ateu
- Sim, cresci em um lar majoritariamente católico
- Sim, cresci em um lar majoritariamente protestante
- Sim, cresci em um lar majoritariamente kardecista
- Sim, cresci em um lar majoritariamente umbandista
- Sim, cresci em um lar majoritariamente candomblecista
- Sim, cresci em um lar religioso, mas não havia nenhuma denominação específica
- Outros...

Onde você cresceu? *

- Perto de área urbana
- Perto de área rural
- Não sei informar

Em qual região do país você mora? *

- Centro-oeste
- Nordeste
- Norte
- Sudeste
- Sul

Qual sua orientação sexual? *

- Assexual
- Bissexual
- Demisssexual
- Heterossexual
- Homossexual
- Pansexual
- Outros...

Qual seu nível de escolaridade? *

- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Graduação incompleta
- Graduação completa
- Pós-graduação incompleta
- Pós-graduação completa

Aproximadamente, quantas *novels* BL você já leu? *

Leve em consideração *novels* boys' love apenas romances de origem asiática (Coreia do Sul, China, Filipinas, Tailândia, Taiwan etc.)

- Menos de 3 (três)
- Entre 3 (três) e 5 (cinco)
- Entre 6 (seis) e 10 (dez)
- Entre 11 (onze) e 15 (quinze)
- Entre 16 (dezesesseis) e 20 (vinte)
- Entre 21 (vinte e um) e 25 (vinte e cinco)
- Mais de 26 (vinte e seis)

Qual seu ritmo anual de leitura de *novels* BL? *

- Leio pelo menos uma vez por semana
- Leio pelo menos uma vez por mês
- Leio pelo menos uma vez a cada três meses
- Leio pelo menos uma vez por semestre
- Leio pelo menos uma vez por ano

Como você descobriu as *novels* BL? *

Leve em consideração seu primeiro contato com os romances narrativos BL, e não com o fenômeno boys' love como um todo (séries, quadrinhos, filmes, animações etc.)

- Por meio de uma editora ou livraria
- Por meio de um amigo
- Por meio de um filme de animação ou live action
- Por meio de uma série para TV, streaming ou internet
- Pela internet, mas especificamente por meio de grupos no whatsapp
- Pela internet, mas especificamente por meio de grupos no telegram
- Pela internet, mas especificamente pelo twitter
- Pela internet, mas especificamente pelo tiktok
- Outros...
.....

Qual (quais) desses assuntos e/ou gêneros presentes em *novels* BL você tem mais interesse? *

Mpreg = histórias em que homens podem engravidar

Wuxia = Gênero literário e cinematográfico que mistura artes marciais ou luta de espadas com fantasia

- Omegaverse
- Mpreg*
- Reencarnação/transmigração
- Viagem no tempo
- Romance escolar
- Romance na faculdade
- Romance de escritório
- Fantasia
- Ficção-científica

Terror/suspense/mistério

Ação/aventura

Histórico/de época

Comédia

Drama/psicológico

Sobrenatural

Wuxia*

Máfia

Incesto

Obsessão

Violência

Outros...

APÊNDICE A — Roteiro da entrevista semiestruturada

1. Antes de iniciar as perguntas referentes ao gênero BL, cabe fazer uma análise do perfil do entrevistado:
 - a. Idade;
 - b. Escolaridade;
 - c. Religião em que cresceu e a que pertence atualmente, caso haja;
 - d. Reside em região urbana ou rural;
 - e. Gênero;
 - f. Orientação sexual.

2. Peça para o entrevistado conceituar o gênero *boys' love*. Em seguida, para ele mencionar três títulos de *novel* que tenham se destacado para ele. **Não esqueça de tentar perceber o que chamou tanta atenção desses títulos especificamente.**

3. Sobre a história do sujeito com o gênero:
 - a. Busque saber como foi o primeiro contato que ele teve com o *boys' love* (se foi por meio de um amigo, através da internet ou outro), se ele teve conhecimento que se tratava de um BL e se ele se interessou imediatamente assim que descobriu o gênero ou se teve alguma resistência;
 - b. Se atente em descobrir qual foi o(s) primeiro(s) item(ns) de consumo dentro desse gênero, se foi séries de TV, animações, filmes, livros, HQs (mangás, manhuas ou manhwas), vídeos na internet referente, através da indicação de um amigo, entre outros contextos; e como você reagiu ao conteúdo nesse primeiro momento (dentro do aspecto sentimentos e opiniões). **Atente-se em notar se as novels estão presentes nessa gênese de interação sujeito-conteúdo.**

4. Quanto ao interesse pelas *novels*:
 - a. Na questão anterior, o sujeito indicou *novels* como conteúdo que consumiu no início de sua interação com o gênero? Caso não, busque saber quando e como ocorreu essas primeiras leituras;
 - b. Por que ler *novels boys' love*? Tente fazer o leitor explicar o que o fez escolher e apreciar esse gênero de conteúdo literário em meio a tantos outros (caso seja necessário, provoque o sujeito a mencionar também fatores de construção narrativa: o enredo, os personagens, tempo verbal, demais sinais e estratégias comunicativas);
 - c. De forma geral, a designação de *novels boys' love* remete a romances escritos em países do Leste Asiático. Descubra se ser fruto da cultura asiática é um dos fatores que chama atenção para a leitura dessas *novels* ou se esse fator é irrelevante;
 - d. Peça que o leitor relate se já enfrentou algum desafio ou obstáculo para ler as *novels* (aqui o intuito também é entender o que pode afastar o leitor dessas histórias, então pode ser aspectos físicos, como a forma que essas histórias se

apresentam — texto, suporte, etc. — como aspectos narrativos — aqui cabe o conteúdo sexual e violência que algumas histórias apresentam);

- e. Como um gênero literário, busque saber se o sujeito indica ou indicaria as *novels* BL aos amigos. Se sim, qual seria o seu principal argumento para fazê-los consumir essa literatura? Em caso negativo, busque saber o motivo (**notar se tem algo a ver com vergonha por ler o gênero**);
- f. Existe uma grande comunidade de consumidores do gênero BL no Brasil, apenas em um grupo de fãs no Telegram, há mais de 65 mil membros; além das dezenas de páginas no Instagram com outras dezenas de milhares de seguidores; inúmeros grupos no Whatsapp e blogs que também reúnem fãs de BL. Descubra se o sujeito conhece e participa/segue algum desses grupos. Caso sim, questione se o fato de estar em meio a outros sujeitos com esse interesse em comum oferece motivação para continuar consumindo esse conteúdo ou se mesmo dentro desses grupos, o sujeito não tenha participação ativa e quase não interage com os demais.

5. Quanto as demais formas de literatura BL:

- a. Fora as *novels*, não esqueça de saber se o sujeito lê alguma coisa além do gênero BL (mangás, manhuas, manhwas, *graphic novels*, *light novels* entre outros);
- b. Caso leia, o sujeito acredita que essa forma de apresentação e desenvolvimento da história é mais ou menos agradável que a leitura das *novels*, e por quê?

6. Quanto às possíveis mudanças que essas leituras proporcionaram:

- a. Busque saber, dentro da percepção do respondente, se ele acredita que houve alguma mudança em seu comportamento, modo de falar, modo como percebe e entende as pessoas ou algum aspecto do mundo a sua volta. Se o leitor notou alguma mudança, por que ele acha que essa leitura contribuiu para tal?
- b. Peça para o leitor falar um pouco sobre as coisas que ele mais aprendeu com a leitura de *novels* BL;
- c. Caso o aspecto de sexualidade e/ou gênero não tenha surgido nas duas respostas anteriores, perguntar diretamente quais as percepções dos sujeitos sobre as questões de gênero e sexuais levantadas por essas *novels*.

APÊNDICE B — Entrevista com Joana

ENTREVISTADORA: Eu falo que a primeira pergunta é mais uma provocação, que eu costumo fazer no início de cada entrevista dessa pesquisa. É o seguinte: como você conceitua “boys’ love”? Se alguém chegasse para você e falasse “olha, eu ouvi falar de um tal de BL, mas nunca ouvi falar disso, nem sei o que é”, o que vocêalaria para essa pessoa?

JOANA: Ah, eualaria que é um gênero. Primeiramente, dentro do que eu conheço, tem tanto audiovisual, quanto de leitura, que são os livros ou então *manhwas* ou HQs, enfim, que tratam do gênero homossexual, amor entre dois homens; eualaria assim.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Agora vamos começar a entender como começou a sua história com esse gênero; quando foi que aconteceu, como que você conheceu, como que foi esse primeiro contato?

JOANA: Eu acho que o primeiro contato deve ter sido com doze anos. Eu assisti um OVA... Primeiro eu vi um OVA de... Eu não vou saber dizer o nome agora, mas que é de um cientista, eu acho, um cara loiro que usa óculos e ele tem um assistente, só que ele é homofóbico, ele é muito homofóbico! Ele tem até um irmão que tem um namorado, mas ele é muito homofóbico. Acontece que chega uma hora que eles [cientista e assistente] vão beber e eles ficam. Aí essa foi a primeira vez que eu vi um BL. Depois, eu assisti meu primeiro anime, que foi *Sekaiichi Hatsukoi* — é perfeito, gosto até hoje! Algumas pessoas falam que é uma bomba, mas eu gosto muito. Eu vi esse, depois vi *Junjou Romantica* e daí foi indo, sabe? Eu vi várias coisas. Vi *Love Stage!!* e foi... Dos doze anos pra cá, não muda muita coisa, só muda que agora a gente tem muito mais opções, tanto de leitura quanto de anime. Exemplo, tá sendo produzido um anime BL *omegaverse*. É algo que eu nunca ia prever, mesmo nos dias de hoje.

ENTREVISTADORA: Mas quando soube do que se tratava, você teve alguma resistência, achou estranho ou você só mergulhou de cabeça, gostou desde o primeiro instante?

JOANA: Eu não achei estranho porque eu já gosto muito de anime e nessa época eu estava muito fissurada em coisas do gênero, e pra mim eu não via muita diferença, mas ao esmo tempo, apesar de eu não resistir a esse gosto, eu escondia isso. Era uma coisa que as pessoas da minha família não poderiam saber. Eu podia comentar com colegas e tal, mas as pessoas da minha família não.

ENTREVISTADORA: E sobre esses amigos e colegas, então, você costuma falar dentro desse aspecto, sobre as obras que você consome, tanto de leitura como audiovisual? Digo, colegas do dia-a-dia; ou você prefere conversar só dentro da comunidade de BLzeiros?

JOANA: Olha, não é que eu converse, mas eu tento, sabe? Por exemplo, com os meus amigos, é uma coisa que todos eles sabem, os meus amigos próximos sabem; tem uns que aceitam, tem aqueles que não aceitam, mas foda-se [risos], eu fico só perturbando eles, entendeu? Aí, eu já terminei relacionamentos por causa disso. Teve um ex-namorado meu que eu fazia até ele traduzir os BLs pra mim que não estavam traduzidos, mas fazia ele traduzir pra mim porque ele sabia ler em inglês. É uma coisa que as pessoas do meu círculo social... Eu não tenho problema em esconder, se as pessoas gostarem, melhor ainda, porque é um hiperfoco muito forte meu. Tipo, se eu pudesse por horas ficar falando sobre, entendeu? Aí, eu conto mesmo, eu falo, e quando eles não gostam é aí que eu perturbo mais ainda, eles.

ENTREVISTADORA: Perfeito, então entendida já essa parte, me fala mais sobre sua relação com as *novels*. Você falou que você começou lá com o Ova, né? E os animes. Lá por volta de dois mil e treze então, né? Dois mil e catorze ou dois mil e treze, imagino. Mas como foi a esse primeiro contato com as *novels*? Qual foi a primeira *novel*? Como que conheceu elas?

JOANA: A primeira *novel* mesmo que eu li foi *Dear Benjamin* em dois mil e vinte, eu acho. Dois mil e vinte ou dois mil e vinte e um; porque ele foi acho que... Não, ele não foi o primeiro, mas foi um dos

primeiros, acho foi o terceiro *manhwa* que eu li e nessa época ainda estava lançando e eu descobri que tinha uma *novel* e eu fui atrás de ler. Eu tive uma dificuldade a princípio, só que eu consegui encontrar os meus meios pra achar, porque eu só descanso se conseguir encontrar. Aí, depois eu já evolui um pouco mais, porque eu fiquei sabendo do gênero *danmei*, que são das *novels* chinesas; nossa, quando explodiu [esse gênero chinês ficou mais conhecido]... A primeira *novel* danmei que eu li, que minha favorita é *Dumb Husky and His White Cat Shizum*, depois eu li *Mo Dao Zu Shi* e daí pra frente, só pra trás, entendeu? [risos] Eu li um monte. Mas primeiro contato — realmente — de leitura foi em dois mil e vinte, bem na época que estourou a pandemia, sabe? E daí eu só me joguei.

ENTREVISTADORA: Você mencionou que teve uma dificuldade pra achar essa primeira *novel*, onde que você leu?

JOANA: Olha, eu li num site, só que é muito difícil achar porque, por exemplo, hoje em dia, elas [administradoras do site] têm canal no Telegram e tal, só que, naquela época, foi época em que também começaram a denunciar as *scans* e tal, as *fansubs* que traduziam, já que não tem nas plataformas oficiais, nunca tem traduziram. Então, quando eu comecei a procurar essas coisas, estavam tacando muito *hate* [comentários e ações na internet que demonstram indignação ou raiva por algo ou alguém] principalmente no Twitter. Por exemplo, a autora de *BJ Alex* [*manhwa* BL] foi muito xenofóbica na época, postou vários *tweets* assim... Então foi um pouco complicado de achar [histórias dela], mas naquela época tinha o Facebook, né? Aí as coisas no Facebook são mais rápidas. Eu fui procurando, então encontrei essa página. Primeiro era uma página do Facebook, e era todo um processo pra eu conseguir entrar nesse site, porque, hoje em dia nem tanto, mas naquela época elas [administradoras da página] tinham muito medo do *site* delas ser derrubado. Eram duas administradoras [o nome delas e da página foi censurado], por isso o processo [de publicação] era devagar, os capítulos, só semanalmente e tal. E eu só consegui entrar nessa página porque fui indicada por alguém pra poder entrar. Eu tive que procurar as pessoas que já estavam no grupo, porque ele era privado, então eu tive que adicionar essas pessoas pra ver se elas me colocavam no grupo, entendeu? Porque senão não poderia entrar, só por indicação. Na época, era assim; hoje em dia já é mais acessível, já parou um pouco da perseguição [para derrubar essas postagens]

ENTREVISTADORA: Nossa, realmente era um trabalho de Hércules para conseguir ler, né? [risos]

JOANA: Exatamente [risos].

ENTREVISTADORA: Mas continuando, o que você acha que tem nas *novels* BL que te faz gostar tanto desse gênero?

JOANA: Na questão das *novels*, é porque é muito detalhado. E também porque... Tipo assim, nos *manhwas*, às vezes... Como eu gosto muito de ler livros, às vezes tem coisas que mesmo tu transferindo da *novel* pro *manhwa* vai ser outro texto, sabe? Já muda [tudo] e eles[os criadores] não conseguem incorporar os pensamentos ou os sentimentos direito nos *manhwas*, então a *novel* pra mim ela é boa porque ela é detalha muito, sabe? Todos os aspectos amorosos, os cenários... Tem muita coisa que eu aprendi, por exemplo, sobre espaço, localização, lendo *novel*. Tem uma *novel* que eu li que é a *Define Relationship*, se passa em Londres. E eu sei uns bairros de Londres agora por causa dela. Eu sempre aprendo alguma coisa, sabe? Mas o que mais eu gosto é porque me diverte. Eu gosto dos dramas amorosos e eu gosto porque são dois homens. Apesar de que, às vezes é bem fetichizado, mas tem *novels* que passam bastante equidade, sabe? Porque eu ainda sinto muita pressão sexista e tal. Até quando eu vou ler um livro hétero, por exemplo, eu não acho tão legal quanto um BL, porque, pra mim, como são dois homens ali, é legal ver dois homens... [risos] Eu não sei, sabe? A gente não vê homens sentimentais ou, assim, quando [no BL] ficam obcecados pelos parceiros. Eu não consigo ver essas cenas acontecendo na vida real. Então, pra mim, ler isso numa *novel* é muito legal, é muito interessante.

ENTREVISTADORA: Ah, eu realmente eu vi que no [Google] Forms você colocou interesse no gênero obsessão, né?

JOANA: Não é bem um interesse *intereesse*, mas se tiver eu leio. Eu já umas *novels* bem doentinhas, sabe? Mas, na questão da obsessão, eu acho legal porque é uma coisa muito... Eu não sei se chega a ser cultural lá da Ásia, porque aqui eu não vejo muito isso [histórias com esses enredos], dessa obsessão doente mesmo em relacionamento. Por exemplo, tem muito BL que acontece muitas coisas ruins e você acaba ficando assim “no reaction” [sem reação]. Mas pra lá [Ásia] não sei se é muito normalizado, mas eu acho interessante porque se a gente lesse um livro ocidental, quando eles vão tratar dessas obsessões, sempre fica mal feito ou então fica muito artificial, enfim. Eu acho que as autoras asiáticas conseguem passar uma coisa mais “ai, meu Deus”. Tem mais sal, sabe?

ENTREVISTADORA: Então, você considera esse aspecto, de ser da cultura asiática, um fator determinante pra você gostar desse gênero?

JOANA: Eu acho que sim. Eu já li outros livros norte-americanos ou ingleses e eu não gosto muito. Pra ter uma ideia, eu não gosto muito nem de *Heartstopper* [risos]. Assim, eu gosto de BL em geral, mas sei lá! Fui ler *Heartstopper* e não... [estalar de língua]. Não sei se é porque é mais um drama adolescente. E eu já li tipo dramas adolescentes asiáticos e eu acho muito melhor. Não sei, eu acho que eu prefiro pra lá mesmo, e também porque eu sei a maioria das especificidades dos temas [retratados em séries asiáticas], então sabe aquela coisa do pertencimento? Do tipo “ah, eu entendo disso”, então eu prefiro os asiáticos.

ENTREVISTADORA: Você disse que fazia parte de um grupo no Facebook, que te ajudou aí a ler as primeiras *novel*, mas atualmente você está ou participa de outros grupos? Seja no Facebook, Instagram ou até mesmo Telegram.... Você interage bastante nesse ambiente?

JOANA: Olha, interagir... Hoje em dia, eu não interajo mais porque eu... Olha... [risos] Apesar de ser do *fandom*, né? Mas o *fandom* BL é muito louco. As meninas são muito malucas, sabe? Porque geralmente são meninas. E aí eu me estresso, sério. Então hoje em dia eu não consigo mais. Mas eu participo de vários grupos, não pra interagir. Por exemplo, no Telegram tem muitos grupos pra tu acompanhar os lançamentos, é quase como se fosse um jornal; tipo “ah, tal dia lançou isso, isso e tal”. Só que tem uma coisa. Eu tenho o grupo da *scan*, porque eu faço parte de uma, não sei se já comentei [risos]. Lá eu faço parte, mas é uma coisa, entre aspas, “profissional”, de até *staff* mesmo, e eu só interajo lá pra ajudar ou quando estou falando alguma coisa [importante], mas falar diariamente, eu não interajo. E no do Telegram, como eu falei, tem esse jornalzinho. E no Telegram, os grupos que tem de *scan*, eu nem acompanho tanto porque os capítulos, eles saem atrasados. Como eu sempre checo isso semanalmente, ou às vezes diariamente, eu pego logo quando sai. Só que não traduzido, eu leio em espanhol. Eu tenho um grupo em específico de uma menina que ela é daqui [Brasil], não sei de qual Estado ela é. E ela compra as *raws* coreanas, os capítulos, e ela coloca lá; baixa em espanhol e coloca no grupo, entendeu? Aí, eu consumo meio que diariamente isso. Por exemplo, os BLs que eu acompanho semanalmente, eu sempre vejo lá, mas não interajo diretamente. E eu nem gosto de ler comentário porque é sempre uma loucura, uns estão concordando, outros estão se matando ou estão falando mal, e quando começam a falar mal também é um estresse. Então eu prefiro ficar só observando

ENTREVISTADORA: Entendi. Mas que interessante, então você também traduz, imagino que... *Manhwa* ou série?

JOANA: Eu não traduzo! Eu sei ler em espanhol, mais ou menos. Por exemplo, se eu fosse ler uma *novel* em espanhol, eu já não consigo; já tentei e não consigo. Agora lendo BL, o *manhwa*, eu consigo. Na *scan*, eu faço outra função. Têm várias funções, o tradutor, o editor, o revisor e tem o *cleaner*, que limpa os capítulos, que tira as onomatopeias, e essa é a minha função, porque eu fui mexer no Photoshop.

ENTREVISTADORA: Nossa, que legal! Mas deve dar um trabalho, né?

JOANA: Dá muito! Mas a minha relação com a *scan* é de amor e ódio, sabe? Porque eu entrei na época que eu estava desempregada, então eu podia me dedicar mais, tinha o dia todo. Mas hoje em dia eu estudo, eu trabalho com extensão. Eu só continuo mesmo na *scan* porque eu já não consigo sair [risos],

mas é muito trabalhoso, é um ambiente até um pouco tóxico, porque as pessoas querem que você viva pra aquilo. Tem gente que tem um poder aquisitivo maior, né, não trabalham e não entendem, porque eles têm mais tempo. Então, ficam chateados quando você não entrega no prazo.

ENTREVISTADORA: E o que você faz é um trabalho voluntário?

JOANA: Isso. A gente tem algumas regalias. Por exemplo, na *scan* que eu tô, disponibilizam senhas de vários *streamings*, como Crunchroll, Disney, Star+... sempre precisar pagar. Elas [as administradoras da *scan*] dão prêmios pra quem bate meta de capítulos também, tipo mesa ou câmera digital, às vezes livros da New Pop, etc.

ENTREVISTADORA: Entendi. Agora, eu queria saber se você acha que teve algum desafio, algum obstáculo nas suas leituras de *novels*, e se teve, quais você considera que foram.

JOANA: Isso é um pouco relativo. Deixa eu explicar: eu sou uma pessoa muito ansiosa. Tão ansiosa que se eu ficar obcecada por uma *novel*, eu quero ler tudo de uma vez, sabe? E aí que surge o problema. Como eu falei, eu ainda leio pela mesma plataforma que eu comecei lá em 2020, já que hoje tá um pouquinho melhor porque os lançamentos são mais rápidos. Mas também é um pouco chato porque parece que eu só encontro o que eu quero nesse lugar, e eu entendo que as administradoras têm as suas vidas, mas elas já chegaram a paralisar a página por seis meses. Gente, eu fiquei maluca, te juro! Fiquei doida! E essas *novels* da página até têm em alguns *sites* em inglês, mas eu não consigo ler em inglês, ainda mais porque têm muitos termos difíceis, a linguagem não é simples. E mesmo no espanhol eu não conseguia me virar. Se eu pudesse faria aulas de coreano, porque eu gosto muito de ler [histórias que vem dessa língua], e a gente não tem muita escolha, né? A gente lê o que tá traduzido, e olhe lá! Além do idioma, eu tive um pouco de dificuldade de entender algumas expressões, alguns termos... Mas isso é uma coisa de tempo também. Por exemplo, aquelas histórias de *omegaverse* trazem um universo que varia bastante, e é um pouco confuso [ainda sobre os termos que essas histórias trazem]. Outra dificuldade que eu tenho são com termos dentro do *danmei*, séries com [tema] cultivado, séries de fantasia no geral. Tem muito jargão do gênero, aí você precisa saber o que é *senpai*, entre outros. No início é muita dificuldade, precisa de um glossário [risos]. Então, pra mim como leitora, a maior dificuldade é o idioma, é uma barreira muito forte; se eu pudesse eu leria muito mais.

ENTREVISTADORA: Eu já notei como alguns termos de tratamento da língua original continua nas versões traduzidas, né? Inclusive, é bem curioso.

JOANA: Sim.

ENTREVISTADORA: Você também falou que s faz parte de uma de uma *scan* de quadrinhos, de *yaoi*, no caso. Você considera que a forma de apresentação dos quadrinhos mais agradável que a *novel*, ou acredita que cada um tenha seu espaço, seu lado positivo?

JOANA: Eu não sei... Eu acho que gosto dos dois igualmente.

ENTREVISTADORA: Okay, então já estamos nos encaminhando pra reta final da entrevista. E nessa parte eu gostaria que você tentasse refletir se, desde que quando você começou a consumir, lá em dois mil e quatorze, mais ou menos, você percebeu se o BL te influenciou a ter algum tipo de mudança, alguma transformação? Me explico: talvez o comportamento, uma maneira de falar que você tenha mudado, uma maneira nova de se vestir ou talvez alguma coisa sobre comida ou sobre língua, ou até mesmo alguma visão de mundo, alguma forma de ver a vida ou coisas do tipo. Você acha que mudou alguma coisa a partir dessas leituras?

JOANA: Eu acho que sim, principalmente em relação assim a preconceitos enraizados. Eu cresci numa família cristã — eu não era cristã, sabe? Mas a gente convive com aquilo no dia a dia, sabe? E pra mim o BL, as *novels*, enfim, ajudaram muito nisso, sabe? Em eu ter uma outra forma, uma outra visão de ver os relacionamentos, a enxergar que na vida não precisa ser só o homem e a mulher. Desde cedo eu já

me acostumei em ver novos padrões sexuais e não achar estranho, não ver como algo exótico... Eu não sei se eu diria que me deu experiência com relacionamentos, mas é engraçado porque às vezes eu tento espelhar algumas situações da vida real com o que eu vejo no BL. Eu acho que me ajudou também a conhecer bastante sobre cultura oriental, talvez não no geral, mas alguns valores, que me ajudam até a não ser xenofóbica. Às vezes estamos cercados de tanto preconceito, por exemplo, eu costumo comprar muita roupa na *Shein*, que é da China. Aí, a minha família sabe que eu que eu consumo BL, anime, então eles falam bem assim, quando chegam minhas roupas, quando eu comprei uma saia *midi*, que vai até o pé. Aí meu padrasto olhou, falou assim: “olha, a Joana já está com a saia dos coreanos” [usa tom depreciativo], fica tirando sarro. Eu não vejo dessa forma, eu não fico classificando, sabe? Eu sempre vi de uma forma sem preconceito.

ENTREVISTADORA: Perfeito! E a última pergunta é basicamente o que você já começou a falar aqui, mas gostaria de saber se você consegue pensar em outras coisas que você possa ter aprendido com essas leituras, em um sentido de conhecimento mesmo.

JOANA: Olha [risos], eu não sei se tu vai acreditar, mas pra mim ler *novel*, igual ler livro [ocidental], aperfeiçoou muito o meu vocabulário. Por exemplo, com o *danmei* é, como eu falei, uma linguagem mais complexa. E já li muito. Pra ter uma ideia, a *novel Dumb Husky and His White Cat Shizum* eu li mais de trezentos capítulos! Eu não sei em livros [físicos] quanto isso dá, mas eu tenho uma estimativa de que sejam no mínimo uns nove livros, porque eu comprei [publicação oficial] agora as *novels* do *Mo Dao Zu Shi* e ele só tem noventa e oito capítulos, e deu cinco ou seis livros. Imagina *Dumb Husky and His White Cat Shizum* quando vier traduzido [pela editora]. E eu li muito, passei realmente muito tempo lendo e com isso fui aperfeiçoando meu vocabulário, minha escrita. Eu dificilmente cometo erros ortográficos ou coisa assim. E se for comparar os livros normais, os que a gente vê na escola e os ocidentais em geral que eu li e comparar com os BL, eu li muito mais BL, sabe? Acho que com isso eu aprendi... Eu não sei como isso vai parecer [risos], mas eu com certeza já aprendi muita que não tem muita praticidade, sabe? No teu trabalho ou no teu dia a dia, não vai servir pra nada. Exemplo, como eu disse, questões de espaço, geografia e cultura. Eu já aprendi bastante sobre a cultura oriental, especificamente da Coreia [do Sul]. Aprendi mais coisa da Coreia. E, ah, eu sei os nomes de cidade, sei os lugares, eu sei também problemas sociais que acontecem lá. Mas eu não tenho ninguém pra comentar, nenhum amigo *army* [fãs da banda sul-coreana BTS], sabe? Um amigo que gosta de *K-pop*, pra eu ficar falando da Coreia. Ah! Conheço muito a vida dos famosos, apesar de não consumir *k-pop*. Eu sou louca, tudo eu fico olhando, sabe? Tipo, não vai servir pra nada, mas eu sei. Mas ao mesmo tempo tipo não agrega em nada pra mim no dia a dia [risos]. Acho que é isso.

ENTREVISTADORA: Muito obrigada. Nossa entrevista encerra aqui, obrigada pela participação.

APÊNDICE C — Entrevista com Laura

ENTREVISTADORA: Antes de a gente dá o pontapé inicial, eu estou propondo uma espécie de provocação ou desafio aos entrevistados; eu gostaria que você me conceituasse o que é *boys' love*.

LAURA: Para mim, BL é o romance, esse é o conceito básico, não tem muito o que aprofundar. Claro que cada história acaba mudando [o enredo] e tal, mas a base principal seria o romance entre dois personagens masculinos.

ENTREVISTADORA: E existe alguma ou algumas *novels* que se destacaram de alguma forma pra você? Positiva ou negativamente.

LAURA: Você está considerando as *fanfics* nessa pergunta também?

ENTREVISTADORA: Qualquer uma que tenha surgido no Leste Asiático.

LAURA: Certo. Não vou mentir, não sou a maior leitora de *novel*, não porque não quero, mas porque é complicado... Mas deixa eu pensar aqui. *Define Relationship*, eu gosto bastante. Esse eu li e acompanho também o *manhwa*, sou completamente apaixonada (risos). Tem outro que foi bem marcante porque foi ali no início da minha história com *novels* asiáticas, que foi Meu Querido Benjamin. Agora deixa eu pensar em alguma outra marcante... Ah, tem uma que eu comecei, mas nunca terminei que eu gosto muito: *Walk on Water*.

ENTREVISTADORA: E por que você acha que essas histórias te marcaram?

LAURA: Eu amo um clichê bem feito — não decepciona nunca! E essas são perfeitas nisso. Sabe, às vezes o clichê fica sem personalidade, mas essas histórias não. Elas conseguem ter uma essência própria. Eu gosto muito de um romance mais maduro também — que tem nessas três que citei —; coisas do mundo adulto, e não sobre vida escolar e essas coisas.

ENTREVISTADORA: Ah, então enredos mais voltados para contextos de vida adulta; escritório, por exemplo...

LAURA: Isso. Eu acho que faz mais parte da minha vida. Quando eu era mais nova, eu lia coisas que combinavam com aquela época, e agora que sou mais velha, [minha leitura] segue esse ritmo.

ENTREVISTADORA: Perfeito, agora que entendi como você entende o movimento e um pouco do que você gosta de ler, queria voltar um pouco no tempo e perguntar sobre a sua história dentro desse mundo BL — como conheceu, por meio de quem, qual foi a sua reação ao descobrir que existia um fenômeno desse.

LAURA: Minha primeira vez nesse mundo foi através de uma *fanfic* — até achei que não lembraria, mas me apareceu aqui na cabeça (risos). Era de algum casal de Percy Jackson... O Will e o Nico! Eu nunca nem tinha lido Percy Jackson na vida, minha irmã que tinha lido. Nisso de ela procurar mais sobre esse casal — eles não são um *shipp*, na história original eles são mesmo um casal —, ela acabou caindo nessa *fanfic*, começou a ler e me indicou. Eu não tinha nada pra fazer, fui ler. E eu sou daquele tipo de pessoa que fica fissurada em alguma coisa, um hiperfoco. E naquela época esse casal era meu hiperfoco. Eu fiquei só naquilo por muito tempo. Depois disso eu virei *k-poper* (risos), então eu comecei a ler *shipp*. Eu não me importava com quem estava sendo *shippado*, eu ia mais pela história, porque eu gostava muito de ler. Por puro entretenimento mesmo, ler um romance. Eu lia muito no Spirit porque tinham muitas autoras [de *fanfic*], e eu sempre me identificava muito com elas, eu lia as notas que deixavam. Eu sempre gostei de ler mais sobre a vida do autor. E essa é outra questão: como eu leio muito *manhwa* também, eu pago os autores [originais]. Eu tenho esse carinho.

ENTREVISTADORA: Então seu primeiro contato foi com uma fanfic BL? Você sabia do que se tratava, que fazia parte desse fenômeno?

LAURA: Não. Eu lembro até que nessa história, até um romance escolar (risos) bem longo — eu gosto de histórias longas —, e o enredo vai seguindo os personagens ao longo da vida, então tem uma parte que eles ficam maior de idade até. E tem uma cena de sexo. Eu lembro que eu fiquei... [silêncio proposital, indicando a surpresa da leitora].

ENTREVISTADORA: E você tinha quantos anos você tinha na época?

LAURA: Adivinha (risos)? 14 anos. Tanto que fiquei em choque! Eu nunca tinha lido nada do tipo, e não imaginava que ia ter nessa história.

ENTREVISTADORA: Então isso foi por volta de 2014, 2015?

LAURA: Bem, eu tenho 22 anos, então acho que foi... [contando em silêncio]. Não, eu tinha 13 anos, foi em 2015. Minha irmã tinha 15 e eu, 13.

ENTREVISTADORA: Então, recapitulando, você começa nesse ano com a fanfic de Percy Jackson e depois você seguiu no K-pop; foi no mesmo período?

LAURA: Não, não. Demorou um tempo, cerca de uns três anos, pra eu começar a ler mais coisa dos *shipp*s que eu gostava.

ENTREVISTADORA: Mas dentro do gênero BL?

LAURA: Sim.

ENTREVISTADORA: Então dentro de sua manifestação ocidental.

LAURA: Isso. Quando eu iniciei a consumir k-pop, também comecei a consumir vários tipos de conteúdo asiático. Antes eu não tinha muita curiosidade.

ENTREVISTADORA: Então, como você já lia *novels* do gênero, quando iniciou a consumir mais coisas da Ásia também migrou esse gosto pra leitura?

LAURA: Sim. Eu sempre lia no Spirit, nunca quis ler em outros lugares. E lá eles só falavam “yaoi”; desde de Percy Jackson. Mas aí eu descobri os filtros, que você consegue colocar nas histórias, e nessa graça eu fui descobrindo o que era o quê. “BL?”, “GL?”, eu ficava: “o que é isso?”. Aconteceu quando eu já tava mais voltada pro k-pop, porque eu já tava querendo entender melhor, refinar as coisas (risos). E daí eu fui expandindo. Mas hoje em dia eu não fico mais tanto nas fanfics. Como leio mais *manhwa*, eu prefiro ver qual desses que eu leio tem *novel* e são essas que eu leio. Sempre gostei muito dos animes também. Só não gosto das séries com atores, sabe? Nunca assisti filme nem nada.

ENGREVISTADORA: Sério?

LAURA: Não asiático. Já assisti só *Young Royals*. É porque eu gosto muito de arte, então o desenho me chama mais atenção. Eu fico presa naquilo. Além disso, séries em geral da Ásia eu não sou muito de assistir.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Agora eu queria saber de você: por que ler *novels boys' love*? O que te faz gostar tanto desse gênero? O que te chama atenção? Quero que você foque aqui numa reflexão sobre as manifestações asiáticas dessas *novels*.

LAURA: Eu acho que o mais chama atenção é a criatividade e o talento das autoras no geral. Eu acho elas muito talentosas, tanto que tem histórias que eu chorei lendo. Eu já chorei vendo filme heterossexual, normal, é uma coisa que eu olho a cada esquina, em qualquer literatura, em série, em propaganda. É algo que me faz sentir até saturada, além da romantização. Tem gente que diz que *boys' love* é romantizado demais, é só menina com tesão escrevendo; e, sim, tem algumas históricas com problemas, mas eu sinto que no heterossexual isso é muito mais forte. Mas no BL, os enredos são muito bem construídos. Não sei se isso é porque tem muito preconceito, eu sinto que as autoras precisam doar mais de si pra obra ser verdadeiramente aceita e vista como uma obra. E mesmo quando é, ainda fica um pouco malvisto de alguma forma. Não por mim, claro (risos). Outra coisa que vejo muito em *boys' love*, quando você lê, a galera fica “você tem quantos anos?”. Eu lembro que eu lia... Não vou mentir, eu também sempre faço associação a meninas mais novas [lendo] quando o assunto é *novel*, aí a autora me joga a bomba que vai fazer 32 anos (risos), na época eu ainda era adolescente também (risos), não como ela fazia eu me identificar tanto. E, no fim, um bom romance, claro, tem faixa etária, mas não tem muito segredo quando o assunto é identificação.

ENTREVISTADORA: Você chegou a comentar que teve uma fase que você lia muitas coisas do gênero, mas do ocidente, hoje em dia tá mais equilibrado?

LAURA: Não, leio só asiático agora (risos). Ainda leio fanfic com meus *shipp*s preferidos, meus xodós, entendeu? São uns de anime até e outros de *manhwa*. Até as *novels* originais que eu li, foram todas de algum *manhwa* que eu li.

ENTREVISTADORA: Tem muitas histórias em quadrinhos BL que migram para uma adaptação narrativa longa ou surgem de romances e vão para os quadrinhos; você sente que tem uma diferença muito grande? Você acha que um é mais agradável pra ler do que o outro?

LAURA: É por momento. Eu gosto muitos dos quadrinhos, como já falei, sou muito visual; e tem época que prefiro ler mesmo. Se gosto muito de uma história [em quadrinhos], eu quero ler [a *novel*], porque eu sei que vou me aprofundar mais, entendeu? Na história em quadrinhos tem poucas palavras. Mas não saberia responder de qual eu gosto mais, qual tem uma leitura mais agradável. Eu diria que sou neutra em relação a isso.

ENTREVISTADORA: Já que você falou que tá lendo só BLs asiáticos agora, é certo concluir que advir da cultura asiática é um fator determinante pra você gostar do gênero?

LAURA: Sim. Eu acho que tem só uma história que eu acompanho e pago que não é asiática, eu acho; é o *Sharpe and Rabbit*. São até duas mulheres, uma é a autora e a outra é ilustradora. Tem até uma *novel* delas no Tapas, que é uma plataforma.

ENTREVISTADORA: E você paga pra ter acesso a essas histórias.

LAURA: Isso. A *novel* é gratuita, mas o *manhwa* é pago. Mas são histórias diferentes, só as autoras que são as mesmas.

ENTREVISTADORA: Não conheço essa plataforma, é brasileira?

LAURA: Não, eu leio pouquíssima coisa em português. Pra ser bem sincera, faz anos que não leio nada em português. Tudo é em inglês, não sei espanhol (risos).

ENTREVISTADORA: Você acha que enfrenta algum obstáculo ou desafio pra ler *novels*?

LAURA: Quando é uma *novel* asiática, que não seja fanfic, a plataforma... Como eu disse, eu pago pra ler as *novels* que eu gosto tranquilamente. O problema é que as *novels* asiáticas, são todas coreanas. E eu sou chata com os *sites* que vou ler. Por exemplo, vou lá na [nome da plataforma brasileira foi censurado], eu não consigo ler, é muita propaganda. Inclusive, por isso que comecei a ler em inglês. Na

época eu tava estudando, era uma coisa que eu gostava e me ajudava muito, principalmente *novel*; *manhwa* e outros quadrinhos nem tanto, porque os diálogos são curtos. A primeira vez que peguei uma *novel* em inglês, eu fiquei meio “meu Deus, onde eu tô?”, mas depois funcionou. Mas eu não encontro muita *novel* pra ler em inglês, nem de graça e nem pagando. E acho que é um problema que muita gente sente.

ENTREVISTA: Mas você chega a procurar opções de traduções brasileiras?

LAURA: Já procurei em alguns sites, e ainda assim acho difícil achar. Eu tô lendo uma agora... Em português [o título] seria “Um Casal Ordinário”. É aquela história de um casal que já tá junto há dez anos e eles não são nem um pouco perfeitos — eu amo história assim —, e eu descobri que tem uma *novel*. Pra quê! Eu tô louca atrás dessa *novel*, tô que nem psicopata atrás dessa história, e só tem em coreano. E eu fiquei “eu vou aprender coreano então”, mas não achei um curso de coreano! Eu quero um professor e não curso online. Então, os principais problemas são o idioma e a plataforma.

ENTREVISTADORA: E você chegou a ler as traduções oficiais que saíram pela NewPop, por exemplo, o *Semantic Error*?

LAURA: Esse eu só li os quadrinhos. E olha que eu odeio *slowburn*, aquele romance que demora pra acontecer. O-de-io! Mas eu li essa história, meu Deus, me encantou. Uma amiga minha tem, vou pedir pra ela emprestado. Ah, lembrei de uma história que li e mudou minha vida, foi com *manhwa*, mas foi a partir dele que quis ler mais do gênero. Essa tem até filme, é o Meu Assistente, ou *Oh! My Assistant*. Foi com essa história, inclusive, que eu descobri que podia pagar pra ler. Antigamente, eu lia na WebToon, que é de graça, mas as histórias de lá não tinham me cativado. Aí eu baixei o Tapas, como quem não quer nada; primeiro, o site todo em inglês, então fiquei “o que é isso?”, segundo, eu tava lendo uma história e do nada me cobraram dinheiro, “o que tá acontecendo?”. Eu cheguei a apagar o site, depois baixei de novo e achei essa história. E fiquei doida, e desde daí nunca mais fui a mesma. Eu lembro que li um *manhwa*, o Querido Benjamin, e quando acaba a história [nos quadrinhos] teria uma continuação depois. Só que acontece que essa história tem uma autora e um ilustrador; aconteceu um babado, e descobriram que o ilustrador tava fazendo ilustrações de pedofilia, então a autora cortou tudo. E foi difícil pra ela, porque muita gente não sabia que tinha um ilustrador e autora, às vezes é a mesma pessoa, então começaram a criticar a história. Tanto que é difícil achar a história, ela priva muito. Só pagando mesmo. Como não teve continuação [nos quadrinhos], eu fui atrás da *novel*. Essa foi a primeira *novel* de um *manhwa* que eu procurei.

ENTREVISTADORA: E com seus amigos, você costuma conversar sobre BL?

LAURA: Sem dúvida, com os amigos mais próximos. Sempre converso, vai me escutar, sim, vou mandar mensagem, mil áudios chorando porque meu casal tá brigando, mando o *link* [da história]. Minha melhor amiga, coitada, não aguenta mais. Ela nunca lê (risos). Às vezes, eu tô em chamada com ela e leio pra ela durante a chamada (risos). Eu gosto de ler antes de dormir, algumas vezes a gente conversando, eu já cansada, mas querendo ler, eu leio um parágrafo e digo pra ela ler o outro (risos). É muito legal.

ENTREVISTADORA: E qual argumento você usa pra convencer alguém a ler um BL?

LAURA: Se a pessoa quiser, eu falo o plot da história todinha. Eu sou muito apaixonada, então se eu leio alguma coisa que eu acho que combina com o gosto de alguém, eu quero compartilhar com ela, porque eu sei que ela pode gostar. Eu gosto muito de comentar sobre as histórias e é difícil achar quem comente contigo, então... Eu já fiz até amizade depois de descobrir que a pessoa gostava de BL também.

ENTREVISTADORA: E você participa de comunidades ou grupos de fãs de BL na internet?

LAURA: Nenhum. Totalmente fora da comunidade. Eu acho que ia me estressar, porque tem uma galera que fala umas atrocidades... Acho que a única comunidade que faço parte, mas não acompanho, é uma de *Genshi*, que é um jogo. Só.

ENTREVISTADORA: Então, todas as suas leituras não ocorrem muito a partir de indicações de terceiros.

LAURA: Não, eu que vou atrás.

ENTREVISTADORA: E o que você acha ou percebe que possa ter mudado em você a partir dessas leituras?

LAURA: Assim, mudou um pouco o meu consumo. Eu sou bem fissurada com BL, leio pouquíssimas coisas heterossexuais. Sou mais de assistir, mas ler costuma ser só BL. E mudou também meu estilo de arte. Meu desenho era mais realista e agora ficou mais puxado pro estilo asiático.

ENTREVISTADOR: Então você também é artista?

LAURA: Hoje em dia bem pouquinho, a vida adulta não deixa (risos), mas eu consumo muita arte.

ENTREVISTADORA: E você desenhava antes de conhecer o gênero?

LAURA: Sim, acho que até o que me incentivou a procurar os quadrinhos asiáticos foi o estilo do desenho deles.

ENTREVISTADORA: E o que você acha que mais aprendeu com essas histórias?

LAURA: Eu tava até conversando com uma amiga minha ontem sobre como homens que tocam violão e se acham muito *cult*, e joguei a informação que é possível tocar violão como se fosse uma guitarra, basta ter um aparelho pra isso. E eu aprendi em *Given*. Foram muitas coisas, essas informações meio pequenas, mas que me ensina um pouco de tudo, já que eu leio muita história de muitos nichos diferentes. Eu nunca tive muito interesse de cultura coreana, nem quando eu era *k-popper*, e me deu essa vontade quando comecei a ler BL; fora o inglês, que me ajudou bastante a aprimorar. Acredito que só.

ENTREVISTADORA: Certo. Muito obrigada pela participação.

APÊNDICE D — Entrevista com Maria

ENTREVISTADORA: A primeira questão é que eu quero conversar aqui é sobre a tua percepção. Eu gostaria que você explicasse com as suas palavras o que é *boys' love*?

MARIA: São homens que se amam [risos]. Eu até fico meio assim... Eu acho engraçado quando falam que *boys' love* não é um filme, não é uma série gay. “Ele é *boys' love*!”. Mas qual é a diferença? Tipo, ambos são, né? “Ah, tá, então uma série é um filme gay é quando eles sofrem, só ficam sofrendo...”. Ou morre de doença ou morre espancado por alguém, ou sempre tem algum fim trágico. E o *boys' love* é o que tem fim feliz; é isso? Você nunca vê um filme que... Pra não dizer que não, eu vi o *Heartstopper*. E foi o único com final feliz.

ENTREVISTADORA: Acho que tem agora outro, o *Vermelho, Branco, Sangue Azul*.

MARIA: Mas você viu que é tudo recente? Antes era só tragédia! Então, acho que é isso *boys' love* é o amorzinho, o frufuzinho. É uma: “ai, meu Deus, que lindo!”.

ENTREVISTADORA: Ótimo. Mas fala para mim quando você conheceu o gênero. Como é que foi esse primeiro contato? Faz quanto tempo?

MARIA: Eu descobri em uma fração de, sei lá, 10 segundos no TikTok [risos]. O vídeo, assim, muito rápido; e eu fiquei “caraca!”, lendo os comentários ali: “nossa, adoro *TharnType*!” [imita a voz do suposto comentarista]; e esse foi o meu primeiro [BL], *TharnType*. Aí, eu fui procurar — pra quê! Eu entrei em um submundo chamado Telegram, que se encontra tudo lá dentro. E aí você fica pensando: “meu Deus, tem tudo isso mesmo”. Aí, depois daí foi ladeira abaixo, porque eu encontrei *Kinnporsche*. Eu peguei *Kinnporsche* acho que tava [estreando] no quinto episódio, então não faz muito tempo, foi em 2022, se eu não me engano. E aí eu fui, fui, entrei no grupo de *yaoi* que tinha um monte de gente que começou a me indicar um monte de coisa. E aí quando a gente tem uma ressaca, porque a gente não tem como fazer, porque, querendo ou não, quando a gente assiste... Eu sou consumidora de dorama. Mais coreano porque antes eu não conseguia ouvir a fonética do chinês. Eu tinha preconceito. Mas já vi alguns e amei. Mas, enfim... Eu comecei a assistir dorama mais ou menos em 2014, então já faz um tempo. Dez anos nessa família [risos]. E a gente acaba criando uma ressaca, sabe? Parece que não tem nada de lançamento e você fica “meu Deus!”. É tudo do mesmo. E quando a gente descobre o mundo BL, fica obcecada. Porque, meu Deus, esse é o mundo novo. Foi mais ou menos a mesma coisa quando eu descobri o dorama, aconteceu com o mundo BL. Fiquei obcecada, fiquei querendo assistir tudo, e hoje em dia tenho ressaca de BL. Hoje em dia eu não assisto tanto BL como eu assistia há dois anos atrás. Então, de 2022 até o fim do ano passado, eu assistia muito. Hoje em dia eu não assisto muito, não. Acho que não tá tendo lançamentos legais ultimamente.

ENTREVISTADORA: Mas, quando você conheceu, foi direto para as séries de TV e internet? E como que você chegou nas *novels*? Qual foi a primeira *novel*?

MARIA: Olha, eu não vou dizer que eu lembro se ela foi a primeira *novel*, mas eu acredito que seja. Faz muito tempo. Minha cabeça é péssima! Mas eu penso que sim. Eu lembro que eu estava acompanhando *Love in the Air* e estava indo pro arco do Sky e Prapai, que era o meu casal, que eu queria saber tudo. Eu estava obcecada, falava todo o tempo deles; e aí alguém me jogou nesse bendito desse *yaoi* [aqui se referindo a *novel*, não aos quadrinhos], me disse que tava lendo a *novel*, e eu falei: “gente, o que é isso?”. Quando não, era o livro deles. E eu: “tem livro? Alguém traduziu?”. Eu já li no Wattpad, eu já lia... Tinha essa facilidade com Wattpad, então sabia que existia *fanfics*, mas eu não sabia que colocavam tradução de livro, sabe? Tradução de coisas lá da pê-quê-pê. E quando eu descobri, eu fui procurar saber. Aí, eu acredito que seja essa minha primeira *novel*. E foi por causa do arco do Sky e do Prapai. Mas, não vou mentir, eu pulei a parte do estupro.

ENTREVISTADORA: Ah, tem cena de violência sexual?

MARIA: Sim, mas eu pulei, porque aquilo ali foi puro chorume.

ENTREVISTADORA: Você pode comentar sobre alguma outra *novel* que tenha te marcado?

MARIA: Que me marcou... Eu vou dizer pelo sentido de que eu fui... Eu gostei de várias, não vou mentir. Eu tenho meus “tops” de *novel* que eu gosto. Mas, antes, só para fechar o ciclo do assunto “pesado”. Não é que eu não consiga ler nada pesado, naquela época, eu não sei se é por que eu estava tão apegada com o ator, com o personagem, que eu não queria vincular aquela imagem com aquilo que eu tava lendo, sabe? Mas eu já li várias bem pesadas, *Chernobyl*, que na hora eu ficava... Algumas eu dava gargalhada porque a bendita da pessoa, do personagem, era um filhote de cruz, credo e merecia tudo aquilo. Mas, enfim [risos]. Eu tenho o meu “top” de *novel* lida. Eu amo muito *Unforgotten Night*. Bom, a *novel* eu acho que é muito melhor do que o BL [a série adaptada], porque ele é baixa renda. O bichinho é sofrido! Não souberam aproveitar o enredo do negócio. Só que assim o derivado de *Unforgotten Night*; sabe aquele segurança?

ENTREVISTADA: Sim, eu lembro dele.

MARIA: O segurança e o garoto. É pesado!

ENTREVISTADORA: Eles têm quantos anos mesmo?

MARIA: Ele tem 30 e a criança, 15. Só que tem um porém. Eu vou te dizer o porquê eu não gostei; e nem é pelo que acontece, porque 15 anos a gente entende que é super errado. Mas, com 15 anos, eu tinha conhecimento do que eu tava fazendo. Eu falando de mim. Eu comecei muito cedo, com 12 anos eu já namorado. Só de beijinho, beijinho [sonoplastia de beijo]. Isso na frente da calçada da minha casa, com meu pai olhando. Então assim, toda uma preocupação. Então, eu acho que, com 15 anos, a gente já tem algum entendimento, porém não com uma pessoa de 30 anos, né? Começa daí. E pra piorar a *novel*, porque, se fosse só isso, seria razoavelmente aceitável. Mas o que piora na *novel* é que ele fala sempre na terceira pessoa, então ele parece uma criança de oito ou nove anos. Eles transformam o menino de 15 anos, como se uma criancinha de nove anos. Eles tratam ele como uma criança de nove anos. Então, a todo momento tem a figura de uma criança na cabeça e não de um adolescente de 15 anos, sabe? Então para mim foi a pior *novel* da vida. Essa me marcou. Mas pra completar, a que eu considero a minha paixão eterna e que eu vou imprimir essas desgrama pra deixar na minha biblioteca, porque é impossível comprar e não ser taxada — e também porque eu não sei tailandês. *So sorry*, vai ter que ser na minha língua. Mas eu não vender, é só pra ficar de decoração. É a *novel I Feel You Linger In The Air*. Esse foi minha primeira tradução. Nossa, é muito, muito, muito, muito bom! Eu amei, eu amei! É de uma assim uma delicadeza... E por mais que seja uma história de época, você consegue entender muito bem o que eles passam, o que se passa lá. E por ele ir do presente pro passado, você fica meio que “ai, meu Deus, o que vai acontecer?”.

ENTREVISTADORA: E você disse que traduziu essa *novel*.

MARIA: Sim.

ENTREVISTADORA: Mas só para você ou você postou em algum lugar?

MARIA: Eu postei no Wattpad, na época eu era ADM da página [nome censurado], mas caiu porque deu “direitos autorais”, e tá tudo certo. Mas eu tinha salvo no meu PC e algumas pessoas que estavam lendo lá ficaram: “posta de novo!”, e eu: “hummmm”. Eu não fazia mais parte daquela página, então fiz um grupo no Telegram e disponibilizei lá. Quem quiser ler, tá lá. E eu fiquei louca pra fazer essa tradução — foi minha primeira tradução, não sabia nem como fazia. Mas eu fiquei muito apaixonada, muito fã desse BL, porque ficou um final meio em aberto. Queria saber o que ia acontecer. Eu procurei porque eu queria ler, eu não queria traduzir. E eu não encontrei. Aí eu achei em espanhol, falei “ah, hahaha” [sonoplastia de gargalhada]. A de espanhol caiu, aí achei em inglês. E comecei a traduzir. Tinha algumas

palavras que eu não entendia, então ia no Google pra tentar entender. O ChatGPT me ajudou pra caramba! Hoje mesmo eu tava traduzindo uma *novel*, a *Next Prince...* Eu tava querendo muito ler essa também, mas todo lugar que eu encontrava tinha até o capítulo 22. E pelo que eu vi, as pessoas estavam tendo dificuldade de encontrar, aí caí e encontrei ela completa em espanhol. Salvei ela no computador e vou fazer a tradução. Tem algumas coisas, algumas palavrinhas na que eu tô fazendo agora, fala muito de esgrima. Aí tem alguns termos de esgrimas que você precisa saber! Aí vou no ChatGPT e pergunto: “então, o que é isso aqui na esgrima?”. E ele fala, coloco um asterisquinho [na *novel*]. Eu faço a pessoa entender o que tá acontecendo, eu não só simplesmente joga porque eu não gosto de ler desse jeito, então... Eu sempre tento deixar o melhor pra pessoa imaginar. Até porque tem umas traduções que dá pra ver que a pessoa traduziu de qualquer jeito só pra pegar *hype*, joga no Google Tradutor e disponibiliza. Nem lê a *novel*, às vezes. Eu não, eu me delicio lendo. Com calma. Hoje mesmo de manhã, eu só revisei um capítulo porque eu tava lendo com calma — botei um monte de asteriscos, informação que tinha.

ENTREVISTADORA: Mas essas novas *novels* você colocou no Telegram ou voltou pro Wattpad?

MARIA: Eu voltei pro Wattpad. Eu deixei disponível a *Last Twilight*, que foi a última que traduzi, e essa que eu tô traduzindo. A *I Feel You Linger In The Air* eu não coloquei, porque eu sei que vai cair; a que cair, eu disponibilizo no Telegram, senão fica lá.

ENTREVISTADORA: Aconteceu a mesma coisa com *Love Syndrome*, eu estava de olho na *novel* porque tava crescendo muito, e pra dissertação era um dado interessante, e do nada ela caiu também.

MARIA: Nossa, quando eu li *Love Syndrome...* Eu ainda era ADM da página, e a gente [os administradores] fez uma leitura em conjunto — a gente riu pra caçamba! Porque a gente ficava assim “você merece, meu amor!” [risos], “você foi espancado muito pouco”. A gente não tinha dó nenhuma do Itt, a gente ficava rindo, a gente ficava zoando. E eu só li o primeiro livro porque o resto... Não dava. Que negócio ruim!

ENTREVISTADORA: Se eu te perguntasse “por que ler *novels* BL, o que que é tão bacana, interessante que te faz gostar, te faz escolher esse gênero?”, o que você me responderia?

MARIA: Eu não sei se é porque eu gosto de ler e comparar, o que que tem no BL e não tem na *novel*, o que foi adaptado, o que foi retirado. Eu gosto de entender qual foi o princípio, entender como era *novel*. Além disso, é muito legal, porque a gente tem os pensamentos dos personagens ali, a gente entende melhor a situação... Além de ser consumidora de BL, eu tenho uma necessidade de entender melhor o que aconteceu. Às vezes, o que tem na *novel*, não tem no BL. Parece até que um completa o outro. Vou te dar um exemplo de uma cena que me marcou muito, do *I Feel You Linger In The Air*. Eu assisti primeiro a série, depois fui pra *novel*. Na série, existe o Jom, o principal, o que volta no tempo, ele é um mordomo do senhorio, que é o Khun Yai, que é o par romântico dele, e em uma cena o mordomo passa azeite de oliva nas costas do senhorio pra fazer hidratação. Só que ele já tava começando a gostar do Khun Yai, então ele se sentiu... No BL não pareceu isso, mas é como se ele tivesse correndo, “vou embora daqui, porque estou ficando sem ar”. Ele foi para o quarto dele e começou a passar o azeite de oliva no corpo dele. E que cena pesada, sabe? Não no sentido de ruim, mas, sim, boa. Você vê aquela sensação de desejo e culpa do protagonista. Até porque era uma época em que ele não sabia se isso era normal, no caso, ser gay. E na *novel*, no caso [risos], ele não estava passando o óleo, ele tava se masturbando. E que diretor fodástico! Porque quem teve a ideia de transformar isso em um ato, querendo ou não, ele tava passando o óleo no corpo, mas passou a sensação de todo o desejo dele. Isso explodiu muito a minha cabeça, e não precisou ser sexualizado, todo o ato da masturbação. E ficou lindo! Eu fiquei impactada. Então, pra mim, essa questão na *novel*, a gente lê pra compreender os pensamentos ou até mesmo entender como impulsionou aqui ali. Mas às vezes ver a adaptação da *novel* é mais incrível ainda. Você vê a genialidade. E isso foi o que mais me marcou. Então, por isso eu sempre vou ler *novel*. Se tiver a *novel* disponível, eu vou estar lendo.

ENTREVISTADORA: Então você só ler *novels* com algum tipo de adaptação?

MARIA: Não, eu já li outras que não têm adaptação ou que eu nunca vi o BL. Mas a grande maioria é o que já vi ou que pretendo assistir, como é o caso do *Next Prince*, que vai estrear. Eu já estou mega curiosa. Eu já quis saber pra ter uma noção do que vai acontecer. E eu gosto de apontar “ah, isso não tem *novel*” [risos]. Igual *Love Syndrome*, eu falei “isso aqui tá muito mamão com açúcar”. “Isso aqui tá muito Chernobyl”; [eu:] “não tá, não, já leu a *novel*? Ele foi mais espancado, na série ele não foi espancado o suficiente”

ENTREVISTADORA: Apesar de já ter citado os BLs como também manifestações ocidentais no começo da entrevista, a gente acaba sempre pensando primeiro nas manifestações asiáticas. Então, você acha que ser da cultura asiática te influencia no teu interesse ou é indiferente?

MARIA: Eu acho que depen... Eu sou uma pessoa influenciada, sabe? Consumo dorama há muito tempo, então tudo que remete a parte asiática, Coreia, Japão, China... Eu gosto de assistir. Se fosse de outro país, eu assistiria também. Até porque eu também assisti os dois [ocidentais] que a gente comentou. Mas por ser asiático, acho que me interessa um pouco mais.

ENTREVISTADORA: Mas romances LGBTs de outros países você já tinha lido?

MARIA: Eu acho que não. É aquilo, né? Eu já tinha assistido série e filme gay, mas não tinha muita coisa [opção de produções]. Mas na Ásia tinha mais. Então foi ladeira abaixo [risos].

ENTREVISTADORA: Perfeito. E você costuma indiciar o que você lê para os seus amigos em geral ou prefere comentar apenas dentro da comunidade de fãs de BL?

MARIA: Eu sou muito reservada, meu círculo de amigos é muito pequeno. Eu tenho amigos que falam de BL e dorama, e tenho amigo que não gosta, aí eu evito. Eu sou o tipo de pessoa que não mistura as tribos [risos]. Teve uma vez que falei pra minha melhor amiga sobre uma história, sem dizer muita coisa, e ela ficou chocada, querendo assistir e eu falei: “então, é um BL. É muito bom” [risos]. E nem é preconceito, algumas pessoas simplesmente só não viram. Não tem na Netflix nem em outros *streamings* famosos, eles não vão atrás de assistir.

ENTREVISTADORA: Você acredita que já teve algum obstáculo ou desafio durante as leituras das *novels*?

MARIA: O único obstáculo é que não tem uma tradução legal. Está começando agora vir tradução, livro físico, pra cá, mas são de produções muito antigas. *Semantic Error*, que eu tenho aqui em casa; tem o de *Mil Estrelas*... Se eu puder ler, se eu puder comprar, eu vou. Mas eu não encontro as *novels* que estão lançando agora, porque não é uma coisa que as pessoas consomem aqui no Brasil. E não tem como ler. O obstáculo é porque não tem uma pessoa que traduza. Mas de resto é tudo bem tranquilo.

ENTREVISTADORA: Você consome também os quadrinho — mangás, manhwas?

MARIA: Leio.

ENTREVISTADORA: Você costuma ler mais eles do que as *novels*?

MARIA: Não sei. Acho que não tanto. Essas eu nem me arrisco a fazer tradução, porque é muito chato. Tem que limpar imagem, fazer muita coisa. Tem alguns que eu tô acompanhando, mas não é algo que eu fico: “nossa, eu preciso ler isso aqui”, não. Eu gosto mais da *novel*.

ENTREVISTADORA: Agora para encerrar, faltam só mais duas perguntinhas. Eu queria que você me falasse, se você percebeu, sobre alguma mudança em ti desde de que começou a consumir o BL. Algum gosto pessoal, talvez uma comida, roupa; uma forma de falar; algum comportamento.

MARIA: Não, apenas a loucura que aumentou [risos]. Não mudei meu paladar. Consumo dorama asiático desde 2014 e nunca mudei isso. Eu moro em São Paulo, então eu tenho a facilidade de encontrar comida. Acho que a única vez que fui em um restaurante coreano e a gente pediu umas coisas. Só que eu não gosto de coisa agridoce, sou uma nordestina muito da sem vergonha, não gosto de comida apimentada... No restaurante, eu só comi frango frito e a batata. Pronto! Lembrei, a única coisa que mudou: eu amo *soju*! Experimentei essa bebida e me apaixonei. Como boa nordestina, eu gosto de cachaça! E a cachaça arde, ela é muito forte — e eu gosto de ela pura. O meu nível — porque lá na Coreia [do Sul] você mede seu nível de tolerância a álcool por quantas garrafas de *soju* você consegue beber. O meu nível, se for cachaça é de 4 *shots*; mas garrafa [de *soju*], eu já tomei com uma amiga, já tomamos umas 4 garrafas, daquelas grandes. Eu cheguei a apresentar para os meus amigos japoneses, porque eles nunca tinham tomado *soju*, e eles ficaram apaixonados! Então a bebida foi a única coisa que eu me peguei. Agora sobre o resto... A minha família sempre foi muito respeitosa, nunca fomos de apontar o dedo na cara de ninguém, ou praticar homofobia. Minha mãe sempre buscou saber os termos corretos pra tratar alguém sem ofender ou machucar. Então sobre isso... Talvez eu tenha ficado um pouco mais exigente sobre o que falam perto de mim. Eu corrijo mesmo se alguém fala algo errado perto de mim.

ENTREVISTADORA: E o que você considera que mais aprendeu com o BL?

MARIA: Ah, é um pouco difícil. O mundo BL tem dois lados, né? O super romântico e o lado “cruz-credo”, é bem ruinzinho. Mas acho que tem como trazer muito pro mundo real. Sobre como a gente também pode passar por um relacionamento abusivo, às vezes sem perceber. Então, ser crítico diante disso. Eu sou casada, eu tô no relacionamento com o meu marido há doze anos, e o meu relacionamento sempre foi muito saudável. Eu tenho consciência do que é um relacionamento abusivo, eu já vi muito. E quando começamos a namorar já deixei claro as minhas regras. Então, eu acho que sempre fiquei de olho. Mas acho que as pessoas esquecem que o BL é um reflexo da sociedade. Tem gente que fala “ah, mas na Tailândia é normal cometer esse tipo de abuso” ou “[lá] é normal ter esse tipo de relacionamento”; tudo bem, que seja! Mas que você entenda que isso é reflexo e que não é bom, mesmo que aconteça no mundo real. Eu não acho que [o BL] mudou o meu pensamento, na verdade é muito visível que eles colocam umas coisas que para eles pode ser normal, mas pra gente não é.

ENTREVISTADORA: Eu entendo. Lembro que quando li e vi algumas séries, estranhei muito quando um personagem chamava o namorado de “esposa”, até cheguei a pensar que fosse erro de tradução.

MARIA: Então, pode ser duas coisas. Como tradutora, eu já fui atrás sobre esse assunto. Eu descobri que a gramática da Tailândia não tem “ele” ou “ela”. Tem tradutor que faz a alteração, coloca o “ele”. Mas, em contrapartida, eu já vi algumas cenas que são palavras de gênero, sim, e não tem como dizer que foi falha de tradução, porque eles impõem. Teve uma cena em *Love by Chance*, que ele fala assim, numa parte que um tava zoando o outro, “ah, cadê a sua esposa?”, e o outro chega, o que seria a tal “esposa” e fala: “que esposa, o quê! Eu sou o marido!”. Então, assim, deixou claro que não era tradução. Parece ser uma coisa pra dizer se a pessoa é passiva ou não. Mas não custa nada mudar na tradução, por essa “esposa” muda tanta coisa [risos]. Mas é isso.

ENTREVISTADORA: Muito obrigada, [Maria]. Nossa entrevista já finalizou.

APÊNDICE E — Entrevista com Penelope

ENTREVISTADORA: A primeira pergunta que estou fazendo com todos os meus entrevistados, é como você conceituaria o BL? Como você responderia se alguém chegasse e perguntasse a você a respeito.

PENELOPE: Eu sempre falo que são romances entre dois homens. Eu nunca aperto muito na tecla de que apoia a comunidade LGBT ou que é uma visão realista sobre um relacionamento gay, porque, na real, a gente sabe que foi, inicialmente, trilhado de mulheres héteros para mulheres héteros. Começou a ter mais visibilidade, a trazer causas e tudo mais recentemente. Quem é das antigas sabe que não apertava muito nessa tecla, sempre era muito irrealista. Hoje em dia é mais voltado, realmente, para dar mais visibilidade à comunidade. Infelizmente, foi criado em outro contexto.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Agora eu queria que a gente conversasse um pouco sobre a sua primeira experiência dentro do mundo BL. Como é que aconteceu? Quero que você conte a história completa.

PENELOPE: Foi uma experiência muito engraçada e que fez minha cabeça explodir. Eu estava procurando doramas colegiais, bem levezinhos, no Viki, um aplicativo de doramas, e eu me deparei com *Addicted Heroin*, que é um BL chinês. E eu fui na inocência, pensando: “nossa, é um drama colegial qualquer”. Aí eu me surpreendi muito, minha cabeça explodiu quando comecei a assistir; e eu: “minha gente, calma aí, eu acho que isso aqui não é um drama”. Eu comecei a assistir, realmente me deu curiosidade; eu era adolescente, acho que tinha uns quinze anos, por aí. Nem devia tá assistindo, porque quem já assistiu essa série sabe que ela tem problemáticas, e também o fato de que não é para menores de idade — pelo menos até os 16 anos, eu acho que não é aconselhável assistir. Só que me bateu uma curiosidade, porque eu tinha na minha mente que eram tão conservadoras as obras asiáticas, que não imaginava que tinham obras gays. Então fui pesquisar sobre, foi quando eu descobri o que era “BL”, porque eu nem sabia quando eu assisti, e vi outras obras, tailandesas principalmente. Nisso, eu engatei. Antigamente, a gente sabe que era meio problemático, mas na minha cabeça de adolescente, eu não via problemática nos relacionamentos, então comecei a consumir obras BL. Até retomando o que eu disse anteriormente, me deu muita curiosidade porque eu percebi de cara que era muito fantasioso. Qualquer pessoa que tinha convivência com pessoas gays sabia que não era daquele jeito. Tem tantos problemas que eles enfrentam no dia-a-dia, muito preconceito, e as séries não abordavam isso. Vieram abordar mais recentemente. Eram raras as séries naquela época que abordavam direitos LGBTs; hoje em dia é maior, mas não tão grande como deveria ser. Mas por essa curiosidade, eu comecei e tô até hoje.

ENTREVISTADORA: Então você começou por de 2018?

PENELOPE: Por aí mesmo.

ENTREVISTADORA: Perfeito; e como você partiu disso até chegar às *novels*? Como foi o percurso? Qual foi a primeira *novel*, quais obras mais se destacaram nesse meio?

PENELOPE: Comecei pelas *novels* tailandesas. Como eu assistia muito BL tailandês, eu interagia bastante no Twitter com outras pessoas, acabaram me mandando o *link* de *Two Moons*, uma *novel* da Tailândia que inclusive tem duas séries inspiradas nela. A *novel* chinesa eu comecei por *Mo Dao Zu Shi*, porque também as pessoas no Twitter falavam muito da série inspirada na *novel*. Comecei a série e comecei a ler ao mesmo tempo; a *novel* eu terminei em uma semana e a série, em quatro dias, virando [a noite] porque tem mais de duzentos capítulos. E eu me viciiei, é uma coisa tão fantasiosa, que inclui o sobrenatural, lutas e tudo mais. Depois de *Mo Dao Zu Shi*, eu continuei lendo outras *novels*, iniciei outras que são da mesma escritura — porém ainda não concluí —, e realmente é um mundo que fascina. Inclui fantasia, cultivo e mistério, ação; não fica só no romance. Então me fissurou bastante. O desenvolvimento é lento, mas bem desenvolvido; como posso explicar? É bem detalhado.

ENTREVISTADORA: Nossa, duzentos capítulos em uma semana?!

PENELOPE: A pandemia me fez fazer loucuras [risos].

ENTREVISTADORA: Então você conheceu as *novels* em qual ano exatamente?

PENELOPE: As tailandesas no final de 2019 e as chinesas em 2020.

ENTREVISTADORA: Então você acha que já leu quantas *novels*?

PENELOPE: Creio eu, contando todas, taiwanesa, tailandesa, chinesa... São entre 10 e 15, porque depois da pandemia, eu comecei a faculdade e não tive tempo, nem de finalizar as que eu tinha começado. Atualmente eu tô lendo mais as curtas.

ENTREVISTADORA: E todas as *novels* que você leu teve algum tipo de adaptação?

PENELOPE: Em questão das *novels* tailandesas, todas que eu li tiveram adaptação. Já as chinesas, só três que eu li que tiveram adaptação pra série, porque na China tem muita censura. Não tem outro jeito de falar, a censura é muito grande. Pra séries LGBTs serem lançadas, é muito difícil, porque não passa pela censura. E quando passa, eles disfarçam, não deixa explicitamente que são um casal, só quem leu ou entende as entrelinhas é que sabe que são um casa de fato.

ENTREVISTADORA: Por onde você ler essas *novels*? Você busca traduções brasileiras ou vai atrás de qualquer publicação que seja?

PENELOPE: Eu particularmente gosto do Wattpad, uso ele há anos, e as traduções sempre são boas — pelo menos as que eu leio. Eu não gosto muito de pegar em plataformas em inglês, porque às vezes a tradução do inglês para o português, a tradução automática, eu digo, não fica muito bom. E eu não entendo inglês, então eu prefiro focar só as que estão no Wattpad. Eu gostava bastante de uma menina que traduzia *novels* chinesas — eu não sei se ela ainda traduz, porque faz tempo que não leio uma —, que além de traduzir os termos e tudo mais, ela explicava direitinho o que cada coisa significava e ficava tudo muito simples de ler.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Mas se eu perguntasse o porquê de ler *novels* BL, como você me responderia?

PENELOPE: Nas *novels* tailandesas, eu gosto muito das partes de comédia, entendeu? No geral, as obras tailandesas focam muito em comédia, e me tira muitas risadas, distrai a minha mente. Já as chinesas são uma coisa de outro mundo, porque é uma história muito bem elaborada, inclui fantasia e tudo mais; uma coisa que eu nunca tinha visto antes em outras obras. Mas no geral, o que me pegou muito nos BLs é que, quando eu consumia dorama, retratavam muito mulheres como submissas, sem muita perspectiva de futuro, o mundo delas gira em torno do homem — hoje em dia mudou bastante, eu tenho consumido recentemente, essa visão mudou. Porém o que me fez ficar no mundo BL foi mais isso, fora a curiosidade. Nos BLs não tem, apesar de alguns estereotipados, não tem isso da pessoa submissa, ela não tem que ser totalmente submissa a outro, não tem essa visão de inferioridade que tem com os héteros, entendeu? Isso foi o que me despertou mais vontade de consumir. Eu tava conversando com um amigo meu e ele falou que isso pode ser um reflexo de... Tipo, a gente que vê BL, principalmente mulheres, no caso, ver um relacionamento, socialmente falando, em que um não vai se impor sobre o outro, não vai ter poder... Na questão de patriarcado e tudo mais. Apesar de ter muitos estereótipos, e a gente sabe que tem bastante na maioria dos BLs, ainda tem relacionamento em que os envolvidos estão de igual pra igual. E difere muito da [realidade da] Coreia, os homens são muito machistas lá, o feminismo lá — meu Deus do céu! — é visto como coisa de outro mundo. A misoginia é gigante, o fato de eles não tratarem a mulher como ser humano, entendeu? Isso tudo influencia, porque nos BLs a gente ver dois caras que estão no mesmo patamar. Mas, assim, também há casos e casos, porque tem muita mulher hétero que ver BL por fetichismo. Chega a ser absurdo, às vezes você tá pelas redes sociais, consumindo conteúdos de BL e você vai ver os comentários... Inclusive, recentemente a Tailândia aprovou o casamento igualitário, vi comentários absurdos de mulheres héteros que frequentam igrejas, que são

fanático-religiosas, falando: “não, porque é pecado, que isso, que aquilo”. Minha filha, você consome isso, o básico que você deveria fazer é apoiar a comunidade. São mulheres homofóbica que só vêm por puro fetichismo, que não enxergam como relacionamentos que acontecem na vida real. É uma coisa de outro mundo, você fica barbarizada!

ENTREVISTADORA: Certo, então pelo o que você tá falando, você costuma consumir mais dentro da cultura asiática. Mesmo que o BL possa ser designado para qualquer produção homossexual entre dois homens, é realmente mais comum associar o gênero ao Leste Asiático. Ser proveniente dessa cultura é um fator que te faz ter mais interesse na leitura de *novels* BL?

PENELOPE: Como eu já consumia conteúdo asiático, meio que pendi para o lado dos BLs orientais. É questão de nomenclatura mesmo, eu associo “BL” a essas obras orientais. Essa cultura do BL foi desenvolvida na Ásia, né? É que normalmente chamam “séries LGBTs”, “séries gays”, mas na Ásia foi desenvolvido de mulher hétero pra mulher hétero. No ocidente era mais voltado pra representar a comunidade LGBT, coisa que nos BLs é mais recente. Então eu acabo associando na minha cabeça “BL” aos orientais, e ocidental eu vejo mais como “séries LGBTs”. Tem também o fato de que pouquíssimas séries ocidentais, eu consumi na minha vida. Talvez mais os seriados que passavam na televisão. Agora séries ocidentais, um ou outra, de comédia, eu comecei a ver, mas nem finalizei ainda. Consumo mais conteúdos asiáticos desde a adolescência.

ENTREVISTADORA: E você acredita que haja algum obstáculo ou desafio na leitura de *novels* BL?

PENELOPE: Acho que o obstáculo é realmente achar uma tradutora boa, porque no geral é o seguinte: pelo Wattpad, você acha umas traduções muito boas, mas também tem outras muito porcas, que você acaba nem querendo continuar a leitura, abandona logo no início. Tem umas que traduzem termos, que explicam como funciona a cultura, que explicam o contexto de ditados chineses. Porém, quando alguma editora aqui do Brasil compra os direitos, acaba derrubando a tradução gratuita do Wattpad e outros aplicativos, e nem todo mundo tem condições de comprar o livro físico ou não pode comprar porque a família é homofóbica ou muito religiosa, não pode possuir essas obras em casa. Não só pelo contexto LGBT, mas as *novels* chinesas tem contexto de demônios, que faz parte da cultura lá da China, que tem nada a ver com as religiões do ocidente, os religiosos [daqui] não entendem. Aí não pode possuir a edição física em casa, então dificulta a leitura. A maioria também é traduzida primeiro pro inglês, aí tem que esperar traduzir completo e subir em alguma plataforma — pra quem não entende inglês, tem o espanhol, que é até mais tranquilo pra mim. Mas eu ainda prefiro em português.

ENTREVISTADORA: E você chega a ler outras manifestações além das *novels*, como o caso dos *yaoi*? E se você lê, eu queria saber se você considera que um possa ter uma leitura mais agradável do que a outra.

PENELOPE: Eu tenho um pouco de preconceito com *yaoi*, em questão de *mangá*, *manhwa*, porque não tive boas experiências. Todas as vezes que eu li, teve romantização de abuso ou até estupro. Eu não sou muito chegada. Mas eu sei que hoje em dia tem uns que são muito bons, saudáveis, só que não me prende tanto quanto as *novels*, eu acho que pelo fato de na *novel* eu posso imaginar como eu quiser, a cena. Já nos *mangás*, tem as ilustrações. Eu não sei se é isso, mas creio que seja, porque não me prende tanto. Realmente meu gênero favorito de consumo no BL é *novel* e séries; em questão de animes, eu já cheguei a assistir alguns, mas não gostei muito. Acho que o eu mais gostei foi *Love Stage* e o de *Mo Dao Zu Shi*, que também é censurado porque a China censurou, mas, em questão de leitura, eu prefiro *novel*.

ENTREVISTADORA: E quanto a conversar sobre essas *novels* com outras pessoas, você prefere ficar dentro da bolha de BLzeiros ou você costuma indicar para amigos que estão fora?

PENELOPE: Eu particularmente prefiro ficar na minha bolha, conversar com o pessoal que já gosta disso, mas vez ou outra eu indico pra pessoas que eu sei que não tem preconceito em consumir conteúdos de outras culturas ou que gostam de tentar novidades, porque geralmente as pessoas não são muito

ligadas, principalmente com conteúdo asiático. Aí eu não tenho paciência de abrir a mente da pessoa. Ou ela a mente sozinha ou fique na reclusão dela. Não tenho paciência.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Agora, já estamos entrando na reta final da entrevista, faltam só mais duas: a primeira é se você acredita, se percebeu alguma mudança em você; em que aspecto? Pode ser comportamental, alguma forma de falar diferente; pode ser a forma de pensar sobre alguma coisa; ou outras coisas de cunho de gosto pessoal, culinária, bebida ou até vestimenta.

PENELOPE: Eu acho que mudou a questão de amadurecimento, principalmente em *novels* chinesas. Tem muitas coisas que você percebe, que não importa quais são as suas intenções, as pessoas vão ver o que elas querem ver; de não me importar com o que as pessoas pensam de mim, o que importa é minha consciência; questão de ter mais paciência com as coisas — por incrível que pareça, eu melhorei bastante, eu era muito impaciente —, os ditados que falam nas *novels*, meio que abriu minha mente em questão de ver como realmente sou, me autoconhecer. Também a questão de relacionamento, eu tinha expectativas muito baixas, meu padrão era muito baixo. Hoje em dia são mais altas; inclusive estou há anos sem namorar justamente porque elevou os meus níveis, não surreal, mas em questão de detalhes, em cuidados que antes eu aceitava muito menos. Hoje em dia eu me valorizo mais.

ENTREVISTADORA: Acredito que você tenha começado, talvez até respondido à pergunta seguinte [risos], que é: o que você acredita que mais aprendeu a partir dessas leituras?

PENELOPE: Além de aprender sobre a cultura chinesa, eu aprendi tudo isso que eu falei, sobre se autoconhecer e não se importar o que falam de você, também aprendi sobre valorizar as pessoas que estão com você nos momentos difíceis, aqueles que puxam sua orelha, porque nem sempre que está com você nos momentos felizes é quem vai tá com você na queda. Acho que foi mais isso mesmo.

ENTREVISTADORA: Muito obrigada, finalizamos aqui.

PENELOPE: Disponha.

APÊNDICE F — Entrevista com Laila

ENTREVISTADORA: Eu começo nossa entrevista com a seguinte pergunta: o que é o *boys' love* pra você?

LAILA: Eu vejo como uma forma diferente de mostrar o amor. A gente é acostumada desde criança é ver personagens héteros, todo tempo nos mostram que o amor tá entre uma mulher e um homem. Desenhos, princesas... Sempre vemos isso. Então, quando a gente começa a ver coisas desse gênero [BL], acaba sendo um choque. É uma coisa diferenciada, não estamos acostumados com isso. Eu acredito, então, que seja isso, uma forma de expressar o amor de outras maneiras.

ENTREVISTA: Eu queria saber um pouco mais sobre a sua história com o *boys' love*. Como foi o primeiro contato? Amigo, internet, música, videoclipe... E quando viu, você já sabia do que se tratava? Você começou a consumir logo em seguida ou teve alguma resistência?

LAILA: Tudo começou com a minha irmã. Ela sempre me indicou muita coisa pra ler, só que eu ignorava, só que chegou um ponto que ela me forçou [risos]: “Tu vai assistir um BL, um anime!”. E eu gostei muito do anime; então eu comecei a procurar, o que eu tivesse pra eu ver... Acabei entrando em alguns *sites*, comecei a consumir. Quando eu vi, já tava viciada. Eu ia em fóruns pra procurar *novels*, *manhwas*... E desde então é só o que eu tenho consumido. Chego até a falar com alguns amigos que me considero “heterofóbica”, porque quase não consumo nada hétero hoje em dia. Seu vejo que é hétero, eu já não quero.

ENTREVISTADORA: E você lembra qual foi esse primeiro anime?

LAILA: *Banana Fish*. É sobre um menino que faz umas coisas meio ilícitas com meninos; então é um *boys' love*, mas o foco não é romance. Ele é gay, o cara com meninos e tal; mas o casal principal nem fica junto também, acontece uma tragédia. Então acho que é “meio um BL” [risos].

ENTREVISTADORA: E qual foi a primeira *novel* que você leu?

LAILA: A primeira foi *Kinnporsche*.

ENTREVISTADORA: E como você chegou nela?

LAILA: Eu lembro que eu queria muito ter a experiência de ler algo mais diferenciado. Eu sempre tive essa questão de querer ler coisas diferentes. Aí, eu vi que era sobre máfia, um romance meio assim... Eu pensei: “hum, esse aqui tem potencial”. E eu li *Kinnporsche* muito antes da série sair; nem tinha essa possibilidade! Tanto que anunciaram a primeira vez, depois cancelaram — eu já era fã há muito tempo. Era na época que ninguém nem conhecia essa *novel*.

ENTREVISTADORA; E como você soube dela?

LAILA: Foi como eu disse, eu ia em fórum, eu ia onde desse, eu virei um detetive. Eu também comecei a fazer amizades nesse meio, aí cada um me enviava umas coisas; comecei a entrar em grupos, assim eu fui achando muita coisa. E o que me interessava, eu ia lendo.

ESTREVISTADORA: E qual foi sua primeira impressão quando leu?

LAILA: Eu gostei, só que teve algumas coisas que me incomodaram. Tem uns casais ali que eu não apoio, alguns tiveram uma evolução meio tendenciosa. Se a gente fosse colocar pra vida real, nunca aconteceria. Fora algumas coisas que me chocaram ali; tanto que *Kinnporsche* não chega a ser umas das minhas *novels* favorita. Gostei, mas não recomendaria pra todo mundo. Não é um tipo de leitura que todo mundo ia gostar.

ENTREVISTADORA: Mas choque porquê? Foi o enredo, alguma cena específica?

LAILA: É um *dark romance*, por isso muita coisa ali é perdoado; tem uns temas bem pesados, casal abusivo, violência, estupro, humilhação... Tudo isso. Tem umas partes que eu até ignoro, finjo que nunca vi.

ENTREVISTADORA: E você consegue citar outros títulos de *novels* que te marcaram?

LAILA: Eu sempre li muita coisa, de vários países diferentes. Li o Mil Estrelas, que é da Tailândia, gostei muito dele, principalmente porque não tem essa pegada tóxica. Também li o Noite de Caça, que também é meio pesado, mas eu gosto dele; e Payback, porque é uma história bem construída. Eu amo como a construção romance de Payback acontece, não é rápido. Então eu gosto porque me envolve mais.

ENTREVISTADORA: E por que ler *boys' love*? O que tem nesse gênero que é tão atraente pra você?

LAILA: É como eu tava falando, o “ser diferente”. Eu já estudo roteiro há um tempo, então, pra mim, quanto mais de novidade eu absorvo, fica melhor pra mim. Esse interesse me ajuda na parte profissional, além de querer também o entretenimento dessas histórias. Eu posso explorar mais... Exemplo, romances do Brasil é sobre o Brasil, a América. Nas *novels*, eu posso explorar coisas que acontecem do outro lado mundo. Eu posso ver uma coisa da Tailândia, da Coreia, de Taiwan... Eu gosto dessa variedade, é muito material; é isso que me aproxima das *novels*.

ENTREVISTADORA: Então você acha que é uma maneira diferente de contar histórias? Diferente do ocidental, eu digo.

LAILA: Uhum.

ENTREVISTADORA: Você consegue descrever essa diferença?

LAILA: Acho que por não ser muito popular, só pessoas internamente acabam sabendo. E não é algo comum, cada gênero, cada assunto tem um enredo muito diferente. Eu acho eles muito únicos. Por exemplo, quando vemos uma história hétero, é sempre a mesma coisa. O clichê da menina pura e o *playboyzão*. Sempre é assim. Quando vamos para o *boys' love*, é muito diferente. Você não encontra fácil em outro lugar, só naquela bolha fechada. Você só sabe se fizer parte daquele lugar, se conhecer aquelas pessoas. Já o hétero é mais fácil de procurar, também é bem maçante por causa dessas histórias repetidas.

ENTREVISTADORA: Então eu imagino que ser da cultura asiática seja de grande influência, que faz você gostar do gênero. Ou você acha que se se deparasse com um BL russo ou indiano, iria ter a mesma vontade de ler?

LAILA: Olha, teve uma época, eu admito isso, que eu só consumia coisa asiática. Eu tinha muito bloqueio de consumir BL de outros países, mas de um tempo pra cá eu tenho mudado isso. Mas acho que influenciou, sim, ser da Ásia. E novamente por ser muito único, parece que a marca deles [asiáticos] é o BL, então fecha nisso. Você não consegue se abrir pra outros países.

ENTREVISTADORA: E você considera que teve algum obstáculo ou desafio durante as leituras dessas *novels*?

LAILA: Sim, principalmente com idiomas. Eu não sabia ler inglês quando eu comecei a consumir, e muita coisa que eu achava na época ou era no idioma original, como, tailandês, coreano, ou era inglês. Foi aí que eu comecei a estudar inglês, porque eu precisava ler algumas coisas — e não sabia, não tinha ideia... Algumas vezes eu até tentei aprender o idioma deles. Tipo, teve uma série tailandesa que eu assisti e eu queria muito ler a *novel* — até hoje sou doida pra ler —, mas ela só existe em tailandês.

ENTREVISTADORA: É realmente um problema. Mas acho que acabei esquecendo de perguntar lá no começo, qual ano você começou a ter contato com o gênero?

LAILA: Eu acho que foi em 2018, faz uns seis anos.

ENTREVISTADORA: E não tinha muitas *novels* traduzidas, imagino.

LAILA: Então, por isso que muita coisa que eu consumia me obrigaram a aprender o inglês. Se eu não aprendesse, não conseguiria ler nada.

ENTREVISTADORA: Mas você aprendeu enquanto lia ou precisou fazer um cursinho?

LAILA: Foi meio a meio. Eu tive muito contato obras em inglês e fazia cursinho, então o que eu fazia nos meus exercícios, implementava no que lia. Eu também tava em casa, sem fazer nada, no meio da pandemia...

ENTREVISTADORA: Então foi durante a pandemia que você começou a aprender?

LAILA: Foi mais ou menos nesse período, 2019, 2020.

ENTREVISTADORA: E atualmente você continua com as leituras em inglês ou está mais adepta às traduções brasileiras?

LAILA: Eu não gosto muito de esperar atualização, e inglês sempre sai mais rápido, então hoje em dia eu prefiro ler em inglês. Mas consumo algumas coisas em português.

ENTREVISTADORA: Certo. E você costuma conversar sobre as *novels* com os amigos ou prefere não conversar sobre?

LAILA: Depende. Eu tenho alguns amigos que eu sei que não conseguiria falar sobre, tem uma mente mais fechada. Não gosta de nada asiático, acha que é estranho. Mas tem alguns amigos meus que eu falo o dia todo, se deixar. Eu indico, eu obrigo a ler alguma coisa, me obrigada a ler também; no meu círculo.

ENTREVISTADORA: E você faz parte de muitos grupos de fãs de BL na internet? E você é participativa nele?

LAILA: Sim, eu participo de uns cinco ou seis grupos. Eu tenho bastante gente na minha vivência que consome. A gente acaba virando uma irmandade, todo mundo ler a mesma coisa, a gente interage bastante, compartilha *novel* que vão achando. Mesmo que não concorde com tudo, a gente se entende.

ENTREVISTADORA: Você comentou que também ler *mangás*, *manhwas*, imagino que *graphic novels* também. Na sua opinião, a forma de apresentação ou o desenvolvimento da história dos quadrinhos é melhor que das *novels*? É possível dizer que você prefere um ao outro?

LAILA: Eu acredito que os *manhwas* acabam sendo mais rápidos por conta do idioma. Como expliquei, às vezes você não lê uma *novel* porque não foi traduzida, e nos *manhwas*, como eles são gráficos, é mais fácil ler, porque não dá muito trabalho pra entender. As cenas ajudam muito. Então acho que o consumo de *manhwas* é mais fácil; até de encontrar.

ENTREVISTADORA: Outra percepção que quero que você me conte é se acredita que mudou alguma coisa em você desde o início dessas leituras? Talvez uma maneira de falar, uma visão de mundo...

LAILA: Eu acredito que acabei conhecendo outras culturas, principalmente os alimentos. Eu passei a consumir mais coisas assim... Também a questão das línguas. Às vezes eu até brinco com alguns amigos

meus, porque do nada eu começo a falar igual os meninos no BL. A gente acaba se apegando tanto que acaba pegando alguns jeitos, alguns costumes também. Brincando, eu também faço o “oi” como fazem na Tailândia, usando as mãos. Ah, outra coisa interessante! Tem aquela batata, a Lays, e eu só fui consumir ela por causa das propagandas nos BLs [séries]. E depois eu fui descobrir que ela nem é da Tailândia, nem da Ásia!

ENTREVISTADORA: E fora isso, você acha que aprendeu alguma coisa?

LAILA: Eu acho que aprendi que nem tudo pode ser considerado romance, sabe? Muita coisa que eu li, me deu essa perspectiva. Nem tudo precisa romantizar. Muitas das histórias são pesadas, o casal se ama e tal, mas acontece umas coisas tão tendenciosas... “É melhor largar, cara” [risos].

ENTREVISTADORA: Certo. Nossa entrevista acaba aqui, muito obrigada pela participação.

LAILA: Obrigada você.

APÊNDICE G — Entrevista com Tiago

ENTREVISTADORA: Como questão inicial, eu tenho começado as entrevistas com uma provocação, que é perguntando para os meus entrevistados como que eles conceituam o *boys' love*. Caso alguém chegasse e perguntasse do que se tratava, como você responderia?

TIAGO: Eu acabei dentro desse universo por acaso. O ponta pé inicial foram os BLs [séries], comecei a assistir por acaso e eu vi ali uma válvula de escape, porque vi a idealização de uma realidade que eu almejo, por ser quem sou, pelas minhas características. Eu conceituaria o *boys' love* como o ideal e um refúgio. Eu não sei se ficaria muito claro para alguém dar esse tipo de definição, mas, dentro da minha realidade, eles são minha válvula de escape e um lugar de segurança.

ENTREVISTADORA: Não, tá perfeito. Eu quero saber agora sobre a tua história dentro do gênero BL; como foi o primeiro contato, qual foi o contexto, há quanto tempo...

TIAGO: Eu tava em um pseudo relacionamento; e eclodiu a pandemia — logo no primeiro mês de pandemia, o meu contato com *boys' love* começou em fevereiro de 2020 e aí logo que eclodiu a pandemia, todo mundo surtando, foi aí que eu passei a defini-lo como, de fato, uma válvula de escape. No meio daquela bagunça toda, eu ainda tinha um lugar de segurança que me fazia acreditar que tudo iria voltar, que aquela realidade ali ainda ser alguma coisa palpável no futuro. E de lá para cá só vem se intensificando, como assistir um simultâneo, passou para dois, depois passou pra três... E tem semana aí que a gente distribui tempo com sete diferentes.

ENTREVISTADORA: Então alguém te indicou essas histórias ou você foi navegando na internet?

TIAGO: Foi essa pessoa com quem estava que acabou me indicando. E o receio muito grande que eu tive foi que... Não foi um relacionamento saudável foi um relacionamento extremamente ruim para mim e eu tinha muito medo de vincular o *boys' love* à pessoa. Só que foi uma paixão tão grande que eu falei “não, eu tenho que saber dividir”, porque realmente me levou a conhecer muita gente. Através do *boys' love* — eu sou a maria Tailândia! [risos]. Eu gosto de todos, mas eu tenho uma queda, não, eu tenho um tomo pela Tailândia! Então eclodiu num momento que eu falei: “além do que tá envolvido com as *novels*, tá envolvido com as séries, eu preciso ver isso pessoalmente”. Tanto é que tem um mês que eu voltei da Tailândia, então [risos] foi intenso nesse nível! Realmente para mim, hoje em dia, é o *hobby*, é uma paixão e é o lugar onde eu passo 90% do meu tempo livre.

ENTREVISTADORA: Nossa, que incrível você ter conseguido ir pra lá! Inclusive, daqui a pouco, a gente vai falar sobre essa viagem à Tailândia também, fiquei muito interessada [risos]. Mas, continuando, você começou provavelmente com as séries, eu imagino; qual foi a primeira série que você viu?

TIAGO: Sim, eu comecei com *2gether*. E foi muito curioso porque, eu não sei como acontece, mas o primeiro contato que a gente tem com a série gera muito estranhamento. É diferente, de atuação questionável, a cultura é diferente, pensei que não fosse rolar. Eu já assisti com esse preconceito, aí eu falei: “não, vou abrir a minha cabeça, assistir novamente”; então, reassisti *2gether*, assisti *Still 2gether*, assisti *I Told Sunset About You* — e aí foi amor eterno! Até hoje é uma das minhas séries preferidas. E de lá pra cá foram muitas outras, uma centena de séries.

ENTREVISTADORA: perfeito; e como você chegou às *novels*?

TIAGO: Como eu tava muito envolvido com o universo do BL — eu sou intenso em tudo —, então aconteciam os *fanmeetings* em São Paulo... Eu fui no *Wabi Love* no ano passado, eu fui no *FirstKhao* também. Aí, no *Wabi Love*, eu acabei conhecendo algumas meninas, as administradoras da página *Univers Boys Love* e a gente descobriu que era da mesma cidade, então nos encontramos [depois] no aniversário de uma delas, e eu vi que um dos presentes foi a *novel* de um dos meus BLs preferidos, que

é Um Conto de Mil Estrelas. E eu falei: “preciso!” [risos]; comprei os dois volumes Um Conto de Mil Estrelas. E aquilo não foi uma leitura, eu devorei o livro. Eu falei: “nossa, que coisa gostosa de se ler!”. Depois eu comprei *Semantic Error*, depois o *Para Sempre o Número Um*. Ainda tô “juninho” nesse local, mas eu pretendo continuar porque, mesmo dentro desses que li, eu me identifiquei muito — alguns mais, outros menos; mas eu achei uma leitura muito gostosa. E a leitura sempre teve presente comigo porque eu, desde de pequeno, passando por todas as questões de autoconhecimento, de me aceitar, de ver quem eu era de fato; eu sempre busquei, no livro, um refúgio. Eu sempre tive um apoio e um respaldo muito grande da minha família, então eu sempre fui um leitor muito voraz... de tudo, sabe? De tudo que contempla este universo de leituras *teens*, [risos] não sou muito chegado em nada muito rebuscado, mas eu leio muito. Então juntou duas coisas que já me eram muito interessantes. Eu amo as séries e eu amo ler, então quando eu vi que existiam adaptações — na verdade, que as séries eram as adaptações de *novels* — eu falei: “eu quero conhecer, quero ver como é que funciona”. E eu gostei muito.

ENTREVISTADORA: Você chegou a mencionar que é bem “júnior” dentro do mundo das leituras de BL, e também os títulos que você mencionou são publicações nacionais recentes, então você começou o quê? Ano passado, já esse ano [2024]?

TIAGO: Não, eu comecei em janeiro. Um problema das *novels* para mim é que, mesmo estando na capital, é muito difícil de achar. Eu tô em grupo do Telegram, eu tô em grupo de whatsapp... Geralmente as meninas colocam, até, algumas publicações que estão saindo, mas eu sou arcaico ao nível de preferir comprá-los fisicamente [risos], então todos os que eu comprei foram físicos. Não tenho aptidão com tecnologias, eu gosto de tudo manual. Eu comprei todas em livrarias, e muitas vezes a gente chega em livraria, eu não sei se pelo tamanho da editora ou pelo tipo de público que está direcionado, não são todas as livrarias que tem, então, mesmo os poucos que eu tenho, eu não tive essa facilidade para encontrar.

ENTREVISTADORA: A próxima questão é sobre o que te faz gostar tanto das *novels*, o que te leva a ler, de onde vem esse interesse ler.

TIAGO: Pra mim são dois universos. A maioria das *novels* que eu leio, mesmo sendo poucas — eu já assisti a série —, então eu vejo como dois universos distintos de leitura. Eu sou muito criativo, eu gosto muito de imaginar as coisas, então quando eu leio um livro que não tenha adaptação, eu crio na minha cabeça uma história. Com as *novels* é um pouquinho diferente porque, a partir do momento em que a personagem tem o nome ali na *novel*, eu já relaciono a aquela imagem que me foi passada na série. Só que eu acho interessante porque não é uma adaptação 100%, então eu vejo as *novels* como uma perspectiva de quem escreveu aquilo ali, de fato, e aí eu consigo imaginar com as pessoas que foram escaladas para fazer a adaptação dessas histórias. É bacana porque o filtro continua sendo mesmo, mas você tem uma amplificação desse universo, um detalhamento muitas vezes mais específico, muito mais rico, e sob uma vertente diferente. Querendo ou não, muita coisa é cortada, tem muita coisa que precisa ser adaptada para o público que tá consumindo aquele material audiovisual, então tem esse recorte em cima do texto original. E é muito legal ter a oportunidade de ver qual que foi a concepção da ideia original na escrita e poder criar o meu próprio universo, baseado nesses atores que eu já sei que fizeram a série, sabe?

ENTREVISTADORA: Como você falou, você tá sempre associando as suas leituras ao que você viu, as séries, então você acredita que ser da cultura asiática te influencia a gostar dessas histórias ou você acredita que se tivesse uma adaptação de uma outra série, de outro país, não belo fora do mundo asiático, você acha que você teria o mesmo interesse?

TIAGO: Eu acho que depende muito do desenrolar. Tem um ponto que me pega muito no BL, não é nem característica física, é muito a questão cultural e o modo como os relacionamentos vão se desenvolvendo — o que também tá atrelado a questões culturais —, então eu acho que, indiferente do lugar, se vier com essa pegada de — querendo ou não, vários são — contos de fada, tem alguns que fogem da curva, mas como veio para mim como um refúgio em um momento de muito caos, eu queria realmente alguma coisa sólida e estável, e vários deles fornecem isso. Então acho que sim, não

importaria que fosse abordado em outra forma, em algum outro lugar, sob uma outra perspectiva, mas a essência da *novel* é o que me cativa, então como é a pegada muito diferente, pode ser que eu não me interessasse tanto quanto eu me interesse.

ENTREVISTADORA: E você costuma ler histórias que vão além dos romances narrativos, como os quadrinhos, *mangás*, *manhwas*?

TIAGO: Eu tive o hábito durante a minha transição para a adolescência. Eu consumia muito *mangá*, consumia muito anime; aí eu acabei me distanciando por N motivos, faculdade, amizades, e aí, quando eu reencontrei essa essência asiática, foi com os BLs e hoje em dia, sinceramente, não me chama mais atenção.

ENTREVISTADORA: Mas nada dentro do gênero BL?

TIAGO: Não, fora.

ENTREVISTADORA: Bem, até me perguntei se faria essa pergunta ou não, porque acredito que você já me respondeu, mas para o caso de você ter outras coisas a falar a respeito: queria sobre as dificuldades ou obstáculos que você possa ter enfrentado durante as leituras?

TIAGO: Eu acho que teve mais aprendizado do que desafio. Eu me considero uma pessoa extremamente privilegiada, desde sempre, para mim a questão de sexualidade nunca foi um tabu, por mais que fosse algo velado durante muito tempo. Dentro do meu universo, dentro da minha bolha nunca foi algo que me gerou desconforto, nunca foi algo que me gerou qualquer tipo de problema ou descontentamento. Mas eu gosto muito de ver essa perspectiva de como outras pessoas, personagens lidam com isso, então eu acho que é uma aprendizagem, sabe? Eu acho que é um aprendizado legal. O meu background, ele foi muito afável com relação a tudo, então sempre tive muito apoio, sempre tive muito suporte e, apesar de que ninguém nunca me empurrou “vai, faça isso, faça aquilo”, eu sempre tive muito livre arbítrio para tomar minhas decisões sem que elas fossem questionadas.

ENTREVISTADORA: Ótimo. Outra coisa que eu queria saber é se você conversa sobre as histórias que você lê com outras pessoas, com amigos fora da bolha de BLzeiros; e a segunda parte desse questionamento é se, dentro do mundo da internet, você faz parte de algum grupo, seja lá em qual plataforma digital for, mas se você costuma interagir nessas plataformas.

TIAGO: Então, querendo ou não, é algo muito específico, esse universo é algo muito pontual. Já tentei apresentar através de *novel* e através de série para minha bolha de amigos, mas não foi bem aceito, definitivamente não foi bem aceito [risos]. Os contatos e as amizades que eu tenho através de BL, foram pessoas que eu conheci em *fanmeeting*, em eventos que destacam a cultura asiática, tem festivais que eu vou e aí no estande, encontro alguém, aí a gente compra uma *novel* e conversa sobre. Então, nesse contexto, eu consigo mas tentar expandir... Eu já tentei apresentar séries várias vezes; já tentei emprestar as *novels*, que voltaram como novas para mim, então existe essa barreira das pessoas que não estão inseridas — pelo menos dentro do meu ciclo — que tem uma resistência. Quando se apresenta sobre o que se trata, quais serão os tópicos abordados — a pessoa já tem uma ideia diferente do que é de fato. O Conto de Mil Estrelas é um exemplo, porque tem a *novel* e tem o BL [série] — eu já tive contato com os dois —, e eu já tentei apresentar, tanto a *novel* quanto BL, e não foi aceito. Não foi aceito porque, antes de dar oportunidade de conhecer a história, o pessoal: “o que que se passa?”, aí eu falo: “sobre a questão do transplante...”, então eles já tem uma aversão pelo resumo raso da história, não dão oportunidade de ver sobre o que se trata, de fato, e dá uma chance. Não tive a oportunidade de ter pessoas do meu círculo de convívio que estivessem realmente dispostas a se abrir e tentar.

ENTREVISTADORA: E sobre as suas interações nas redes sociais, com os amigos, então, que fazem parte dessa bolha [risos]?

TIAGO: Fui convidado pra ser um dos administradores de uma página de BL, sabe, por vários fatores, por ter ido pra Tailândia, poder falar um pouquinho dos atores [das séries BL], da realidade lá... Vou voltar ano que vem, então pretendo gravar mais coisas. Como administrador, eu sempre entro no perfil e respondo [as mensagens], eu gosto de ter contato — não sei se você percebeu que não sou da tecnologia, então não me mande fazer *reels* [risos], não me mande criar conteúdo. Mas eu gosto de colocar a cara lá e dar o meu parecer acerca de alguma coisa. “Ah, eu tô assistindo X, eu tô lendo... Quero saber o que é que vocês estão achando”. Eu acho muito gostoso, eu gosto muito de conversar, de trocar ideia sobre um assunto que é tipo interesse em comum. Eu tenho dificuldade em achar essas pessoas, mas ali é um local onde esse público se concentra, então eu tenho uma troca bem legal. E você percebe, pela troca, que são pessoas com vivências extremamente diferentes e ao mesmo tempo com muita similaridade, que passaram por situações difíceis... tão difíceis, senão mais difíceis; se identificam por gostar de alguma coisa ou desgostar de outra; por algum tipo de preconceito que tenha sofrido. Elas precisam dividir alguma coisa. Sempre que você joga uma opinião, eles já com alguma história por trás. E você entende que essa pessoa só queria falar, sabe?

ENTREVISTADORA: Já estamos chegando ao fim da entrevista, eu só tenho mais duas perguntas pra você. A penúltima pergunta é sobre possíveis mudanças que ocorreram na sua vida desde que você começou com as leituras. Mas aqui, como você falou que é bem recente sua história com a leitura, você pode dar uma adicionada também dentro aspecto das séries, sem problema. O que mudou na sua vida? Talvez algum comportamento, um jeito de falar, o gosto por algum tipo de culinária específica ou se vestir de uma maneira diferente, ou talvez uma opinião sobre alguma coisa. A partir disso, eu já sei que você já falou da sua viagem também. Vamos dentro dessa pergunta falar um pouquinho dela também, porque acredito que foi incentivada por esse amor ao gênero.

TIAGO: Bem, querendo ou não, a gente tem que busca um lugar de pertencimento. E às vezes eu moldava os meus gostos, eu moldava as minhas preferências pra me encaixar em algum lugar. Então, nessa altura do campeonato, eu me via — sei lá — indo pra balada, eu me via indo pra festas, virando noite. E, se eu faço uma reflexão comigo, eu sei que esse universo não me contempla mais. Então, depois que eu passei a ter contato com as séries, com *novels*, eu realmente falei: “não, o que que eu gosto? O que me que define?”, então foi um período de autorreflexão, pra perceber que realmente eu vou ter que incluir em algum lugar, eu vou querer me encaixar em algum grupo, mas eu não quero mudar quem eu sou, não quero mudar as coisas que me interessam. Eu quero achar pessoas de interesse similares, de preferências similares e que possam dividir comigo a experiência, sem que seja nada forçado. É um processo longo, é um processo de muito tropeço. É o processo de perceber que realmente a gente precisa, em determinados momentos, fazer escolhas. Mas me trouxe muita coisa boa, sabe? Eu sou muito grato pelos amigos que esse universo trouxe. Sempre fui uma pessoa muito curiosa, sempre gostei muito de viajar, eu sou muito grato pelas experiências que esse universo fez com que a minha cabeça expandisse e quisesse ter vontade de conhecer. Então, não acho que mudou quem eu sou, mas mudou muito a minha percepção acerca do resto. Eu percebi qual era o meu lugar, de qual é o meu grupo de interesse, de quais são os meus reais interesses, o que que é o meu lazer. Realmente me faz parar pra refletir muito e me faz perceber muitas coisas que, se eu não tivesse sido exposto num dado momento, talvez eu não perceberia.

ENTREVISTADORA: Ótimo. Mas me conta dessa viagem, como aconteceu, ficou quanto tempo, o que você viu?

TIAGO: Então, eu sempre gostei muito de viajar e como as minhas séries e *novels* preferidas são ambientadas na Tailândia, eu me encantei com a cultura, eu me encantei com as interações e com tudo, e comecei a pesquisar freneticamente — e um dia eu falei: “eu vou”. Então, eu comecei a entrar em contato com pessoas de lá que prestavam serviços e comprei minha passagem. Eu fui no dia dezesseis de março e voltei no dia onze de abril, então foi quase um mês. Deu pra rodar a Tailândia inteira! Eu tive a oportunidade de ver muitos atores, tive oportunidade de ir em várias locações [de séries]. E o mais legal é que compartilhei essa experiência com a minha mãe. Eu falei: “ah, mãe, por X, Y e Z, eu quero ir pra lá, vamos? Vamos”. Então quando eu fui atrás dos atores, ela tava junto comigo; quando eu fui na GMM, ela foi junto comigo. Ela comprou muito essa ideia, ela compra os meus sonhos junto comigo. E

não foi uma viagem, foi uma experiência, sabe? A minha cabeça abriu demais. Eu sou muito ansioso, então esse tipo de momento e vivência me faz refletir muito sobre o que está acontecendo, sobre o que eu quero, sobre quais serão os próximos passos que eu gostaria de dar; foi realmente, além de uma de férias maravilhosas, foi um momento que eu parei pra refletir muito sobre o que eu faria daqui pra frente, sobre o que eu tenho feito e sobre esse mar sem cachorro que a gente está se enfiando... porque é caro! [risos]. Os colecionáveis são caros, as *novels* são muito caras. Eu sei que pela internet existem promoções, mas como eu sou arcaico, eu paguei tipo mais de cem reais em *Semantic Error*, sabe? É complicado, não é algo de fácil acesso pra qualquer pessoa.

ENTREVISTADORA: Então, pelo que eu entendi, todos os livros lidos foram os publicados, não leu nada na internet.

TIAGO: Não, eu não li, eu sou realmente uma pessoa que gosta do físico. Mas eu preciso mudar isso. Não sei se já lançou, mas tava em pré-venda antes de eu viajar, que era *Manner of Death*, que é um dos meus BLs preferidos. E eu vi que vai sair a *novel*, gostaria muito de tê-la, mas vi semana passada, na Leitura, e não tá nem no catálogo deles. Então talvez seja uma que eu vou ter que comprar *online*, vou dar a cara a tapa, vou ter que nadar contra a corrente pra ter

ENTREVISTADORA: Pra finalizar, o que você acredita que aprendeu com as *novels*? Em um sentido de conhecimento, aprendizagem mesmo, que foi adquirida a partir dessas leituras.

TIAGO: Bem, tem pontos. Eu acho que com relação a questão cultural, foi um aprendizado gigantesco, porque eu gosto da forma como as *novels* detalham as ambientações, onde os personagens estão inseridos, por menores sobre essa conexão que eles têm. A forma como as interações acontecem, eu acho muito legal essa questão cultural; pra mim, é um dos maiores aprendizados. Em quanto pessoa... Eu sou essa pessoa que fantasia muito e tenho essa tendência de me colocar no lugar onde está acontecendo, de me imaginar como personagem. Então, assim, só tenho idade, maturidade que é bom [risos]. Eu penso muito: “poxa, talvez isso seja o que está acontecendo comigo, talvez eu esteja passando pela mesma situação, num contexto diferente”. Então, até pra nortear minha forma de pensar, pra me dar opções na hora de refletir sobre algumas coisas... Eu sempre tento incorporar o que tá acontecendo ali, seja algo fictício ou não, pra minha realidade, e muitas vezes funciona. Eu converso muito comigo mesmo e já cheguei a inúmeras conclusões durante uma leitura, então eu acho isso muito legal! A questão do conhecimento vem mais da questão cultural, sabe? Pra mim um é um choque cultural muito grande, que me encanta tremendamente. Eu sou apaixonado pela forma que as relações acontecem, eu sou apaixonado pela cultura, especialmente a da Tailândia; gosto muito da coreana, da japonesa, mas sou completamente encantado pela pureza tailandesa. Eu acho que é muito é muito genuíno, é muito... puro, não tem como definir de outra forma! Então são coisas que me chamam muito atenção e, ao longo da leitura, principalmente. Meu maior contato foi com Mil Estrelas, porque eu li e reli, quase que simultaneamente. Eu queria saber o que isso vai significar pra mim. E aí na releitura eu já estou com uma outra percepção, já foi com uma percepção sobre as relações que os personagens tem um com o outro, e qual o contexto eu me encaixaria ali dentro da história, o que que eu poderia estar trazendo dali pra mim, como nortear minhas decisões — não única e exclusivamente baseadas no que estava acontecendo dentro do livro. Mas eu sou hoje uma pessoa que, sem sombra de dúvidas, é extremamente influenciada pelo que eu consumo, seja de leitura ou de audiovisual. E aí a gente fala: “porra, vou morrer casto, porque a gente idealiza algo similar àquilo”; e eu falo: “não aceito nada menos” [risos]. A gente não aplica como verdade absoluta, porque nem tudo vai tá dando um *match* com o que acontece com você, mas eu acho muito legal porque, dentro do meu universo, eu trago pra minha vida, e foi muito bom, sabe? Eu realmente considero que essa intenção na cultura BL, seja através das séries ou de *novels*, ela foi um divisor de águas porque me fez conhecer muita gente, me fez criar novas metas, me fez conhecer lugares... E foi um universo que, depois que eu me inseri, eu não consigo pensar em absolutamente nada ruim. Só me trouxe coisa boa.

ENTREVISTADORA: É isso, perfeito! Muito obrigada pela sua participação.

TIAGO: Obrigado você.

APÊNDICE H — Entrevista com Fernanda

ENTREVISTADORA: Vamos começar nossa entrevista. Eu tenho começado pedindo para que os entrevistados conceituem o gênero; se alguém chegasse e falasse o seguinte para você: “eu ouvi falar de um tal de BL, mas não sei o que significa. O que que é *boys’ love*, afinal?”, o que que você responderia a essa pessoa?

FERNANDA: Eu diria que é uma forma de amar. Amar uma pessoa, o próximo, sem rotulagem. Acredito que *boys’ love* seja isso, amar sem rotular alguém ou algo.

ENTREVISTADORA: Ótimo. Agora eu quero saber sobre sua história com o gênero. Quando foi que você conheceu o *boys’ love*? Foi por meio de quem, do quê? Faz quanto tempo? Como foi esse primeiro contato? E como foi reação quando você descobrir o verdadeiro significado do gênero.

FERNANDA: Bom, eu comecei pelas séries. Foi em dois mil e vinte e dois, mais especificamente com o *Love In The Air*. Eu [já] vinha assistindo doramas os normais, dona Netflix aí que me influenciou. E um belo dia estava eu lá no TikTok, zapeando pela minha *timeline* e apareceu algumas cenas do Payu e do Rain [personagens de *Love In The Air*], aí fiquei “hum, interessante”. Entrei nos comentários perguntando onde eu conseguiria assistir, então vi que tinha grupos no Telegram em que dava pra assistir. Foi assim que eu baixei o Telegram pra ir atrás da série. Comecei assistindo a série e daí começou o arco do segundo casal; foi a minha paixão. Eu falei assim “preciso saber mais sobre a história deles”, a partir daí que eu comecei nas *novels*. Foi por causa da série, foi meu primeiro BL e também a primeira *novel* que eu li. Então pra mim foi muito natural. Eu já tinha consumido algumas séries — não, foi filme americano [com temática homoafetiva]. Eu não tive estranhamento com o gênero, nunca tive. Então foi bem natural.

ENTREVISTADORA: Que bom, então, depois de *Love In The Air*, já leu outras *novels*?

FERNANDA: Ah, muitas! [risos]. Eu acho que no formulário devo ter colocado umas dez, mas devo ter lido umas dezessete ou mais, porque teve *fanfic* no meio.

ENTREVISTADORA: *Fanfic* aqui do Brasil?

FERNANDA: Não, *fanfic* no modo geral. Umas dezessete.

ENTREVISTADORA: É, você colocou acho que entre onze e quinze [no formulário].

FERNANDA: Eu pensei “gente, mais de dez, eu tenho certeza”.

ENTREVISTADORA: E você consumiu logo em seguida ao *Love In The Air* ou você chegou por outros meios, talvez outras séries?

FERNANDA: É, eu li a primeira *novel*, aí depois com as amigas: “ah, vamos ler tal *novel*”. A segunda *novel* que eu li foi *Unforgotten Night*, foi também por causa da série. Primeiro assisti a série deles e aí fui ler a *novel*, porque, assim, eu que já sou uma leitora assídua, leio literatura de uma forma geral, eu sei que as adaptações ficam restritas com o roteiro. Mas você quer saber mais sobre a história, o aprofundamento de personagens. Aí eu terminei *Unforgotten Night* e fui para os seus *spin-offs*. Eu li logo *Love Syndrome*, foi quando eu pensei “onde é que eu fui parar” [risos] [comentário pelo conteúdo explícito e violento do enredo dessa *novel*]. Eu li os três livros [da série *Love Syndrome*], pensando “não acredito que eu tô lendo”. Quando saiu a série, eu pude falar assim: “eu li a *novel* e não é desse jeito que acontece” [risos]. Eu pude criticar porque eu tinha embasamento [risos]. Aí depois disso, a leitura veio vindo de forma natural. Ou porque eu já tinha assistido a série — cadê [a entrevistada começa a procurar em sua estante], eu acho que eu tenho aqui *The Eclipse* [outra *novel* que possui adaptação]

também — ou porque a ia lançar, e eu falei “agora eu vou ler a *novel* porque quando a série lançar eu já sei a história”.

ENTREVISTADORA: Mas você já leu alguma *novel* que não tenha uma série adaptada?

FERNANDA: Não. Todas elas sofreram alguma adaptação.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Fernanda, agora eu quero falar quero conversar sobre o seu interesse dentro das *novels*. Se alguém perguntasse pra você “tá, Fernanda, mas pra que ler as *novels*?” Por que ler esse gênero?

FERNANDA: Sim, por que ler? Na *novel*, a gente tem um aprofundamento maior da história, do contexto, dos personagens. Eu gosto disso. Há uma série que eu sou apaixonada, *The Untamed*, então eu li *Mo Dao Zu Shi* [livro da série], e você tem ali... É diferente. Uma série você tem dez episódios de quarenta minutos a uma hora, e então você lê a *novel*, porque ali você tem mais detalhes, muitas das vezes coisas que passam despercebidas; são sentimentos que às vezes não são bem passados ou você quer uma explicação melhor sobre algum assunto [vista na série]. Então eu gosto de ler pelo aprofundamento das histórias dos personagens.

ENTREVISTADORA: Você consegue indicar se as *novels boys' love* tem alguma característica diferente de outros tipos de romance, até mesmo os LGBTs? Eu falo *boys' love* dentro da ideia daquelas histórias vindas da Tailândia, Coreia do Sul, China... Países asiáticos.

FERNANDA: Uma característica... Agora pensando, não. Eu acho que não.

ENTREVISTADORA: E o que faz você gostar tanto das *novels*?

FERNANDA: Pensando na minha listinha aqui, eu já li *novels* de fantasia, de época, de máfia... O que eu posso dizer? Eu não sei, talvez a questão da superação do relacionamento deles. Tem algumas *novels* que eu acho chocante, desde o início do contato entre os protagonistas até o desenvolvimento da história, quando aquilo vira um romance. Mas numa sociedade um pouco mais patriarcal, mais rígida... então você tem uma história onde essa sociedade não aceita o relacionamento homoafetivo e você tem que lutar e batalhar pelo seu amor... Isso é o que me prende a *novel*, essa superação.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Bem, querendo ou não, apesar do *boys' love* poder significar romances tanto orientais quanto ocidentais, normalmente quando falamos sobre BL a gente costuma associar ao leste asiático, né? Tailândia, Coreia do Sul, China, Japão...

FERNANDA: Sim! O único BL não asiático que eu li foi o *Vermelho, Branco, Sangue Azul*.

ENTREVISTADORA: Você acha que ser asiático te influencia a gostar mais dessas histórias? Ou você acredita que é um fator irrelevante?

FERNANDA: Atualmente, eu diria que influencia. Até mesmo porque eu não consumo muito outras literaturas, de outros países e continentes, a não ser da Ásia. Livros de romance mais comuns, entre homem e mulher, eu já leio, mas nessa temática do *boys' love* eu sou mais suscetível a Ásia. Histórias japonesas, tailandesas, chinesas... Não que eu não possa ler de outros lugares, mas acredito que a Ásia me influencia mais, até por causa da cultura. Você aprende muita coisa. E isso eu acho apaixonante!

ENTREVISTADORA: Perfeito. Durante todas essas leituras, você me disse que já leu mais de dezessete [*novels*], né? Mas durante essas leituras BL que você teve, acredita que enfrentou algum desafio ou obstáculo e, se sim, qual?

FERNANDA: Com certeza, porque quando você cisma que você quer ler uma coisa e você não acha.... Infelizmente o acesso é bem difícil, porque, vou ser sincera pra você — com exceção de *Semantic Error*

—, nenhuma das leituras foi de forma legal. *Semantic Error*, a gente aproveitou lá a promoção da Semana do Cliente Amazon e comprou a *novel* por dezessete reais. Então quando a gente vai atrás das *novels* e quando as pessoas se disponibilizam a traduzir pra você, então a gente procura em aplicativos como Wattpad. Eu já cheguei a falar com uma amiga pra gente juntar o que a gente achar [de *novel*], seja lá no idioma que for e traduzir.

ENTREVISTADORA: Ah, então você também faz tradução? De quais histórias?

FERNANDA: Uhum. Eu traduzi *Pit Babe*. Eu e [nome censurado] começamos com *I Feel You Linger In The Air*. Ela ia jogando no rascunho do Wattpad, e falava “amiga, vai revisando e vai soltando os capítulos; vai dar certo”. Eu ia revisando com ela e soltando. A gente é muito ansiosa, quando acabou a série, acabou meio que em aberto. Dava a entender que poderia ter uma segunda temporada ou um episódio especial. Mas eu não ia esperar a boa vontade deles de soltar um episódio especial ou seja lá o que for. Aí fomos atrás da *novel*. Não tinha no Wattpad; procuramos, procuramos... Achemos ela em espanhol. Aí eu falei “agora é só traduzir”, aí a gente traduziu. Depois foi *Pit Babe*. Com esse, eu tava assistindo a série, foi meio que simultâneo. Eu achei a *novel* em hindi, porque as traduções em português todas elas estavam sendo derrubadas. Eu li toda em hindi, usando o tradutor do telefone mesmo. Então, eu vi que o pessoal tanto no Twitter como nos grupos do Telegram, a galera tava pedindo muito a *novel*, mas falando como em todo canto tava caindo; e como eu tava de férias, eu peguei a *novel* pra traduzir. Me perguntei: “por que não, né?”. É uma *novel* muito grande, foi cansativo, porque eu já tinha lido ela, então eu tive que ler tudo de novo. E a tradução é assim: no meu caso, eu tive que ler regras de corrida, pesquisava sobre carros, pra deixar explicadinho, porque, como leitor, surge uma dúvida, então eu deixava lá as notas de tradução. Tive esse trabalho todo e derrubaram a *novel* no Wattpad, mais de cinquenta capítulos...

ENTREVISTADORA: Mas você não tinha os capítulos salvos? Não conseguiu publicar a história em outra plataforma?

FERNANDA: Não. Eu tava querendo publicar em um canal do Telegram, porque, infelizmente, no Wattpad tá caindo. Não demora muito, cai, mesmo você mudando o nome, a sinopse.

ENTREVISTADORA: Você acha que são denúncias feitas na plataforma, o motivo pra cair?

FERNANDA: Talvez. Eu não entendi, porque quando a gente subiu o *Pit Babe* no Wattpad a gente mudou o nome, a gente deu uma mudada na sinopse, no nome dos personagens e ficou até que por um bom tempo no ar. Só que aí caiu. Quando caiu [uma], veio derrubando todas as *novels* que a gente que tinha traduzido. E eu perdi metade de tudo que eu já tinha traduzido, então ter que retraduzir... Eu tenho a versão original, eu tenho como retraduzir a metade que eu perdi, pelo menos pra subir no Telegram, porque eu sei que é um canal que não vai cair. E esses são os percalços que a gente tem quando a gente quer uma leitura [BL]. Infelizmente nem todas as *novels* tem a tradução em português a venda, né? O livro físico, eu digo. E então você procura outros recursos, vai no Wattpad, não acha; vai em outros *sites*, às vezes está em inglês, tá em hindi, em chinês... Aí você fala assim “não, então eu vou traduzir porque eu quero ler”, então não é o correto, mas é a forma que a gente encontra.

ENTREVISTADORA: Você chega a indicar essas histórias que traduz para os seus amigos, aqueles que ainda não conhecem ou não sabem nada do gênero? Ou você prefere só ficar na comunidade de BLzeiro e só ali discutir sobre o que vocês leem?

FERNANDA: Eu fico mais restrita à bolha mesmo, eu não sou de indicar pra outras pessoas, não. Principalmente se a pessoa não tem o hábito de leitura, não tem por que você ficar insistindo, né? Mas se alguém chega e me pergunta sobre alguma *novel* pra indicar, aí eu falo “olha, tem essa aqui”. Então eu fico muito mais restrita àquela bolhazinha.

ENTREVISTADORA: E você participa de muitos grupos no Instagram, Facebook, Telegram? Você é ativa neles?

FERNANDA: Eu tô em alguns grupos. Telegram, WhatsApp... Ativamente, agora nem tanto porque o trabalho demanda muito, então só quando estou de folga ou algo assim. Porque tem que dividir um pouco do tempo, né? Você quer assistir séries, você quer assistir dorama ou você quer assistir BL, você quer ler... Então o momento de lazer que você tem, é pra botar tudo em dia.

ENTREVISTADORA: Fora as *novels*, você também ler os *mangás* ou os *manhwas*?

FERNANDA: Leio. Inclusive eu passei essa madrugada lendo o *mangá* do *Semantic Error* [risos]. Eu estava até no grupo ainda agora, a pessoa falou assim: “ah, eu estou lendo *Sobre a Luz Verde*” e a [nome censurado] falou: “isso é indicação da Fernanda” [risos]. Aí, eu falei “é bom, né?”, “ai, muito bom”, “pois é, fui eu que indiquei”. Ah, outra coisa que eu fiz também, quando eu comecei a ler os capítulos especiais de *Mo Dao Zu Shi*, uma amiga minha tinha as ilustrações do *mangá*, aí eu pedi “ah, manda pra mim, porque ler a *novel* com o *mangá* do lado vai ser incrível!” [risos], aí eu li e foi muito bom.

ENTREVISTADORA: Olha que interessante, eu não sabia que tinha a versão em quadrinho dessa história³⁴.

FERNANDA: Tem! Aqui no Brasil saiu o volume 1. Eu lembro que o cartunista estava liberando antes acho que pelo Facebook ou Twitter algumas imagens e a galera saiu catando. Aí, essa minha amiga salvou tudo em um *drive* e falei “disponibiliza o *link* aí pra mim, menina” [risos].

ENTREVISTA: É claro que as *novels* e os quadrinhos tem formas de apresentação diferentes, as *comics* são muito mais visuais, mas você acha que um tem uma leitura mais agradável do que o outro ou considera que cada qual tem seu espaço, seu lado positivo e agregador?

FERNANDA: Eu diria que cada um complementa o outro. No *mangá* você tem a parte visual, então fica mais fácil a leitura, mais dinâmica. Mas na *novel* você tem um complemento, um aprofundamento, uma descrição dos sentimentos dos personagens. Eu percebi essa diferença nessa madrugada que eu estava lendo o *yaoi* de *Semantic Error*, então na *novel* tinha mais situações, mais cenas, que no *mangá* ficam a curtinhas, a linha temporal é menor. Então você precisa, em poucos capítulos, resumir dois livros, que são bem grandes, um calhamaço.

ENTREVISTADORA: Agora já estamos chegando na fase final, tenho só mais duas perguntas pra você, tá? A primeira é se você percebeu ou acredita que tenha mudado algum aspecto do seu comportamento, desde que você começou a consumir esse gênero? Exemplo — deixa eu explicar melhor —, talvez alguma mudança no jeito de falar, o jeito de pensar sobre alguma coisa. Ou sobre algum gosto pessoal, sabe? Alguma música ou algum tipo de culinária específica? Você acha que esse gênero te influenciou a mudar algum aspecto seu?

FERNANDA: Mudou um pouco na a questão de culinária. Me influenciou bastante, porque era o tipo de coisa que antes eu nem pensava em comer um [prato] coreano. Não passava na cabeça “ai, gente, que vontade de *soju*”, não. Hoje em dia eu tenho garrafa de *soju* em casa. Eu fui pra São Paulo, falei assim “não, eu tenho que rodar na Liberdade. Pelo amor de Deus, vamos atrás das culinárias”. Só que,

³⁴ Após a entrevista, buscou-se a versão dos quadrinhos citada e a data da publicação dela no Brasil foi 14 de janeiro de 2024, cerca de dois meses antes dessa entrevista. Venda pela Amazon disponível em:

https://www.amazon.com.br/Mo-Dao-Zu-Shi-Comics/dp/8583623465/ref=sr_1_1?dib=eyJ2IjoiMSJ9.fNDq24StWqFirpOFdgIciYaYQyMgogWS9rUPN-xlUPueGH-1eeIUa319FDausFxD4VADpQIrkyXdVk53nSq9WIKMUBq55_YzbejKNgRxm6OTC07PNEQqshvOiqzJrkwfklEzcJ7k9KpAIdTp4FMaClz13cMr5o_5c6DaRU8tfYzMZi9Cbq_1-tp5rANL_NVTi39CR4Nblp4BkXqFdwgLowxMS6OT9dbKjM4MFPYNPGoWgnzGMECOsftXaXt-d-nCzxNx0CtNaw7uf2zNvxJIZHg_MHZ3iZLiRX8mJiMxs.bM4BT_Tb1THFjWgokruf8r3N_LLqc6Y2DjmDBkb3Jz0&dib_tag=se&keywords=mo+dao+zu+shi+manga&qid=1714262901&sr=8-1

1eeIUa319FDausFxD4VADpQIrkyXdVk53nSq9WIKMUBq55_YzbejKNgRxm6OTC07PNEQqshvOiqzJrkwfklEzcJ7k9KpAIdTp4FMaClz13cMr5o_5c6DaRU8tfYzMZi9Cbq_1-tp5rANL_NVTi39CR4Nblp4BkXqFdwgLowxMS6OT9dbKjM4MFPYNPGoWgnzGMECOsftXaXt-d-nCzxNx0CtNaw7uf2zNvxJIZHg_MHZ3iZLiRX8mJiMxs.bM4BT_Tb1THFjWgokruf8r3N_LLqc6Y2DjmDBkb3Jz0&dib_tag=se&keywords=mo+dao+zu+shi+manga&qid=1714262901&sr=8-1

infelizmente, algumas amigas minhas, elas são meio chatinhas com alimentação, aí a gente foi só no [restaurante] coreano, porque pelo menos dava pra elas comerem. Eu falei assim “ai, não, mas um dia a gente tem que ir num [restaurante] tailandês; ai, eu quero muito churrasco coreano”. Então aguçou mais essas curiosidades. Quem nunca pensou em fazer agora uma viagem pra Tailândia? Sentei com as meninas: “gente, vamos programar aqui”. A gente tem todo um roteiro! Vamos conhecer tais templos... Vamos conhecer a sede da dona GMM [produtora tailandesa de séries *boys' love*]. Então, sim, eu acredito que nesse aspecto mudou. Ah, outra coisa! Eu não me via pagando X reais pra ver atores [de séries BL] fazendo palhaçadas em cima de um palco. Corta pra eu indo nos *fanmeeting* agora. Eu fico “Meu Deus, Fulano tá vindo pro Brasil!”. Eu fui no show do Jeff... Graças ao BL, eu conheci o Jeff Satur, que é minha grande paixão. E foi uma situação bem especial na época. Eu tinha recém-terminado um relacionamento, e o show foi uma semana antes do meu aniversário. O show era sete de julho, meu aniversário, dia catorze. E uma semana antes do show eu tinha eu tinha terminado, então... Nossa, foi muito especial aquele *Asia [Star Festival]*; e a [nome censurado] estava comigo. A gente se abraçava, a gente estava quase grudada na grade, estávamos a três pessoas na nossa frente. Somos baixinhas, ela chega a ser menor que eu; dois ser humanos de 1,60m, ela deve ter 3cm a menos do que eu. E ver de perto... No primeiro acorde, da primeira música que começou a tocar, eu já estava chorando; aí, a gente se abraçava, chorava, e eu falei assim: “nossa, o que eu não vivi na minha adolescência, eu estou vivendo agora”. E em dezembro eu cheguei a ir no *fanmeeting* do First e do Khao. Eu também iria em outro, mas foi cancelado. Segundo os produtores foi por baixa venda, mas eu achei super estranho porque os comentários que circulavam eram que tinham grupos no WhatsApp com quase quinhentas pessoas e a galera toda tinha comprado. Eu acredito que possa ter tido baixa venda no [*fanmeeting*] de Fortaleza, mas, ao meu ver, eles poderiam ter feito um evento único, concentrar todo mundo num lugar só, daria muito mais certo. O *Wabi Love Tour* eu não fui. Na época eu pensei “ah, não vou”, eu sou aqui do Rio de Janeiro e teve aqui, mas “ah, não vou”. Mas quando eu vi os vídeos do evento eu fiquei: “ah, por que eu não fui? Eu poderia ter visto o Coohart” [voz imitando um choro dramático]. Mas o próximo que pretendo ir, se tudo der certo, é o de *Pit Babe*. São doze atores! Eu quero ver o que vão fazer esses doze atores.

ENTREVISTADORA: Nossa última pergunta conversa muito com a anterior, mas com o foco no que você aprendeu, questão de conhecimento adquirido mesmo. O que você acha que mais aprendeu com as leituras que teve dentro do mundo BL? Mais especificamente as *novels*, é claro.

FERNANDA: Eu gostei muito da forma que são ambientadas, em outro continente, com a cultura diferente, a religião é diferente... Então você acaba aprendendo um pouco mais sobre aquela sociedade. Se você ler uma *novel* de época como *I Feel You Linger In The Air*, então vai ver como era aquela época, do reinado de X. Até a contagem do ano é diferente, são centenas de anos na frente. E eu gosto muito dessa questão histórica, então eu saber um pouco de tudo isso... Tem o *The Sign*, que tem mais sobre a mitologia deles, que temos as *nagas*... Ele é um BL policial, na verdade, mas envolve muita mitologia, e temos as *nagas*, que são aquelas serpentes; e temos os *garudas*, que lembra um pouco um falcão. Na mitologia, elas são espécies rivais. E temos nossos protagonistas que descendem desses ancestrais, então teoricamente é um relacionamento proibido, mas eles se apaixonam. Como é uma série policial, ao decorrer da trama temos as investigações e sobre o perigo do trabalho deles, porque eles são meio que a polícia de elite... A fotografia e o CGI dessa série tá surreal! Tá bem feito, sabe? É uma coisa linda. Eu me apaixonei pelos protagonistas também.

ENTREVISTADORA: E tem a *novel* dessa série?

FERNANDA: Tem, menina! Tem no [nome censurado]! Mas acho que ainda estão traduzindo. Eu dei uma parada, porque esse negócio de ficar esperando sair tudo... Eu sou muito ansiosa. Vou esperar sair tudo pra eu terminar de ler.

ENGREVISTADORA: Nossa, que incrível! Nossa entrevista termina aqui, muito obrigada pela participação.

FERNANDA: Obrigada você.

APÊNDICE I — Entrevista com Paula

ENTREVISTADORA: A primeira questão — provocação, na verdade — que eu faço com todos os entrevistados é pedir para eles conceituem com suas próprias palavras sobre o que é o *boys' love*. Se alguém chegasse para você e perguntasse sobre o gênero, como você responderia?

PAULA: Certo. Eu vou responder do jeito que já respondi as minhas amigas que perguntavam sobre isso: é um gênero que começou no Japão, foi principalmente na Ásia; tecnicamente *boys' love* significa amor entre homens, entre meninos, então é um gênero focado no romance, mas como ele é publicado em revistas, não necessariamente esse é o gênero principal da obra. Existem obras que são ficção-científicas, você tem obras que são romance... Então não tem só um gênero aquela obra. O foco é, como seria aqui no Ocidente, uma obra *queer*, mas que na Ásia se deu de uma forma diferente.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Próxima questão já a gente entrando na sua história com o gênero, então eu queria saber como foi a primeira vez que você teve contato ele, qual foi a sua reação, enfim, todo esse percurso inicial de consumo de BL.

PAULA: Na verdade tem muito tempo, então na época que eu conheci nem existia o termo BL, era o termo *yaoi*, só. Eu gostava muito de *Naruto* e, na época, eu comecei a ler *fanfics* dele, então eu descobri que muitas dessas *fanfics* traduções de obras chinesas, japonesas, enfim, que quando eu lia na classificação tinha *tag* “yaoi”. Aí, pesquisando, eu descobri que *yaoi* era um subgênero, foi quando entrei em contato com os *doujinshi*, que seriam as *fanfics* ilustradas, e daí foi só ladeira abaixo [risos]. Então foi basicamente com as *fanfics* que entrei em contato com esse mundo.

ENTREVISTADORA: Só pra esclarecer, quando você começou com as *fanfics*, elas eram em quadrinhos ou romances narrativos mesmo?

PAULA: Eu comecei com romances, depois eu fui pros mangás, porque eu já lia *comics* americanas, então quando eu descobri esse subgênero dentro dos mangás foi mais familiar pra mim. Não foi um espanto, algo totalmente novo pra mim.

ENTREVISTADORA: E essas *fanfics* de *Naruto* era com o próprio personagem principal?

PAULA: Sim, era o *Naruto* com o *Sasuke*.

ENTREVISTADORA: E isso foi mais ou menos em que ano?

PAULA: 2014; tem um tempinho.

ENTREVISTADORA: De fato tem chão [risos]. E como você soube dessa história? Como chegou nela?

PAULA: Na época, era muito comum ter fóruns na internet, então geralmente quando você tá dentro da cultura de fãs, acaba participando de fóruns de obras específicas, e eu lembro que quando entrei em contato com esses termos, que não sabia o que significava, tinha uma galera explicando em alguns fóruns. Inclusive, a *Blyme Yaoi*, na época já existia, tinha um blog, e uma postagem explicando cada termo, porque a maioria deles não são traduzido, então basicamente eu aprendi tudo na internet.

ENTREVISTADORA: Dez anos é um caminho extenso; você tinha na época dez ou onze anos, não é?

PAULA: Por aí, a internet não supervisionada dá nisso [risos].

ENTREVISTADORA: Acontece bastante [risos]. Então você já começou sua história lendo *novels*, só que dentro da perspectiva de *fanfics*, e quando você foi para os quadrinhos, continuou lendo *novels* paralelamente ou ficou mais nos mangás?

PAULA: Eu tenho momentos que leio mais, às vezes leio menos — com as *fanfics* —, mas sempre continuei lendo. Só que hoje eu tendo a preferir os mangás do gênero. Eu também gosto muito de acompanhar os artistas que fazem essas histórias. As *novels* é algo recente, então eu tenho lido mais ultimamente. Deixei as *fanfics* um pouco de lado para priorizar trabalhos mais originais.

ENTREVISTADORA: Você disse que acompanha artistas, então imagino que consuma outras manifestações de BL.

PAULA: É, normalmente *fanart*, quer dizer, arte mesmo. Tem artistas que têm personagens próprios, não chega a ser mangá, não tem uma história finalizada, mas tem um conteúdo em cima, então às vezes tem uma história, tem alguma escrita, algo visual.

ENTREVISTADORA: Então são artistas que produzem ilustrações dentro do gênero *boys' love* e eles publicam na internet?

PAULA: Isso. Artistas chinesas, asiáticas como um todo, geralmente usam o Weibo, que seria um “twitter” da Ásia, e a gente não tem muito contato, então geralmente eu sigo contas que repostam — e também tem o nome dos artistas. Também tem os fóruns, eu acompanho vários hoje em dia, que você consegue achar indicações com mais frequência.

ENTREVISTADORA: Muito legal, e uma perspectiva que não foi mencionada em outras entrevistas. É muito interessante.

PAULA: Deve ser porque eu faço artes visuais, então esse lado me chama mais atenção.

ENTREVISTADORA: Ah, claro! Faz total sentido.

PAULA: Sim. Outra coisa, é muito difícil essas profissionais ganharem dinheiro fazendo BL, então as artistas têm as carreiras delas e no tempo livre fazem coisas mais curtas. Por exemplo, talvez você conheça o “19 days”. É um *manhua* que tá sendo publicado há quase 10 anos, nunca termina [risos], mas são quadrinhos curtos, então é uma tela por semana ou por mês — teve vários *hiatos* durante esses anos —, porque a artista não trabalha com isso, aí o fãs ficam “ah, quando publicar, tem”. E são personagens totalmente originais.

ENTREVISTADORA: Então, por que ler romances BL — os originais e *fanfics*? O que há de diferente nessas histórias que te faz gostar tanto?

PAULA: Eu acho que a resposta pra *fanfic* é um pouquinho diferente da *novel*. Por exemplo, no caso das *fanfics*, na obra original, muitas vezes, o autor não tem coragem ou não tem abertura, e personagens que tem uma feição ou são *queer*, na obra original não são. A *fanfic* tem um espaço aberto pro público interpretar e criar o final que gostaria; também acho que é uma lugar para escrita criativa, então você consegue ler muita coisa boa de pessoas que não necessariamente trabalham com isso. E em relação a *novel*, o que mais me atrai são os universos criados. Eu sinto muita falta no mercado editorial hoje em dia histórias que rompem com o previsível, e *novels*, principalmente *danmei*, eu vejo universos muito bem construídos.

ENTREVISTADORA: Como você citou que faz Artes Visuais, uma questão surgiu na minha mente agora, principalmente por você dizer como é apegada nesse lado mais ilustrativo; quando você ler uma *novel* imagina os personagens como seres humanos reais ou como personagens animados, ou como os de um mangá, um desenho?

PAULA: Raramente são pessoas reais. Eu acho que desde sempre — quando eu era pequena, eu gostava muito mais de assistir animações do que filmes, então acho que é uma tendência minha nesse sentido. Então quando uma *novel* ou um mangá é adaptado, eu interpreto como obras distintas na minha cabeça. Raramente, quando eu vou ler de novo, eu vou imaginar os atores. São universos diferentes.

ENTREVISTADORA: Eu gostaria de saber, agora, como é a sua relação com os amigos e o gênero. Você costuma indicar ou conversar sobre suas leituras BLs ou prefere comentar sobre as histórias dentro da comunidade de BLzeiros?

PAULA: Eu prefiro ficar só dentro da comunidade. Eu tenho um grupo há mais de cinco anos com amigos, e a gente é bem aberto a isso. As melhores obras que já li foram indicações desse grupo — eu também indico. Mas tem obras que são meio que “universais”, então eu indico para pessoas que são fora da bolha. Acaba que depende da obra [risos], tem obras que eu não indicar [risos], mas tem obras que eu acho incríveis. Como eu disse o “BL” pode ser o foco da obra, como também pode ser um subgênero ali; quando isso acontece e tem outro assunto que tem mais destaque, eu sinto mais facilidade em indicar pra outras pessoas.

ENTREVISTADORA: Você tem algum exemplo de uma obra dessa?

PAULA: Tenho. Tem um filme de ficção-científica, o que é difícil de se achar no mundo BL, e isso eu falo como alguém que já está há dez anos [risos]. Esse é fenomenal e indico pra qualquer fã de ficção-científica, então já indiquei pra professores, pra várias pessoas... Ele é japonês, mas — teve uma época do Japão, em que ele se inspirava muito na Rússia e na Europa, então ele é bem “europeu”.

ENTREVISTADORA: A próxima questão é sobre os possíveis desafios e obstáculos que você teve durante suas leituras, claro, se houve algum, quais foram eles?

PAULA: Bem, o primeiro foi a língua. Dez anos atrás era mais difícil achar traduções, tão eu lembro que aprendi espanhol lendo mangás, porque não só a tradução saia primeiro em espanhol, como tinha obras que você não achava em português de jeito nenhum. Na verdade, era bem difícil achar uma obra em português, porque não eram comercializadas no Brasil. Eu precisei aprender espanhol e inglês na internet pra me inteirar, então, participando de fóruns e afins, eu fui aprendendo — essa foi a primeira barreira. A segunda é a pirataria. Tem obras que você não consegue por meios legais acessar, inclusive eu lembro que — hoje em dia nem tanto, mas — na época você não conseguia entrar em sites japoneses porque ele tinha bloqueio de faixa etária e pra você abrir tinha que ter um “cpf”, digamos assim, da Coreia [do Sil] ou do Japão, então você não conseguia acessar os sites oficiais nem se você tivesse dinheiro. Essas duas foram as principais barreiras.

ENTREVISTADORA: Mas você costuma ou costumava comprar essas obras, mesmo em outra língua?

PAULA: No começo não porque eu tinha 10, 11, 12 anos [risos], mas hoje em dia, sim, inclusive eu acompanho muitos artistas por conta disso. Principalmente as publicações independentes, eu tento ao máximo comprar legalmente, mas eu não sou uma pessoa que critica a pirataria dessas obras, porque se não fosse pela pirataria dessas obras, muitas delas nem teriam chegado no Brasil, e hoje não estariam sendo publicadas pela New Pop ou pela Panini. Por exemplo, nesse grupo que eu tenho, a gente sempre compartilha porque a maioria compra, a maioria tem condições — e acho que a maioria das pessoas que gosta do gênero e tem condições compra, porque é até bom você ter o item.

ENTREVISTADORA: E já nos encaminhando para o final, temos mais duas perguntas. A primeira é mais voltada a sua percepção sobre, a partir dessas leituras que você teve, se mudou algum comportamento, talvez falar de uma maneira diferente, ou talvez alguma forma de pensar ou ver alguma situação, ou talvez um gosto pessoal pra comida ou roupas... Coisas nesse sentido.

PAULA: Eu acho que nada comportamental, mas, por exemplo, eu lembro que quando eu era bem novinha, eu tentei ler a *novel No Game, No Life* — é de um anime, nada a ver com BL —, mas achei a

escrita muito ruim, aí no começo eu achava todas as *novels* terem uma escrita diferente, então demorei um pouco a me acostumar e perceber que não era uma escrita ruim, era só uma forma diferente de escrever, porque não era uma obra ocidental. E hoje em dia eu tenho uma maior facilidade de ler qualquer coisa de qualquer país, de qualquer cultura, por eu ter quebrado essa barreira. Tem a questão também dentro das *novels* de outros países, então eu pesquisava muita coisa, tanto sobre a China como outros países das obras que eu li, então eu acho que é isso.

ENTREVISTADORA: A próxima é dentro do que você já está falando comigo, sobre o que você aprendeu, questão de conhecimento, a partir da leitura dessas *novels*. Eu sei que você mencionou a cultura e questões históricas, mas existe algo que queira acrescentar ou destacar?

PAULA: Bem, tem tanta coisa [risos]. Tipo, como preparar determinado prato, como funciona o mercado editoriais, tem muitas histórias que falam disso, cultura de trabalho... Várias coisas, principalmente do dia-a-dia da Ásia. Eu sei que mesmo se eu assistir um anime, não necessariamente você vai saber como é o cotidiano de uma pessoa no Japão. Nesse aspecto os mangás ainda são melhores de passar isso. Eu lembro que *O Ponto de Vista do Leitor Onisciente* foi uma das *novels* que eu mais aprendi sobre a Coreia, porque fala de figuras históricas e como a população hoje em dia ver isso. E aqui no Ocidente é muito difícil imaginar porque no Japão tem tantos templos de deuses diferentes, sendo que pra gente, a religião tem um Deus só — não que todo mundo aqui veja dessa forma, mas é a maioria. Mas com algumas leituras do Japão você pode entender melhor. Eu acho que é isso.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Muito obrigada pela participação.

APÊNDICE J — Entrevista com Joice

ENTREVISTADORA: A primeira coisa que eu gostaria que a gente conversasse é sobre o conceito de *boys' love*, segundo a sua percepção, o que é BL?

JOICE: Olha, tem muita coisa de *boys' love*, sabe? Tem as séries, os quadrinhos e as *novels*, entre outras coisas. Eu tava até falando sobre isso em um grupo ontem, as *novels* elas são bem diferentes das adaptações delas. Eu acho que no *boys' love* fazemos o caminho contrário, dentro das poucas *novels* que li e ouvi falar, as séries conseguem humanizar mais os personagens, consegue trazer uma perspectiva mais palpável. As *novels* — não as que eu tenho, porque eu sou bem chato com isso [risos], mas —, a grande maioria é puro suco de *Chernobyl*, entendeu? Por exemplo, a New Pop, que é a editora brasileira que eu acompanho — eu gosto de comprar tudo de *boys' love* que eles lançam —, vão lançar *2gether*, e ainda estou aqui no meu dilema moral sobre se vou comprar essa *novel* ou não, porque eu já sei que a história é bem tóxica, o relacionamento dos dois protagonistas é bem diferente do que é na série que a GMM adaptou. O mesmo vale pra *novel My School President*. Outra coisa que eu tava comentando é que todas essas *novels* começam através da romantização de abusos e estupros, que foi o caso de *My School President*. O *Love Mechanics* também acontece o mesmo, *Together With Me* e... Tem mais uma — disso só que eu li e lembro. É *Make It Right!* Todas essas quatro começam da mesma forma, justificando o estupro com a bebida e romantizando isso, e o relacionamento [dos protagonistas] começa daí. Não que isso vá me impedir de ler, mas eu fico curiosa pra saber o porquê disso ser repetido tanto e em tantas *novels*.

ENTREVISTADORA: Mas se alguém perguntasse o que você considera um BL, como responderia?

JOICE: Literalmente “boys’ love”, um romance bonitinho de dois meninos, e a maioria é isso, simples assim.

ENTREVISTADORA: Perfeito. Você tinha comentado anteriormente comigo que tinha começado a consumir o gênero por volta de 2016, é isso? Me conta mais sobre essa história.

JOICE: Isso, em 2016 eu comecei assistindo os BLs tailandeses, mas o *yaoi* foi há muitos anos, eu tinha 16 anos. Eu tava em fórum de animes e lá tinha um tópico que chamava “yaoi, se não gosta, não entre” e eu entrei [risos], e nunca mais saí.

ENTREVISTADORA: E você já assistia animes de outros gêneros?

JOICE: Eu sempre assisti animes, desde os meus 10, 11 anos, e em um fórum de anime que eu descobri o *yaoi*, e na época eu comecei a ler muito mangá, quase não tinha anime [BL] — até hoje não tem —, então eu lia mais os quadrinhos; e eu tive bastante resistência em assistir... Na época que comecei a assistir era a época do *Tumblr*, e lá as meninas colocavam muito *gif* de *Make It Right*, que tava sendo lançado na época, 2016. Inicialmente, eu fiquei resistente em ver *live-action*, principalmente por causa do idioma [original] ser muito diferente, mas eu acabei gostando com o tempo e tô aí até hoje [risos].

ENTREVISTADORA: E qual foi a sua reação na primeira vez que leu o *yaoi*, você teve alguma estranheza?

JOICE: Primeiramente eu achei as imagens muito fofas, porque no primeiro momento eu não lia histórias; até que teve um momento que só ver imagens não foi mais suficiente, eu queria também a história, então fui atrás, e gostei.

ENTREVISTADORA: Então no começo você consumia apenas as artes?

JOICE: É porque a maioria das coisas que o pessoal colocava nesse fórum específico que eu frequentava eram imagens, na maioria *fanarts* de personagens já conhecidos.

ENTREVISTADORA: E nessa comunidade específica tinha bastantes membros, não?

JOICE: Então, eu não sei porque era muito dentro da minha bolha. Naquele perfil ali, naquele círculo de amizade, muita gente conhecia, mas até hoje eu não tenho nenhum colega de carne e osso que gosta. Quem eu conheço — foi o caminho contrário — e gosta do gênero, eu conheci um na internet, e por acaso morava perto da minha cidade, então a gente se encontrou pessoalmente; mas colegas que eu conheço pessoalmente e gostam, eu não tenho.

ENTREVISTADORAS: E as *novels*, como você iniciou com elas?

JOICE: Foi através de *Two Moons*, que lançou, se não me engano, em 2017 e foi muita, muita febre na época. Foi um surto! E todos os grupos [na internet] começaram a ficar com medo, “não, não, isso é spoiler de *Two Moons*”, até que começaram a traduzir a *novel*.

ENTREVISTADORA: Isso ainda em 2016?

JOICE: Em 2017.

ENTREVISTADORA: E o que você achou quando leu?

JOICE: Olha, com todo respeito às autoras e quem gosta de ler, mas eu achei bem cara de *fanfic*, sabe? É bem mais do mesmo, parece que estou lendo o mesmo tipo de história em todas as *novels*, mudando uma coisinha aqui e ali. Eu ainda não tive a oportunidade, por exemplo, de ler a *novel* de *Triage* ou... Como é o nome daquela que é com um médico? Enfim, não saio muito desse do gênero de universidade, mas as que eu li é bem mais do mesmo. Tanto que eu falei daquelas quatro, que começam do mesmo jeito. É bonzinho, mas pra mim é como se tivesse chegando num “fanfiction.net” da vida, aberto uma *fanfic* de qualquer anime com BL ali e é aquilo. Não tem história. Se você tirar as cenas de sexo, não sobra muita coisa pra contar; preciso ser sincera que é isso [risos]. Mas, por exemplo, as *novels* da autora de *Mo Dao Zu Shi* são muito diferentes. Eu ainda não cheguei as cenas de sexo, mas até então a história te prende. Ela é bem escrita, tem um universo bem construído; e isso mostra que dá, sim, pra fazer um BL que seja mais do que NC³⁵.

ENTREVISTADORA: E essa história te cativou por causa desse diferencial?

JOICE: Então, eu comecei a ler porque ele foi licenciado e trazido para o Brasil pela New Pop. Eu não gosto de ler na internet, gosto de ter o livro físico. Gosto também de apioar o mercado editorial brasileiro, até porque isso também facilita que cheguem mais coisas [mais histórias licenciadas no Brasil]. Então eu comprei por causa disso. Eu li e gostei.

ENTREVISTADORA: Então você fica esperando esses lançamentos? Ou fica mais de olho das traduções de fãs?

JOICE: Então, eu não costumo me atentar muito a tradução de fã porque, como eu falei, a maioria das *novels* só tem apelação sexual, não tem muita história, se for lançado em versão física, talvez eu compre pra acunhar o mercado, senão, eu realmente não tenho interesse. *Semantic Error*, eu gostei bastante, talvez porque fale um sobre a área de desenvolvimento, e eu gosto. Acho também muito bem escrito, não fica dependendo de cenas NC para poder ser mantida a história. *Um Conto de Mil Estrelas* também é muito bom — não gosto muito da escrita, acho um pouco amadora, mas gosto da história. A China, nas poucas *novels* que li, traz essa coisa mística em que os caras voam em espadas e cultivam energiar espiritual — existe um nome que se dá a esse gênero, que eu não sei exatamente qual é, mas tem muito BL sobre isso, e é muito rico em história. No caso de *Semantic Error*, a autora foca muito no ponto de

³⁵ Termo vem da classificação norte-americana NC17, usado para cenas não recomendadas para menores de 17 anos; em contexto de consumo de *boys' love*, é utilizado para indicar cenas com teor sexual explícito.

vista do personagem, em como ele tá se sentindo, no drama que ele tá passando; eu me senti ansiosa lendo [risos] junto com o personagem.

ENTREVISTADORA: Você falou como te incomoda a conotação sexual exacerbada em algumas *novels* e como você prefere outros tipos de enredo. Além disso você falou também que acompanha bastante o mercado editorial, então mesmo que não seja uma história muito interessante, você vai lá e compra pra ajudar o mercado editorial, pra impulsionar a editora a publicar novas histórias. Você acha que ficar a mercê dessas publicações provenientes, atualmente de uma única editora³⁶, como um obstáculo para leitura dessas histórias?

JOICE: Assim, eu não iria atrás — simplesmente por preguiça [risos] — de alguém que traduza, muitas vezes uma tradução que vem de Google Tradutor, o que me incomoda muito. Eu geralmente prefiro ler em inglês porque eu não gosto de tradução que veio do tailandês, passou pro inglês, passou pro português... Eu não gosto. Em inglês, como normalmente já é licenciado, é mais fácil achar. Então eu não me esforço muito pra ir atrás, mas não é uma coisa que me incomoda.

ENTREVISTADORA: Então você tem *novels* em inglês?

JOICE: Físicas? Não. Mas em inglês, eu acredito que li *Two Moons* e *Love Syndrome*.

ENTREVISTADORA: Ótimo. Outra questão que gostaria de discutir é o fato que sabemos que algumas pessoas costumam associar o termo *boys' love* a histórias ocidentais também, mas também é possível perceber como é comum associar o BL com obras do leste asiático, então eu queria saber se você acredita que esse aspecto asiático te influencia a gostar do gênero ou se é algo irrelevante.

JOICE: No meu caso, é um fator crucial, tanto que eu não consumo nenhum tipo de BL ocidental. *Heartstopper*, por exemplo, eu nunca tive nenhum tipo de interesse nem no quadrinho nem na série.

ENTREVISTADORA: E você costuma conversar ou indicar obras BL para os seus amigos ou costuma falar sobre o assunto só dentro da comunidade de fãs do gênero?

JOICE: Então, depende do tipo de BL, porque tem uns que você realmente não indica pra quem não é do meio. Mas, por exemplo, *Um Conto de Mil Esrelas*, é uma história muito bonita, que tem mais que apelo sexual, tem uma história pra contar, eu costumo indicar para as pessoas.

ENTREVISTADORA: Você disse que começou por causa dos fóruns, lá em 2008; você continua ativa nas comunidades de fãs de BL?

JOICE: Por muito tempo eu me mantive isolada, porque achava o *fandom* muito tóxico, mas eu conheci uma página de uma pessoa muito incrível e lá é tudo paz e amor. Se não fosse por isso, eu continuaria na minha bolha, porque tem uma galera muito radioativa, que espalha ódio gratuito.

ENTREVISTADORA: E como leitora há anos de mangás e outros quadrinhos asiáticos do gênero, você os considera mais agradáveis para leitura do que as *novels*, ou não vê diferença entre eles, digo, não poderia dizer qual seria um “melhor” do que o outro?

JOICE: Pra mim é tudo farinha do mesmo saco [risos], os *yaoi* estão na mesma categoria das *novels*, ambos tem romantização de temas polêmicos. Não vou ser hipócrita, não, eu leio, gosto, mas eu fico feliz quando de vez em quando surge uma coisa saudável, uma coisinha bonitinha, sabe? E é a mesma coisa com a *novel*. Tem, inclusive, uma série BL que fala de um autor de *novel boys' love*, porque é o que tá fazendo sucesso e a editora dele fica insistindo pra ele colocar cenas de NC, mesmo ele falando

³⁶ Apesar de saber da existência da editora BLB, como nenhum dos entrevistados anteriores a citou como fonte de publicações, ela foi considerada de pequeno porte, baixa publicidade e pouca relevância entre os leitores quando o assunto é publicação oficial de *novels* asiáticas BL no Brasil.

que não tá confortável com isso, que não encaixa na história dele. Essa série mostra bem como esse mundo BL funciona, como os autores são pressionados a escrever cenas de violência. Até mesmo alguns autores de BL são obrigados a fingir que tem uma relação.

ENTREVISTADORA: E desde que você começou a ler, lá atrás, você acha que sofreu alguma mudança por causa dessas histórias? Pode ser um comportamento, um gosto pessoal, uma forma de pensar.

JOICE: Recentemente, a única mudança foi em questão de comida, eu comecei a fazer arroz frito na janta de tanto que eu vejo os tailandeses fazendo, até porque é muito prático, pego tudo que tem na geladeira, mistura com ovo e tá pronto a janta. E também aquele grupo que falei que agora faço parte, eu conheci muita gente importante, que me identifiquei bastante; eu tinha essa coisa de ser mais isolada por causa da toxicidade das pessoas.

ENTREVISTADORA: E você acha que aprendeu alguma coisa com as leituras?

JOICE: Acho que o mais importante é que antes eu não tinha o hábito de ler livro e eu finalmente encontrei algo do meio que me interessava. E quanto mais a gente vai lendo, mais vocabulário novo vai aprendendo. A gente vê palavras diferentes, culturas diferentes — eu gosto muito de aprender sobre outras culturas, outros idiomas, e pra mim o que mais se destaca é isso.

ENTREVISTADORA: Certo. A entrevista se encerra aqui, muito obrigada por participar.